

Gisele Maciel Monteiro Rangel

Arte da capa: Ilustração de Maristela Alano
Autor: Maristela Alano
E-mail: marialano_70@hotmail.com
Pelotas, 2016.



Gisele Matiel Monteiro Rangel

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese

**HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS BRASILEIROS/AS:
BUSCA DE SIGNIFICADOS NA COMUNIDADE SURDA GAÚCHA**

Gisele Maciel Monteiro Rangel

Pelotas, 2016

Gisele Maciel Monteiro Rangel

HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS BRASILEIROS/AS:
BUSCA DE SIGNIFICADOS NA COMUNIDADE SURDA GAÚCHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Madalena Klein

Tradução Libras/Português: Cristiane Lima Terra Fernandes e Luciane Bresciani Lopes

Pelotas, 2016

CIP - Catalogação na Publicação

Rangel, Gisele Monteiro Maciel
Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as: busca de
significados na comunidade surda gaúcha / Gisele Monteiro Maciel Rangel.
-- 2016.
189 f.

Orientadora: Klein, Madalena.

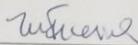
Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, BR-RS,
2016.

1. Comunidade surda. 2. Representação. 3. Linguagem de sinais. 4.
Heroísmo surdo. 5. Grupo focal. I. Kelin, Madalena, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Tese defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Área de Educação, defendida e aprovada, em 23 de setembro de 2016, pela banca examinadora, constituída por:

Profa. Dra. Madalena Klein - Orientadora – PPGE/UFPel

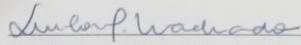


Profa. Dra. Márcia Ondina Vieira Ferreira - PPGE/UFPel

Profa. Dra. Tatiana Bolívar Lebedeff - PPGL/UFPel



Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp - PPGEdu/UFRGS



Profa. Dra. Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado - PPGE/UFES

Dedico este trabalho à Comunidade Surda, espaço de aproximação, de encontros e uso da Língua de Sinais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas imensas bênçãos, força e por guiar o meu caminho.

Aos meus pais (*in memoriam*), que me criaram com a força de SER SURDA, acreditando sempre na possibilidade de um caminho brilhante. Acredito que estariam cheios de orgulho por mais essa etapa concluída.

A minha grande companheira Isadora Baranguá Rangel, minha única sobrinha, afilhada, filha de coração e pequena tradutora de Libras, que nos momentos difíceis sempre trouxe alegria e ânimo.

A meu marido Marco Aurélio Rocha Di Franco, grande companheiro. Obrigada pela compreensão nos momentos complexos da escrita da tese e apoio a cada segundo, dias, semanas, meses e durante os quatro anos ao longo do doutorado. Você sempre acreditou no meu trabalho e dedicou muito carinho por mim.

Às minhas três filhotas de patas, gata Pérola, e cadelas Raika e Dama Laila, que foram companheiras nas horas de estudo. Pérola gostava de passear pelo laptop para atrapalhar a escrita, enquanto Dama e Raika se demonstravam carentes quando eu precisava me ausentar por horas para estudar.

A minha orientadora Madalena Klein, agradeço a relação que estabelecemos no desenvolvimento do doutorado. Mesmo com línguas e culturas diferentes, ela conseguiu compreender minhas angústias e preocupações com o trabalho. Tua escuta e paciência foram importantes para a construção desta pesquisa, diferente de outras orientações, constituídas pelos atos de sentar e falar, compreendeste que para iniciar a orientação tínhamos toda uma organização, com filmagem e com intérpretes, sendo esses dois elementos que nos acompanharam ao longo de mais de quatro anos.

Às professoras da banca de qualificação e, neste último momento, de defesa da tese, professoras Lodenir Becker Karnopp, Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado, Marcia Ondina Ferreira Vieira e Tatiana Bolivar Lebedeff, que dedicaram tempo para a leitura deste trabalho e contribuíram para a compreensão de conceitos que desenvolvi ao longo da pesquisa. Sem vocês o trabalho não seria possível.

Às tradutoras e intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa Cristiane Lima Terra Fernandes e Luciane Bresciani Lopes. Cristiane foi incentivadora dos primeiros passos da pesquisa, no momento em que os sinais começavam a se traduzir em

palavras. O retorno para minha terra, a cidade de Porto Alegre, proporcionou o encontro com Luciane, com quem trabalhei ao longo dos últimos anos, passando por várias estações do ano. Acompanhadas de chimarrão e doces, foram dias de chuva, outros de sol, frio e calor. Ambas me incentivaram e apoiaram. Com a trabalho delas, me senti segura para produzir em minha língua e ver meus sinais em palavras da língua portuguesa. Aproveito para agradecer a seus filhos, Tomas, filho da Cristiane, a quem acompanhei desde o nascimento e por muitas vezes precisei segurar quando ele queria mexer no computador e a Ernesto, filho da Luciane, que em vários momentos nos acompanhou. Obrigada por entenderem que suas mães precisavam estar comigo. Vocês são, para mim, anjos que pude conhecer.

Às associações de surdos, Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul e Associação de Surdos de Pelotas, espaço da comunidade surda que abriu as portas para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida. Agradeço as direções dessas associações, mas principalmente a cada sujeito que aceitou participar da pesquisa e aceitou participar dos nossos encontros. Foi uma satisfação poder contar com cada um de vocês.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, representado por professores e técnicos administrativos, que sempre compreenderam que os surdos são sujeitos diferentes. Para a permanência na instituição, participação nas aulas e orientações, sempre contei com a tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa. Aproveito para agradecer a esses profissionais que garantem a acessibilidade dos surdos nessa Universidade.

Aos colegas do grupo de orientação, Ângela, Karina, Rubia, Natalia, Francielle, Fabiano e Violeta, que liam e contribuíam com a minha pesquisa a cada etapa em que ela avançava. Agradeço também ao grupo de orientação da professora Lodenir Karnopp, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me acolheu neste último semestre.

Ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Alvorada, pelo incentivo e apoio nos momentos em que precisei me ausentar para desenvolvimento da pesquisa, principalmente nos últimos seis meses com a licença para conclusão da pesquisa.

A Renata Oshlo Heinzelmann Bosse e Carolina Hessel Silveira, participantes dos Encontros das Mulheres Surdas de Porto Alegre, que foram as primeiras pessoas a conversar comigo sobre o heroísmo surdo.

A Vilmar Silva, ex-diretor do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilíngue, por plantar uma semente em mim: a ideia de que eu deveria realizar o doutorado. Obrigada pelo incentivo e confiança no meu trabalho e potencial.

Aos meus amigos de Pelotas, famílias de coração, que me hospedaram durante as tantas idas e vindas de Porto Alegre – Pelotas nos últimos anos de doutorado. Obrigada Família Maus, Álvaro e Lilian, e “Família FFF”, Fabiano Rosa, Franciele Martins e Fiorella. Com vocês me senti em casa, em verdadeiros doces lares.

“Coragem é muito importante. Como um músculo, ela é fortalecida pelo uso”.

Ruth Gordon Jones (1896-1985)

RESUMO

RANGEL, Gisele Monteiro Maciel. **Heróis/Heroínas Surdos/as Brasileiros/as:** busca de significados na comunidade surda gaúcha. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Esta tese, intitulada, *Heróis/Heroínas Surdos/as Brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha*, partiu do problema de pesquisa que se delineou na busca pela compreensão de como os surdos anônimos - e alguns, mais conhecidos - tornam-se heróis para a sua comunidade, através de feitos que se perpetuaram ou que permanecem por algum tempo significativos na história. Deste modo, tracei como objetivo geral da pesquisa *compreender as representações de herói surdo, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, no Rio Grande do Sul*. Nesse sentido, a tese aborda as representações da comunidade surda gaúcha sobre o heroísmo surdo a partir da metodologia de grupos focais, realizados nas associações de surdos das cidades de Porto Alegre e de Pelotas. O referencial teórico utilizado para embasar a produção de dados nos grupos focais, a construção das análises sobre representações, os contextos históricos e registros da cultura surda, partem das perspectivas dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos. Nos dados produzidos pela pesquisa, evidenciou-se que são lembrados/lembadas como heróis/heróinas surdas instituições ou sujeitos que lutaram e/ou deram visibilidade à língua de sinais, identificados com a comunidade surda pelo pioneirismo, protagonismo e empoderamento dos surdos na sociedade. Com o desenvolvimento da pesquisa, destacou-se a importância do registro histórico dos feitos das pessoas e instituições, que desenvolvem articulações na construção dos significados sobre o heroísmo surdo. As sinalizações, as histórias contadas, tratam da representação do heroísmo na identificação de protagonistas que colaboraram com a construção da comunidade surda e a continuação da história.

Palavras-chave: Representações. Heroísmo surdo. Libras. Comunidade surda. Grupo focal.

Abstract

RANGEL, Gisele Monteiro Maciel. **Deaf Brazilian Heroes:** search for meanings in the gaúcho deaf community. 2016. Thesis (Doctorate in Education) – Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2016.

This thesis, entitled Deaf Brazilian Heroes: search for meanings in the gaúcho deaf community, began with a research problem that is outlined by the quest for understanding how anonymous - and some more known – deaf persons became heroes to their community through deeds that were perpetuated or remain for a significant amount of time in history. Thus, I traced the general objective of the research: understand the deaf hero representations, their meanings and effects in the stories of individuals and deaf communities in Rio Grande do Sul. In this sense, the thesis deals with the representations of the gaúcho deaf community about deaf heroism using the focus group methodology, conducted in deaf associations in the cities of Porto Alegre and Pelotas. The theoretical framework used to support the data production in the focus groups, the construction of the analysis of representations, historical contexts and records of the deaf culture depart from the perspectives of Cultural Studies and Deaf Studies. The data produced by the research showed that are remembered as deaf heroes institutions or individuals who fought and/or gave visibility to sign language, identified by the deaf community for pioneering, leadership and empowerment of deaf people in society. With the development of the research, it's highlighted the importance of the historical record of the achievements of the people and institutions, which develop articulations in the construction of meanings about deaf heroism. The signs, the stories told address representation of heroism by identifying protagonists who contributed to the construction of the deaf community and the continuation of the history.

Keywords: representations; deaf heroism; Libras; deaf community; focus group.

Resumo em Língua Brasileira de Sinais – Libras

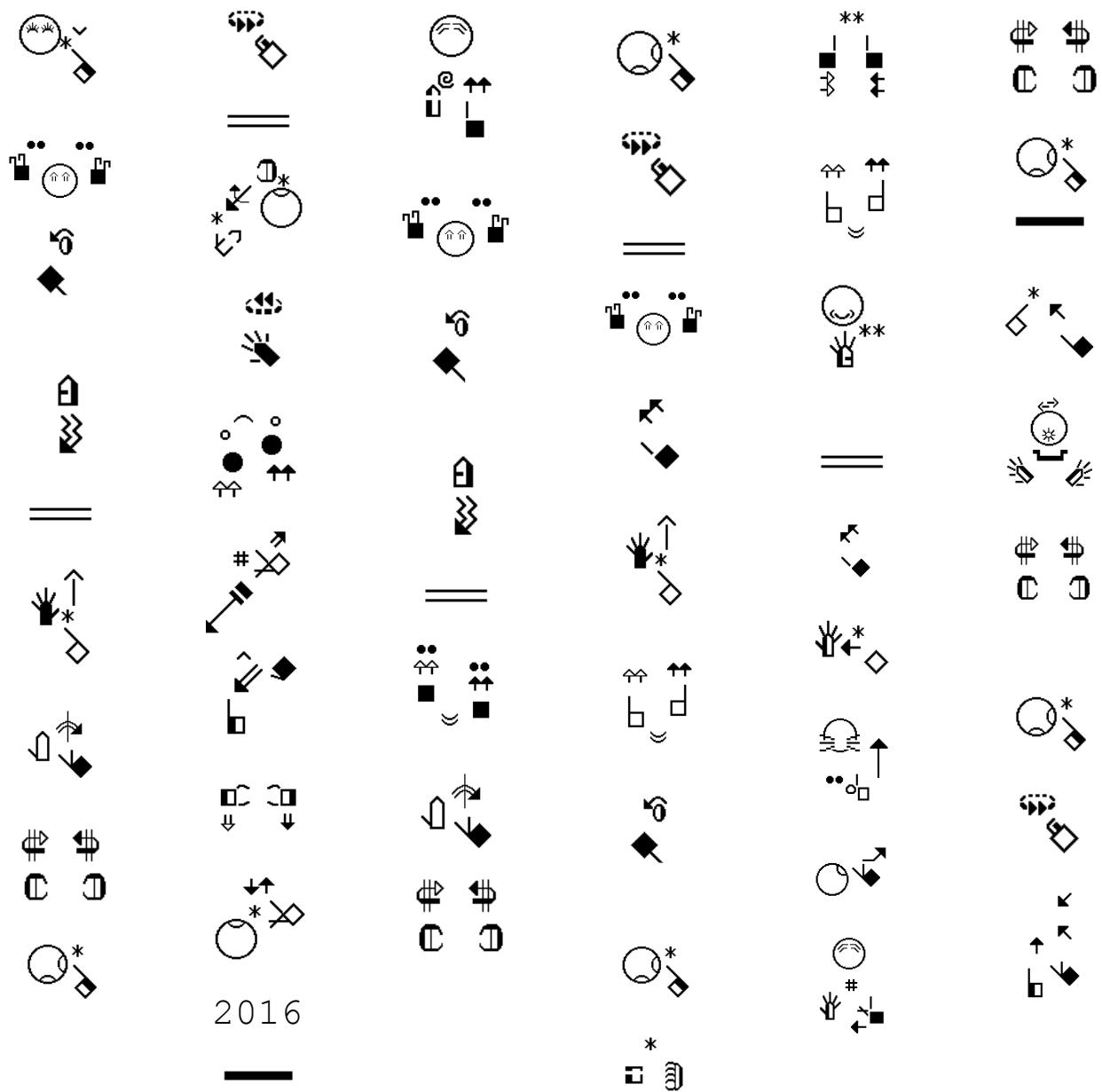
RANGEL, Gisele Monteiro Maciel. **Heróis/Heroínas Surdos/as Brasileiros/as:** busca de significados na comunidade surda gaúcha. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

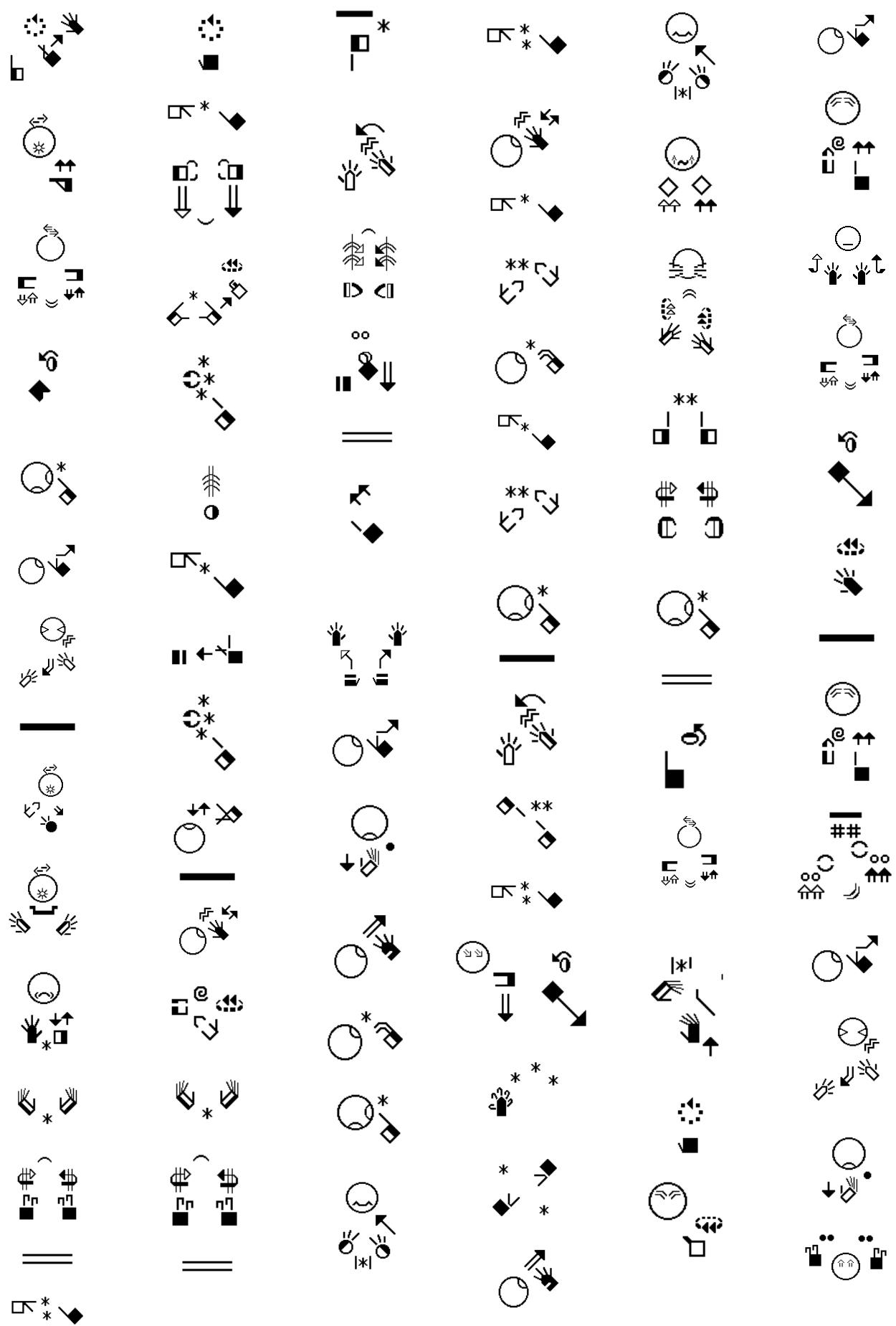
Disponível em DVD – em anexo (Anexo 2)

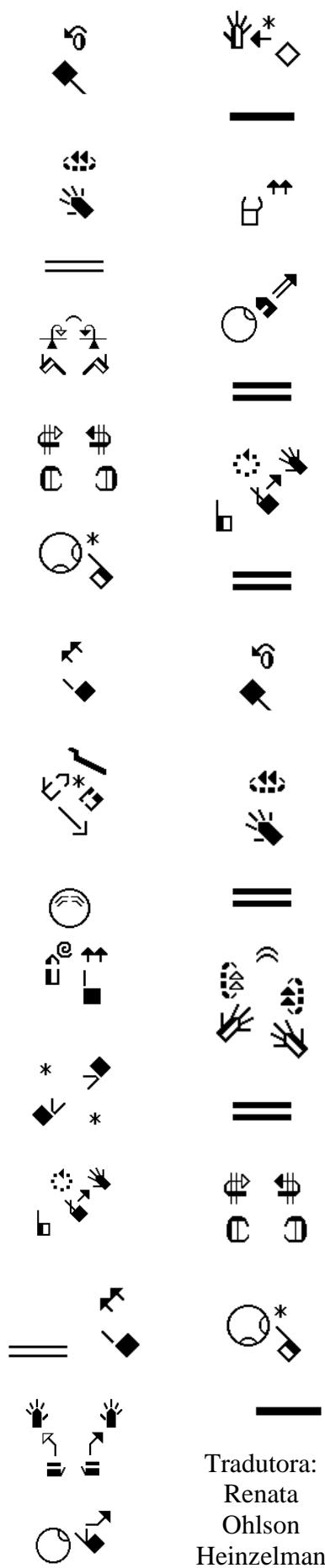
Resumo em Escrita de Sinais



RANGEL, Gisele Monteiro Maciel. **Heróis/Heroínas Surdos/as Brasileiros/as:** busca de significados na comunidade surda gaúcha. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.







Tradutora:
Renata
Ohlson
Heinzelman

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dummy Hoy: Um Herói Surdo	Erro! Indicador não definido. 26
Figura 2 - Thomas Mundy: O Herói Surdo	30
Figura 3 - Mamadu, o Herói Surdo	43
Figura 4 - Postagem no Facebook	53
Figura 5 – Blue Ear	72
Figura 6 – SuperDeafy	73
Figura 7 – Fachada do INES	78
Figura 8 – Reunião de representantes da Associação de Surdos com o Governador do Estado do Rio Grande do Sul.....	80
Figura 9 – Registro da Associação dos Surdos Mudos do Rio Grande do Sul de Salomão Watnick	81
Figura 10 – Surdos na Colônia de Férias	82
Figura 11 – Ana Regina e Souza Campello em uma atividade no Rio de Janeiro em 1994	85
Figura 12 – Antônio Campos de Abreu	87
Figura 13 – Padre Vicente.....	88
Figura 14 – Logo da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos....	90
Figura 15 – Patrícia Rezende em sessão no Senado (2011)	94
Figura 16 – Gladis Perlin	97
Figura 17 – Marianne Stumpf.....	97
Figura 18 – Logo da CBDS	101
Figura 19 – Piloto João Paulo	103
Figura 20 – Concurso de Miss Brasil (2008) -Vanessa Vidal à esquerda	105
Figura 21 - Foto de Gilmar (Recife).....	108
Figura 22 - Capa e Contracapa do dicionário do Concórdia	111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 HERÓIS: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS	33
2.1 HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS OU LÍDERES SURDOS/AS? O QUE HÁ DE DIFERENTE?	47
3 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA.....	52
3.1 GRUPOS FOCAIS: BUSCANDO DADOS NA COMUNIDADE	54
3.1.1 Organização do Grupo Focal em Porto Alegre	57
3.1.2 Organização do Grupo Focal em Pelotas.....	58
3.1.3 Caracterização dos Participantes dos Grupos Focais.....	60
4 REPRESENTAÇÕES DE HERÓIS/HEROÍNAS E DE HEROÍSMO NA COMUNIDADE SURDA GAÚCHA	63
4.1 HERÓIS/HEROÍNAS E HEROÍSMO SURDO: QUE REPRESENTAÇÕES CIRCULAM NA COMUNIDADE?	66
4.2 REPRESENTAÇÕES SOBRE HERÓIS/HEROÍNAS E HEROÍSMO SURDO EM PERSONAGENS DE HISTÓRIAS DE FICÇÃO	70
5. POLÍTICA COMO ESPAÇO PARA O HEROÍSMO SURDO	76
5.1 ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM DEFESA DA COMUNIDADE	76
5.2 FENEIS – CONQUISTA DE ATOS HEROICOS	84
5.3 DEFESA DAS ESCOLAS BILÍNGUES PARA SURDOS COMO HEROÍSMO	92
5.4 A CONSTRUÇÃO DO HEROÍSMO SURDO COM AS SURDAS PESQUISADORAS	96
5.5 HEROÍSMO ATRAVÉS DO ESPORTE.....	99
5.6 OUTRAS FORMAS DE REPRESENTAR O HEROÍSMO SURDO	102
5.6.1 O piloto surdo brasileiro.....	103
5.6.2.Beleza como instrumento de visibilidade e empoderamento das mulheres surdas	105
5.6.3 A identificação de heróis/heroinas locais	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICES	124
APÊNDICE 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	124

APÊNDICE 02 – IMAGENS SELECIONADAS PELA PESQUISADORA PARA OS GRUPOS FOCAIS -ATIVIDADE DO II ENCONTRO.....	126
APÊNDICE 03 – IMAGENS LEVADAS PELOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCAIS PARA II ENCONTRO.....	133
APÊNDICE 04 – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES POR E-MAIL	135
APÊNDICE 05 – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES EM COMENTÁRIOS NO FACEBOOK	138
APÊNDICE 06 – TRADUÇÃO DOS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL NA SSRS	140
APÊNDICE 07 – TRADUÇÃO DOS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL NA ASP.	161
APÊNDICE 08 – IMAGENS DOS SINAIS DOS HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS DESTACADOS.....	184
APÊNDICE 09 – DIFERENTES SINAIS DE HERÓIS/HEROÍNAS	187
ANEXOS	188
ANEXO 01 – IMAGEM DO QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO.....	188
ANEXO 02 – RESUMO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	189

1 INTRODUÇÃO

Para dissertar acerca da temática que norteia a pesquisa que validará este doutorado, torna-se relevante discorrer um pouco sobre minha história pessoal, desde o mestrado, até a presente etapa. Assim, não é possível falar de lugar nenhum, pois toda fala traz marcas daquele que conta uma história, que escreve um livro ou que se debruça sobre uma tese. Rodrigues e Quadros (2015, p.03) citam que:

Por mais que problematizemos essas questões de diferentes vieses, as nossas possibilidades de reflexão dependem sempre de estarmos com os nossos pés fincados em algum lugar. Por mais que tentemos disfarçar o nosso discurso ou isentá-lo de alguma marca, sabemos que isso é uma impossibilidade. São exatamente nossos diálogos que expressam nossos lugares, nossas *linguagens*, nossas *diferenças* e nos permitem reconhecer-nos ou não nos discursos alheios.

No ano de 2002, ingressei no Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), postulando a pesquisa *História do Povo Surdo em Porto Alegre: Imagens e Sinais de uma Trajetória Cultural* (RANGEL, 2004). Meu interesse ao desenvolver referido estudo era justamente resgatar a história e a trajetória cultural das quais também fiz, e ainda faço parte. Objetivou-se ainda registrar o percurso cultural dos surdos na cidade de Porto Alegre/RS, para que não fosse perdido, ao longo dos anos, fundamentando-se em fotografias de acervo pessoal e de alguns líderes surdos que participaram de movimentos do segmento.

Para tanto, autores da área dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos serviram de aporte bibliográfico à pesquisa. Dos Estudos Culturais, principalmente, Stuart Hall (1997), Silva (2010b) Wortmann (2002) – que abordam o conceito de representação, fundamental para o desenvolvimento desta tese.

Na área de maior inserção - no caso, a dos Estudos Surdos - os estudiosos com os quais dialoguei foram: Carol Padden & Tom Humphries (1998), Owen Wrigley (1996), Carlos Bernardo Skliar¹ (1998), Madalena Klein (1999), Maura

¹ Carlos Bernardo Skliar foi meu orientador de Mestrado, entre 2002 e 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Corcini Lopes (2002), Wilson Miranda (2001), Gladis Teresinha Taschett Perlin (1998 e 2002), Ronice Müller Quadros (1997), Sérgio Lulkin (1998) e Oliver Sacks² (1989).

A experiência no mestrado e a finalização da dissertação em muito contribuíram para divulgar e intensificar as discussões sobre a importância do registro da história dos surdos em diversos espaços. As informações e os resultados obtidos na Pós-Graduação se multiplicaram em palestras, em eventos e em publicações: vislumbrava-se ali o resultado de um trabalho valorizado em diversos espaços e por muitas pessoas. Também foi gratificante perceber que, através de minha pesquisa, tais registros que, antes, estavam longe dos olhos de surdos e de ouvintes, foram aproveitados e integrados ao *site* da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul, contando a história cultural do povo surdo da cidade de Porto Alegre/RS.

Concluído o mestrado, fui aprovada no concurso para professora do Centro Federal de Educação e Tecnologia (CEFET/SC), na cidade de São José, no estado de Santa Catarina. Lá, atuava como docente da então oficializada Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da disciplina de Geografia. Afastar-me do Rio Grande do Sul, minha terra natal, foi difícil, contudo, um necessário desafio profissional. Até então, havia trabalhado juntamente com surdos e seria a primeira experiência com pessoas ouvintes. Tudo era novo. Apesar do difícil início e do processo de adaptação, a experiência foi fundamental à construção profissional.

Além das disciplinas de Libras e de Geografia - a segunda, em razão da graduação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - participei como docente do Curso de Pós-Graduação *latu sensu*, Especialização em Educação de Surdos, promovido pelo Núcleo de Educação e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES) do CEFET, em São José/SC. No referido curso, ministrei a disciplina de *Aspectos Culturais, Identitários e Movimentos Sociais Surdos*. Também organizou-se a Especialização em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa, da qual em algumas disciplinas o foco se concentrou na Libras. Na oportunidade, foi possível orientar alguns alunos nesses cursos e vivenciar um importante momento de grande aprendizagem e de interação.

2 Oliver Sacks não é um autor dos Estudos Surdos, mas desenvolveu seus escritos na área da Neurologia. Seu famoso livro, *Vendo Vozes*, aborda as discussões neurológicas acerca do desenvolvimento da língua visual utilizada pelos surdos americanos.

Em 2010, passei a coordenar o NEPES. Os desafios foram muito maiores, já que, até então, apenas ouvintes haviam sido coordenadores. Apesar disso, aprendi muito ao participar de reuniões que debatiam a respeito de assuntos específicos, juntamente com coordenadores de outros núcleos, sendo a única surda ali presente.

Foram seis anos de atuação naquele espaço - hoje, denominado Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - e diversas conquistas foram alcançadas. Uma delas foi a construção do Campus Palhoça Bilíngue, no município de Palhoça/SC, o primeiro da América Latina, do qual me orgulho por ter feito parte de sua história e de sua construção. No ano de 2011, em virtude de uma redistribuição para Rio Grande/RS, passei a atuar como docente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande e, atualmente, estou lotada no IFRS – Campus Alvorada.

Quando atuei no Campus do IFRS em Rio Grande, defrontei-me com uma realidade peculiar: sete alunos surdos frequentavam o curso do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Ensino Médio. Estavam incluídos em turmas de ouvintes, mas, durante as aulas de Geografia, assistiam às aulas diretamente comigo, o que foi muito prazeroso e desafiador. Era um trabalho contínuo, no qual eu percebia uma carência muito grande de informações sobre os surdos e sobre sua história na comunidade em que atuava. Como professora surda, estreitou-se o vínculo com os alunos no processo de constituição de suas identidades: a língua de sinais e a experiência visual nos aproximavam.

Contudo, a falta de conhecimento de fatos históricos e culturais da comunidade surda no IFRS e em outros espaços educacionais da cidade de Rio Grande dificultava a identificação dos alunos surdos com sua história. Portanto, a dissertação de mestrado contribuiu para que se apresentassem fatos da história cultural dos surdos de Porto Alegre àquela comunidade. Também, gostaria de destacar que no IFRS – campus Alvorada estamos desenvolvendo o curso de Tradução e Interpretação de Libras, na modalidade de formação técnica, o primeiro curso nessa modalidade, gratuito, no estado. No curso é desenvolvida a disciplina de Movimento Surdo e também as questões históricas das lutas surdas vêm sendo discutidas, colaborando para elaboração desta tese.

Diante da trajetória e das experiências que se descortinam, ao ingressar no doutorado, meu foco permaneceu voltado à história construída por pessoas surdas, todavia, agora identificando as pessoas que participaram de tal processo. É comum

aprendermos na escola sobre pessoas e sobre os grandes feitos que provocaram modificações na vida de grupos de indivíduos, de uma cidade, até mesmo de um país. Em todos os casos contados, esses personagens são ouvintes. Então, como os sujeitos surdos poderão identificar-se entre si? Existe uma história de lutas e de movimentos e, dentre essas pessoas, algumas se destacaram como protagonistas de mudanças na vida dos surdos.

Para entender um pouco melhor, volto um pouco mais no tempo e relembro quando comecei a estudar na Escola Especial Concórdia, atualmente chamada de Unidade Especial Concórdia - Ulbra. Lá, iniciei na 5^a série do ensino fundamental, mas foi no ensino médio, no final da década de 1980, que fui capturada por imagens de surdos expostas em uma das paredes da escola. A atividade se tratava de uma feira comemorativa e fui atraída por cartazes com várias fotos de surdos de diferentes países. Os cartazes haviam sido produzidos pela diretora Beatriz Warth Raymann³, que organizou os cartazes no intuito de estimular os alunos a pensar nas possibilidades futuras.

Todos os cartazes traziam fotos de surdos pioneiros, alguns deles haviam sido os primeiros a ingressar no ensino superior, outro era campeão em patinação; havia surdo policial etc. Era parte de uma história que me causava admiração com as infinitas possibilidades de superação. Demorei a acreditar no que via, mas foram aquelas imagens que me estimulavam a pensar no futuro. Os cartazes me atraíam, e, seguidamente, estava a admirá-los. Naquele momento, os conceitos de líder ou herói, não passavam pela minha cabeça, pensava na "fama" desses sujeitos, e quando os cartazes foram retirados, fiquei um pouco chateada, pois até aquele momento não tinha visto nada igual.

Alguns anos depois, em razão das comemorações do Dia do Surdos, busquei realizar um levantamento dos heróis surdos e de alguns episódios heroicos, mas o nome que sempre estava em evidência, para a história da educação de surdos no Brasil, era o de Eduard Huet. Naquele momento, me perguntei quem mais poderia ser considerado herói. Huet teve papel de destaque na história dos surdos brasileiros, uma vez que foi ele quem fundou o “Collégio Nacional para Surdos-Mudos de ambos os sexos” (ROCHA, 2009, p.32), em meados do século XIX, hoje

³A diretora da Beatriz havia visitado a Universidade Gallaudet, em Washington, nos Estados Unidos, de onde trouxe novidades no campo educacional para aplicar à escola Concórdia. Questões que hoje me estimulam a pensar no conceito de herói trabalhando nesta pesquisa de doutorado.

conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, localizado, desde sua criação, no Rio de Janeiro. É a data de fundação do INES que marca a comemoração nacional do Dia do Surdo, em 26 de setembro, mas eu ainda estava curiosa em identificar outros pioneiros, assim como aqueles que foram apresentados na minha juventude pela escola Concórdia. No momento das comemorações, recorri ao Orkut, rede social não mais utilizada, onde localizei uma comunidade, um espaço de compartilhamento de imagens e informações sobre um determinado tema, que tratava das personalidades surdas. Nessa comunidade eram apresentadas imagens, sem descrição. Recordei da foto da Gladis Perlin, sobre a qual é sabido, na comunidade surda, que ela foi a primeira surda a realizar o doutorado, bem com uma foto da modelo Vanessa Vidal, entre outros. Naquele momento, passei a pensar na possibilidade de construir a história do heroísmo surdo.

Conversando com amigas surdas, Renata Oshlo Heinzelmann Bosse e Carolina Hessel Silveira, no Encontro das Mulheres Surdas de Porto Alegre⁴ sobre minha pesquisa, quando me encontrava um pouco aflita, elas me falaram da necessidade de apresentar informações que valorizassem os Heróis Surdos. Elas participavam de uma disciplina no curso de pós-graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a professora Lodenir Becker Karnopp que trouxe novas pesquisas da Universidade de Gaulladet, Washington, DC, e que apresentava o vocabulário “Herói”. Isso me deixou fascinada.

Nesse contexto sobre as histórias de lutas dos surdos, a professora Lodenir apresentou um DVD que contava a história de uma surda judia que sofreu durante o período do Holocausto, mas em sua história, conseguiu vencer o período de sofrimento e transformar-se em heroína. Demonstrou outros exemplos que me deixaram fascinada sobre essas questões. Surgiu, então, a ideia de buscar quem são os protagonistas, ou seja, reconhecer os heróis surdos que se destacaram na construção histórica que, hoje, se vislumbra em nosso país. Algo semelhante já foi realizado, como a produção de um DVD, organizado nos Estados Unidos, que conta a história de um herói, como se pode conferir na Figura 1⁵.

⁴ O Encontro das Mulheres Surdas é uma atividade que ocorre mensalmente na cidade de Porto Alegre, quando nos encontramos para sinalizar e realizar atividades diversificadas, como chá, almoços e atividades físicas. O objetivo desses momentos é estabelecer trocas de experiências e vivências prazerosas na comunidade surda.

⁵ O documentário *Dummy Hoy*, se passa no período da Guerra Civil nos Estados Unidos, nos anos de 1862; mesmo no período de conflito, o *baseball*, como esporte da cultura americana, continuava

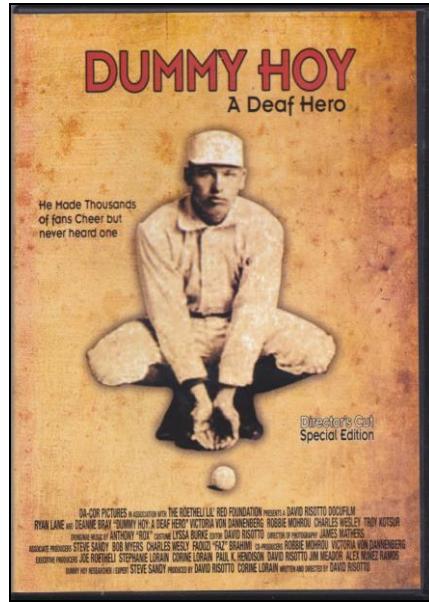


Figura 1 – Dummy Hoy: Um Herói Surdo

Fonte: <http://www.ntid.rit.edu/dummyhoy/lobby-display>- Acesso 05 jun 2014

O conceito utilizado neste e em alguns outros vídeos e relatos trata do herói surdo como alguém que salvou vidas, ou então, que teve ênfase no esporte em seu país - como no caso do beisebol, nos Estados Unidos da América. No caso da pesquisa, o conceito que analiso nesta tese parte das representações que circulam na comunidade surda do estado do Rio Grande do Sul, acerca dos personagens e significados sobre o heroísmo surdo em nosso país. A comunidade surda é compreendida nesta tese, segundo as ideias de Strobel (2008), como espaço de compartilhamento entre surdos e ouvintes sinalizantes que se identificam em função da língua e da cultura surda.

A pesquisa que apresento tem como foco, portanto, os heróis surdos brasileiros. Nesse sentido, trata-se de buscar compreender quais os significados produzidos na comunidade surda gaúcha sobre o heroísmo, e por fim, tentar

sendo jogado. O caçula, William Hoy (Dummy), filho de uma família de quatro meninos, teve meningite quando tinha três anos de idade, ficando surdo em decorrência da doença. Os pais ficaram chocados com a notícia e conforme crescia, Dummy sentia o preconceito da sociedade. Seus pais souberam da possibilidade de o filho estudar em uma escola de ensino oral, e assim o menino aprendeu a ler lábios. Dummy aprendeu a consertar sapatos e pela janela do lugar onde aprendia, ele observava os outros meninos jogando baseball. Não permitiam que ele participasse porque era deficiente. Treinou durante muito tempo sozinho, mas conheceu Ed Dundon, um profissional surdo de baseball, que lhe ensinou a lançar corretamente. Trabalhou durante algum tempo em uma sapataria e jogava baseball, informalmente, até que decidiu jogar profissionalmente. Nesse meio tempo, aprendeu a sinalizar, e seu empresário por vezes queria que ele aceitasse propostas de salários mais baixos. Dummy foi resistente e, no ano de 1886, tornou-se jogador profissional e para se comunicar com seus colegas de time combinou com eles alguns gestos. Era um ótimo arremessador. Casou-se com uma surda, teve três filhos e é considerado um representante da comunidade surda, um herói.

vislumbrar a história de sujeitos que trouxeram modificações para a vida da comunidade surda brasileira.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, alguns conceitos foram trabalhados. Sob a perspectiva dos Estudos Surdos, entendo por cultura surda o processo de subjetivação do sujeito surdo no contexto da comunidade surda, onde identifica-se como surdo. (GOMES, 2011). A cultura surda é o espaço no qual os surdos podem se identificar e romper com a norma ouvinte, ou seja, é um espaço em que o centro não é ser como os ouvintes, mas valorizar a produção da sua comunidade. Este conceito foi construído a partir de vários autores, entre eles:

- a) a produção de Paddy Ladd (2011; 2013), Doutor em Cultura Surda pela Universidade de Bristol, na Inglaterra;
- b) as reflexões de Karin Lilian Strobel (2008), em seu livro *O Olhar do Outro sobre a Cultura Surda*, em que aborda uma série de questionamentos acerca da forma como a sociedade vê os indivíduos surdos e sua cultura e a existência de um povo surdo ou de uma comunidade surda;
- c) as pesquisas do GIPES, *principalmente a Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira*, sistematizada no livro *Cultura surda na contemporaneidade* (Karnopp, Klein, Lunardi-Lazzarin, 2011);
- d) as ideias de Gladis Perlin (1998), que pesquisa em torno da questão da identidade surda e de seus desdobramentos;
- e) o pensamento de Paulo Vaz de Carvalho (2007), que versa sobre a história mundial dos surdos;
- f) os escritos de Anie Pereira Goularte Gomes (2011), pesquisadora que trabalha com a temática da cultura surda;
- g) o trabalho de Francielle Cantarelli Martins (2013), pesquisadora surda, que discute sobre o conceito de *Deaf Gain*⁶, o que auxiliará na construção das categorias de análise.

⁶ *Deaf Gain*, segundo Martins (2013), “é um termo novo, ainda não traduzido para a língua portuguesa”. Como estratégia de escrita, a autora opta por utilizar o termo na língua de origem e o sinal emprestado da língua americana de sinais. Nos estudos de Rodrigues e Quadros (2015), os autores sugerem uma tradução do termo para ganho surdo na língua portuguesa, mas para fins desta tese utilizarei *Deaf Gain* conforme Martins (2013), e abordarei nos capítulos seguintes.

Assim, diante de meu histórico de vida como surda e como educadora, além do histórico da comunidade surda, de minhas indagações e de minhas percepções como pesquisadora, vejo que a história de luta dos surdos está relacionada com sua vida, embora nem todos conheçam todos os seus pormenores. Assim, esta pesquisa se faz necessária e imperativa, ao se tratar de uma escrita, cujo caráter biográfico se atravessa por muitos atores. Delory-Momberger (2008) argumenta que:

Situada numa interlocução, a escrita biográfica não dissocia jamais a relação consigo mesmo da relação com o outro. A compreensão da narrativa pessoal é enriquecida pelo efeito de eco proveniente da escuta ou da leitura da narrativa dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 22).

Somos sujeitos e, ao mesmo tempo, objetos de nossa história. As histórias se misturam, já que não se sabe se, naquele momento, somos sujeitos fazendo a história - ou participando dela. Torna-se impossível pensar sobre a neutralidade - e esse não é o objetivo - mas busca-se apresentar parte da história, para que o leitor conheça os caminhos que serão percorridos. Como pesquisadora, recebo a tarefa de apresentar os dados e analisá-los, com o respaldo de perspectivas teóricas. Portanto, procuro pesquisar sobre a comunidade surda, universo ao qual estou vinculada.

Através do registro das representações sobre as histórias sobre os significados do heroísmo surdo, aqueles que hoje são crianças e adolescentes poderão conhecer e valorizar um pouco mais sobre quem são alguns dos responsáveis para que, hoje, a vida dessa comunidade seja diferente do que outrora. Ter tais narrativas partilhadas é fundamental, e faz parte da construção das identidades surdas. Como assinala Delory-Momberguer (2008):

Fazemos a experiência singular dessa relação com o espaço e os signos partilhados da comunidade nas narrativas biográficas que os outros nos dirigem ou que buscamos por nós mesmos. É uma representação bastante corrente, assimila-se a compreensão que temos da narrativa do outro a uma atitude de empatia, que postula nossa capacidade humana para partilhar os sentimentos, as emoções, os pensamentos de outro ser humano. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 59).

Ter a Libras como língua oficializada em nosso país, reconhecer professores surdos, tradutores e intérpretes em vários espaços da sociedade - principalmente os educacionais - receber destaque nos esportes e na política, dentre outros setores, configuram avanços da/para a comunidade surda. A análise das representações

possibilita refletir sobre como as identidades surdas vêm sendo produzidas a partir da lembrança desses heróis na construção da comunidade. Sobre representação Silva (2010b) salienta:

É na representação, entretanto, que o poder do olhar, o olhar do poder, se materializam; é na representação que o visível se torna dizível. É na representação que a visibilidade entra no domínio da significação. A visibilidade sem a representação é apenas a metade do percurso que liga a visão com a linguagem: aqui as coisas visíveis são vistas, já como dependentes do significado, como dependentes de representações anteriores. (p. 61)

Saliento que as representações mudam ao longo dos anos. O olhar para surdez como perda, como deficiência na lógica da clínica, hoje disputa espaço com outras representações, ou seja, com outros olhares - antropológico, sociológico -, a partir dos quais os surdos se posicionam e trazem suas representações culturais, suas vivências, suas expressões. Os surdos produzem seus significados a partir das suas experiências visuais, entendidas a partir de Perlin (2003, p. 93) como um fazer político que envolve a diferença. A experiência visual ou a experiência de ser surdo “significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação”, é o ponto que “surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”.

Nenhum processo histórico é mais difícil - ou fácil - do que outro: cada geração enfrenta momentos de construção, de destruição e de reconstrução. Surdos lutaram contra a proibição do uso da língua de sinais e outros tantos tiveram que provar sua capacidade. No Brasil, a oficialização da Libras parte da luta surda, e assim cada grupo faz o que entende precisa ser feito, em cada momento histórico.

Outro aspecto importante, e que se constitui no recorte desta tese, concentra-se em questionar a comunidade surda gaúcha sobre o heroísmo, trazendo à tona os significados presentes neste grupo e as possibilidades de emergir nomes que possam identificar os heróis surdos do nosso país. Muito se fala sobre heróis nacionais, mas, de certa forma, existe uma predominância de heróis ouvintes em nossa história, seja em razão da sociedade ser majoritariamente ouvinte, ou por falta de pesquisas que tratem da temática na comunidade surda. O fato é que a pesquisa pretendeu pensar em como o heroísmo está presente na história dos surdos brasileiros e, neste sentido, buscou valorizar a temática na comunidade surda.

Quando iniciei o trabalho de identificar o que havia sido produzido sobre o heroísmo surdo, deparei-me com um exemplo de herói surdo salvacionista, disponível na página da *UCL Ear Institute & Action On Hearing Loss Libraries*, um espaço *on-line* de postagem de diversos artigos e reportagens sobre surdos: Thomas Mundy (1845-1914), um surdo britânico, salvou três pessoas do afogamento. Em virtude disso, recebeu a Medalha Real Sociedade Humanitária, em cerimônia em *Hull Town Hall*, em dezembro de 1897. Na oportunidade, foi considerado como herói, como apresenta a legenda na imagem da reportagem da época (que se pode conferir na Figura 2, a seguir). Em resposta à premiação, declarou: "Eu só fiz a minha obrigação e devo fazê-lo novamente, se eu ver a necessidade para isso"⁷.



Figura 2 – Thomas Mundy: O Herói Surdo

Fonte:<<http://blogs.ucl.ac.uk/library-rnid/files/2012/07/Deaf-hero-1-001.jpg>> -
Acesso em: 05 jun 2014.

A presente pesquisa pretendeu identificar os significados de heroísmo surdo na comunidade surda, inclusive pensando se o que Thomas Mundy realizou tem relação com a comunidade, ou seja, o fato de ser um surdo, interferiu no resultado da sua ação? Teve relação com a comunidade surda onde ele estava inserido? De que forma o heroísmo surdo é significado pelos surdos e como ele pode contribuir para a vida dessa comunidade?

⁷ Disponível em: <http://blogs.ucl.ac.uk/library-rnid/2012/07/20/thomas-mundy-a-deaf-hero-from-hull/>
Acesso em 16 mai 2013.

Neste primeiro momento, os nomes que surgiram nas pesquisas sobre os heróis surdos são de surdos de outros países, que não o Brasil. Isso se deve ao fato da investigação ter-se centrado, em um primeiro momento, em materiais já publicados. No caso brasileiro, não identifiquei nenhuma publicação que tratasse da temática.

O problema de pesquisa que se delineia busca compreender como os surdos anônimos - e alguns, mais conhecidos - tornam-se heróis para a sua comunidade, através de feitos que se perpetuaram ou que permanecem por algum tempo significativo na história. E as questões de pesquisa que esta problemática provoca são: *quais representações de heróis surdos circulam na comunidade surda gaúcha?* *Quais as suas contribuições para que sejam marcantes para a comunidade surda?* *Quais efeitos há, na comunidade surda e nos espaços educacionais, ao se definir e se identificar os heróis surdos?* A partir de tais indagações, então, tracei como objetivo geral da pesquisa, *compreender as representações de herói surdo, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, no Rio Grande do Sul.*

Para o alcance deste objetivo, elencam-se alguns objetivos específicos, a saber:

- Entender quais as representações de herói surdo que circulam na comunidade surda gaúcha;
- Identificar quem são os heróis surdos nomeados pela comunidade surda gaúcha;
- Analisar os efeitos das representações de heróis surdos para a comunidade surda gaúcha, ou seja, que modos de ser surdo e de se estar na comunidade surda são produzidos a partir dessas representações.

Quando iniciada a pesquisa de doutorado, pensava na construção do heroísmo a partir dos heróis, mas no desenvolvimento da tese, principalmente na produção de dados nas associações de surdos foram sendo citadas mulheres surdas. E uma das participantes fez referência à pouca visibilidade das mulheres surdas. Então, a partir disso, como resultado da aproximação dos dados da pesquisa, o foco da pesquisa está nas representações de heróis e heroínas surdas – questão que abordo nos capítulos das análises. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa se reconfigurou em *compreender as representações de herói/heroína*

surdo/a, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, no Rio Grande do Sul.

Com a escolha de grafia, que passa a abrigar discussões de gênero, que serão apresentadas ao longo da tese, continuo a escrita da tese, que torna-se importante por evidenciar fatos que são marcas na história da comunidade surda brasileira e que, por falta de registro, podem se perder no tempo e na memória. Também é válido trazer à tona, desde antepassados surdos até os dias atuais, aqueles que, através de suas lutas, proporcionaram o desenvolvimento da comunidade e do povo surdo que hoje se contempla.

Para tanto, construí como caminho metodológico: inicialmente uma aproximação com a temática, por meio da interação com a comunidade surda pelo Facebook e por e-mail, e, num segundo momento, organizei a construção de grupos focais na cidade Porto Alegre e Pelotas⁸ para capturar os significados e representações sobre o heroísmo surdo na comunidade surda gaúcha. No processo de análise, para reconhecimento e classificação dos heróis/heroínas surdos/as, utilizei de análises documentais para localizar a atuação dos personagens na história da comunidade surda.

Cabe salientar que, em minha trajetória pessoal, as histórias de vida e de lutas de pessoas surdas foram fundamentais para que me motivasse e alavancasse minhas próprias lutas e conquistas. Penso, por conseguinte, na proporção que esta tese poderá tomar, ao registrar e dar visibilidade aos heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as. Assim, quantas vidas poderão ser influenciadas? Impossível enumerar.

Analizar as representações e pensar na possibilidade de identificação de heróis é o que motiva esta pesquisa, que espera ser fundamental para que novas lutas sejam travadas, uma vez que nem tudo foi feito e há muito ainda o que se realizar.

⁸ No capítulo 3, apresento de forma mais detalhada os caminhos trilhados na pesquisa, explicitando as escolhas metodológicas realizadas.

2 HERÓIS: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Discorrer acerca dos significados da palavra “herói” é imprescindível para a significação desse trabalho. Cabe lembrar que, para essa pesquisa, o conceito de herói foi desenvolvido com base nas representações que circulam na comunidade surda gaúcha acerca dos heróis/heroínas surdos/as. Após percorrer tal caminho, focalizo-me na materialização do conceito de herói surdo e a possível identificação dos protagonistas surdos na construção das múltiplas identidades surdas. Para tanto, considero importante uma retomada do conceito de herói que circula em diferentes produções sociais e acadêmicas.

Primeiramente, parto do conceito de herói retirado de dicionários, de sites e da literatura. O Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (2014, s/p), preconiza:

herói
he.rói
sm (latheros, do grhéros) 1 Mitgr Denominação dada aos descendentes de divindades e seres humanos da era pré-homérica (semideuses). 2 antgr Homem elevado a semideus após a morte, por seus serviços relevantes à humanidade. 3 Homem que se distingue por coragem extraordinária na guerra ou diante de outro qualquer perigo. 4 Homem que suporta exemplarmente um destino incomum, como, p ex, um extremo infortúnio ou sofrimento, ou que arrisca sua vida abnegadamente pelo seu dever ou pelo próximo. 5 Personagem preeminente ou central que, por sua parte admirável em uma ação ou evento notável, é considerada um modelo de nobreza. 6 Personagem masculina principal de um drama, poema ou romance. 7 O protagonista de qualquer aventura histórica ou drama real. 8 Pessoa em honra de quem se faz uma solenidade, uma reunião: O herói da festa. 9 Indivíduo que, em determinado momento, atrai a atenção pública: O primeiro astronauta tornou-se o herói do momento. col: falange, legião. 10 pop O que, por qualquer motivo, se distingue ou sobressai. 11 pej Indivíduo que se torna saliente por escândalos e atos menos dignos. fem: heroína. H. de romance: sujeito sem o senso prático da vida real e por isso mesmo dado a fantasias e utopias românticas. H. do teatro: sujeito que, sem comprovar com fatos, apregoa exageradamente o seu heroísmo.

Como se pode perceber, o conceito é tão amplo, quanto detalhista. A princípio, a definição de herói era designada a pessoas consideradas divinas, como se algum mortal não fosse capaz de cometer atos heroicos. Ou então, os feitos mortais só eram reconhecidos após a morte e aquela pessoa não poderia desfrutar em vida pelos feitos conquistados.

Buscando a descrição de herói no site Wikipédia – não academicamente confiável, mas muito acessado para buscas sobre assuntos variados e para os que procuram suprir sua curiosidade - notei que também ali parte-se do princípio de que

o herói seria uma posição intermediária entre os deuses e os homens, ou seja, semideuses, como Hércules, Perseu e Aquiles. Ao continuar tal descrição, vê-se que alguns trechos da definição indicados no referido sítio podem ser produtivos para a discussão da proposta em relação ao conceito de herói, conforme segue:

Variando consoante as épocas, as correntes estético-literárias, os géneros e subgéneros, o herói é marcado por uma projecção ambígua: por um lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição, na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir – fé, coragem, força de vontade, determinação, paciência, etc. O heroísmo que resulta em autossacrifício chama-se martírio. O herói será tipicamente guiado por ideais nobres e altruístas – liberdade, fraternidade, sacrifício, coragem, justiça, moral, paz. Eventualmente buscará objetivos supostamente egoístas (vingança, por exemplo); no entanto, suas motivações serão sempre moralmente justas ou eticamente aprováveis, mesmo que ilícitas. Aqui é preciso observar que o heroísmo caracteriza-se principalmente por ser um ato moral. (WIKIPÉDIA, 2014 – grafia conforme as regras do português europeu).

De acordo com o conceito supracitado, então, nem todos tornam-se heróis. Para sê-lo, o ser humano precisa expressar características além das que comumente se encontram, e também em quantidade maior, como: fé, coragem, força de vontade, determinação, paciência. Pessoas comuns têm alguns desses traços, entretanto, um herói possui a maioria - se não, todos - e em quantidade e força muito maiores.

Outra característica importante - e que deve ser salientada - é a de que o herói é movido, na maioria das vezes, por objetivos altruístas, ou seja, ele pensa que aquele feito ou aquela luta irá beneficiar outra pessoa ou um conjunto de pessoas. Como ser humano, obviamente, em alguns momentos, poderá ser movido por objetivos pessoais, mas, na maioria dos casos, a finalidade será o bem comum - e não a autopromoção.

Autor do livro *O Que é Herói?*, publicado em 1984, Martin Cezar Feijó é escritor com formação em História, e na obra versa sobre diferentes descrições de categorias que concernem ao tema. Segundo Feijó (1984, p.16), na Grécia Antiga, havia uma discussão em torno de quem seriam os heróis. Seriam eles divindades que se humanizaram ou humanos que foram divinizados? Evêmero, citado por Feijó (1984, p. 17), esclareceu que:

[...] os deuses e os heróis eram indivíduos reais, principalmente reais em suas comunidades, que por suas virtudes ganharam a simpatia de seus povos, e que através das gerações essas qualidades foram se ampliando até atingir a divinização. Em outras palavras: o mito teria nascido da história real e o herói era o que restou de algum indivíduo destacado.

Dessa forma, segundo esse autor, os heróis não são pessoas que se sobressaem pela posição social ou pelo cargo que ocupam, mas sim pelas características, através das quais empenham alguma luta ou causa, tornando-se memoráveis ao povo a que pertencem.

Na história do Brasil, identificam-se diversos heróis. Muitos deles fizeram parte do cenário político, promovendo mudanças relevantes na vida da população. Como exemplo de atos heroicos, podem-se relembrar milhares de pessoas que lutaram pelo fim do Regime Militar no país, os artistas, os músicos, os membros de diferentes formas de produção artística e os representantes políticos que protagonizaram a luta pelas *Diretas Já*. Não é possível reconhecer um único herói, mas, em alguns registros de época e livros de História estampa-se, por exemplo, a fotografia do cantor Chico Buarque pelas letras de suas músicas; outras publicações mostram políticos em palanques, ou imagens de ruas tomadas por populares, o que também simboliza os heróis anônimos.

Em nossa história, também há outros heróis, que são pessoas simples, mas que contribuíram para que seus nomes estivessem em evidência na galeria de brasileiros cujos feitos foram marcantes. São alguns exemplos: Chico Mendes, que lutou pela preservação da Floresta Amazônica, e que teve sua vida ceifada prematuramente em virtude dos diversos inimigos que fez durante sua luta; Anita Garibaldi, que lutou bravamente ao lado de Giuseppe Garibaldi, considerada uma das mulheres mais fortes e corajosas da sua época; Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira, um homem simples que saiu do anonimato em busca da liberdade de seu povo; e Zumbi, último líder do Quilombo dos Palmares. Isso, para citar alguns desses personagens.

No cenário internacional, não se poderia deixar de citar Nelson Mandela e sua luta pelo fim da segregação racial, um herói negro que, mesmo preso, não deixou de lutar pelo que acreditava, chegando à presidência de seu país, África do Sul.

Feijó (1984) assevera que se não fossem a memória, a história recordada e as versões contadas, hoje teríamos apenas os heróis que foram reis, generais, empresários e guerreiros, ou seja, se trataria de um privilégio de classe. Trazendo à

tona um pouco da história, o autor rememora como aconteceu o surgimento dos heróis bandoleiros, os heróis populares, assim como alguns dos que se mencionaram anteriormente e que fazem parte da história do nosso país, como indivíduos que ganharam reconhecimento a partir de suas ações contra uma ordem estabelecida. (FEIJÓ, 1984).

Retrocedendo um pouco na história, a partir do século XI, o feudalismo começou a entrar em crise e muitas pessoas que outrora trabalhavam no cultivo da terra, foram expulsas das cidades, ficando totalmente à margem da sociedade. Assim, surge o mito do mais famoso bandido medieval, o inglês Robin Hood, que tomou para si a responsabilidade de fazer justiça frente ao povo que estava desabrigado e pobre. Logo,

o aspecto mais interessante é que a fama dos bandidos tem sempre um caráter social: isto é, não são apenas heróis corajosos e guerreiros, mas representam uma forma de justiça coletiva. [...] [Este tipo de herói] apareceu sempre que um sistema agrário entrou em crise sem que houvesse uma economia urbano-industrial que absorvesse esse contingente de população marginalizada ou uma possibilidade histórica de revolução social. (FEIJÓ, 1984, p. 31).

Feijó (1984) ainda atesta que pessoas como essas eram consideradas como bandidos para as classes dominantes, e como heróis para as classes dominadas. No Brasil, um exemplo desse tipo de herói foi o capitão Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. A situação que se apresenta evidencia uma questão social, vinculada à falta de visibilidade de um determinado grupo. Quando trabalho a questão de semelhança, em alguns aspectos da história de Robin Hood ou de Lampião com a história dos surdos, retomo a questão da luta pela oficialização da Libras e ocupação de espaços que antes não eram pensados, nem pelos surdos, como possíveis de serem ocupados por sujeitos dessa comunidade. Um exemplo disso é o espaço da docência, que gradativamente vem sendo ocupado por professores surdos em escolas de surdos ou no ensino da Libras. Não quero com essa afirmação negar a possibilidade dessas atividades serem exercidas por ouvintes, o que pretendo é reafirmar que o heroísmo surdo pode ser pensado também pelo espaço que os surdos ocupam em determinadas profissões, como a de ser professor.

Assim como os heróis bandidos, heróis/heróinas surdos/as podem ser vistos/as de maneira heroica pelo seu próprio povo, e como contraventores/as da ordem até então estabelecida. Quando os surdos saem às ruas reivindicando sua

língua e seu modo específico de educação, e anunciando um grande não à inclusão, aqueles que detêm o poder das políticas públicas os enxergam como uma força contrária às ideias de uma educação inclusiva. Entretanto, a luta deste grupo é na verdade a valorização da sua história e espaço de participação social. Estes possíveis heróis buscam a visibilidade e a aceitação como cidadãos brasileiros que possuem uma língua diferente, e que, inclusive, já foi oficializada no país, pela Lei nº10.436, de vinte e quatro de abril de 2002.

Como exemplo de lutas, cabe mencionar, também, a construção do documento de 1999, A Educação que Nós Surdos Queremos⁹, elaborado pela comunidade surda, a partir do Pré-Congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado na cidade de Porto Alegre/RS. Atualmente, um exemplo dessa mobilização é o Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda, que iniciou na Conferência Nacional de Educação (CONAE), em 2010, e que vem sendo articulado nas redes sociais pela defesa da educação bilíngue para os surdos.

Dependendo do lado em que se está, as visões sobre os militantes de tais movimentos podem estar de um lado, ou de outro. Nessa tese, a visão que se lança é a de uma pesquisadora envolvida na militância da causa surda, que defende a Libras e todas as outras especificidades surdas que dizem respeito à sua cultura. Para pensar na construção do conceito de herói surdo procuro analisar a visão dos sujeitos envolvidos na comunidade surda que vivenciam a cultura surda.

Ladd (2011) propugna que o termo cultura surda surgiu na Inglaterra, em meados de 1985, e se comprehende como uma série de condutas aprendidas em determinado grupo.

Los miembros de la cultura Sorda se comportan como lo hacen las personas Sordas, usan la lengua de las personas Sordas, y comparten las creencias de las personas Sordas sobre ellas mismas y sobre otras personas que no son Sordas.¹⁰ (BAKER y BATTISON, 1980, p. 93 *apud* LADD, 2011, p. 242)

⁹ Documento disponível em:

<[¹⁰ Os membros da cultura surda se comportam como as pessoas surdas, usam a língua das pessoas surdas, e compartilham as crenças das pessoas surdas sobre elas mesmas e sobre outras pessoas que não são surdas. \[Tradução nossa\].](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.feneis.org.br%2Farquivos%2FA%2520EDUCA%25C7%25C3O%2520QUE%2520N%25D3S%2520SURDOS%2520QUEREMOS.doc&ei=1XSoU8yqENHQsQS_y4CgBQ&usg=AFQjCNHkqJLGB726zhZrjD73-R2GtjhgaQ> - Acesso em: 23 Jun 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

No Brasil, o conceito foi inicialmente sinalizado como PROPRIO SURDO¹¹, e era considerado inerente às pessoas desse segmento, como assinala Gomes (2011, p.16):

A cultura surda vem sido tomada como objeto de estudo há pouco tempo, mas, pelas narrativas surdas, ela sempre existiu. Conforme os discursos surdos, era como se fosse boicotada e apagada por processos históricos de proibição do uso da língua de sinais e estímulo à oralidade. Percebe-se, nos discursos surdos, que apesar dessa "afronta" à "verdadeira natureza surda" durante anos, tal essência sempre existiu e era nomeada como 'jeito surdo', 'ser surdo', 'próprio jeito surdo', apenas com o surgimento do termo 'cultura surda' é que vai tomar caráter científico, sendo aceita e legitimada"

Antes das investigações e produções acadêmicas tratarem do termo cultura surda, como a pesquisa que Gladis Perlin (1998), articulada às discussões dos Estudos Culturais, circulava na comunidade surda o que Gomes (2011) atentou sobre PRÓPRIO SURDO. Os surdos sinalizavam desta forma para questões que foram sendo analisadas, descritas nas produções científicas e que hoje identificamos com cultura surda. Essa mudança terminológica do sinal de PRÓPRIO SURDO para CULTURA SURDA está relacionada às pesquisas acadêmicas, a partir das vivências da comunidade surda, como o que Gomes (2011) salientou em sua pesquisa, antes da legitimação científica os surdos já identificavam questões referentes à sua comunidade.

Com base nas assertivas supracitadas, é possível relacionar o conceito de culturas surdas ao de comunidades surdas. *Jeitos de ser surdo*, presentes na cultura, passam a integrar as comunidades como possíveis formas de ser e de estar no chamado mundo dos surdos. Para pesquisar sobre os heróis/heróinas surdos/as, é necessária a aproximação com a comunidade, no intuito de identificar seus feitos e suas lutas. Isso me motivou a criar os grupos de discussão de surdos, em duas cidades do estado do Rio Grande do Sul com comunidade surda organizada, para dialogar com alguns de seus participantes. Para pensar este encontro entre os membros da comunidade, levei em conta o pensamento de Bauman (2003, p. 07), que identifica como as pessoas consideram a comunidade, com um lugar que:

¹¹ Os termos que aparecem na tese escritas em caixa alta se referem a termos que possuem formas específicas de sinalização na Libras.

[...] sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade — o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir (...) “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá.

No espaço da comunidade, conhecemos a língua, adquirimos laços fortes, aprendemos a conviver com uma sociedade majoritariamente diferente linguisticamente. Na comunidade surda encontramos o refúgio do que nos é diferente e estranho. Mesmo como diferenças entre os sujeitos surdos, o sentimento de “unidade”, destacado por Ladd (2013) sobressai as diferenças entre os sujeitos da comunidade. O autor afirma, que na comunidade, “todos sabiam da vida de todos, talvez não de tudo, mas a grande parte, tínhamos pessoas que não gostavam umas das outras, mas para sobreviverem tinham de se manter juntas e encontrar uma forma de trabalhar e viver juntas” (p. 134). Neste sentido o autor aborda, em sua obra, outros exemplos de divisões dentro da comunidade surda nos grupos de surdos.

A comunidade surda é o local no qual nos identificamos com necessidades muito semelhantes. Desse modo, os protagonistas surdos surgem para colaborar com a construção desse espaço de segurança e também de necessidade de aproximação. Bauman (2003, p. 91) se utiliza das palavras de Jeffrey Weeks, ao afirmar que: “o mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos que percebem as premissas de sua existência coletiva ameaçadas e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder”.

Pesquisar sobre os significados do heroísmo surdo é identificar os espaços dessas atitudes na construção da história da própria comunidade. Autores como Strobel (2008) afirmam que a comunidade pode também estar em um espaço físico, como as associações e, nesse sentido, sua construção pode ser considerada um ato heróico, realizado por alguém, em dado momento histórico.

No espaço da comunidade circula e reforça a existência da cultura surda, conforme Holcomb (2011, p.139) explica:

A cultura oferece aos membros da comunidade acesso a soluções criadas historicamente para um modo eficiente de vida. A cultura surda não é diferente. Para os surdos que vivem em um mundo ocupado basicamente por pessoas que ouvem, soluções são necessárias para viver de forma eficiente neste mundo. Por muitos anos, os surdos levaram a responsabilidade de compartilhar informações a sério. Atualmente, com uma melhor compreensão do que é a cultura surda, esse comportamento de compartilhamento de informações pode ser caracterizado como um dos valores culturais mais importantes dos surdos.

A cultura surda circulante nos espaços da própria comunidade possibilita perceber que não somos sozinhos no mundo e que existem estratégias e meios possíveis à sobrevivência. Ao vislumbrar a cultura surda, verifica-se que tudo o que antes era ofertado e parecia *não servir*, era porque não fazia parte da nossa cultura, que é própria, oriunda daquilo que nos preenche e completa. Além disso, a constituição da comunidade carrega a premissa da proteção de direitos, como realçam Thoma e Klein (2010, p. 113):

[...] isto não quer dizer que todo mundo tem a mesma ideia de que os direitos são estes ou como protegê-los. No entanto, a comunidade surda fala sobre pessoas surdas e o que eles precisam. Eles debatem em que direção ir, entendem e sabem o que é importante para isto na comunidade como um todo.

Buscando informações na comunidade surda, a ideia é identificar o conceito de herói que circula na comunidade, identificando e analisando as representações de heróis/heroínas surdos/as e seus feitos, que ali aparecem.

As abordagens sobre o conceito de herói apresentadas até aqui são relatadas a partir da pesquisa pessoal em dicionários, na Internet e na literatura histórica. Na sequência, apresenta-se o conceito que foi construído a partir da indagação particular sobre a opinião de pessoas surdas sobre o termo: herói e heroísmo surdo.

No estado da arte dessa pesquisa, pouco material¹² foi localizado sobre o Herói Surdo; por isso, a opção inicial foi recorrer às mídias que vêm sendo muito utilizadas atualmente, para realizar as primeiras indagações sobre o tema.

¹²Um dos materiais encontrados, durante pesquisa na Internet, foi no site de vídeos *Youtube*, em que um surdo sinaliza que escreveu um livro que contará a história de um herói surdo. Também menciona que a história faz parte e é fundamental para a cultura surda. O vídeo é simples, caseiro, mas anuncia que, em um ano, o livro será publicado. A data do vídeo é outubro de 2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yFsOde9uLyA> e <http://www.youtube.com/watch?v=X39tepZ8pg>. Acessados em: 16/04/2013.

Para identificar as percepções acerca do significado de Herói Surdo, enviei as seguintes perguntas via *Facebook* e por *e-mail* para algumas pessoas participantes da comunidade surda das quais eu tinha contato pelas redes sociais:

- 1. O que vocês entendem por Heróis Surdos no Brasil?*
- 2. Quem foram os Heróis Surdos do Brasil? Por quê?*

O *Facebook* foi a ferramenta selecionada por ser uma rede social de grande utilização pela comunidade surda. Sua criação não se destinou somente a esse público, mas, pela velocidade com a qual circulam as informações, as postagens de vídeos e pelo rápido acesso em aparelhos móveis - como *smartphones* -, ganhou papel importante no compartilhamento de informações na comunidade surda. Assim, o recurso representou o ponto inicial de busca das representações sobre heróis e heroísmo surdo¹³.

Das respostas obtidas através do contato *on-line*, apresentam-se, a seguir, algumas considerações feitas pelas pessoas que responderam às provocações. Uma das opiniões encontradas, o heroísmo surdo é um episódio profundamente radicado no imaginário e na moralidade popular. São exemplos dos que realizaram feitos de coragem e de superação que hoje inspiram e servem como modelo para o povo surdo e a cultura surda. São também aqueles que lutaram e mobilizaram-se para trocar uma realidade em prol dos surdos - ou da surdez. São pessoas que lutaram com muita humildade e que, quando morrerem, serão lembradas para sempre.

Uma característica importante mencionada, nas respostas obtidas pela internet é a de que o herói surdo é aquele que se dedica de corpo e alma pela comunidade, sem querer a fama, movido pelo idealismo e pelo sonho em defesa da sua comunidade, realizando algo que, até então, parecia impossível.

Segundo as colocações nos meios eletrônicos, o herói surdo é aquele que fala à sociedade sobre os surdos. Ser herói surdo seria levar a língua de sinais e a cultura surda para além da sua comunidade. Sobretudo, o herói surdo recebe o reconhecimento de sua comunidade, quando passa a apresentá-la a toda sociedade. Percebo, em uma aproximação inicial às respostas recebidas, que os

¹³ No capítulo 4 essas questões serão descritas.

heróis/heróinas surdos/as exercem papel político de grande influência sobre os demais pertencentes à comunidade surda, análise essa que será aprofundada nos capítulos referentes às análises do material produzido para a presente tese.

A importância do encontro surdo se dá pela possibilidade de fortalecimento da identidade surda no convívio com a comunidade surda, onde os encontros oportunizam a comunicação em língua de sinais. Miranda (2001, p.37), na dissertação de Mestrado em que defende a implantação de um projeto educacional piloto na cidade de Charqueadas/RS, descreve aquela realidade:

Nos dias que se seguiram, ficou evidente a importância de minha presença, por possibilitar que os surdos se identificassem, ou pelo menos reconhecessem, num surdo mais velho, uma pessoa que não está marginalizada, que participa no meio social ou que pode, normalmente, construir por si uma participação social. Dessa forma, eles não mais iriam imitar o que os ouvintes preparavam para eles, mas iriam ter sua própria apresentação ou identificação social.

Outro exemplo dessa identificação é narrado no livro de literatura infantil surda, produzido em Portugal, por Morgado (2007). A obra conta a história de Mamadu, surdo, que nasceu em Guiné-Bissau, na África. Em seu país, não tinha condições de estudar, pois não havia nenhuma escola voltada especificamente para ele. Aos cinco anos de idade, Mamadu foi com seu pai para Portugal, pois ficaram sabendo que lá existia uma escola apenas para surdos. Mamadu foi deixado lá por quinze anos. Aprendeu Língua Gestual Portuguesa e foi instruído nessa língua. Durante todo esse tempo, sonhou em retornar para seu país e para sua família. Dentre seus maiores desejos, estava o de proporcionar aos surdos de seu país o mesmo ensino com o qual foi contemplado. Aos vinte anos de idade, pôde retornar para Guiné-Bissau, onde conseguiu colocar em prática a educação de surdos, a partir da experiência que vivenciou em Portugal. Até hoje é considerado um herói no seu país. A capa do livro *Mamadu, o Herói Surdo*, se exibe na Figura 3, como segue.



Figura 3 - Mamadu, o Herói Surdo

Fonte: MORGADO, 2007.

Os heróis/heroínas surdos/as podem, portanto, servir de inspiração e de identificação à comunidade surda. No cerne dessa questão da valorização cultural utilize a abordagem de Grant McCracken (2003), que considera os bens materiais e culturais como pontes para um significado deslocado, ou seja, através dos significados culturais pode-se melhor compreender e cultivar significações, antes indecifráveis. Os relatos sobre os heróis/heroínas surdos/as mostram a identificação com aqueles que realizaram feitos que ainda não haviam sido concretizados, e que funcionam como pontes que ligaram a realidade de não haver um espaço, como as associações de surdos, e o ideal da construção de um espaço de organização dessa comunidade.

McCracken (2003, p.135) explica que essa significação deslocada é uma significação cultural “que foi deliberadamente removida da vida cotidiana de uma comunidade e realocado em um domínio cultural distante”. Há uma lacuna entre o *real* e o *ideal*; os que a aceitam acabam por perder seus objetivos e suas esperanças.

Nesse sentido, os heróis surgem como construtores de pontes que impedem as lacunas. Outrossim, o ato de deslocar esse significado o protege desse plano, resguardando ideais culturais que, de acordo com McCracken (2010), podem ser identificados nos ideais de luta. Os *significados deslocados* impulsionaram o heroísmo surdo: os ideais de melhorias e esperanças de conquistas de um povo.

Mesmo os surdos que não participaram das lutas que hoje se concretizaram através da oficialização da Libras e das escolas bilíngues espalhadas pelo país, eles podem ter nos seus heróis/heroínas surdos/as reavivadas e atualizadas a lembrança de que ainda é necessário deslocar o olhar da normativa ouvintista que, continuamente, tenta diminuir os espaços de ação dos surdos, dificultando seu acesso e sua permanência.

Apesar de muito já se ter alcançado, ainda há o que ser feito, em prol do povo surdo. O passado pode ter sido um tempo de vitórias, mas não se deve deixar somente nele o espaço de lutas e de conquistas. Em qualquer período histórico, serão possíveis novas batalhas, sucessos e insucessos. McCracken (2003) defende a ideia de que não existe passado nem futuro áureo: são espaços de construção e cada indivíduo vai compreendê-los à sua maneira.

É comum aprendermos na escola sobre os heróis famosos da história, como alguns dos listados anteriormente. Os surdos os conheceram, em algum momento da sua vida escolar. Contudo, se perguntado a eles, agora, quem foram e o que fizeram, raramente algum deles responderá corretamente. Entretanto, quando se pensa na história da própria comunidade surda, ocorre o reconhecimento de alguns nomes vinculados às vivencias dos surdos de determina região, o que acontece porque a identificação entre surdos é imediata, e diz respeito às mesmas vivências, experiências, barreiras e possibilidades. Nas escolas, se trabalham os heróis nacionais - em sua maioria, ouvintes - mas pouco se fala da história da comunidade surda e de seus feitos heroicos.

No processo educacional, o termo Herói Surdo é pouco - ou nada - explorado, entretanto, se trabalha sua história; assim, quando perguntamos sobre os heróis, o reconhecimento de personagens se relaciona à própria história dos surdos. É importante pensar no reconhecimento dos Heróis Surdos no contexto educacional: por mais que sejam citados nos relatos, ainda existe pouco reconhecimento como tal e, por vezes, dúvidas sobre o conceito. Assim como ocorre em locais como os Estados Unidos, em que o termo é conhecido e divulgado, comprehende-se que o Brasil precisa enriquecer o uso de tal conceito.

Não se trata aqui do fato de que os surdos irão ter heróis como modelos, pretendendo igualá-los. Os heróis/heroínas surdos/as, por possuírem as mesmas características - a experiência visual, a Libras - e experiências cotidianas - a falta de comunicação na família, as barreiras na sociedade, os conflitos entre a língua

majoritária e a Libras - servem como fonte de inspiração e de superação às barreiras que se figuram.

A língua torna-se a maior barreira na comunicação em razão dos surdos serem parte de uma minoria linguística. Ao perceber um herói surdo que conseguiu sobressair-se, mesmo em meio às dificuldades, essa pessoa torna-se alguém com a qual o surdo pode identificar-se. Não se trata de desvalorização de uma cultura em função de outra, pois os heróis nacionais também devem ser reconhecidos como parte da história de seu país pelos surdos, sendo inegável a necessidade de se encontrar heróis que compartilhem da mesma experiência para construir a identificação.

As referidas questões se convertem em marcas sociais, e também se relacionam com a cidadania, com o acirramento dos movimentos sociais e das lutas identitárias dos grupos minoritários. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). As marcas sociais e as lutas pela identidade do povo surdo estão presentes nas narrativas acerca desses heróis/heroínas surdos/as, na intenção de assegurar visibilidade e valorização.

Pesquisar sobre a temática em questão é essencial, já que se trata de significados e ideais que se deslocam no tempo e no espaço, para fazê-los mais fortes e seguros. (MCCRACKEN, 2003). Assim, com os significados e ideais deslocados, as dificuldades e os desapontamentos são desconsiderados e a esperança se mantém. É possível mudar tais significados, quando buscamos uma locação satisfatória no passado. Alguns indivíduos se apegam a feitos e a esperanças criados no passado, para que seu futuro pareça mais acomodativo.

O papel dos Heróis/heroínas surdos/as que tiveram uma trajetória histórica e política importante no rol dos movimentos surdos é imprescindível, já que um passado de feitos pelo povo surdo, ao ser relembrado, preenche a comunidade surda de esperança e de ideais. Por conseguinte,

A estratégia do deslocamento habilitou tanto os indivíduos quanto os grupos a suportar as circunstâncias geradas pela pobreza, pelo racismo, e por todo tipo de status despossuído. Tão importante é o papel do significado deslocado nessas vidas que não é possível renunciar a ele sem dramáticas consequências. Os indivíduos e grupos que desistem de seus significados deslocados são prontamente levados ou ao desespero consumista ou à feroz rebeldia. Contudo, é a medida do terrível poder do significado deslocado que ele consiga permanecer através de gerações de descontentamento, sem que seja desafiado ou sem que se desista dele. (MCCRACKEN, 2003, p.141).

O deslocamento de significados e de ideais, feito tanto pelos indivíduos surdos, como pelo grupo e pela comunidade surda, dá força às lutas políticas surdas. O herói novamente aparece, sendo pioneiro no galgar de espaços e na luta pelos direitos dos surdos. Assim, os interesses surdos não são desmotivados; pelo contrário, são ideais de melhoria, de consolidação do respeito ao surdo que conseguem permanecer nas variadas gerações de surdos.

Canclini (2009, p. 2) também aborda a experiência dos movimentos sociais, principalmente focada na “relação dos direitos à igualdade, mas também em relação aos direitos à diferença. Ademais, especifica a América Latina como berço das redefinições do que se entende por cidadania, não apenas como valor abstrato e, sim, como valor mutável e constantemente construído com práticas e com discursos. Isso inclui a luta pelo reconhecimento de outros como sujeitos de interesses válidos.

No caso dos surdos, os Heróis/heróinas surdos/as preconizaram a luta de interesses envolta na sua comunidade, a busca pelo reconhecimento do ser surdo na diferença, pela valorização de seu idioma materno, além de outros temas pertinentes nos discursos surdos. Esses discursos são aqueles encontrados nas manifestações de surdos em textos escritos e sinalizados, em diferentes espaços – acadêmicos, de luta política ou quando se encontram para partilhas as suas experiências.

A construção desse diálogo entre sujeitos surdos e sociedade é uma construção cidadã, que exige de ambas as partes concessões, negociações e respeito. Relacionando-se com a realidade da América Latina, mais especificamente a Argentina foi a propulsora do desenvolvimento das Associações de Surdos. A partir de então, houve maior entendimento acerca da necessidade dos movimentos surdos - políticos, de luta pelo espaço do ser surdo e pela valorização de seu idioma.

A Associação de Surdos Mudos de Ayuda, localizada na Argentina, gerou, perante outras associações da categoria, uma identificação que serviu como referência para que as lutas de surdos e o posicionamento político dos sujeitos de outras localidades se firmassem. No Rio Grande do Sul, a primeira associação de surdos constituiu-se na cidade de Porto Alegre, a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul – SSRS, um dos locais escolhidos para o desenvolvimento do grupo focal da pesquisa. Na cidade de Pelotas, outro espaço para organização do grupo focal, a associação surgiu com a participação dos surdos desta cidade no V

Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue, em Porto Alegre, no ano de 1999, sendo que a fundação ocorreu no mesmo ano do congresso.

Pode-se perceber que a partir de maior mobilização dos surdos em prol dos seus direitos, da melhor organização das movimentações políticas e sociais em seu benefício, é que começaram a surgir personalidades surdas que se destacaram como líderes, como Heróis/heróinas surdos/as.

Assim, fica o desafio pessoal de valorizar o Herói Surdo, suas histórias, suas mobilizações e suas lutas. Os registros históricos são fundamentais e fazem parte, sobretudo, do patrimônio histórico e cultural popular de surdos. O deslocamento de significados também é essencial, para que se compreendam as motivações e os ideais dessas pessoas, ao encabeçarem os movimentos políticos e culturais surdos.

Feijó (1984) classifica e aponta que existem heróis diversos, como: o herói-mitológico, o herói-épico, o herói-trágico, o herói-cultural, o herói-bandido, o herói-romântico, o herói-problemático, o herói-revolucionário, até o herói sem nenhum caráter. Cabe salientar que, nessa tese, não serão explorados esses tipos de heróis, mas os heróis/heróinas surdos/as nas categorias elencadas e explicitadas detalhadamente durante a pesquisa, a partir da análise dos resultados obtidos.

2.1 HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS OU LÍDERES SURDOS/AS? O QUE HÁ DE DIFERENTE?

Há grande confusão entre os termos herói e líder. Os conceitos são bem semelhantes, porém existe uma diferença crucial: o herói seria um pioneiro, aquele que “defende uma causa que beneficia sua comunidade ou uma nação, lutando assim por igualdade e justiça social.” (LIMA; SANTOS, 2011, p. 03). Os heróis são únicos em seu tempo, mas não são figuras estanques.

Já os líderes, segundo Morais (2013, p. 359), devem reconhecer que as funções de liderança permitem “uma nova geração de gestão, renovada e preparada para trabalhar nas atividades”. Em momentos pontuais dos movimentos “[...] características como reconhecimento e qualidade são muito importantes”. Se os líderes tiverem a compreensão de que hora ou outra deverão ser substituídos e que o reconhecimento da comunidade é essencial para a manutenção da liderança, poderão assumir o que Morais (2013) chama de “espírito da Comunidade”.

A fim de exemplificar a distinção entre os conceitos de heroísmo e de liderança, descreve-se um breve histórico da criação de duas instituições que mudaram a realidade da comunidade surda: a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Nomes de surdos surgiram, mas o que importa são os feitos realizados, cujas histórias pessoais serão relatadas no processo final de produção da tese. Nesse sentido, as instituições surgem como feitos heróicos, realizados por homens e por mulheres que mudaram determinada realidade.

De acordo com as informações que se referem à história da CBDS, no *sítio* da instituição¹⁴, consta que sua fundação garantiu o direito de espaço aos surdos no universo esportivo. Foi o surdo Sentil Dellatorre quem liderou a fundação de uma entidade que organizou exclusivamente a prática de esportes voltados aos surdos. A primeira entidade a surgir foi a Federação Carioca de Surdos Mudos, entretanto, a necessidade de representação nacional no campo esportivo mobilizou os surdos de todo o país e, mais uma vez, Dellatorre esteve à frente do processo:

Então, em 17 de novembro de 1984, no auditório do INES, Sentil Dellatorre convocou uma assembleia na qual fundaram a CBDS, que foi presidida inicialmente por Mário Júlio de Mattos Pimentel e, durante seu mandato (bastante extenso, por sua brilhante atuação), foi adquirida a sede da confederação, em São Paulo. Posteriormente Sentil Dellatorre também presidiu a CBDS, assim como outros presidentes. (CBDS, 2013).

A fundação da instituição que representa os anseios de uma parcela de uma comunidade pode ser considerada como um ato heróico, visto que modifica as estruturas existentes. A partir da existência de uma entidade representativa, outras instituições passaram a reunir os surdos, em diversas regiões do país. A fundação da CBDS sintetizou um marco histórico, e a figura daqueles que a lideraram ficou para sempre na história da comunidade surda. Ao passar do tempo e das necessidades de cada período e espaço, novas lideranças se formaram, cujos sujeitos não necessariamente estão identificados como heróis, mas têm sua liderança reconhecida em momentos específicos.

Em minha dissertação de Mestrado, tratei da fundação da *World Federation of The Deaf* - a Federação Mundial de Surdos (FMS) - em Roma, Itália, criada em 1951, ligada à ONU e à UNESCO e, atualmente, com aproximadamente 108 países

14 Disponível em: <<http://www.cbds.org.br/historia.php>> - Acesso em: 26 jun 2014.

associados. A atuação dos membros da diretoria se concretiza nas viagens pelo mundo para aproximar políticas e viabilizar melhorias para os surdos. (RANGEL, 2004). Atualmente, a sede da organização encontra-se na Finlândia.

O surgimento de entidades representativas, como são as associações, simboliza um marco de mobilização dos surdos, mas é a consolidação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS que passa a mudar a representação dos surdos no cenário nacional.

Em 1977, profissionais ouvintes ligados à área da surdez fundaram a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo (FENEIDA), com sede no Rio de Janeiro/RJ. Anos depois, alguns surdos passaram a se interessar pela entidade, participando de seus encontros e da então recém-fundada Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos. Segundo Klein (1999, p. 44):

Em 1983, um grupo de surdos organiza uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, desenvolvendo um trabalho importante nessa área. O grupo ganha força e legitimidade ao reivindicar, junto à FENEIDA, espaço para seu trabalho, o que foi negado naquele momento. Ao formar uma chapa, o grupo de surdos é vencedor nas eleições para diretoria da entidade, sendo que o primeiro passo foi a reestruturação do Estatuto da entidade, que passou a ser denominada Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Essa mudança foi muito significativa, pois não se referiu apenas a uma troca de nomes, mas a busca de uma nova perspectiva de trabalho e de olhar sobre os surdos.

A mudança na organização da então FENEIDA - e posteriormente, FENEIS - pôde ser vista como ato heroico, por parte daqueles que se empenharam em modificar a visão social: antes vistos como deficientes auditivos e, agora, surdos responsáveis pela escrita da sua história. Clélia Regina Ramos, no artigo *Histórico da FENEIS até o ano de 1988*, escrito para editora Arara Azul, redige:

No primeiro parágrafo do relatório da FENEIS, em seu segundo ano de funcionamento (1988), com palavras da então presidente Ana Regina e Souza Campello, podemos encontrar o que pode ser considerado como o “resumo” da situação da comunidade surda brasileira na época: “Consideramos da maior importância as colaborações que recebemos e queremos continuar recebendo das pessoas que ouvem. Mas consideramos também que devemos assumir a liderança de nossos problemas de forma direta e decisiva a despeito das dificuldades que possam existir relacionadas à comunicação.” (RAMOS, s/d, p.06)

Se considerarmos que a criação da FENEIS pode ser compreendida como um fato histórico e heroico, caberia esclarecer que a liderança surda passa a ser visualizada nas ações daquele período, mas que se modificou pelo surgimento de

novos líderes que passaram a lutar pelas necessidades da comunidade surda, em diferentes períodos, influenciando outras gerações.

O líder surdo pode ser um herói capaz de estimular outros surdos a assumir a liderança. Aquele que consegue ultrapassar primeiramente a barreira de um espaço, pode se tornar um herói para outros que desejam percorrer aquele mesmo caminho. Nem todos os heróis/heroínas surdos/as foram líderes surdos um dia, mas, um líder surdo pode se tornar um herói. Não há uma regra. Assim, a partir das primeiras aproximações realizadas até o momento na pesquisa, é possível dizer que para a comunidade surda é considerado importante que a pessoa surda tenha o ideal da língua, enfrente barreiras a serem transpostas e encare a situação com a coragem suficiente para não desistir da luta e alcançar o que tanto pretende.

Para Morais (2013, p. 358-359), o líder surdo deve ser:

[...] membro ativo da Comunidade Surda; Utilizar a Língua Gestual pura e natural; Reconhecer seus direitos e deveres; Envolver-se na política em geral; Apresentar uma forma de comunicação e sabedoria; Ter acesso às oportunidades de educação.

Os exemplos de líderes surgem em diferentes espaços, visto que representantes da comunidade surda assumem o papel para lutar por um ideal da comunidade e seus feitos - pontuais – nem sempre chegam a tomar grandes dimensões, além de seu tempo.

Na intenção de refletir sobre os heróis/heroínas surdos/as, retomam-se os exemplos do filme *Dummy Hoy: Um Herói Surdo* e do já citado livro *Mamadu*. No caso do filme, o jogador de beisebol é considerado herói não pelo fato de ser surdo, mas por apresentar a língua de sinais à sociedade. Ao cruzar a fronteira da comunidade surda, conquistou respeito e reconhecimento para além de seus usuários e o time, ao aprender os sinais quando passou a utilizá-los como estratégia para os jogos. Mamadu é outro exemplo de heroísmo: saiu de Guiné-Bissau para estudar em Portugal e volta para sua comunidade para criar uma escola para surdos. Novamente, um feito heroico muda a vida de uma comunidade: no caso de Mamadu, ele foi o responsável pela mudança de vida de outros surdos.

Há uma ideia de que todos os surdos são heróis, por conviverem em um mundo predominantemente ouvinte. Entretanto, o heroísmo, de maneira geral, pressupõe a realização de algum feito importante à comunidade. O feito está relacionado ao contexto em que o indivíduo viveu, e o feito não está relacionado

somente às atitudes de sucesso. Por exemplo, os surdos que participaram do Congresso de Milão em 1880: a participação deles não obteve sucesso imediato para comunidade surda, mas após anos de proibição da língua de sinais desencadeou-se uma série de pesquisas que garantiu a ela o status linguístico em 1960¹⁵.

Nesse capítulo, tentou-se conceituar os diversos modelos de heróis construídos ao longo da história da humanidade e possibilitar a aproximação inicial dos heróis/heroínas surdos/as, estabelecendo a diferença entre eles e os líderes surdos.

No capítulo seguinte, delineiam-se os aspectos metodológicos para o desenvolvimento da tese e os caminhos que foram percorridos em busca das representações sobre heróis que circulam na comunidade surda e quem são os sujeitos considerados como tais.

¹⁵ Conforme Quadros e Karnopp (2004) o trabalho de Stokoe, nos anos de 1960, representou o primeiro passo em relação aos estudos das línguas de sinais. Sobre o autor, Frydrych (2013), complementa que por ser o pioneiro no estudo sobre as línguas de sinais e seu trabalho influenciar outros linguistas e pesquisadores, “é que Stokoe torna-se um autor fundamental para qualquer linguista que se interesse pelo estudo das línguas de sinais.” (FRYDRYCH, 2013, p. 12).

3 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

A construção dessa tese baseou-se na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, que segundo Silva (2005, p. 20), “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. O desenvolvimento dessa tese se inscreve na busca pelas representações que circulam na comunidade surda sobre os heróis/heroínas surdos/as – mais especificamente, em comunidades surdas de duas cidades do Rio Grande do Sul, e para isso, a metodologia escolhida foi a de construção de grupos focais. A escolha pelo uso dessa metodologia se justifica pela possibilidade de “compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos acerca de um tema específico.” (VEIGA; GONDIM, 2001, p.08). A autora Maria Cláudia Dal'Igna (2012, p. 204), afirma que o grupo focal é uma técnica que permite o diálogo entre as ideias consensuais e contrárias, e mesmo diferente da técnica de entrevistas individuais ou coletivas, o grupo focal possibilita “produzir um material empírico a partir do qual se pode analisar diálogos sobre determinados temas e não falas isoladas”.

Durante a realização da pesquisa, o objetivo de compreender as representações sobre o heroísmo surdo foi parte do trabalho de valorização dos elementos culturais da comunidade surda. Tomo como referência Hall (1997, p. 20), quando relaciona cultura, linguagem e representação:

Ahora puedes entender fácilmente por qué sentido, lenguaje y representación son elementos tan críticos en el estudio de la cultura. Pertener a una cultura es pertenecer [a] aproximadamente al mismo universo conceptual y lingüístico, es saber cómo los conceptos e ideas se traducen a diferentes lenguajes, y cómo el lenguaje refiere, o hace referencia al mundo. Compartir estas cosas es ver el mundo desde dentro del mismo mapa conceptual y dar sentido al mismo mediante el mismo sistema de lenguaje.

A metodologia de grupo focal se preocupa com a possibilidade de apresentação das inúmeras formas de pensar sobre um determinado tema em questão e que nesta tese se refere ao heroísmo surdo. As representações sobre o heroísmo surdo são produzidas nos espaços da comunidade a partir dos sentidos compartilhados na cultura surda.

Na fase inicial da pesquisa, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, questionamentos foram publicados no *Facebook* como *post* - uma postagem pública, como se verifica na figura abaixo - ou seja, todos os meus contatos da rede social puderam visualizar as perguntas e aqueles que desejassem participar poderiam efetuar comentários que respondessem aos questionamentos. Também optei pelo uso do correio eletrônico. Para o envio das perguntas por *e-mail*, selecionei os contatos de maior aproximação pessoal - em um total de dez pessoas - em razão da atuação que as mesmas têm na comunidade surda.



Figura 4 - Postagem no *Facebook*.

Fonte: <https://www.facebook.com/gisele.rangel>.

Na rede social, quarenta e uma¹⁶ pessoas comentaram sobre o questionamento. Surdos e ouvintes, membros ou não da comunidade surda, de diferentes formações acadêmicas e áreas de atuação, essas pessoas apresentaram seu ponto de vista sobre a temática. Muitas colocações não trataram acerca da temática do heroísmo surdo e também foram constatadas confusões sobre os temas pertinentes a herói e a líder. Dos dez *e-mails* enviados, recebi o retorno de oito: desses, cinco pessoas são surdas e três são ouvintes.

Assim como descrito anteriormente, as pessoas que responderam, por escrito, aos questionamentos enviados por *e-mail* são, em sua maioria, membros atuantes da comunidade surda: cinco dos participantes desenvolvem atividades em escolas ou em pesquisas que versam sobre a educação dos surdos. Os outros três participantes são surdos que desenvolvem atividades em áreas fora da educacional, mas possuem participação ativa na comunidade surda.

¹⁶ O número de quarenta e uma pessoas foi verificado na data de 03 mai 2016. Após essa data, optei por não considerar novas postagens, por questões de encaminhamento da finalização da tese.

A partir da coleta dos dados nas redes sociais e por e-mail, percebi a insuficiência de informações e a necessidade de produção de outros dados junto às associações de surdos, através de grupos focais, que serão descritos na seção seguinte.

3.1 GRUPOS FOCAIS: BUSCANDO DADOS NA COMUNIDADE

A pesquisa se concentra nas representações de heroísmo surdo que circulam na comunidade surda. Para a produção dos dados, busquei me aproximar de espaços em que a comunidade surda está organizada – ou seja – nas associações. No Rio Grande do Sul, há várias associações de surdos, em diversas cidades, tais como: Esteio, Santa Maria, Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Pelotas, Porto Alegre, Passo Fundo e outras cidades. Mas, para o seguimento da tese, foi preciso fazer um recorte, através da escolha de algumas entre todas as associações do estado. Para tanto, a construção dos grupos focais aconteceu nas associações de surdos nas cidades de Porto Alegre¹⁷ e Pelotas¹⁸, ambas com movimentos políticos e sociais articulados em defesa da comunidade surda.

Tenho proximidade com a comunidade e sou participante da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul – SSRS e, mesmo não mantendo vínculos mais próximos com todos os sócios, conheço o funcionamento da instituição. A escolha pela realização da atividade de Grupo Focal na SSRS se deu pela relação com os dirigentes da associação, a relação facilitou o acesso e a possibilidade de utilizar o espaço para a realização da coleta de dados.

A SSRS tem desempenhado um papel marcante na história da política surda do Rio Grande do Sul. Trago, aqui, uma breve história relativa ao surgimento desta associação. Antigos estudantes do nosso estado realizaram seus estudos no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro; finalizados os estudos, esses estudantes retornaram para a capital gaúcha e divulgaram os conhecimentos da língua e da própria experiência surda. Entre esses alunos,

¹⁷ A escolha pela cidade de Porto Alegre relaciona-se com a residência na cidade e convívio na comunidade surda; estou associada à Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS) há mais de três décadas.

¹⁸ Morei na cidade de Pelotas durante três anos, período em que me associei a Associação local e iniciei o doutorado na UFPel. No ano de 2014 retornei à cidade de Porto Alegre, mas a relação com a cidade de Pelotas já estava consolidada e o caminho Porto Alegre – Pelotas tem sido parte da minha vida nos últimos anos.

estavam aqueles que apoiaram Salomão Watnick, fundador de primeira associação de surdos em Porto Alegre. Anos mais tarde, a instituição transformou-se na SSRS, liderada por Levy Wengrover, que obteve várias conquistas para a comunidade surda gaúcha. Sobre estes momentos da história destaco parte da minha dissertação de mestrado:

Para sua surpresa encontrou um surdo que havia estudado com ele no INES e conversaram muito. Francisco perguntou-lhe se havia Associação de Surdos aqui e a resposta foi negativa. Então, Francisco perguntou quem era o líder dos surdos e estes lhe apresentaram o Salomão, junto com o David, que, foi o primeiro professor surdo do Rio Grande do Sul. (...) Francisco reuniu-se com esse grupo e explicou como funcionava uma Associação de Surdos e sua importância para a comunidade. Salomão interessou-se e fundaram a Associação de Surdos-mudos do Rio Grande do Sul em 5 de outubro de 1955, com a diretoria composta só por surdos. A sede funcionava em uma sala improvisada na casa dos sogros de Salomão. E posteriormente, mudou-se para a casa dele construída pela mãe dele onde ele morava junto com sua esposa. (RANGEL, 2004, p. 64-66)

No ano de 1996, instalou-se uma sede regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos na cidade de Porto Alegre, cuja matriz da FENEIS ainda está localizada na cidade do Rio de Janeiro. Assim, surgiu a nossa FENEIS-RS, que colaborou para inúmeras atividades políticas em nosso estado. Entre elas, destaca-se a sanção pelo governo estadual da Lei de Libras - Lei 11.405, de 31 de dezembro de 1999. Ambos os espaços – SSRS e FENEIS-RS congregam surdos que se encontram para compartilhar suas experiências e lutar por garantia de direitos.

Realizar o segundo Grupo Focal na Associação de Surdos de Pelotas – ASP, deve-se à proximidade com a comunidade surda e com dirigentes “aspianos”, como se denominam os surdos em um grupo fechado da ASP no *Facebook*, o que facilitou a realização do grupo focal. A comunidade “aspiana” recebeu muito bem a ideia de participação em uma pesquisa acadêmica, mas o desenvolvimento de outras atividades durante a realização do Grupo Focal, no espaço da associação, interferiu um pouco na atenção dos participantes.

Além da proximidade com a equipe dirigente da ASP, aspectos que orientam a escolha da cidade de Pelotas levam em consideração a atuação de líderes surdos pelotenses que participaram do V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre em 1999. A experiência no referido congresso colaborou para a criação, no mesmo ano, da primeira associação de

surdos em Pelotas. Alguns surdos frequentaram os cursos de formação de instrutores de Libras¹⁹ realizados pela FENEIS – RS, e hoje, observa-se um número significativo de surdos nas universidades, atuando como docentes e realizando seus estudos na graduação e na pós-graduação. Na área das atividades desportivas, a associação estimula os atletas, mantendo-se vinculada à Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Sul.

A partir de leituras sobre a metodologia de grupo focal, foi evidenciada a necessidade de o espaço escolhido ser de conhecimento dos participantes, e mais:

A escolha do local de realização das sessões do grupo focal tem fundamental importância na adesão dos participantes, portanto é preciso estabelecer um ambiente propício às interações. Este ambiente deve isolar ou diminuir as interferências ambientais como: toques de telefone, chamadas de pessoas e interrupções. Uma das características desta escolha pauta-se nos sujeitos da pesquisa, pois o local deve ser o mais neutro possível, evitando-se espaços que possam trazer conflitos ideológicos, religiosos e culturais. (MAZZA; MELO; CHIESA, 2009, p.187)

Escolhido o espaço, foram realizados os convites aos sujeitos que estavam presentes na associação e dispostos a participar das atividades. Expliquei de forma sucinta o que ocorreria nos encontros, da necessidade do comprometimento com a atividade, e foram realizadas a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE²⁰ em língua portuguesa (versão escrita) e em Libras, primeiramente sinalizada por mim, na ocasião, e posteriormente filmado e reapresentado para que não houvesse dúvidas quanto ao termo.

As filmagens dos encontros dos grupos focais ocorreram nas associações de surdos, realizadas por um colaborador voluntário e, posteriormente, foram traduzidas da língua de sinais para a língua portuguesa escrita, com a colaboração de tradutora intérprete de Libras/Português. Para a transcrição deste denso material, utilizou-se da estratégia de demarcação do tempo das filmagens (hora:minuto:segundo) para a melhor localização dos excertos apresentados no corpo da tese.

¹⁹ Os cursos de instrutores de Libras foram implementados pelo FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador, ligado ao Ministério do Trabalho. Nos vários cursos realizados, além de instrutores de Libras, foram certificados intérpretes e outros profissionais.

²⁰Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE encontra-se nos Apêndices.

3.1.1 Organização do Grupo Focal em Porto Alegre

Todos os passos do grupo focal na cidade de Porto Alegre foram realizados entre o final do mês de junho e início de julho de 2015. A primeira atividade de convite para participar da pesquisa ocorreu na noite do dia 19 de junho, na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS). Como a atividade é frequente das sextas-feiras à noite, encontravam-se na SSRS surdos de diferentes faixas etárias, aposentados, trabalhadores, enfim, surdos com diferentes atuações em nossa sociedade. A presidente da época solicitou a atenção dos presentes para passar alguns informes da SSRS, quando aproveitei a oportunidade e pedi a palavra. De maneira sucinta foi explicado sobre a realização da pesquisa de doutorado e da necessidade de voluntários, um número entre 10 ou 12 pessoas, para participar da minha pesquisa. As informações mais detalhadas sobre as atividades seriam dadas ao grupo que se dispusesse a participar, em um espaço reservado. Assim, segui recomendações sobre a organização do grupo focal:

O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. O grupo deve ser composto de 7 a 12 pessoas. As pessoas são convidadas para participar da discussão sobre determinado assunto. (GOMES; BARBOSA, 1999, p. 01)

Para essa conversa sobre mais detalhes do que se tratava a pesquisa, surgiram 15 voluntários. Quando expliquei que seriam necessários outros encontros, alguns desistiram, e o grupo focal ficou em 12 participantes. Expliquei que a participação era voluntária, mas que ocorreriam no mínimo dois encontros na SSRS: o primeiro já ocorreria no sábado dia 20 de junho, no turno da tarde. Mesmo sendo voluntários, deixei claro da importância da participação e comprometimento com o grupo. Tratei de explicar sobre o tema de pesquisa, apresentando o título da pesquisa, mas sem maiores detalhes, e assim ficou combinado nosso primeiro encontro.

No dia 20 de junho de 2015 nos reunimos na sala da direção da SSRS, tínhamos disponível uma mesa longa onde os participantes sentaram frente a frente. Todas as atividades desse dia e do segundo encontro foram filmadas com a autorização dos participantes.

Iniciei explicando novamente que a atividade estava relacionada à pesquisa de doutorado. Colei na parede um pequeno cartaz com a palavra HERÓI e pedi para

que cada um falasse o que entendia sobre essa palavra, de maneira geral. Todos participaram; aqueles que estavam tímidos foram questionados para que também participassem. O grupo era bem diversificado e as opiniões foram diferentes; isso, em alguns momentos, fez com que participantes do grupo demonstrassem expressões de desacordo, e tratei de esclarecer sobre a importância da opinião de cada um e da riqueza que a diversidade de opiniões produz. Percebi a ausência de surdos envolvidos no meio acadêmico dentro da SSRS, não somente na atividade que propus, mas em diversas outras atividades.

De maneira geral, os surdos relacionaram o termo herói às suas experiências, sejam religiosas, familiares, ou na vivencia da comunidade surda. Sobre essas impressões, será necessário um olhar atento durante as análises que pretendo apresentar nos próximos capítulos. Ao final deste encontro, ficou combinada a data do próximo, e que cada um pudesse trazer imagens que retratassem o heroísmo surdo segundo sua opinião.

O segundo encontro ocorreu no dia 03 de julho de 2015. Alguns surdos levaram imagens, assim como havia sido solicitado, para a atividade do grupo focal. Também levei algumas imagens²¹ que havia selecionado da minha dissertação²² e na internet, todas relacionadas aos termos: herói surdo, movimento surdo, FENEIS, associações. Os participantes foram escolhendo as imagens que conheciam, colavam na parede e explicavam; outros complementavam a fala dos colegas, entretanto, das imagens que selecionei relacionadas à história dos surdos no Rio Grande do Sul e no Brasil, poucos daqueles personagens nelas presentes foram reconhecidos como sujeitos de marcas heroicas pelos surdos que ali estavam. A identificação dos heróis pela comunidade será tema dos próximos capítulos.

3.1.2 Organização do Grupo Focal em Pelotas

Diferente da organização da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, onde ocorrem atividades nas sextas, sábados e domingos, a Associação de Surdos de Pelotas (ASP) não fica aberta para livre circulação em todos os horários e, normalmente, os surdos se reúnem em razão de alguma

21 As imagens disponibilizadas encontram-se no Apêndice 02. As imagens apresentadas na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul são as mesmas apresentadas para os surdos na Associação dos Surdos de Pelotas.

22 Os dados da dissertação já foram mencionados no capítulo introdutório da tese.

atividade específica. A ASP funciona dentro da Escola Especial para Surdos Professor Alfredo Dub, e por essa razão, existe um cuidado com a utilização do espaço da associação. Nesse sentido, para realizar a primeira atividade de convite aos participantes foi necessário entrar em contato com a presidente da associação para informar aos surdos que em determinada data ocorreria uma atividade na ASP.

Quando conversei com a presidente, pedi para que ela não informasse sobre a minha presença na associação, nem que se tratava de uma atividade de pesquisa, tão pouco que escolhesse pessoas para participar da atividade. A presidente aproveitou a proximidade do aniversário da ASP para convidar os surdos a comparecerem na associação, e assim eles o fizeram.

No dia 25 de julho de 2015, os surdos se encontraram na associação. Em razão da minha passagem por Pelotas entre os anos de 2011 e 2014, também sou associada à ASP e assim, encontrei os amigos e pedi a colaboração da presidência para informar sobre a atividade que ocorreria. Expliquei para os presentes sobre meus estudos no doutorado na Universidade Federal de Pelotas e da necessidade da participação de alguns deles para o desenvolvimento da pesquisa. Tratei do caráter voluntário e da não obrigatoriedade em participar da atividade proposta para ocorrer ainda naquela tarde. Dos presentes, 13 pessoas se mostraram interessados em participar. Assim como havia realizado em Porto Alegre, no momento do convite não dei maiores detalhes sobre o que tratava a pesquisa para não influenciar na participação e na opinião de cada participante. Entretanto, diferente da estrutura física da SSRS, onde foi necessário realizar a atividade com o grupo em uma sala fechada, na ASP realizamos as atividades em espaço aberto. Alguns surdos que optaram em não participar ficaram sentados observando as discussões, enquanto outros trabalhavam em obras da associação.

Sinto que no desenvolvimento da atividade do grupo focal em Pelotas estava mais segura e tranquila. A experiência de Porto Alegre me ajudou a organizar melhor o desenvolvimento da proposta de trabalho para aquela tarde. Iniciei a conversa com os participantes questionando sobre o que pensavam ao se depararem com o termo HERÓI. As respostas sobre o termo se vincularam ao entendimento de heroísmo como um episódio de luta, e o mesmo se aproximou dos significados sobre o Herói Surdo, entre outras características que serão abordadas nas análises das representações.

Um fato que chamou a atenção no desenrolar da atividade foi a pouca participação dos sujeitos. A maioria precisou ser provocada para apresentar a sua opinião. Em Pelotas a participação dos surdos envolvidos no meio acadêmico foi mais aparente do que na cidade de Porto Alegre. Sobre a presença dos surdos envolvidos com o meio acadêmico, observei que, de certa forma, alguns participantes tinham receio em imprimir sua opinião com medo de cometer algum erro. Expliquei que a pesquisa se interessa em saber o que a comunidade pensa, o que eles tinham a dizer e que não existe certo ou errado, pois o que me interessava era opinião de cada participante. Ao final da atividade, marcamos nosso próximo encontro, a ideia era que ele pudesse ocorrer no dia seguinte, mas isso não foi possível, e então agendamos para a outra semana, e assim como na SSRS, pedi que os participantes trouxessem imagens acerca do que consideravam Herói Surdo.

O segundo encontro ocorreu no dia 02 de agosto de 2015, nas dependências da ASP. Para minha surpresa, o grupo de 13 pessoas do primeiro encontro agora estava reduzido ao número de 8 pessoas. Mesmo assim, as atividades previstas para o segundo encontro foram mantidas. A maioria dos participantes não levou nenhuma imagem, como havia sido solicitado ao final do primeiro encontro; na realidade, um único participante apresentou uma imagem em seu *tablet* e posteriormente me encaminhou por e-mail. Foram disponibilizadas as mesmas imagens que eu havia selecionado para o grupo focal realizado na SSRS, que assim como destacado, encontram-se no Apêndice 02. As imagens foram dispostas em uma mesa e selecionadas pelos participantes do grupo focal (as imagens destacadas pelos participantes da ASP encontram-se no Apêndice 03). Entretanto, ocorreu uma interação muito maior entre os participantes e as imagens que expus a eles. Os surdos escolheram inúmeras imagens, que serão apresentadas no capítulo de análise, que apresentavam surdos ligados ao mundo da moda e beleza, imagens que tratavam de aspectos religiosos, lazer e imagem de grupos da terceira idade.

3.1.3 Caracterização dos Participantes dos Grupos Focais

A tese desenvolvida parte da perspectiva de estudos qualitativos dos dados, entretanto, para compreender de onde falam os sujeitos que participaram dos grupos focais, considero que seja necessário apresentar as características dos

surdos que estavam presentes nos grupos nas cidades de Porto Alegre e Pelotas, com o cuidado de não apresentar características específicas que os identifiquem.

a) Grupo Focal de Porto Alegre

Nas atividades desenvolvidas na Sociedade de Surdos de Porto Alegre participaram dos encontros 12 surdos, dentre eles quatro eram mulheres e oito homens. O participante mais jovem tinha 19 anos, outros dois na faixa dos 30 anos e os demais encontram-se na faixa dos 60 anos de idade. Sobre a escolaridade dos participantes, apenas um deles tem o ensino superior completo e está realizando mestrado, alguns participantes possuem formação média ou fundamental, e três possuem o ensino fundamental incompleto. O espaço de escolarização frequentado pelos participantes da cidade Porto Alegre, em sua maioria, foi o de escolas de surdos, seja na cidade de Porto Alegre ou da região metropolitana; do grupo de participantes, três frequentaram escolas inclusivas e escolas de surdos, em períodos alternados da sua formação.

Os aspectos relacionados à experiência na associação de surdos são que: todos são membros ativos, associados e frequentadores da SSRS semanalmente. Todos os participantes utilizam a língua de sinais como forma de comunicação e cinco deles têm filhos surdos. Mesmo com a imersão na comunidade surda, e parte deles tendo sido estudantes de escolas de surdos, são poucos os elementos que conseguiram interligar com os eventos da comunidade surda gaúcha. A questão da dificuldade em remeter-se à história de sua comunidade é um dos elementos que reforça o interesse pela pesquisa e a necessidade de levar a temática do heroísmo surdo para o espaço escolar.

A atuação profissional dos participantes, em sua maioria, em razão da idade, é de aposentado. Apenas um surdo atua na área da educação. Entre os demais participantes e no grupo de aposentados, não foi registrado nenhum tipo de atuação na área de ensino. Os surdos são de diversos estados brasileiros, como Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro, mesmo vivendo na cidade de Porto Alegre. A vinda para a cidade de Porto Alegre, segundo os próprios participantes, deve-se à existência de escolas para surdos onde seus filhos, também surdos, poderiam estudar.

b) Grupo Focal de Pelotas

Na cidade de Pelotas, participaram das atividades do grupo focal 13 surdos, dez mulheres e três homens; a faixa etária dos participantes é de 19 a 45 anos, todos membros da Associação de Surdos de Pelotas. Os participantes, com exceção de um deles, são nascidos na cidade de Pelotas, diferente dos surdos participantes do grupo focal em Porto Alegre, cujos integrantes vieram para o estado em busca de escolas para si e seus filhos.

Parte dos surdos estudou na Escola Especial para Surdos Professor Alfredo Dub durante o ensino fundamental; a realização do ensino médio ocorreu na Escola Municipal Pelotense, escola de inclusão com intérpretes para receber os alunos surdos. Nos aspectos referentes à escolaridade dos participantes, seis possuem ensino superior completo, três com especialização e outros dois doutorandos; os demais participantes possuem formação média completa ou fundamental incompleto.

A atuação profissional dos participantes do grupo focal de Pelotas, em parte, está relacionada à educação. Alguns surdos são graduados em Letras-Líbras e atuam no ensino superior, ou já atuaram na Escola Especial para Surdos Professor Alfredo Dub. No total, cinco participantes são professores universitários e os demais atuam em diversas áreas não vinculadas à educação.

Nesse capítulo, apresentei as questões metodológicas da produção de dados para a pesquisa. Iniciei explicitando como foi a divulgação de perguntas pelo Facebook e o encaminhamento de e-mails, seguindo com a realização de grupos focais nas cidades de Porto Alegre e Pelotas. A partir dos dados, percebi diferentes maneiras de tratar sobre o heroísmo na comunidade surda gaúcha pelas diferentes experiências de cada participante. No capítulo seguinte, tratarei de analisar as representações do heroísmo surdo pela comunidade surda, produzidos nas distintas etapas da investigação.

4 REPRESENTAÇÕES DE HERÓIS/HEROÍNAS E DE HEROÍSMO NA COMUNIDADE SURDA GAÚCHA

O presente capítulo apresentará questões teóricas sobre o conceito de representação na perspectiva dos Estudos Culturais. A partir dos comentários dos participantes do *Facebook*, e-mails e grupos focais, analisarei como o heroísmo é representado pelos participantes nos diferentes espaços de produção de dados. Nesta seção analiso, ainda, como é representado o heroísmo surdo a partir de dois personagens de histórias de ficção, um personagem das histórias em quadrinho, o *Blue Ear*, e outro personagem chamado *SuperDeafy*, que circula com vídeos nas redes sociais e internet, cada qual com suas especificidades.

Para a análise dos dados produzidos nesta pesquisa, serão utilizadas as análises culturais pressupostas por Wortmann (2002), que examinam as representações culturais com intenção de ver que "[...] histórias têm sido narradas sobre tais temas nessas produções culturais [...]" (WORTMANN, 2002, p. 80). A opção por seguir nessa linha se dá pelo fato de que as análises culturais estabelecem uma relação entre linguagem, representação, produção de significados e discursos na centralidade da cultura. Para tal, a autora toma como referência as discussões realizadas por Stuart Hall, principalmente em suas publicações do final da década dos 90 do século XX.

Assim, pelo fato de trabalhar com a comunidade surda que partilha uma língua e, com ela, representações e discursos que os tornam membros de uma cultura, entende-se que tal abordagem dos dados possa ajudar a analisar como os discursos os heróis/heróinas surdos/as e os heroísmos são construídos socialmente e discursivamente nessa comunidade.

Para Wortmann (2002, p. 81), inspirando-se nos escritos de Hall, as análises culturais "não atentam para aspectos estritamente linguísticos", logo, formam o desenvolvimento da presente pesquisa de Doutorado que irá, através das análises, *garimpar* (expressão utilizada pela autora) os significados na construção discursiva dos heróis/heróinas surdos/as para a referida comunidade. E assim, na busca desses significados, outros significados surgem e novas histórias vão sendo contadas e construídas. Nessa direção, Hall (1997, p. 27) afirma que:

El discurso, decía Foucault, nunca consiste en una aserción, un texto, una acción o una fuente. El mismo discurso, característico de un modo de pensar o de un estado del conocimiento e nun determinado tiempo (lo que Foucault llamaba el episteme), aparecerá a través de un rango de textos, y como una forma de conducta, en un número de diferentes sitios institucionales dentro de la sociedad.

A partir da descrição do conceito de discurso supra, pretende-se desenvolver as análises dos grupos focais. O objetivo da pesquisa não é analisar o discurso a partir dos elementos linguísticos ali presentes, mas verificar o que o conjunto dos discursos diz sobre os heróis/heroínas surdos/as. Larrosa (1994, p. 66) também ressalta que "o discurso, que tem seu próprio modo de existência, sua própria lógica, suas próprias regras, suas próprias determinações, faz ver, encaixa com o visível, e o solidifica ou dilui, concentra-o ou dispersa-o".

Wortmann (2002, p. 86) pondera que "os discursos exercem ações construtivas - tanto em formações sociais mais amplas quanto em espaços e usos locais - atuando como forças históricas". Por isso, analisando-se os efeitos dos discursos dos surdos sobre os heróis/heroínas surdos/as e seus significados, pode-se também compreender que tal construção tanto é discursiva, quanto histórica.

Para realizar a busca dos significados dos heróis e do heroísmo surdo na comunidade surda, parte-se da compreensão do conceito de representação trabalhado por Hall (1997), como já referido e reafirmado no texto de Santi e Santi (2008, p.2):

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Os surdos comprehendem a sua história a partir de experiências pessoais que se misturam à construção de toda a comunidade. Os significados de Herói Surdo serão apresentados a partir de experiências de suas vivências cotidianas. Para construção da tese, a coleta desses significados tende a produzir as representações de herói e do heroísmo surdo que emerge da comunidade surda. Assim como afirma Silveira (2008, p. 05):

As representações são importantes porque quando são muito repetidas acabam se tornando verdade. Nos Estudos Culturais, não examinamos a verdade das representações, mas comparamos as diferentes representações e os conceitos que elas constroem. Costuma-se dizer que as representações constituem verdades.

A representação é um processo de produção de significados que ocorre no intercâmbio entre os sujeitos de determinada cultura de uma comunidade. Para a presente tese, a construção dos Grupos Focais desenvolveu-se na intenção de elencar as representações presentes na comunidade surda gaúcha e para tal atividade de pesquisa foram elencadas as associações de surdos da cidade de Porto Alegre e Pelotas, como já apresentado em capítulo anterior.

Na produção dessas verdades sobre os heróis e o heroísmo surdo, muitos significados circulam na comunidade surda e, a partir da minha experiência, penso que o heroísmo é parte das construções dos sujeitos da comunidade, e a partir das representações e do diálogo é que passamos a atribuir significados sobre o tema.

O trabalho com os grupos focais, as respostas recebidas por e-mail e comentários da *Facebook*, todos em anexo nessa tese, contam das experiências dos participantes em relação a temática. As representações são parte das suas vivencias e conhecimentos sobre a comunidade surda, sendo necessária a repetição das representações para que se atribua a elas o efeito de verdade para a comunidade. O conceito de representação, como trabalhou Silva (2010b), possibilita uma série de significados; destaca-se entre eles a necessidade de apreendê-lo o mais fielmente possível, no sentido de tornar o “real” presente, por meio de sistemas de significação. Esse sistema de significação, como será apresentado nas análises, é uma forma de atribuição de sentido ao termo: Heróis e Heroísmo Surdo.

O Heroísmo Surdo foi bastante debatido durante as atividades de grupo focal. Tanto na SSRS quanto na ASP, foram diversas as representações sobre o tema, possibilitando o recorte dessas recorrências. Não existe um significado pronto do que seria o conceito de herói e de heroísmo na comunidade, mas sim, circulam diferentes significados. Muitas sinalizações foram estimuladas em razão da metodologia escolhida, ao compartilharem os momentos de encontro do grupo focal, puderam acessar suas memórias e sinalizar sobre os significados construídos ao longo das suas vidas.

Uma observação interessante trata da constituição das representações: neste processo, os participantes associaram o conceito de heróis e heroísmo a

personalidades que julgavam importantes pela atuação na comunidade. Os personagens destacados como heróis foram aqueles que tiveram papel de importância de liderança, ou pioneiros em atividades políticas e que se destacam pela “fama”, com grande visibilidade na comunidade. Um aspecto que merece atenção, e será tratado nas seções que apresentam as análises dos dados produzidos na tese, é a Língua de Sinais. A Língua de Sinais foi tratada como elemento heroico que possibilitou, aos surdos que participaram da atividade, acesso ao conhecimento, acesso à sua identidade, acesso à comunidade.

4.1 HERÓIS/HEROÍNAS E HEROÍSMO SURDO: QUE REPRESENTAÇÕES CIRCULAM NA COMUNIDADE?

Para ser considerado herói, conforme Feijó (1984) - já apresentado no capítulo 2, é necessário atender a alguns requisitos, que também são descritos por Elí Fabris, quando analisa o cinema como uma pedagogia cultural e apresenta uma descrição dos heróis dentro das produções hollywoodianas. Segundo a autora:

A cultura descreve o herói como um semideus, que na mitologia é identificado como um ser imortal descendente da ligação de um/a mortal com uma divindade (deus ou deusa). Herói é um homem dotado de características específicas e ao qual se atribui poder extraordinários pelos seus feitos guerreiros, seu valor, sua bondade, etc. (FABRIS, 2001, p.03)

As diferentes culturas constroem os significados sobre os heróis e o heroísmo a partir do que a autora identifica como “marcas”. Dessa forma, a construção dos significados de heroísmo para a comunidade surda leva em consideração as vivencias desses sujeitos na sua comunidade, na sua cultura. Os acontecimentos vivenciados pelos integrantes da comunidade surda são semelhantes e compartilhados, ou seja, as experiências dos surdos em diferentes contextos como nas escolas – de surdos ou inclusivas – ou em contextos da comunidade surda ou na sociedade em geral, assemelham-se. E essas vivências, dentro da história da comunidade surda gaúcha, influenciaram os sujeitos na construção de significados sobre suas vidas.

Analisando os dados produzidos a partir dos comentários do *Facebook*, das respostas de e-mails e nos grupos focais, pude verificar que as representações do

heroísmo na comunidade surda parte da ideia de idealismo, como um ato de sacrifício e dedicação.

A construção do heroísmo não acontece de uma hora para outra, segundo os comentários da comunidade surda participante da pesquisa, a construção do heroísmo passa pelo sacrifício. O sacrifício é descrito como a capacidade de suportar as dificuldades na luta pelo que ele acredita, até alcançar os objetivos traçados, conforme excerto a seguir:

[...] Herói é quem se sacrificaria pelo bem ou mal para próprio pessoal ou outros. (FB 4)

Nesse caminho, a luta dos heróis parte de um idealismo, algo que faça sentido para o envolvimento deles em determinado espaço:

[...] Entendo heróis/heróinas aqueles que têm um idealismo e sonho em defesa da sua comunidade. (FB 5)

[...] sofrem e um dia conseguem de tanto lutar, isto é heroísmo! (SSRS 12 – I Encontro)

[...] o herói se esforça, ele tem vontade de conseguir e luta muito por isso, ele quer resolver [...] (ASP 11 – I Encontro)

[...] Herói não significa mostrar a sua fama e sim uma pessoa que lutou muito com muita humildade e quando morrer, as pessoas vão lembrar sempre [...] (FB 8)

Essas características descritas – sacrifício, idealismo e luta –, para a comunidade surda, parecem marcadas pelos movimentos surdos que vêm acontecendo ao longo dos anos. Nas lutas desempenhadas por diferentes comunidades, os participantes da pesquisa tratam da dedicação como uma marca na constituição do significado de heroísmo, fato que é recorrente nos comentários dos grupos focais quando sinalizam sobre os heróis/heróinas surdos/as.

Herói para mim é aquele que se dedica de corpo e alma pela comunidade, sem querer a fama. [...] com humildade, perseverança e sempre escutando o próximo, atendendo os desejos de uma comunidade e não ter opinião própria com egoísmo, sabe interagir e respeitar as opiniões dos outros. (FB 7)

O heroísmo tem como característica o fato de que o herói permanecerá no imaginário da sua comunidade, seu nome será por muito tempo lembrado e sua história contata e recontada para as gerações seguintes. Sobre a marca histórica do heroísmo, observei que na identificação dos heróis os participantes elegeram pessoas populares para denominar heróis. Por populares, entendo a grande circulação destes sujeitos na comunidade surda, e mesmo aqueles que já faleceram, são citados e relembrados.

Ao fazer o que não havia sido feito, os participantes consideram o pioneirismo como um ato de coragem, outra característica de um herói. Coragem é como o empoderamento, é fazer o que deve ser feito. Coragem não entendida apenas por só deixar de temer, é também transcender os obstáculos lutando pelo que acredita e pelo que defende, podendo tomar caminhos incertos, mas seguindo as ideias que motivaram o início da caminhada.

[...] quem trabalha duro, quem conquista, quem tem coragem, para mim este é herói. Que não tem medo, que mesmo sendo perigoso, sabe que consegue. Alguém que conquista, que persegue o seu caminho, que trabalha duro, este é herói. (SSRS 6 - I Encontro)

O herói como o salvador de uma comunidade também foi apresentado pelos participantes, que associaram essa ideia ao heroísmo surdo - a noção de herói como aquele que salva ficou em evidência.

[...] O herói é único, se ele salva ou vence não importa, ele é popular, um fenômeno, ele salva pessoas, ele salva a comunidade [...] (SSRS 3 – I Encontro)

As recorrências sobre o heroísmo surdo circularam nas participações por e-mail, Facebook e nos grupos focais a partir da ideia de salvação. A salvação esteve muito atrelada à noção de segurança, fator que colaborou para a constituição das identidades e da própria comunidade surda. Ao afirmar que o “herói é quem salva”, conforme muitas vezes sinalizado, os participantes atribuem ao conceito de herói o sentido de possibilidade de desenvolvimento de uma causa, neste contexto de pesquisa, o desenvolvimento da comunidade surda. Segundo um participante do grupo focal na associação de surdos em Pelotas, os heróis são:

[...] as primeiras R-E-F-E-R-Ê-N-C-I-A-S, hoje estão mortos, mas foram os primeiros a incentivar, é deles que sempre lembro, porque foram eles que me salvaram e são como heróis, sem a existência deles não estaria aqui. (ASP 5 - II Encontro)

Referências, pioneiros para a comunidade surda, são aqueles que iniciaram uma luta, abriram um caminho de possibilidade para que outros surdos pudessem seguir sua história, são assim que os heróis/heroínas surdos/as são destacados quando considerados aqueles que salvaram a comunidade. A partir desse entendimento, outros participantes também deram sua contribuição, como excerto seguinte:

[...] na construção da escola, lá temos placas que homenageiam eles que salvaram os surdos, a escola tinha como objetivo nos possibilitar imaginar um futuro melhor, desenvolvidos como você que está fazendo doutorado, queria que entendêssemos que somos capazes, nós somos modelos, multiplicadores para incentivar outros surdos. (ASP 1 - II Encontro)

Heróis/heroínas surdos/as, a partir da ideia de salvação, atuam como multiplicadores das informações, recebem o destaque porque são eles que trabalham para a defesa de um espaço ou grupo, multiplicam os saberes e colaboram na existência da sua comunidade. Destaco a representação do heroísmo surdo ao “resgate”, tratado por um dos participantes, na mesma direção dos “salvamentos” destacados anteriormente, em que, segundo ele, os heróis/heroínas surdos/as:

[...] Lutaram muito, trabalham, defendem a Educação dos Surdos, preservação da cultura surda, resgate de Língua de Sinais, movimento em defesa da Escola bilíngue para surdos, criação da Escola dos surdos, movimento contra oralismo, Comunicação Total. (E-MAIL 2)

A partir da representação de herói e do heroísmo como uma construção que advém de características de um indivíduo, segundo análise dos dados produzidos na pesquisa, o heroísmo surdo está fortemente marcado pela representação do salvamento. Diante disso, apresento na próxima seção uma discussão sobre dois personagens heróis/heroínas surdos/as veiculados em histórias criadas para quadrinhos e vídeos. Nos dados da pesquisa, não foram citados estes personagens especificamente. Mas, em vários momentos, outros personagens de histórias em

quadrinhos eram lembrados, a partir da noção de salvamento associado ao heroísmo.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOBRE HERÓIS/HEROÍNAS E HEROÍSMO SURDO EM PERSONAGENS DE HISTÓRIAS DE FICÇÃO

Na realização das atividades de grupo focal, nos dois grupos, os participantes citaram histórias em quadrinhos, de gibis, e a presença dos super-heróis na construção do imaginário sobre o que significa a palavra herói. Alguns afirmaram que o contato com essas histórias durante a infância construiu um determinado entendimento sobre o conceito, pois as crianças passam a estar expostas a essas informações, ou seja, segundo o participante:

As crianças já conhecem a palavra porque eles olham nos G-I-B-I-S, eles recebem a influência dos gibis. Têm histórias do super-homem, Flash... são muitos heróis que estimulam as crianças, e quando crescem já conhecem a palavra. O que significa o herói? Significa que é capaz, que ajuda as pessoas, salva as pessoas e por isso que as crianças já sabem o que é o herói. (SSRS 4 – I Encontro)

Partindo da ideia de que as histórias em quadrinhos colaboram na construção dos significados, a influência da mídia é percebida como espaço no qual as imagens atraem a atenção dos espectadores. As questões gráficas que apresentam o termo heróis foram recorrentes, logo no início das atividades dos grupos focais, ou seja, a relação entre o conceito herói com a produção de histórias impressas, cinematográfica e publicitária. A construção do conceito acabou ocorrendo desde a infância, quando os participantes relataram das histórias que viam quando crianças, passando a entender que:

[...] o herói é aquele que marca, como aqueles dos gibis, é aquele que salva, é quem recebe os aplausos por ter salvado [...] (SSRS 6 – I Encontro)

Motivada pela referência do significado de herói através das histórias em quadrinhos, trago para a discussão da tese a produção de dois heróis surdos que circulam em produções neste formato, com diferentes representações entre si. A ideia de apresentar os super-heróis *Blue Ear* e *SuperDeafy*, surgiram da constatação de que existe pouca referência a esses personagens em nossa sociedade. Cada um

carrega uma representação, significados diferentes em cada espaço que em circulam. *Blue Ear* é um personagem criado pela Marvel, que pode ser relacionado ao que Karin Strobel (2007) apresenta como identidade mascarada; *SuperDeafy*, seria um super-herói surdo, usuário da língua de sinais e que atua em defesa da comunidade surda.

Sobre as identidades mascaradas, segundo Strobel (2007) essas são produzidas socialmente sob o aspecto da deficiência auditiva, o que descaracterizaria a cultura surda, considerando o sujeito surdo através da ótica da normativa ouvintista. A produção social das identidades mascaradas se efetivaria, por exemplo, a partir da visão de que o surdo tem a capacidade de oralizar, tal como os ouvintes, e de ler lábios. Strobel (2007, p. 27) conclui:

Então, se um sujeito surdo se sobressai e excepcionalmente aprendeu a falar e a ler os lábios, isto faz muita diferença na representação social. De fato, quanto mais insistem em colocar “máscaras” nas suas identidades e quanto mais manifestações de que para os surdos é importante falar para serem aceitos na sociedade, mais eles ficam nas próprias sombras, com medos, angústias e ansiedades. As opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo.

A premissa de que para ser inserido na sociedade é necessário falar e ler lábios representa, na análise da autora, uma visão que desvaloriza a cultura e a história do povo surdo. Foi essa ideia de que para educar é preciso oralizar que trouxe sofrimento para muitos surdos durante longo período da história da educação dos surdos.

Como exemplo de construção de herói surdo na perspectiva das identidades mascaradas, encontramos *Blue Ear*, que pode ser visualizado na figura 5, apresentada a seguir.



Figura 5 – Blue Ear

Fonte:<http://www.redebrincar.org.br/profiles/blogs/para-incentivar-menino-a-usar-aparelho-auditivo-marvel-cria-super>. Acesso em 10 jul. 2014

Trata-se de uma criação da Marvel - empresa americana de publicação de histórias em quadrinhos - a partir da solicitação de uma mãe que convenceu o filho, Anthony, que se negava a usar o aparelho auditivo, de que existia um super-herói surdo e que, com o seu aparelho, poderia ouvir os pedidos de socorro e salvar as pessoas.

Sobre os pedidos de socorro, que são a justificativa usada pela mãe e a editora para a utilização do aparelho auditivo, percebo a presença da influência social sobre a necessidade de ouvir, ou seja, obedecer uma normativa ouvinte.

Da mesma forma, pode ser tensionada uma norma surda, como é o caso da construção do *SuperDeafy*. Assim como a mãe de Anthony presencia a construção da identidade a partir das experiências ouvintes, esse outro tipo de experiência compõe a história do povo e da comunidade surda. Atenta às questões que podem tensionar as diferentes representações e significados sobre o heroísmo, apresento o *SuperDeafy* na imagem a seguir:



Figura 6 – *SuperDeafy*

Fonte: www.superdeafy.com. Acesso em 19 mai. 2016.

SuperDeafy é o personagem criado por John Maucere²³, artista surdo internacional, formada na Escola de Califórnia, Estados Unidos da América. Foi participante ativo das movimentações de 1988 na Universidade de Gallaudet²⁴, e dessa experiência, escreveu o livro “*The Week the World Heard About Gallaudet*.” Jonh Maurece tem outros personagens e se destacou no meio artístico em função do seu talento, participando de inúmeros eventos dentro da comunidade surda internacional. O *SuperDeafy* circula em séries nas redes sociais em todo mundo. No Brasil, vários vídeos circulam pelo *Facebook*, sendo que em um deles o próprio John Maurece interpreta o personagem *SuperDeafy*²⁵.

²³ Maiores informações disponíveis em: <http://www.johnmaucere.com/>. Acesso em 19 mai 2016.

²⁴ Sobre as movimentações em Gaulladet, Oliver Sacks em seu livro *Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos*, conta sobre aquele episódio, dizendo que na “manhã de quarta-feira, 9 de março [1988]: ‘Greve em Gallaudet’, ‘Greve Surda de Surdos’, ‘Estudantes Exigem Diretor Surdo’ – os jornais estão cheios de notícias” sobre o que estava acontecendo na universidade de surdos. E complementa informando que “o movimento começou há três dias, foi aumentando de intensidade, alcançou agora a primeira página de *The New York Times*. Parece uma história espantosa”. Conta que esteve por duas vezes no campus da universidade, e que a luta era pela escolha de um diretor surdo, pois Gaulladet “é o centro da comunidade surda mundial – mas em todos os seus 124 anos nunca teve um diretor surdo.” (SACKS, 1990, p. 143).

²⁵ O filme *No Ordinary Hero – The SuperDeafy* (2013) é uma produção interessante devido o uso da língua de sinais. Esse filme mostra quadros, como nos gibis. O ator americano John Maurice trabalhou no papel de herói de humor chamado Kane. O surdo de 7 anos, Jacob, viveu isolado em uma escola inclusiva, sofrendo bullying pelos colegas, mas era fluente na Língua americana de sinais (ASL). Sua mãe se comunicava com ele em língua de sinais, mas seu pai não sabia nada de ASL e não se conformava em ter filho surdo. A situação dele era bem complicada, porém, frequentemente assistia ao seriado *Hero Deafys*, sendo um grande fã da série. Na escola, aconteceu uma apresentação teatral, mas um dos atores se equivocou. Jacob percebeu o erro, e o herói abandonou a peça, todos da escola riram da situação. O ator ficou chateado porque o colega com quem contracenava o sacaneou, agindo de forma errada, e a dupla do seriado não trabalhou mais. O ator

Baseado na discussão de representações sobre o heroísmo, é possível identificar significados, representações de heroísmo diferentes na construção dos personagens acima descritos. *Blue Ear* carrega os significados construídos sob uma perspectiva clínica da surdez, pensando em um modelo que se aproxima da normalidade ouvinte, um audismo. Segundo Martins (2013, p.63), “pode-se dizer que audismo é uma representação dos ouvintes, em que eles são posicionados como superiores aos surdos”. O personagem, quando apresentado pela mídia, colabora na construção de uma ideia de que os surdos necessitam de aparelhos auditivos e acabam chamando a atenção da sociedade.

Por outro lado, *SuperDeafy* reforça os significados que circulam na representação cultural dos surdos, os significados de ser surdo dentro da comunidade surda sinalizante. As representações que o personagem apresenta se referem à defesa da língua de sinais, à defesa de uma comunidade que pode ter um super-herói para defendê-la.

A apresentação dos dois personagens serve para que tenhamos uma ideia do que é produzido e o que circula em nossa sociedade, sobre os surdos e a surdez. A pesquisa sobre os heróis e o heroísmo surdo apresenta as representações sobre heroísmo e os efeitos que surgem na comunidade. Longe de pensar em produzir super-heróis, a pesquisa pretende promover a retomada da história da comunidade surda, na qual sujeitos fizeram as mudanças necessárias no momento em que deveriam ter sido feitas. São heróis de carne, de osso e de língua de sinais, que modificaram a vida da comunidade a que se inserem.

Com a construção e circulação do personagem *SuperDeafy*, penso nas questões referentes ao *Deaf Gain*. A pesquisa de Martins (2013, p. 2) utiliza o *Deaf Gain* como conceito capaz de "tratar sobre as diferenças, os discursos, as identidades". Por conseguinte, "o desafio de entender as questões relacionadas ao

de *Hero Deafys* ficou decepcionado e largou o trabalho de ator. Quando professora de Jacob percebeu que havia alguma coisa errada, sensibilizada por conhecer os surdos em razão do seu irmão ser fluente em língua de sinais, a professora convidou o ator Kane para visitar a sala inclusiva. Jacob ficou fascinado com a presença de Kane que relatava sobre sua vida e dificuldades. O ator ensinou alguns sinais e outros alunos se interessaram pela ASL, no intervalo da aula, Jacob ensinou outros sinais e sentiu-se orgulhoso de ser surdo. O pai do menino contratou um professor particular para aprender a língua de sinais. Kane e a professora começaram a namorar, Kane candidatou-se à prefeitura da cidade e Jacob mudou-se para uma turma bilíngue. Esse filme mostra a reação contra o audismo, por exemplo, quando existe uma dominação da comunidade surda, e os surdos buscam rumos positivos para a mudança. Não é só reclamar ou fracassar, mas demonstrar-se como uma pessoa ativa que defende na comunidade surda. (Sinopse produzida por mim, a partir da visualização da história).

audismo e ao *Deaf Gain* implica, necessariamente, em compreender as subjetividades que permeiam a construção das identidades de ser surdo, atreladas à experiência surda". (MARTINS, 2013, p. 51). Para pensar na construção do *Deaf Gain*, a autora realiza uma aproximação entre esse conceito e o de empoderamento, que significa uma tomada de consciência coletiva sobre determinado tema que interfere na construção do bem comum, neste caso o bem para a comunidade surda. Para a autora, o

[...] empoderamento é condição para Deaf Gain, por isso acredito que é importante envolver o poder no mundo surdo. Surdos lutam pelos seus direitos, nesse momento começam a mostrar o que eles têm no seu mundo, lutam para outros sujeitos surdos, em diferentes países, aumentam as pesquisas e conhecimentos científicos, cada vez mais. (MARTINS, 2013, p. 74).

No processo de produção dos conhecimentos que sugere a autora e a construção de uma ideia de empoderamento dos surdos na constituição dos saberes sobre sua comunidade, o heroísmo surdo representado pelo personagem *SuperDeafy* rompe com o estereótipo da falta, da deficiência e valoriza as questões relacionadas aos surdos e a defesa da sua comunidade.

No capítulo seguinte, apresento a identificação dos heróis/heróinas surdos/as e seus feitos lembrados e nomeados nos grupos focais, sendo que ali serão apresentados diferentes personagens, homens e mulheres surdas, como também instituições que, segundo as lembranças e indicações dos participantes da pesquisa, marcaram a história da comunidade surda.

5. POLÍTICA COMO ESPAÇO PARA O HEROÍSMO SURDO

No texto de Paddy Ladd (2013, p.105) *Em busca da Surdidade*, o autor descreve o “modo de rebeldia contínua que acontecia cada vez que alguém levantava as mãos para gestuar²⁶”. O uso da língua de sinais e a defesa pelo uso da língua em diferentes espaços são permanentemente lembrados e foram destacados como atos de heroísmo. Os surdos que foram sendo lembrados como heróis assumiram um papel político em defesa da língua de sua comunidade. No campo político, receberam destaque por parte dos participantes do grupo focal nomes de surdos gaúchos, mas também de outros estados brasileiros, como: Salomão Watnick²⁷, Levy Wengrover²⁸, Ana Regina de Souza Campello²⁹, Antônio Campos de Abreu³⁰, Patrícia Luiza Ferreira Rezende³¹. Ainda foram lembradas instituições, tais como: associações, escolas de surdos e federações. Tratarei de apresentar esses sujeitos e instituições com suas contribuições para a comunidade surda na área política ao longo desta seção.

5.1 ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM DEFESA DA COMUNIDADE

A associação de surdos surgiu com a função de reunir sujeitos surdos que participam e compartilham interesses em comum, assim como os costumes, as histórias, as tradições de uma determinada localidade. Geralmente, localizam-se em uma sede própria, alugada, cedida pelo governo ou em outros espaços físicos. A associação de surdos representa um importante espaço de encontro entre os sujeitos surdos da comunidade surda. Importantes movimentos em prol da causa dos surdos se originaram e ainda se resultam das reuniões e assembleias nas associações de surdos que ocorrem por todo o Brasil. Nesta seção, apresentarei os destaques sobre a associação de surdos como um espaço do heroísmo surdo e ligada a alguns personagens que tiveram destaque na história da comunidade.

26 O autor usa o termo “gestuar”, uma vez que o livro que tive acesso está traduzido para português de Portugal.

27 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 11.

28 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 07.

29 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 01.

30 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 02.

31 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 09.

Na realização dos grupos focais, os participantes opinaram sobre a constituição das associações como um espaço heróico e ligado, inicialmente, à experiência de alguns surdos de estudar no INES. Segundo um dos participantes,

"INES espalhou muitos surdos que criaram associações... multiplicadores que foram criando outros espaços" (SSRS 2 – I Encontro)

O INES era uma referência de escola pública do Brasil para surdos, e permanece até os dias de hoje como o primeiro espaço de educação para os surdos. Um número considerável de hoje já idosos surdos teve sua primeira formação no INES, alguns deles se destacaram como ativistas dos movimentos surdos. A escola era uma referência, pois não existiam outros espaços de formação no país.

Os alunos que não moravam no Rio de Janeiro permaneciam na escola em regime de internato, como nas escolas residenciais apresentadas por Paddy Ladd (2011, p. 91), que defende a “importância das escolas para surdos é espaço onde ocorrem variadíssimos aspectos da socialização na experiência surda”. Conforme registros, surdos de outros países também frequentaram o instituto e alunos de todo o Brasil estudavam no instituto, vindos, em grande parte, da região sudeste, destacando-se Minas Gerais e São Paulo. Do exterior, estão registrados: seis de Portugal, dois da Itália, um do Uruguai e três do Paraguai. (ROCHA, 2009, p. 63). Ao frequentar a escola para surdos, em contato com outros surdos, esses sujeitos transformavam-se em sinalizantes. Conviviam muito tempo juntos, e nesse contato entre seus pares foram “incorporando novos vocabulários, ou no caso das línguas de sinais, novos sinalários e uma construção que é social.” (STUMPF, 2005, p. 36).

Essa escola oferecia vários esportes, cursos para a formação profissional e outras atividades. Alguns alunos acabaram por transformarem-se em profissionais atuantes no próprio instituto. Segundo Rocha (2009, p. 103), “era comum, como já vimos, em alguns períodos da história da instituição, a contratação de ex-alunos para trabalhar no próprio instituto ao término do curso”. Outros alunos regressavam ao seu local de origem após o término dos cursos; o fato é que os ensinamentos eram transmitidos em outros estados. Com o passar do tempo, diminuíram o número de internatos e a educação passou e se configurar de outras formas, e foram surgindo novas escolas em outras cidades pelo país. Ex-alunos retornaram para as

terras nativas e alguns viraram líderes para fundar associações e também outras instituições como representantes da comunidade surda.

Assim, o INES é destacado como um espaço heroico da comunidade surda, espaço de uso e compartilhamento da língua de sinais. Como espaço que possibilitava o contato com seus pares e convivência durante longos períodos, o INES recebe destaque pela construção que realiza na vida dos surdos, como destaco nas palavras dos participantes dos grupos focais:



Figura 7 – Fachada do INES

Fonte: <odia.ig.com.br> Acesso em: 03 jun 2015

[...] foram as trocas que desenvolveram a língua de sinais que surgiu com o INES (SSRS 12 – II Encontro)

É um espaço que foi crescendo, e pessoas só do Rio estudavam lá? Não, eram surdos de vários lugares, como aquele da foto sentado ao lado do Salomão [aponta para uma imagem sobre a mesa] é no INES que a língua de sinais começou a ser utilizada e se espalhar pelo país (...) Tudo aconteceu por causa da língua de sinais, ali começou e se espalhou pelo país, eu agradeço Huet. (SSRS 2 – II Encontro)

As representações sobre o heroísmo surdo passam pela língua de sinais; ela surge como uma “bandeira” fixada no território nacional; é como a raiz da comunidade, o que marca o lugar de encontro. A associação como referência, segundo os participantes da pesquisa, teve sua origem na experiência dos surdos no INES:

[...] a proibição do uso da língua de sinais fez com que os surdos começassem a se encontrar e usar sinais para se comunicar. Sabiam onde tinham surdos e as famílias se encontravam, isso salvou a língua de sinais, desses encontros surgiram as associações como em São Paulo, Santa Catarina, e aqui no Rio Grande do Sul, foram os encontros que criaram espaços de troca de informações. Eu agradeço à essa “bandeira”, a bandeira que está fixada em São Paulo é a mesma bandeira que está em Santa Catarina... foram as trocas que desenvolveram a língua de sinais que surgiu com o INES. (SSRS 12 – I Encontro)

No período em que o INES era um espaço nacional de formação de jovens surdos, o encontro de surdos de diferentes partes do país ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, na escola que funcionava no regime de internato. Ladd (2013, p.160) afirma que as escolas, no caso do Reino Unido, de onde conta as experiências em seu livro,

[...] formavam um primeiro ‘bando’ de amizades, que era depois aumentado por aquelas criadas na associação quando as pessoas saiam da escola e voltavam às terras de origem. Mais tarde, por uma variedade de razões diferentes, mudavam-se para diferentes partes do país e formavam novos bandos. Desta forma o enquadramento básico para contatos em todo o país estava implementado.

No Brasil, conforme a referência do participante do grupo focal, os surdos que estudaram no INES ao finalizar os estudos retornavam para suas terras, mas o contato com a língua de sinais e entre os surdos já havia sido estabelecido,

[...] por exemplo o Eni Olmedo aqui no Rio Grande do Sul e outros que eram gaúchos e voltaram. Por exemplo, gaúchos que tinham contato com o Francisco [...] (SSRS 8 – II Encontro).

Esses contatos que se originaram no contexto escolar colaboraram para a criação das associações, como relata um participante:

[...] a fundação aconteceu naquela época quando os surdos retornavam para os seus estados [...] (SSRS 7 – II Encontro).

Outro participante complementa o que vinha sendo tratado, escolhendo a imagem da reunião com o governador do estado de Rio Grande do Sul para solicitar apoio para a construção da associação dos surdos:



Figura 8 - Reunião de representantes da Associação de Surdos com o Governador do Estado do Rio Grande do Sul.
Fonte: Arquivo da SSRS.

[...] aqui o Salomão, mas na verdade o Eni Olmedo foi o primeiro, que acompanhava e conversava com Salomão. Ele estudou no INES, foi o primeiro de Porto Alegre que foi estudar no INES, cresceu lá e voltou para Porto Alegre. Quando Eni voltou percebeu que não existia nada na cidade de Porto Alegre, começou a chamar várias pessoas e o grupo foi aumentando, foi assim que encontrou Salomão e falou sobre a necessidade de criar um espaço. Eni trabalhou muito e resolveu chamar Francisco para conversar, foi quando aconteceu a conversa com o governo de estado desta foto, Salomão estava sentado e Levy se meteu no lugar central. (SSRS 8 – II Encontro)

Levy Wengrover foi a uma reunião com o governador Ildo Meneghetti, quando lhe foi dado o terreno que fora prometido, anteriormente a Salomão, para fundar a Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul. Levy funda a sociedade dos surdos em 14 de abril de 1962, tornando-se seu primeiro presidente, pois era o surdo com mais conhecimento na época. O terreno, então, ele tinha; faltava a sede. Com isso, os surdos continuavam a se encontrar no centro de Porto Alegre, na Rua da Praia. Em 1978, foi solicitada ao governador a verba para construção da sede, e em 1979, ocorreu sua inauguração.

A sociedade de surdos é um espaço de constante movimento e encontro, onde se desenvolve uma série de atividades durante o ano e eventos comemorativos. Pode ser pensada como a raiz, a base, um lugar onde os usuários

comunicam-se em língua de sinais e não se observa o audismo. Morais (2013, p.354) trata da comprovação da existência da comunidade surda com a sua “natureza na educação, nas vidas que foram construídas, influenciando-se por forças tradicionais: históricas, políticas, econômicas, sociais, profissionais e os sentidos comuns”. É pela construção do espaço da associação que os surdos atribuem o heroísmo a Salomão Watnick, uma vez que afirmam que o heroísmo tem relação com a atitude de ‘salvamento’ de um grupo,

[...] herói é aquele que salvou a comunidade surda, aqui no Rio Grande do Sul o herói é Salomão Watnick. Não existia a associação, Salomão foi o primeiro a reunir os surdos, a agrupar os surdos, divulgar as informações e até hoje estamos aqui, ele é herói. (SSRS 3, Encontro I)

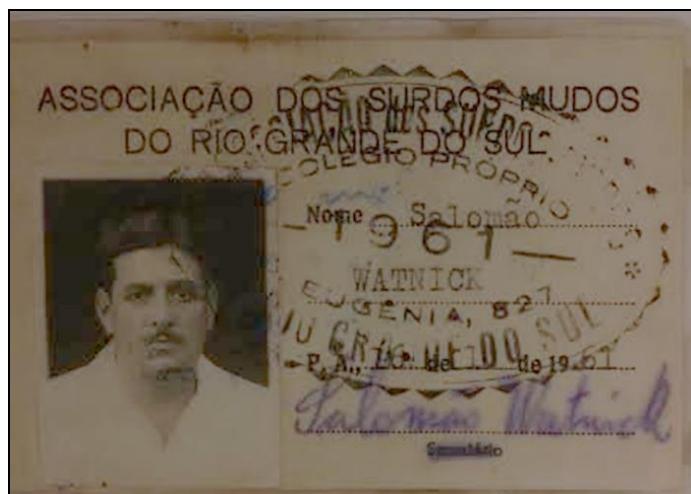


Figura 9 - Registro da Associação dos Surdos Mudos do Rio Grande do Sul de Salomão Watnick
Fonte: Arquivo da SSRS.

A referência de Salomão como o herói surdo parece estar ligada à noção de pioneirismo. Salomão iniciou a reunião dos surdos nos fundos da sua própria casa, e essa imagem de articulador e capaz de reunir os surdos acabou influenciando na construção e representação dele como herói da comunidade gaúcha, principalmente na cidade de Porto Alegre, como se percebe nos extratos dos grupos focais. As representações sobre o heroísmo, relacionados ao pioneirismo, ficaram muito claras nas sinalizações do grupo focal ao relacionar Salomão à figura do herói. As vivências no INES, segundo os participantes da pesquisa, contribuíram para implantação das associações no Brasil. Como exemplo, destacam o fato de Eni Olmedo ser próximo de Francisco Lima Junior, pois estudaram juntos no INES e

Francisco foi responsável pela fundação da associação de surdos em Santa Catarina.

Além da sociedade em Porto Alegre, Levy fez contato com uma pessoa influente que presenteou a Sociedade com um terreno na cidade de Capão da Canoa, no litoral do Rio Grande do Sul. Em 24 de janeiro de 1967, foi fundada a Colônia de Férias dos surdos. Com a ajuda do governo, deu-se início à construção da mesma, para que os surdos pudessem desfrutar seu lazer em um bom local. O movimento no verão era muito grande e até vinham surdos da Argentina. Era um lugar de novas amizades. Todos os verões foram muitos movimentados na Colônia e tinha várias atividades de lazer, como jogos de cartas, jogos de sinuca, longas conversas, eventos de festa, churrascos e outros. É próxima da praia e se configura como um ponto de encontro da comunidade surda no litoral. Esse espaço é fundamental para fortalecer o que penso ser a raiz da comunidade surda, e se estabelece nas representações dos participantes da pesquisa como um espaço de heroísmo por garantir o uso da língua e compartilhar as experiências dos surdos.



Figura 10 – Surdos na Colônia de Férias
(Levy Wengrover no centro da foto de óculos)
Fonte: Arquivo da SSRS.

A Colônia de Férias dos surdos em Capão da Canoa é referência internacional da comunidade surda. Todos os anos, surdos de diferentes países e de diferentes regiões do nosso país visitam a colônia no verão. Sua expressividade dentro da comunidade surda gaúcha é representada nas palavras da participante do grupo focal em Pelotas, que conta que na visita à colônia ficou:

[...] arrepiada em ver a comunicação em língua de sinais, conheci a língua atrasada, tenho 42 anos e estava acostumada a ir para a praia com ouvintes, mas aquele lugar pertence aos surdos. (ASP 9 – II Encontro)

Não só pessoas são consideradas heróis e heroínas, A associação de surdos recebe destaque enquanto espaço de heroísmo para a comunidade surda, assim como o INES é destacado como um local onde os surdos puderam compartilhar experiências. Os espaços se configuram como uma representação do heroísmo surdo uma vez que ali lutam e compartilham a existência da língua de sinais e os direitos dos surdos. Sobre a importância da associação, como local de reconhecimento, aproximação, como a base para compreensão da luta pela comunidade surda, destaca-se a fala de um dos participantes:

Essas imagens mostram pessoas que trabalharam pelos direitos humanos, Marianne³² defendendo o SignWriting, os surdos na universidade mostrando que é possível o desenvolvimento, Antônio Campos lutando pela legislação, aqui a imagem do padre Vicente... todos heróis em defesa dos direitos humanos, mas a base é associação. (ASP 5 – II Encontro)

O destaque pela luta dos direitos humanos marca o heroísmo surdo, segundo destaque do grupo focal em Pelotas. Segundo Perlin (2003), a existência das diferentes identidades no espaço da comunidade “rearticula sempre de novo em torno a uma luta contra a repressão desta diferença de uma forma semelhante que difere da diferença e a defende expondo-a para a produção de efeitos de identidade.” (p.117). Na reafirmação das identidades, e na defesa da diferença vem se construindo a luta dos surdos em prol dos direitos humanos, que segundo o Decreto nº 6.949/2009, que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, expressa no Art. 24, 3:

- b) Facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda; c) Garantia de que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.

32 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 08.

Com base na citação da Convenção, fortalece-se a ideia expressa sobre heroísmo que trata o participante: Marianne Stumpf, na defesa da escrita de sinais e o desenvolvimento acadêmico dos surdos, e Antônio Campos, na luta pela legislação, entre outros que tratam do acesso e desenvolvimento dos surdos aos mais altos níveis acadêmicos e sociais, como prevê a Convenção. Na articulação com esses movimentos de defesa da comunidade surda, surgem nomes como o já citado Antônio Campos e também Ana Regina Campello. Esses nomes, que foram destacados nos grupos focais e nos contatos com as redes sociais, serão apresentados no próximo subcapítulo, que tratará da constituição da federação dos surdos como um espaço de construção do heroísmo surdo dentro do espaço político.

5.2 FENEIS – CONQUISTA DE ATOS HEROICOS

Ana Regina de Souza Campello e Antônio Campos são pioneiros no movimento surdo brasileiro, segundo os participantes da pesquisa. São populares dentro da comunidade surda e suas ações vêm de décadas passadas. Nesta seção, darei destaque aos comentários dos participantes, no sentido de pensar esses sujeitos com heróis da comunidade surda. Esses nomes também foram recorrentes na atividade de grupo focal, nas duas cidades onde foram realizadas as atividades como também nos contatos pelas redes sociais.

Em entrevista a Lanna Júnior (2010), Antônio Campos explicou o que aconteceu na participação no movimento de surdos para “derrubar” a FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo, criada em abril de 1977. A presidente ouvinte era professora do INES, as direções da federação eram de pessoas ouvintes, mas Antônio Campos, na época, perguntou para a presidente se os surdos poderiam participar da direção da entidade; na época, ela respondeu que surdos eram incapazes. Com isso, Antônio Campos juntou-se a outros ativistas, entre eles, Ana Regina, Souza Campello e Fernando Valverde. Reuniram-se em torno do tema da educação, uma vez que as questões referentes ao esporte já estavam encaminhadas, e buscaram lutar pela língua de sinais. Ana Regina teve papel importante pela fluência na escrita da língua portuguesa, mas não só isso. Já naquela época, tinha articulação e posicionamento político em defesa da comunidade surda. Sua atuação recebeu destaque de

heroísmo em inúmeras passagens dos grupos focais, dados do Facebook e por e-mail, como apresento a seguir:

*Ana Regina, primeira presidente da FENEIS, **deu um primeiro passo de uma luta** que foi perseverante. (E-mail)*

Ana Regina e Souza Campello - porque foi uma guerreira pelo reconhecimento dos surdos e da Libras no Brasil. (E-mail)

*Essa é minha amiga de muitos anos, esse é o sinal dela, A-N-A R-E-G-I-N-A. **Ela é muito inteligente, escreve perfeitamente, muito corajosa e conseguiu lutar pelos surdos.** Ela teve uma ideia, ela fundou a FENEIS, a primeira foi ela, a FENEIS no Rio de Janeiro. (SSRS 10 – II Encontro)*



Figura 11 – Ana Regina e Souza Campello em uma atividade no Rio de Janeiro em 1994.

Fonte: Arquivo pessoal de participante da pesquisa

*A primeira imagem é essa, A-N-A R-E-G-I-N-A, tenho em minha memória que **ela fundou a FENEIS**, com isso fez com que a FENEIS se filiasse à WFD, e que as associações pudesse estarem filiadas à FENEIS. Hoje ela está de volta à presidência da FENEIS, é como se voltasse ao passado, Antônio Campos também foi importante, mas ela é presidente novamente, **realizou o doutorado, é mulher.** (ASP – II Encontro)*

Ana Regina é representada como heroína dentro da comunidade surda porque ela rompe com a ideia que se tinha sobre os surdos até aquele momento. Os surdos não tinham reconhecimento como capazes de assumir a responsabilidade das ações que os representavam. Eram vistos dentro da lógica oralista, grande parte dos surdos não tinham formação superior e o ato de se candidatar para a presidência da federação é considerado, por muitos participantes, como acima apresentado, como um ato heróico.

Ana Regina assumiu pré-candidatura à presidência e, afinal, transformou-se na presidente. Naquele momento, o estatuto tinha muitas falhas, segundo os surdos que assumiam a diretoria. Por isso, logo mudaram muitas coisas, como substituir o termo “deficiente auditivo” por “surdo”. As ações da então FENEIS permanecem até

os dias de hoje. Conseguiram lutar por garantias legais, como a Lei 10.436/02, a lei de Libras, que reconhece a língua de sinais como língua oficial das comunidades surdas do nosso país. Uma questão que merece destaque, quando se pensa na figura de Ana Regina como personagem heroica da comunidade surda, se relaciona à representação dela como um bom exemplo na luta pelos direitos dos surdos. Ela assumiu a presidência, tinha boa fluência na língua portuguesa e na língua de sinais, e representou o empoderamento das mulheres no espaço político, o que abordarei na sequência da tese.

Sobre os eventos que mobilizaram as mudanças, Brito (2013, p. 72) destaca que “dentre os mais importantes eventos do movimento, destacaram-se os encontros nacionais promovidos entre os anos de 1980 e 1983.” Entretanto, é a partir da participação de Antônio Campos no Encontro Nacional das Pessoas Deficientes, no ano de 1980, em Brasília, com o padre Vicente Burnier, que passaram a surgir várias articulações. Segundo Antônio Campos, em entrevista para Lanna Junior (2010),

eu fiquei sabendo pelo padre Vicente, que me disse para aproveitar o encontro. [...] Fiquei com medo porque não tinha intérprete, mas o padre Vicente falava muito bem, apesar de ser surdo profundo. Nós fomos e fiquei surpreso. Muitos cadeirantes. Ficaram surpresos comigo por ser surdo, houve curiosidades e começamos a trocar informações. [...] O padre Vicente pegou material. Algumas coisas ele me passava, outras, ele interpretava. [...] Eram quatro surdos somente, mas um era oralizado, outro não tinha domínio da Língua de Sinais, eu e o padre Vicente. Durante as palestras, perguntaram do que os surdos precisavam, mas até então a Língua de Sinais não era oficializada. [...] (LANNA JÚNIOR, 2010, p. 172).

Antônio Campos estudou no INES, onde viveu por muitos anos como abrigado. É destacado como uma representante do heroísmo surdo pelo conhecimento sobre a legislação, atuação nas movimentações que tratavam das pessoas com deficiência, como na citação acima, bem como uma referência na comunidade surda na luta pelos direitos dos surdos. Sua atuação esteve marcada pela articulação política junto à constituição da FENEIS com Ana Regina e Fernando Valverde.

[...] Antônio Campos teve uma atuação nacional, eu sempre mantive contato com Antônio Campos, ele sabe de muitas coisas e sempre me conta, tem muitas informações e procuro ser como ele. (...) o Antônio Campos conseguiu criar muitas lideranças, tudo veio dele. (...) ele é herói por salvar. (...) Antônio Campos era uma liderança importante que tratou das leis, recordava de todas e hoje eu consigo

assimilar. (ASP 5 – II Encontro)



Figura 12 – Antônio Campos de Abreu

Fonte:https://www.facebook.com/antonioabreu.abreu/media_set?set=a.154391194587554.30483.100000500224215&type=3. Acesso em 10 mai. 2015

Vicente de Paulo Pinedo Bernier, o Padre Vicente³³, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais e foi referenciado pelos participantes da pesquisa. Sua imagem, segundo o participante, esteve próxima da representatividade de Antônio Campos, como destacada na citação que trata da participação dos dois no Congresso das Pessoas com Deficiência.

Nacionalmente temos a forte presença de Antônio Campos, mas também temos o padre Vicente. Padre Vicente [...] (II Encontro – ASP 5)

Padre Vicente representa o heroísmo surdo segundo as sinalizações dos participantes pelo protagonismo religioso e, principalmente, pioneirismo na formação religiosa de um surdo em nosso país.

³³ Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 15.

[...] esta imagem é do padre Vicente, mas como ele conseguia compreender a Bíblia? Acho muito difícil! Vicente... já estudei a Bíblia, mas considero muito difícil... como ele conseguiu ser padre? Deve ter sido por causa da religião. [...] Antônio Campos lutando pela legislação, aqui a imagem do padre Vicente... todos heróis em defesa dos direitos humanos, mas a base é associação. (II Encontro – ASP 5)



Figura 13 – Padre Vicente

Fonte: blog.cancaonova.com

O conhecimento da língua Portuguesa e a capacidade de compreensão dessa, por exemplo, na leitura da bíblia, é apresentado como ponto importante para sua inserção e reconhecimento no espaço religioso. Mas Padre Vicente também recebe destaque na área política e colaborativa com sua participação em discussões em que antes os surdos não estavam presentes.

As figuras heroicas de Ana Regina e Antônio Campos apareceram fortemente vinculadas à criação da FENEIS, nos dois espaços que desenvolvi os grupos focais. A imagem da Ana Regina foi destacada, conforme segue a argumentação:

Foi se divulgando a comunicação total, e então se fundou a FENEIS, um lugar de poder. Tiramos a presidente, quem estaria contra nós? Tínhamos poder, Ana Regina tinha poder, usávamos a língua de sinais, tínhamos interprete e o uso da língua de sinais. Agora somos livres, antes existiam pouquíssimos interpretes e era muito difícil para fazer uma ligação, hoje existem muitos interpretes. (SSRS 2 – II Encontro)

A FENEIS é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com finalidade sociocultural, assistencial e educacional, que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira e está filiada à Federação Mundial dos Surdos. A FENEIS nasceu com caráter estritamente político. No primeiro parágrafo do relatório da FENEIS, em seu segundo ano de funcionamento (1988), com palavras da então presidente Ana Regina e Souza Campello, podemos encontrar o que pode ser considerado como o “resumo” da situação da comunidade surda brasileira na época:

Consideramos da maior importância as colaborações que recebemos e queremos continuar recebendo das pessoas que ouvem. Mas consideramos também que devemos assumir a liderança de nossos problemas de forma direta e decisiva a despeito das dificuldades que possam existir relacionadas à comunicação. (RAMOS, s/d, p.06).

Desde sua fundação, em 16 maio de 1987, no mesmo momento em que se encerravam as atividades da FENEIDA, a FENEIS luta, em primeiro lugar, pelo direito de autodeterminação dos surdos. Mas, como tão bem colocou Ana Regina, a “colaboração” dos ouvintes não podia ser dispensada, até mesmo porque a própria FENEIDA fora fundada por profissionais da área da surdez e pais interessados. Entretanto, passa a ser reconhecida pela comunidade, como espaço heroico com a tomada da federação pelos surdos. Foi um ato de heroísmo dos que participaram daquele momento.

Começamos a nos organizar, demorou um pouco, mas começamos a criar espaços municipais e articular com outros deficientes como os cadeirantes e cegos, então Ana Regina disse que deveríamos fazer alguma coisa, era melhor que estivéssemos sozinhos, sem os ouvintes, a FENEIDA não fazia nada, não lembro o sinal da FENEIDA, mas não é igual ao da FENEIS, os ouvintes não faziam nada por nós, nos indignamos e resolvemos tomar a FENEIDA. Os heróis são eu, Antônio Campos, Valverde e Ana Regina, nós quatro... por que eu estava envolvido? Porque era presidente da associação Alvorada, tinha direito dentro da FENEIDA e mandei tirar a presidente, estavam vinculados à associação e eu mandei tirar, tinha esse poder. (SSRS 7 – II ENCONTRO).

Na argumentação do participante para eleger esses surdos como heróis, se evidencia o uso da língua de sinais, a defesa de um espaço de protagonismo surdo e o heroísmo em lutar pelo que se acredita. Os surdos, segundo esses relatos, estavam cansados da predominância ouvinte na tomada de decisões sobre os surdos e sentiam a necessidade de tomar a presidência da federação que os representava, para então lutar pelos interesses da sua comunidade. É nesse cenário que os surdos elegeram Ana Regina e Antônio Campos como heróis da sua comunidade. A construção da ideia de heroísmo relativo a esses sujeitos está associada à federação, que também é destacada como instituição heroica, como segue:

[...] A FENEIS é um herói, porque hoje os surdos estão crescendo cada vez mais, chegando ao mestrado e doutorado. Não é o nome de uma pessoa, é esse lugar que é herói, são muitas pessoas que fazem parte, como Ana Regina, Antônio Campos, mas o lugar é esse laponta para a imagem com o logo da FENEIS! (SSRS 2 – II Encontro)



FENEIS

Figura 14 – Logo da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Fonte: <edgarveras.paginas.ufsc.br>.

A discussão que proponho sobre o papel de heroísmo dedicado à FENEIS será argumentada com base nas discussões propostas por Brito (2013), na tese *O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais*. Em seu trabalho, Brito (2013) desenvolve a descrição sobre a organização, criação e mobilizações propostas pela Federação. Segundo ele, a FENEIS é vista “como a principal organização do movimento social surdo” (p.78) em nosso país. Seu protagonismo da federação frente às políticas para os surdos, as discussões sobre inclusão, a inserção dos surdos no mercado de trabalhos e questões referentes à educação, vêm configurando a representação de heroísmo vinculado à federação.

Muitas foram as lutas internas, geradas provavelmente pela pressão que os surdos exerciam na Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos desde 1983, ano que marca o início da mobilização nacional, como já explicado anteriormente. A FENEIS é destacada como heroína pela comunidade surda gaúcha pois,

[...] até hoje a FENEIS é uma referência política, se precisa de alguma coisa se recorre à FENEIS. (SSRS 3 – I Encontro)

Essa referência a um lugar que se pode recorrer, buscar em momentos de dificuldade passou a se dar desde o início da sua fundação, mas ganhou mais destaque com a implantação dos escritórios regionais. Segundo Brito (2013):

Fortemente centralizada na cidade do Rio do Janeiro nos seus primeiros anos de existência, a Feneis aumentou o raio de projeção das suas ações com uma política organizacional de criação de escritórios regionais nas capitais dos principais estados e no Distrito Federal. A maior representatividade da organização confirmou o seu caráter de proponente e condutora das reivindicações consideradas legítimas por parte dos surdos brasileiros. Essa posição consolidou-se com o passar dos anos. (p. 118).

Se não existisse a FENEIS, possivelmente não poderíamos ter as movimentações políticas organizadas, principalmente por sua representação na comunidade surda. A FENEIS tem uma participação cada vez maior em Congressos, Seminários, encontros de surdos ou que tratam de questões da surdez, participando de algumas instâncias governamentais e não-governamentais de luta pelos direitos dos surdos. FENEIS luta, em primeiro lugar, pelo direito de autodeterminação dos surdos. O papel de divulgação de acontecimentos tem proporcionado o empoderamento dos surdos, seja com a divulgação de “nomes dos militantes surdos a quem se creditava a conquista legislativa” ou na descrição das conquistas como “individual e, ao mesmo tempo, coletiva, da entidade comunidade surda”. Nesse sentido, a federação vem contribuindo para a produção de “uma categoria política mobilizada frequentemente pelo movimento social surdo.” (BRITO, 2013, p.203).

Os feitos da federação na defesa dos diretos surdos e no empoderamento destes na construção de ações que valorizem a comunidade surda e a língua de sinais foram destacados como um feito heróico da FENEIS. Entretanto, as ações não se restringiram apenas ao espaço social, para o desenvolvimento destas ações. Nesse sentido, Brito (2013) afirma que a interação de:

[...] intelectuais com os militantes surdos era variável. Ao lado de contatos mais esporádicos, ligados a atividades acadêmicas específicas, muitos deles nutriram laços de amizade com importantes ativistas surdos e mantiveram contatos regulares com organizações do movimento, principalmente com a Feneis, onde alguns deles passaram, inclusive, a desempenhar atividades de pesquisa e docência ligadas a Libras. (p.37).

Sobre a participação de intelectuais no movimento surdo e a importância destes personagens na representação do heroísmo surdo, tratarei mais adiante.

Para finalizar a presente seção, reafirmo a importância de Antônio Campos e Ana Regina da criação desse espaço de representação da comunidade surda. A FENEIS, em sua ação mais recente, colaborou com a defesa dos espaços de educação bilíngue para surdos, que culminou em uma grande marcha para Brasília no ano de 2011, destacando a figura de Patrícia Rezende como protagonista do

movimento, sendo ela, naquele momento, diretora de políticas educacionais da FENEIS. Sobre o heroísmo atribuído a Patrícia Rezende e a defesa da educação bilíngue como feito heróico, passarei a discutir na próxima sessão.

5.3 DEFESA DAS ESCOLAS BILÍNGUES PARA SURDOS COMO HEROÍSMO

O Movimento em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos aconteceu no verão de 2011, quando houve a divulgação de uma notícia de que o INES seria fechado. Nelson Pimenta, um líder surdo, ao saber disso, explodiu sua revolta sobre o assunto em filmagens que postou nas redes sociais³⁴, falando sobre essa possibilidade de fechamento. Ele chamou a atenção dos surdos para o fato, que estava na iminência de acontecer. Pimenta iniciou uma grande mobilização da comunidade surda brasileira e uniu-se à representante da FENEIS, Patrícia Rezende, que liderou o movimento. Esse movimento foi intenso e uma das estratégias da liderança foi relembrar o que aconteceu em 1880, no Congresso de Milão, quando a língua de sinais foi proibida. Ao relembrar do passado, iniciou-se uma luta contra o Ministério da Educação – MEC pelo não fechamento desse símbolo da comunidade surda. Naquele momento aproveitou-se, também, para solicitar as mudanças que contemplam a comunidade surda, através do Plano Nacional de Educação – PNE, e também para solicitar a criação de escolas bilíngues de surdos em todo o país. Essa é uma discussão que permanece até hoje, mas é uma luta na qual os líderes surdos nacionais estão empenhados. Sobre os movimentos dos surdos:

A mobilização em defesa de nossas Escolas Bilíngues de Surdos vem dos primórdios, mas com maior intensidade a partir da explosão do Movimento Surdo, quando na ameaça do fechamento da nossa escola centenária. Enfim, estamos construindo a nossa política da verdade: as escolas bilíngues de surdos não são segregadas, não são segregadoras e nem segregacionistas como tem alardeado tanto o Ministério da Educação. Pelo contrário, são espaços de construção do conhecimento para o cumprimento do papel social de tornar os alunos cidadãos verdadeiros, conhecedores e cumpridores dos seus deveres e defensores dos seus direitos, o que, em síntese, leva à verdadeira inclusão. (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 89).

No livro de Feijó (1983), o autor apresenta um dos papéis do herói, que é de ser um daqueles que não esquecem o passado, que ajudam a lembrar das coisas

³⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Bs4wZYygcSQ>, Acesso em 02 ago 2016.

boas e ruins que aconteceram. Os heróis vivem normalmente, mas não esquecem os problemas que existem e que precisam resolver. Os heróis também não esquecem o passado. Além disso, os heróis ajudam as pessoas a ter sempre na memória as coisas que aconteceram. Patrícia Rezende assumiu o protagonismo heroico naquele momento, buscando nos acontecimentos da comunidade a justificava para a luta, ou seja, a construção de uma escola bilíngue de surdos, que está

[...] fundamentada primeiramente nos direitos alienáveis do ser humano. No direito humano de ser, de pertencer a um grupo e por ele ser respeitado; no direito linguístico de possuir uma língua com a qual seja possível interagir com a sociedade e ter acesso pleno à informação e ao conhecimento; no direito de receber uma educação transformadora, que torne sua vida melhor; no direito de exercer sua cidadania com autonomia, liberdade de expressão e protagonismo, associado aos deveres que essa condição lhe exige. (NASCIMENTO; COSTA, 2014, p.172).

A defesa da escola bilíngue leva em consideração a necessidade de preparação de um espaço a fim de receber de forma adequada os alunos surdos. Com base no que afirma o Decreto 5626/2005, que destaca que a “educação bilíngue: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua” (BRASIL, Art. 11, 2005), a defesa desta modalidade de educação foi o que impulsionou o movimento em defesa das escolas, e neste cenário os surdos passam a definir Patrícia Rezende como figura heroica, conforme seguem os relatos:

Sinalizou que o INES fecharia, no entanto /aponta na foto com Patrícia Rezende/ foi quem lutou no congresso contra autoridades ouvintes da educação, lutando pelo respeito à diferença na educação, pela diferença entre o grupo de surdos e ouvintes e o direito ao bilinguismo. Estimulou a escola INES a permanecer aberta, então, ela é heroína, tem capacidade e é uma mulher protagonista, também estimulou a união todo Brasil por essas garantias e as lideranças, é heroína. É importante comunicação entre os surdos, unidos em uma escola para surdos evitando os prejuízos causados pelo isolamento dos surdos na inclusão. Entendi algumas histórias... Acho que é heroína mesmo. (ASP 3 – II Encontro)



Figura 15 – Patrícia Rezende em sessão no Senado (2011)
Fonte: anapaulajung.blogspot.com.

Os heróis não se preocupam com as dificuldades que terão que passar e aceitam enfrentar esses desafios. E sempre têm alguma ajuda, um auxílio da sociedade ou de algum grupo que os fortalecem. No meio dos problemas, eles encontram forças, ajuda, e com isso, conseguem a vitória. Quando, então, a conseguem, eles voltam para seu grupo e ajudam as pessoas do grupo.

A pessoa surda, por ter passado por experiências negativas em sua vida, em função das barreiras, tanto na família, quanto na escola e na sociedade em geral, tem a sensibilidade para perceber quais são os problemas mais emergentes da sua comunidade. Por mais que um ouvinte participe da comunidade surda, ele jamais sentirá da mesma forma. Por isso o herói surdo surge, pois ele consegue perceber em meio a sua própria comunidade e a partir das suas experiências quais são as necessidades, as injustiças, as carências, as situações que precisam ser revertidas. Sobre isso, Nascimento e Costa (2014) afirmam que esses sujeitos, que passaram por essas experiências, lutam pela comunidade surda:

Os próprios surdos são os atores das manifestações que clamam por uma educação bilíngue preparada para eles. Lideram o movimento aqueles que conseguiram alçar voos, mesmo após vivenciarem um sistema educacional deficiente, quando vítimas dele nos bancos escolares. Nenhum outro ator desse contexto sabe dizer melhor como devem aprender os surdos do que aqueles que têm a Libras como primeira língua. Por isso, a proposta de uma educação bilíngue, que institucionaliza a Libras como primeira língua de instrução direta, sem mediação, e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua, significa muito mais que um simples deslocamento de espaço físico e está longe de ser uma ação segregadora, como alguns insistem em afirmar. (NASCIMENTO; COSTA, 2014, p.161).

Recordo de um herói surdo reconhecido na literatura sobre a história da educação de surdos - Ferdinand Berthier. Ele era um professor surdo no Instituto Nacional de Jovens Surdos, em Paris. Ele ensinava em Língua de Sinais. O diretor, que era ouvinte, ao ver aquele trabalho, pensou que ele não teria uma boa repercussão no futuro, pois ensinar na língua de sinais não seria bem visto pela sociedade. Então resolveu demiti-lo. Ferdinand não se abalou com a situação, mas chamou outros professores surdos que também tinham vivenciado histórias de opressão. A partir desse encontro, organizaram um banquete em homenagem aos 100 anos de L'Epée. E nessa festa, iniciaram um movimento em defesa da língua de sinais. O diretor do Instituto, ao perceber a repercussão daquele evento e a grande influência que Ferdinand exercia sobre a comunidade surda, revogou a demissão e convidou-o para retornar às suas atividades docentes.

Patrícia Rezende se destaca por lutar e defender a:

[...] política da Educação Bilíngue para Surdos e contra Inclusão dos Surdos. (E-mail 2).

A Educação Bilíngue, segundo Stumpf (2009, p.426), deve ser “vista não apenas como uma necessidade para os alunos surdos, mas sim como um direito, tendo sempre como base o pressuposto de que as Línguas de Sinais são patrimônios da humanidade e que expressam as culturas das comunidades Surdas”. É na luta por este direito que Patrícia Rezende acaba assumindo o protagonismo da luta e vista como heroína, como destaca a participante do grupo focal desenvolvido em Pelotas:

Penso que um herói para a escola bilíngue é a Patrícia Rezende, foi ela quem divulgou pelo Facebook para todo o país... foi ela quem promoveu muitas mobilizações, acho que a Patrícia pode ser uma heroína, muitas vitórias aconteceram por causa dela, da luta dela. (...) salvou as escolas bilíngues. (...) Sobre a Patrícia Rezende, a sua marca são as escolas bilíngues. Ela divulgou informações, atuou como protagonista e teve coragem. (ASP 6 – II Encontro)

Na esteira de apresentação de Heróis/heroínas surdos/as destacados pelos participantes da pesquisa, o próximo tópico diz respeito a mulheres surdas reconhecidas por suas inserções no contexto acadêmico e nomeadas como pesquisadoras. Mulheres que, assim como Patrícia Rezende, assumiram o

protagonismo surdo em um espaço de pouca circulação desta comunidade. São elas: Gladis Perlin³⁵ e Marianne Stumpf.

No processo de análise dos dados da pesquisa, uma questão chamou a atenção: a discussão de gênero levantada pelas participantes do grupo focal. Essa questão veio à tona quando uma delas sinalizou que só conhece, entre os super-heróis, uma personagem feminina, que é a Mulher Maravilha, afirmando que é a única que ela conhece, e complementa que

[...] são poucas as heroínas, acho que é preconceito, os homens se sentem mais poderosos que as mulheres. Os homens salvam, salvam, as mulheres salvam pouco [...] (ASP 8 – I Encontro)

Nas palavras da participante do grupo focal, percebe-se a existência de poucas mulheres representadas nas histórias em quadrinhos como heroínas, mas nas produções de dados para a pesquisa muitos nomes de mulheres foram citados nas respostas sobre o heroísmo, a exemplo de Ana Regina Campello, Patrícia Rezende, Gladis Perlin e Marianne Stumpf. Segundo Klein e Formozo (2007, p.05), muitas pautas “dos movimentos surdos vêm sendo satisfeitas, e nessa história de lutas as mulheres surdas marcaram presença e nesses encontros vivenciaram novas perspectivas de luta, em que a questão de gênero ganha visibilidade.”

5.4 A CONSTRUÇÃO DO HEROÍSMO SURDO COM AS SURDAS PESQUISADORAS

Ao responderem sobre heróis/heroínas surdos/as, os participantes da pesquisa lembraram de surdas que se distinguiram no ambiente acadêmico. Como exemplo, temos duas mulheres surdas lembradas nos diferentes espaços de produção dos dados: Gladis Perlin e Marianne Stumpf. As duas pesquisadoras receberam destaque nos espaços acadêmicos e são pioneiras: Gladis, a primeira representante da comunidade surda a realizar o doutorado no Brasil e Marianne, a primeira surda brasileira a realizar estudos de pós-doutorado. Observei que o protagonismo no espaço acadêmico se deu pelos temas que desenvolveram, Gladis ao tratar das questões de identidade, e Marianne em pesquisar sobre *SignWriting*, a

35 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 05.

escrita da língua de sinais. Sobre essas temáticas de pesquisa, os participantes dos grupos focais destacaram:

[...] ela [Gladis] mostrou o conceito de identidade, antes não sabíamos o que isso significava, mas depois dos estudos dela passamos a nos reconhecer. (ASP 5 – II ENCONTRO)



Figura 16 - Gladis Perlin

Fonte: www.porsinal.pt.



Figura 17 - Marianne Stumpf

Fonte: www.signwriting.org.

[...] Marianne era uma liderança no que se tratava de SignWriting, era acadêmica, estava como diretora da FENEIS. (ASP 5 - II ENCONTRO)

O movimento de empoderamento, que se deu com a entrada dos surdos na pós-graduação, colaborou para a produção de discursos e “a produção dos discursos nesses escritos de surdos acadêmicos não é algo tranquilo, mas traz para a arena social disputas e imposições pelo que é válido ou não.” (MORAES; KLEIN, 2014, p.02). Esse discurso e sua prática, referentes à educação de surdos, passaram a ser contestados no Brasil quando alguns educadores surdos e ouvintes (Perlin, 1998; Quadros, 1997; Skliar, 1998), no final do século passado, começaram a estruturar um movimento, no meio acadêmico, em oposição às representações colonialistas, adotando como estratégia política o reconhecimento da diferença.

Gladis e Marianne recebem destaque heroico dentro da comunidade surda, pois ocupam um espaço acadêmico. O texto de Moraes e Klein (2014) trata da

legitimação das pesquisas em decorrência da presença de pesquisadores surdos. Segundo as autoras:

Olhando para produções acadêmicas de sujeitos surdos, é possível notar que o conceito de identidade atravessa esses escritos e tem efeitos na constituição dos sujeitos. Evidencia-se esse conceito como algo legitimado, autorizado pelos discursos dos surdos acadêmicos e que se prolifera nas diferentes instâncias sociais. (p.07).

As produções acadêmicas desenvolvidas pelas pesquisadoras romperam com a ideia de que os surdos não poderiam frequentar os espaços da universidade. Em uma passagem do grupo focal, um participante afirma que se não fosse a entrada delas no meio acadêmico, os demais surdos também não conseguiriam:

[...] Gladis Perlin, a primeira surda da América Latina, foi freira, se ela não tivesse mostrado que somos capazes eu não estaria no doutorado. Ela é uma presença forte na história, consegui romper com o olhar clínico sobre os surdos. (ASP 6 – II ENCONTRO)

A entrada de Gladis no mestrado e, posteriormente, sua realização de um doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contribuíram para a discussão dos discursos sobre os surdos. Ela problematiza sobre os discursos médicos e focados na correção dos surdos, questiona a surdez como patologia e propõe o reconhecimento da língua de sinais, e da constituição das identidades surdas. Marianne, por sua vez, exercia uma articulação com a FENEIS assumindo, em determinado momento, a direção regional da federação em nosso estado. Foi a primeira a divulgar as pesquisas sobre a Escrita de Sinais e a fortalecer as discussões sobre o papel da língua de sinais na alfabetização das crianças surdas, atribuindo grande valor a esse registro escrito da língua de sinais.

Outro ponto que destaco e retomo é a questão de gênero, marcado na escolha dos dois nomes para destacá-las como heroínas. Um participante declara, quando questionado quem ele considera herói surdo:

Gladis Perlin - porque mostrou que uma mulher surda pode ser doutora. (EMAIL 3)

Silva (2010a), no trabalho *A mulher surda hoje: Novas formas de significar o movimento surdo*, trata do espaço e do trabalho das mulheres surdas, afirmando que:

[...] vivemos um momento de mudanças onde a mulher ocupa outros espaços, quebrando com os paradigmas antes estabelecidos. Culturalmente foi criado outro ideal de mulher onde algumas percursoras adeptas às causas feministas iniciaram este movimento e aos poucos as demais também foram abandonando o modelo tradicional. As mulheres surdas também entraram no movimento, tempos depois. Nesta perspectiva, as mulheres surdas hoje têm mais acesso a informação e aos estudos, ingressam no mercado de trabalho e ocupam bancos acadêmicos [...]. (p. 06-07).

Mulheres pesquisadoras, mulheres surdas, mulheres destacadas como heroínas surdas pelo papel que desempenham na comunidade surda. São referências para outros surdos, no sentido de possibilidade de ingresso a diferentes espaços e desempenhando diferentes papéis. Na próxima seção, tratarei do espaço do esporte como possibilidade de criar herói para os surdos, e que, assim como as associações, passaram a reunir os surdos.

5.5 HEROÍSMO ATRAVÉS DO ESPORTE

A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos - CBDS foi fundada em 1984, mas sua história começa bem antes, na década de 50, com o intenso movimento de criação de associações de surdos. No início, as associações funcionavam como espaços de recreação e lazer, mas com o passar do tempo, passaram a ser importantes pontos de articulação política e de prática desportiva. Entretanto, nessa época ainda não havia uma organização centralizada e as competições eram muito voltadas para o futebol. Em paralelo, o país vivia também um momento político bastante favorável para o setor dos esportes. O Presidente Getúlio Vargas havia acabado de criar o CND (Conselho Nacional de Desportos) como incentivo ao esporte no país.

A prática desportiva nas associações se tornou consolidada com o passar dos anos e fez com que surgisse a necessidade de se organizar uma entidade apenas de esportes dos surdos. Em 20 de janeiro de 1959, foi fundada então a FCSM (Federação Carioca de Surdos Mudos), no Rio de Janeiro. Liderada por Sentil Delatorre, a entidade foi reconhecida pelo CND e pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Posteriormente, filiou-se ao ICSD – International Committee of Sports for the Deaf (Comitê Internacional de Esportes dos Surdos), entidade mundial na qual a CBDS é filiada até hoje.

Sentil Delatorre³⁶ foi responsável pela organização das atividades referentes aos esportes de surdos na América do Sul e no Brasil, e incentivou muito a promoção dessas atividades esportivas. Fundou algumas instituições, como: Federação Carioca de surdos-mudos - FCSM e Confederação do Sul de Desporto Surdo - CONSUDES. Atualmente, Sentil é responsável pelo registro e armazenamento de inúmeras fotografias, objetos e troféus, bem como outros materiais que tratam da história do esporte surdo brasileiro. Todo material se encontra na casa de Sentil em um espaço que ele chama de "Nosso Museu".

A FCSM atuava de maneira regionalizada. As associações se espalharam por todo o país e a prática desportiva também, mas ainda não havia uma entidade que centralizasse os campeonatos. Mais uma vez, Sentil Delatorre, importante desportista surdo e ex-presidente de várias instituições, tomou a iniciativa de convocar uma assembleia geral. Participaram surdos de todo o país que se entusiasmaram com as ideias de Sentil. No dia 17 de novembro de 1984, no auditório do INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos), nasce a CBDS.

Em entrevista, presente na dissertação *Esportes surdos na Constituição do ser Social: O resgate histórico sob a Perspectiva da Educação Ambiental* (FRANCO, 2012), Sentil fala do trabalho de outros surdos para a idealização do espaço dos surdos no esporte.

Eu, Sentil Dellatorre fui o principal idealizador, mas o grupo foi muito grande das pessoas que me ajudaram e que não podem ser esquecidas. O Conselho Nacional de Esportivos- CND me ajudou muito, como contei anteriormente, mas muitas outras pessoas também trabalharam para fundar as federações, para que as associações crescessem. Foram muitas pessoas e se eu fosse citar nomes, esqueceria de algum, mas cito o Mario Pimentel, Antonio Campos de Abreu, Mario Devisate, de São Paulo, Policarpo Meca, de São Paulo, Miguel da Fonseca Seabra de Melo, Osvaldo de Souza Leivas. Olha, isso faz mais de 60 anos, muitos amigos já faleceram e estão na paz de DEUS. (FRANCO, 2012, p.44).

Mário Júlio de Mattos Pimentel foi eleito o primeiro presidente da CBDS e presidiu por vários mandatos com grande dedicação e brilhantismo. Depois dele, presidiram a entidade Narciso Emmanuel de Paiva, Sentil Delatorre e José Tadeu Raynal Rocha. Desde a fundação até os dias de hoje, a entidade passa por grande dinamismo esportivo. Houve um intenso crescimento no número de associações por todo o país e, consequentemente, no número de competições locais, regionais e

³⁶ Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 12.

nacionais. Além de apoiar essas competições, a CBDS esteve presente em vários campeonatos internacionais.

Ainda em entrevista para Franco (2012), Sentil relata sobre a importância do esporte e trabalho para a produção de heróis/heroínas surdos/as na área esportiva. Sentil afirma:

O esporte se mostra um rico instrumento de socialização e de identidade cultural, na medida em que incentiva a comunicação e a organização política. Este pode ser um objeto de muitas outras produções acadêmicas, que podem valorizar o esporte e elevar o nível cultural dos surdos brasileiros. (FRANCO, 2012, p. 72).

A partir da preocupação de Sentil com a relação do esporte com as produções culturais dos surdos, destaco a argumentação dos participantes da pesquisa ao destacar a CDBS e Sentil como heróis da comunidade surda:



Figura 18 – Logotipo da CBDS

Fonte: cbds.org.br.

Sentil Delatorre foi outra importante figura que gerou líderes surdos na comunidade esportiva e empurrou-os para criação de entidades esportivas no Brasil e na América do Sul. (E-mail – 1)

[...] olhem a imagem do logo da CBDS, quem lutou, estimulou o desenvolvimento e fez acontecer foi Sentil, ele foi muito forte. (SSRS 2 – II Encontro)

No passado, o estímulo de pessoas como Sentil possibilitaram a construção de espaços de encontro e identificação. Das primeiras competições até os dias de hoje, muitas modalidades foram sendo inseridas nas competições dos surdos, sendo que a comunicação em língua de sinais é um dos motivadores para os encontros esportivos. Nas competições nacionais e internacionais, os surdos trocam experiências do espaço da comunidade surda. Conforme Franco (2012, p. 72), personalidades como Sentil e outros, como Mário Pimentel, constituíram-se como lideranças surdas “que iniciaram um importante movimento surdo que contribuiu

enormemente para muitas conquistas dos surdos. Tais conquistas extravasaram o âmbito esportivo, atingindo esferas sociais mais amplas”.

O destaque do esporte como espaço de construção heroísmo surdo se parece se aproximar do que tratava Ladd (2013) sobre a ideia de nação surda que o encontro entre surdos possibilita:

Um traço cultural particular da vida da Comunidade Surda é a orientação nacional da sua consciência. As viagens a outras associações e a participação em eventos desportivos e sociais a nível regional criaram um sentido de nação Surda, o qual ajudou a criar uma identidade Surda mais abrangente que, por sua vez, reforçou a unidade do nível local. (LADD, 2013, p. 160).

O esporte tem se apresentado como uma característica tradicional das comunidades surdas, um local de encontro dos surdos. A representação do esporte surdo na figura da CDBS e de Sentil Delatorre, como marca do heroísmo surdo, nos falam da noção de integração e aproximação que o esporte possibilita aos surdos, dessa forma, o esporte atua como herói na comunidade surda. Sentil Delatorre recebe esse destaque pelo papel salvacionista, descrito por vários participantes ao se referirem ao que seria o heroísmo, ou seja: Sentil, na promoção de espaço para o esporte (como no caso da constituição da CDBS), promoveu encontro entre os surdos e recebe destaque na comunidade por esse feito.

5.6 OUTRAS FORMAS DE REPRESENTAR O HEROÍSMO SURDO

Nas seções anteriores, destaquei as recorrências observadas nos diferentes espaços de produção dos dados da pesquisa; entretanto, outros nomes também foram citados e se relacionam com aspectos locais ou de interesse dos participantes, mas apareceram uma ou outra vez. Sobre essas outras formas de representação do heroísmo surdo, destaco nesta seção os seguintes personagens: Samanta, surda que disputou o título de rainha da Fenadoce em Pelotas; Gilmar³⁷ com as contribuições na região nordeste; João Paulo³⁸ e o pioneirismo como piloto de avião; Vanessa Vidal³⁹ e seu trabalho como modelo; enfim, nomes que surgiram como representação do heroísmo relacionado ao pioneirismo e atuação em uma

37 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 04.

38 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 06.

39 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 14.

área que outros não haviam se aventurado. Nesse sentido, o heroísmo surdo construído pelos participantes da pesquisa diz respeito a relação que os sujeitos têm com a sua comunidade, de que forma colaboram com o desenvolvimento da mesma. O primeiro destaque é para João Paulo, primeiro piloto brasileiro a lutar pelo reconhecimento da sua atuação junto a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC).

5.6.1 O piloto surdo brasileiro

Nesta seção apresento como os participantes dos grupos focais mencionaram o nome de João Paulo Marinho dos Santos, conhecido como João Avião, relacionado ao heroísmo surdo. Dentre as justificativas que levaram os participantes a destacá-lo como herói, localizo nas falas as ideias do herói por dois caminhos: primeiro como aquele que apresentou à sociedade outras formas de atuação profissional dos surdos e segundo, a ideia de que ele é considerado herói pois luta e não desiste, como apresento na citação abaixo:



Figura 19 – Piloto João Paulo

Fonte: g1.globo.com.

Quando eu vi no Facebook sobre o João eu lembrei da revista da FENEIS, e percebi como é importante que os surdos desenvolvam outras profissões e servem como referência para os demais surdos da comunidade. [...] parece que ele salvou a imagem que a sociedade tinha sobre os surdos, com a presença dele a sociedade passou a ver que os surdos podem pilotar e isso se espalhou. Ele tem uma profissão complexa que mostra que os surdos têm capacidade para atuar. (ASP I – II Encontro)

A referência a João Paulo como herói foi destacada nas falas, pelo fato de ser ele o primeiro piloto de avião surdo conhecido pela comunidade surda. A representação de heroísmo, identificado pelos participantes, apresenta a ideia de que o herói mostra as possibilidades de um determinado grupo à sociedade majoritária, e principalmente, parece que a atuação em uma nova área profissional acaba encorajando outros sujeitos. Ainda, os participantes destacaram a luta de

João como uma característica para determiná-lo herói, como apresento no trecho a seguir:

[...] João quer pilotar em aeroportos, falta muito pouco para conseguir. Ele continua lutando, não vai desistir, sonha em ser piloto, espero que tenhamos um piloto surdo. [...] É preciso lutar, ele está fazendo isso e quase chegando lá, falta muito pouco, e parabenizo-o pois pensam que é difícil, o principal é que não se pode desistir. Ele é muito forte, um lutador para chegar onde ele sonhou, temos que aprender com ele [...] (SSRS 9 – II Encontro)

João Paulo já passou por avaliações para pilotagem, mas para atuar profissionalmente em aeroportos, precisa da aprovação da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Existem impeditivos que são alegados em razão da surdez, mas que tem sido dialogado com a ANAC. João representa o heroísmo surdo, não por sua vitória como piloto, mas pela luta que vem desempenhando no reconhecimento da profissão. Ser herói, segundo os participantes, envolve a luta, o sentimento de nunca desistir.

Algumas notícias divulgadas pela mídia contam que João não está preocupado somente consigo, mas com outros surdos que também atuam no setor aéreo. João Paulo vem tentando que o Brasil, nas normas da aviação área, como já ocorre em outros países, estabeleça princípios normativos para inclusão de pessoas surdas na aviação brasileira, conforme João Paulo, em entrevista:

A mudança da legislação com a inclusão de princípios que beneficiem portadores de necessidades especiais é necessária para que pessoas surdas possam exercer a função de piloto de aeronaves no país. Em outros lugares, a exemplo dos Estados Unidos, pilotos surdos operam até mesmo aviões comerciais de grande porte, a exemplo de Airbus e Boeing⁴⁰.

João Paulo é reconhecido como herói na comunidade surda, pois em outros momentos não se podia imaginar que um surdo chegaria em um espaço como este. No passado, o preconceito e a ideia de que alguns espaços não deveriam, ou não seriam ocupados por surdos, era presente em nossa sociedade, e quando a revista da FENEIS trouxe notícias de que surdos americanos estavam pilotando aviões, João comenta que se sentiu encorajado. Atualmente, ele luta para conquistar o espaço de piloto de fato, reconhecido pela Agência Nacional de Aviação Civil –

40 Entrevista Piloto surdo luta por reconhecimento no país. Em 24 de setembro de 2015, Disponível em <http://www.surdosol.com.br/piloto-surdo-luta-por-reconhecimento-no-pais/> Acesso em 14 jul. 2016.

ANAC. A luta pelo reconhecimento dos surdos em espaços que antes não eram pensados para eles é visto pela comunidade surda como exemplo de heroísmo. Como exemplo desse reconhecimento da comunidade aos sujeitos que vêm demonstrando a possibilidade de ocupar diferentes espaços, destaco o nome da Vanessa Vidal, também escolhida pelos participantes da pesquisa como exemplo de heroísmo surdo.

5.6.2 Beleza como instrumento de visibilidade e empoderamento das mulheres surdas

A representação do heroísmo sobre Vanessa Vidal não está relacionada diretamente à sua beleza, mas como sua beleza e atuação profissional colaboram para o empoderamento das jovens surdas. Nos relatos dos participantes, o nome de Vanessa Vidal recebeu destaque como personagem heroica pois estimula outras jovens e se enxergarem como belas e capazes de participar de concursos. As próprias ações que vêm sendo desenvolvidas nas associações, como desfiles e outras atividades, marcam a influência de Vanessa na comunidade, como destaco:

[...] V-A-N-E-S-S-A, antigamente não existiam mulheres surdas modelos e a maioria das surdas sonhava em ser modelo, mas só viam ouvintes como modelos. Vanessa Vidal foi primeira surda a conseguir [...] todos começaram a ver que uma surda conseguiu [...] O que isso significa? Significa que a Vanessa Vidal é uma liderança que passou a cultivar essa ideia nas associações, antigamente se pensava no esporte e hoje também temos desfiles nas associações. (ASP 7 – II Encontro)



Figura 20 – Concurso de Miss Brasil (2008) -Vanessa Vidal à esquerda

Fonte: turismoadaptado.wordpress.com.

Os efeitos do heroísmo surdo desempenhado por Vanessa Vidal⁴¹ estão relacionados aos olhares acerca dos espaços que os surdos podem ocupar na sociedade, por exemplo, no espaço da beleza, como Thais Payo, que participou do Miss Deaf World (MSW). Sobre esse evento, Vanessa Vidal se destacou durante alguns anos na divulgação e organização do Miss Surda, que elegia a representante nacional para participar de eventos internacionais, como o caso de Thaisy Payo. A beleza não é uma característica do heroísmo, mas tem efeitos na comunidade em forma de empoderamento dos surdos e oportunidade profissional, marca disso é a fala de um dos participantes:

Vanessa Vidal, a grande estrela das passarelas e vice Miss Brasil que teve repercussão nacional e mundial, um grande exemplo para nós, da comunidade surda. Personalidade forte e guerreira que difundiu as condições favoráveis pelo bem da sociedade surda. (E-mail 01)

Neste sentido, destaco outro exemplo de atuação de surdos em espaços de predominância ouvinte. Os participantes do grupo focal da ASP, quando sinalizaram sobre Vanessa Vidal, discutiram também sobre a participação de uma representante surda na escolha da rainha da Feira Nacional do Doce, popularmente conhecida como Fenadoce. A Fenadoce é um evento que ocorre na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, anualmente, reunindo doceiras e empresas da cidade que atuam nesse ramo. Os participantes da ASP destacaram:

[...] Samanta concorreu a rainha da Fenadoce por duas vezes, eu acho que ela estava em contato com a Vanessa Vidal, pela internet eu acho [...] (ASP 1 – II Encontro)

Samanta concorreu a rainha da Fenadoce [disseram] que a Samanta é linda e se fosse ouvinte passaria sem dúvida nenhuma, mas é surda e não dá por causa da dificuldade de comunicação, queriam escolher a Samanta, eu disse que poderiam chamar intérprete, mas era tarde. (ASP 9 – II Encontro)

⁴¹ Vanessa Vidal é modelo surda e escreveu sua autobiografia intitulada “A Verdadeira Beleza”, na qual conta sua trajetória de vida e luta. Segundo sites de divulgação, o livro é “um conjunto de encantadoras histórias de renascimento”. Mais informações sobre a obra disponíveis em <http://talentosurdosbrasil.blogspot.com.br/2010/12/livro-verdadeira-beleza-vanessa-vidal.html> Acesso em 02 ago 2016.

Samanta Carniere Rodrigues concorreu por dois anos ao título de rainha da feira, mas não conseguiu vencer as disputas. No ano de 2008 e em 2010, os problemas enfrentados pela participante envolveram as questões relacionadas à comunicação, como a falta de intérpretes de língua de sinais. O que pode-se verificar com relação à beleza como possibilidade de construção do heroísmo surdo refere-se ao papel que esses sujeitos passam ocupar na comunidade surda, bem como a criação de concurso nacionais de beleza surda. Com o intuito de integrar cada vez mais as associações de surdos, a entidade Miss Surda Brasil⁴² foi criada por iniciativa de Vanessa Vidal, que é sócia da Associação de Surdos do Ceará - ASCE e responsável direta pela organização do Miss Brasil Surda desde 2012. O concurso tem como finalidade eleger a representante brasileira Miss Deaf World (MDW), como foi o caso de Thais Payo que conquistou o título mundial em 2013.

Não é só a beleza que faz com que Vanessa Vidal tenha o reconhecimento heroico na comunidade surda, assim como expliquei anteriormente, é o exemplo que deixa para a comunidade que favorece sua atuação heroica. As mulheres surdas sentem-se estimuladas pelo exemplo de Vanessa e passam a acreditar na possibilidade de ocupar espaços que antes eram vistos apenas para ouvintes. A atuação de Vanessa Vidal ajuda na autoestima das mulheres e valoriza o uso da Libras, multiplicando sua atuação e transformando-se em referência. Vanessa Vidal é um exemplo de heroína surda que se destacou, inicialmente, em função de sua beleza. Ao perceber o espaço e a visibilidade que ela obteve, não teve medo de mostrar quem são os surdos, quais suas habilidades e capacidades. Hoje, ela aparece na mídia exaltando a comunidade surda e a língua de sinais.

Os surdos que foram lembrados como possíveis heróis da comunidade surda também estão atuam em outros espaços, principalmente da educação e no desenvolvimento educacional da comunidade local onde estavam inseridos, como foram destacados os nomes de Gilmar, Wanda, Rejane e Wanderlei, que apresentarei na próxima seção.

⁴² http://www.missurdabrasil.com.br/2015/historia_msb.html Acesso em 12 jul. 2016.

5.6.3 A identificação de heróis/heroínas locais

A maneira como foram sendo produzidas as representações sobre o heroísmo surdo estão intimamente ligadas às formas de expressão como os sujeitos se relacionam com a sua comunidade. A linguagem visual é marca fundamental das comunidades surdas, sua comunicação e forma de expressão é a língua de sinais e, por meio dessa comunicação, conseguem se expressar politicamente, e acabam por se identificar com diferentes comunidades surdas em virtude de suas experiências. Em razão da sobreposição, em vários momentos históricos, da língua escrita aos diversos povos, as comunidades surdas sinalizantes, optam pela valorização dos elementos visuais impressos na sua comunicação e buscam apresentar sua representação de si e do mundo como maneira de construção de significados da comunidade surda. Essa marca que é a língua de sinais colabora com a lembrança de nomes que estiveram relacionados com a educação, formação e usa da língua de sinais como meio de comunicação das comunidades surdas.

Os primeiros nomes que destaco são de Gilmar e Wanda⁴³,

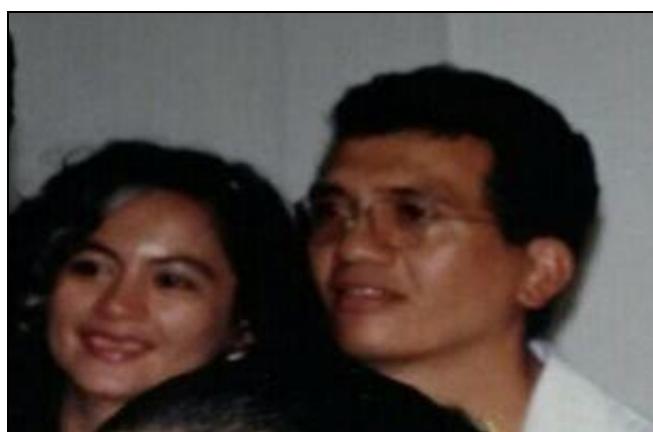


Figura 21: Foto de Gilmar (Recife)
Fonte: Acervo pessoal do participante.

Gilmar Lopes e Wanda Pinheiro são surdos do nordeste do Brasil e foram destacados pela atuação na comunidade surda do Recife, principalmente pelo papel de incentivadores do desenvolvimento da comunidade, sobre essa influência destaco a sinalização do participante do grupo focal:

⁴³ Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 15.

[...] ele sabia muito de português, e me ensinou no segundo grau... deixa-me ver... em 96, 97 e 98... mas se não fosse ele , o Gilmar, **me incentivar eu não estaria aqui.** Eu sempre falo no Gilmar, tinha uma esposa, a W-A-N-D-A, que já faleceu também, os dois morreram muito jovens. [...] Foram essas duas pessoas que **ajudaram a ser o que sou, sem eles eu não estaria aqui hoje.** Gilmar sempre falava coisas positivas [...]. Estas duas pessoas são heróis para mim, sem o auxílio deles eu não estaria aqui... são heróis porque me influenciaram. (ASP 5 – II Encontro)

O heroísmo é representado como incentivo na formação dos sujeitos, como destaca o participante, os dois atuaram como referência na constituição do que o participante destaca como “ser o que é”. Observo o destaque do participante ao conhecimento de Gilmar da língua de sinais, algo que estimulava e favorecia o papel que exercia na comunidade. Não só o conhecimento da língua portuguesa, mas o uso da língua de sinais foi recorrente na identificação do heroísmo surdo pela comunidade surda gaúcha, nesse sentido, os participantes dos grupos focais lembraram dos nomes de Rejane Storch Holz⁴⁴, Vanderlei Anezi⁴⁵ e Claudia Maguns Fialho⁴⁶, bem como a escola de surdos, novamente como espaço de produção do heroísmo, como seguem os excertos:

[...] lembro da primeira professora surda, a professora Rejane, **ela explicava tudo em língua de sinais**, podíamos perguntar tudo e ela nos respondia em língua de sinais e nos ensinava a sinalizar. [...] Ela nos mostrava que era possível um surdo casar, ter uma casa, **mostrava que tudo era possível**, nos incentivava muito e sempre em língua de sinais. (ASP 1 – II Encontro)

Na terceira foto aqui estão o Luis e Rejane, escolhi porque são professores aqui de Pelotas e por causa deles que escolhi ser professora. Eles eram professores aqui do Alfredo Dub, a Rejane foi minha professora quando era pequena, não tinha a noção que era pelo fato de ser surda como eu, o que me interessava era a comunicação em língua de sinais, só com o passar do tempo que me dei conta dessa constituição e quem foi responsável por isso? A Rejane, que hoje é professora da Fiorela. O Luis foi uma referência durante anos, são esses professores ajudaram a construir o que somos hoje, eles nos salvaram. (ASP 6 – II Encontro)

44 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 10.

45 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 13.

46 Visualização do Sinal em Apêndice 08 – imagem 03.

A língua de sinais, no período de atuação de profissionais como Rejane, passava por momentos de legitimação, mas ainda não tinha o reconhecimento na legislação nacional. O nome da professora é destacado como heroína pois, em um período de predominante metodologia oralista, ela ensinava e se comunicava utilizando a língua se sinais. Os participantes da ASP contam que ela está quase aposentada, mas continua atuando na escola Alfredo Dub. Sua atuação foi uma referência a outros surdos, como destaca o participante, dizendo que a partir da docência dela, sentiu-se influenciada e que foi o trabalho dos professores surdos que colaborou com a construção do que temos hoje na educação dos surdos. Na cidade de Porto Alegre, no grupo focal da SSRS, os nomes destacados foram de Vanderlei Anezi, Claudia Magnus Fialho e da Escola Especial Concórdia.

Eu estudei em escola inclusiva, mas conheci a comunidade surda na escola Concórdia, foi lá que comecei a buscar conhecimentos, a escola me salvou, como a história que já contaram aqui sobre o herói que salvou pessoas.
 (SSRS 9 – II Encontro)

A Escola Especial Concórdia, atual Unidade Ulbra de Ensino Especial Concórdia⁴⁷, exerceu papel importante na formação de vários surdos no Rio Grande do Sul. O uso da língua de sinais e o sentimento de pertencimento à comunidade surda, como destaca o trecho acima, parte desse reconhecimento da escola como um espaço heróico de refere as atividades propostas pelo espaço, como destaco em outro excerto:

[...] no Concórdia velho não podíamos usar a língua de sinais, éramos obrigados a oralizar. Eu lia o que estava escrito e não entendia nada. Bea, filha na Naomi foi para os Estados Unidos (...) trouxe um luterano americano, sabe luterano? Um luterano americano usava a língua de sinais, fiquei assustado, usava a língua de sinais muito rápido, era famoso e ficamos abismados com a sinalização dele. Ele era ouvinte, ouvinte... ele explicou tudo diferente, meus olhos nunca tinham visto nada assim, eu vou mostrar /o participante pega o livro sobre comunicação

47 A Escola Especial Concórdia, hoje pertencente a rede de ensino da Ulbra – Universidade Luterana do Brasil, iniciou suas atividades no ano de 1966 “fundada pelo reverendo Dr. Martin Carlos Warth e por sua esposa Naomi Hoerlle Warth [...], nas dependências do Seminário Concordia, situado no bairro Mont Serrat, em Porto Alegre (RS)”. O número de alunos foi aumentando e no ano de 1970 a escola passa a se chamar CEDA – Centro Educacional para Deficientes Auditivos. No ano de 1984, ocorre a mudança para a nova sede no bairro Jardim Ipiranga, onde se encontra até hoje. Ao se referir ao espaço antigo onde se situava a escola, os alunos a chamam até hoje de “Concórdia Velho”. No ano de 1996, a escola passa a integrar a rede Ulbra. Informações disponíveis em: www.ulbra.br. Acesso em 25 jul. 2016.

total da escola Concórdia e começa a folhar, abre em uma página e mostra os sinais! O americano ajudou a desenhar esse livro (...) olhem o desenho, é a planta do Concórdia velho. (SSRS 7 – II Encontro)



Figura 22 - Capa e Contracapa do dicionário do Concórdia

Fonte: Acervo pessoal do participante.

A Escola Concórdia recebia visitas de diferentes pessoas, como o padre Eugenio Oates destacado pelo participante. Os alunos, naquele momento, começavam a ter contato com outras possibilidades de comunicação, principalmente pelo uso da língua de sinais, uma comunicação forte e possível. Nos Estados Unidos, local de origem de Oates, a língua de sinais já circulava nos espaços escolares, mas para os surdos brasileiros da Escola Concórdia, isso ainda era novo. A escola recebe destaque não só pelos surdos gaúchos, mas por outros que começam a se deslocar para o estado para estudar, pois o Concórdia foi a primeira escola de surdos do Brasil a abrir o ensino médio para surdos e também recebe destaque pela luta de Vanderlei e Claudia cujas ações, em parceria com os pais dos alunos, possibilitaram essa formação, como destaco:

56... 1956... lembro de uma coisa muito importante... não tenha segundo grau lá.... Claudia e Vanderlei terminaram o primeiro grau e diziam que era possível abrir o segundo grau, muito diziam que não podia, mas os dois afirmavam que era possível. Então foram para Brasília para brigar pela abertura do segundo grau, não tinha em lugar nenhum (...) os dois são heróis surdos, porque muitos puderam estudar lá (...) não tinha nenhuma outra escola com segundo grau no Brasil, o Rio Grande do Sul foi o primeiro. A Claudia e o Vanderlei são heróis,

eles se organizaram, e depois vieram as faculdades... isso é heroísmo.
(SSRS 6 – II Encontro)

Os participantes destacaram os nomes de Vanderlei e Claudia pelo protagonismo que exerceram na comunidade surda gaúcha, principalmente na cidade de Porto Alegre, em razão da escola de surdos Concórdia. O uso da língua de sinais e a defesa de um espaço de formação que respeitasse os surdos é a marca do heroísmo destes sujeitos. A partir das falas dos participantes, destaco o uso da língua de sinais, o protagonismo e pioneirismo elementos de representação dos significados sobre heroísmo surdo. Na seção seguinte, encaminho as conclusões a partir da produção dos dados da pesquisa e das análises realizadas durante a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre os/as heróis/heroínas e o heroísmo surdo foi desafiadora. Não existe um conceito estabelecido sobre quem seriam e o que representaria o heroísmo para a comunidade surda. Os materiais não estavam à disposição para a realização das análises, foram necessários a produção de dados e o contato com a comunidade surda gaúcha, para então realizar uma análise sobre o que os participantes apresentavam sobre as representações sobre o tema. Nenhum processo investigativo é simples ou fácil, pesquisar significa buscar respostas para o que desconhecemos, e foi assim que desenvolvi minha pesquisa, como tentativa de construir caminhos que me fizessem alcançar os objetivos traçados para desenvolvimento da tese.

A partir dos questionamentos, estabeleci os seguintes objetivos específicos da pesquisa: - entender quais as representações de herói surdo que circulam na comunidade surda gaúcha; - identificar quem são os heróis/heroínas surdos/as nomeados pela comunidade surda gaúcha; - analisar os efeitos das representações de heróis/heroínas surdos/as para a comunidade surda gaúcha, ou seja, que modos de ser surdo e de se estar na comunidade surda são produzidos a partir dessas representações. Assim, pretendi alcançar o objetivo geral, ou seja, compreender as representações de herói surdo, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, no Rio Grande do Sul.

Nas análises produzidas com base nos dados de pesquisa, foi possível identificar alguns tópicos em que os heróis/heroínas e o heroísmo surdo foram sendo construídos. Inicialmente, busquei o que a comunidade surda pensava e, com este processo de investigação, analisei as representações produzidas dentro da comunidade. Entretanto, encaminho a discussão final desse trabalho, compreendendo que essa tese também produz representações sobre os heróis/heroínas surdos/as. As representações observadas na sinalização e comentários da comunidade surda dizem respeito a uma forma de olhar, e minha representação sobre o heroísmo tem relação com o olhar com que analisei as produções dos participantes de pesquisa.

Para entender quais as representações de herói/heroína surdo/a que circulam na comunidade surda gaúcha, analisei os comentários de participantes produzidos nos grupos focais, a partir do *post* com perguntas no Facebook e e-mails que havia

endereçado ainda na etapa de projeto de pesquisa. Com base nessa produção de dados, observei a recorrência da defesa da língua de sinais como fator de representação e constituição dos heróis e do heroísmo na comunidade surda gaúcha. Tanto nos comentários dos grupos focais quanto na produção de dados nas redes sociais, verifico semelhanças nas representações de heroísmo identificado a partir das experiências dos sujeitos da pesquisa. Surdos com maior envolvimento com o esporte destacaram feitos heroicos e nomes dentro deste contexto, enquanto que outros com maior envolvimento político citaram nomes desses espaços.

A representação é a produção de verdades, verdades carregadas de significados que os participantes desta pesquisa contaram sobre o que consideram heroísmo na comunidade surda, e como representação, observo que a defesa da língua de sinais, e o significado de herói como aquele que “salva” a sua comunidade, a sua língua são representações, marcas do heroísmo surdo destacados pelos participantes.

No trabalho de identificação dos heróis/heróinas surdos/as nomeados pela comunidade surda gaúcha, surgiram nomes como Salomão Watnick e Levy Wengrover, que apareceram como responsáveis pela criação da associação de surdos no Rio Grande do Sul, espaço de defesa das comunidades, ponto de encontro e troca de experiências da comunidade surda gaúcha. Os nomes de Ana Regina Campello, Antônio Campos e Patrícia Rezende aparecem como nomes importantes nas lutas nacionais da comunidade surda, por exemplo, na criação da Feneis pelos dois primeiros e a luta pela educação bilíngue para surdos na figura de Patrícia Rezende. No campo acadêmico, foram citadas as pesquisadoras Gladis Perlin e Marianne Stumpf pelo trabalho que desempenham nas pesquisas e o pioneirismo na formação e orientação de pesquisas.

Ainda no cenário nacional, foram citadas as seguintes instituições: INES, Feneis e CBDS, com forte influência na formação e atuação dos surdos. O INES recebeu destaque pelos participantes por ser a primeira instituição de ensino para surdos no Brasil e segundo os participantes, muitos surdos estudaram no INES e quando retornaram aos seus estados criaram associações. A Feneis foi citada por ser um espaço de luta dos surdos e defender os interesses da comunidade, como por exemplo, a regulamentação da língua de sinais em nosso país. A CDBS e Sentil Delatorre foram destacados pelo papel que o esporte passou a ocupar nas comunidades surdas, o empenho de Sentil por colocar o desporto surdo em

evidencia, assim como já ocorria com os esportes praticados por ouvintes; esse destaque é importante, pois marca o pioneirismo novamente como características para o heroísmo.

Outros nomes surgiram com a produção dos dados, como o de João Paulo Marinho dos Santos e Vanessa Vidal, articulados também à ideia de pioneirismo e a construção do heroísmo pela entrada em espaços que antes não haviam sido ocupados por outros surdos. Rejane Storch Holz, Vanderlei Anezi, Claudia Maguns Fialho, Gilmar Lopes e Wanda Pinheiro são nomes surdos articulados ao conceito de herói surdo pela atividade que cada um desempenhou junto à sua comunidade. São nomes que surgiram neste contexto de pesquisa e que poderiam ser outro se fosse um outro contexto. Apresento como heróis locais porque foram lembrados por sujeitos que estavam muito próximo deles: Rejane, pela atuação na escola de surdos em Pelotas; Gilmar e Wanda na região nordeste, localidade de origem de um dos participantes da pesquisa; Claudia e Vanderlei na cidade de Porto Alegre, dado o trabalho de liderança na Escola Especial Concórdia. Enfim, nomes que surgem das experiências dos sujeitos da pesquisa e que poderiam ser outros se outros pesquisados fossem.

No processo de identificação dos heróis e heroínas surdos/as objetivou-se analisar os efeitos das representações sobre o heroísmo surdo para a comunidade surda gaúcha, ou seja, que modos de ser surdo e de se estar na comunidade surda são produzidos a partir dessas representações, como havia destacado nos objetivos específicos. Como efeitos destas representações de herói e heroísmo surdos com características como o pioneirismo, a ideia de salvação e de luta, a tese não buscou somente biografias das personalidades, mas verificar que na identificação dos heróis e dos feitos históricos, os sujeitos da pesquisa sentiam-se parte do processo histórico e reconhecendo o heroísmo como um episódio da história da comunidade surda.

Como efeito dessas representações, observo a comunidade articulada com sua história e valorizando as lutas da comunidade surda. Diferente de pesquisas que abordam a representação de outros sobre os surdos, como por exemplo, como os surdos são representados no cinema, nas novelas, nas propagandas, minha pesquisa procurou identificar o olhar, as representações, os significados produzidos dentro da comunidade surda sobre os episódios vividos pela comunidade surda. É a produção de olhares e verdades de uma comunidade sobre si.

Historicamente, outras representações foram produzidas a partir do olhar do surdo como um outro, marcado pela falta, pela deficiência. Exemplo disso temos nas análises de Silveira (2000), que analisa produções literárias que abordam o tema da surdez. As produções que representavam os surdos como deficiente têm sido substituídas pela “autorrepresentação dos grupos nas lutas pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades.” (SILVEIRA, 2000, p.203). Segundo a autora, são “as representações de surdez que se inspiram em um modelo antropológico e atualmente buscam um horizonte de legitimação nos Estudos Culturais.” (p., 177). Dentro da perspectiva destes estudos, a língua de sinais tem sido valorizada e legitimada.

A pesquisa se encerra acolhendo, valorizando e registrando as histórias da comunidade surda gaúcha, no sentido de estimular que as experiências da comunidade façam parte das disciplinas na educação dos surdos e no ensino da língua de sinais. Tratar do heroísmo e dos heróis/heroínas que constituíram a comunidade surda é possibilitar aos alunos, surdos e ouvintes dos cursos de formação, como por exemplo, o curso de tradução e interpretação em Libras/Língua Portuguesa do IFRS - Alvorada onde atuo, o acesso ao conhecimento de outras histórias que não são contadas em qualquer espaço. Essas histórias registradas e categorizadas nessa tese dizem respeito ao espaço de construção da comunidade surda, quando os surdos puderam falar das suas representações sobre o heroísmo na sua comunidade. O tema herói/heroína e heroísmo surdos é significado como ato e movimento na identificação de “ser surdo”, não só pelas personalidades que foram citadas, mas pelas instituições que possibilitaram o desenvolvimento dos surdos.

O tema não se esgota na apresentação desse trabalho, outras escolhas poderiam ter sido feitas, outros questionamentos surgem a cada leitura e releitura do material, mas é necessário finalizar a etapa. Aos leitores poderão surgir outras perguntas, outros apontamentos e observações, mas é a partir da perspectiva dos Estudos Culturais que se configurou este trabalho, possível de outros olhares e outras possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (orgs.). **Cultura, consumo e identidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara.** Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** – Florianópolis, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto no 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002.
- BRITO, Fábio Bezzera. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais.** (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo – USP, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** / Trad. Ubiraja Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, Editora UFPR, p. 71-92, 2014.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Trad: Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CARVALHO, Paulo Vaz de. **História dos Surdos no Mundo e em Portugal.** Lisboa/Portugal: Surd'universo, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (orgs). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisas nas fronteiras.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DAL'IGNA,Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 195-217.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto.** São Paulo: Paulus, 2008. DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: Maria Ecília de Souza Minayo. (Org.). **Teoria, método e criatividade: introdução à pesquisa social.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1994, v. 1, p. 31-50.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha. **Espor tes surdos na constituição do ser social:** o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Rio Grande – FURG, 2012.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Informação & Sociedade:** Estudos.v.10 n.2 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/25> Acesso em 20 ago. 2015.

DURANT, Will. **Heróis da História:** Uma Breve História da Civilização da Antiguidade Ao Alvorecer da Era Moderna. Trad. Laura Alves e Aurélio Barroso Rebello. Porto Alegre, L&PM, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autentica, 2^a ed, 2000, p. 133 – 166.

FABRIS, Elí Terezinha Henn. **As marcas culturais da Pedagogia do herói.** 24^a Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): intelectuais, conhecimento e espaço público, 2001, Caxambu (MG).

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói?** São Paulo: Brasiliense 1984.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kummer: **O estatuto das linguísticas das línguas de sinais:** Libras sob a ótica saussuriana. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa, Tipos Fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GOMES, Anie Pereira Goularte. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual:** emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

GOMES, Maria Elasir S; BARBOSA, Eduardo F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos.** Educativa- Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais, 1999. Disponível: www.dppg.cefetmg.br/mtp/textos.htm Acesso em 06 mai. 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. El trabajo de la representación. In: **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** London, SagePublications, 1997. Cap. 1, p. 13-74. Trad. Elías Sevilla Casas. Disponível em: file:///C:/Users/Lucia/Downloads/14_El_trabajo_de_laRepresentacion_Stuart_Hall.pdf. Acesso em: 06 agost. 2014.

HOLCOMB, Thomas. K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOOPP, Lodenir Becker, KLEIN, Madalena; LUNARDI-

LAZZARIN, Márcia Lise. **Cultura surda na contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p.139-149.

JUNIOR, Gláucio de Castro. **Variação linguística em língua de sinais brasileira - foco no léxico.** Dissertação (mestrado) Departamento de Linguística Aplicada. Universidade Federal de Brasília – UNB, 2011.

KARNOOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. (2011) Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Eds.). **Cultura Surda na contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora ULBRA.

KLEIN, Madalena. **Tecnologias de governamento na formação profissional dos surdos.** Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

KLEIN, Madalena. **A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho.** Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

KLEIN, Madalena. FORMOZO, Daniele de Paula. Gênero Surdez. **Reflexão e Ação,** Volume 15, 1, 100-112, 2007.

LADD, Paddy. **Comprendiendo la cultura sorda:** en busca de la Sordedad. Concepción (Chile): Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, 2011.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 1:** colonização dos surdos. Surd'Universo, Portugal, 2013.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil.** Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443p.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-84.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). **Habitantes de Babel:** políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, José Rosamilton. SANTOS, Ivanaldo Oliveira dos. A trilha do herói: da antiguidade à modernidade. In: **Revista dEsEnrEdoS** - ISSN 2175-3903 - ano III - número 9 - Teresina – abril maio junho de 2011.

LOPES, Corcini Maura. **Foto&grafias:possibilidades de leitura dos Surdos e da Surdez na escola de surdos.** Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

LULKIN, S. Discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, p.36-49

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre Audismo, DeafGain e Surdismo**. Dissertação de Mestrado (Educação). Pelotas: UFPEL, 2013.

MAZZA, Verônica de Azevedo; MELO, Norma Suely Falcão de Oliveira; CHIESA, Anna Maria. **O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência**. CogitareEnferm, 2009, Jan/Mar; 14(1), p.183-188. Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/14486/9729>. Acesso em 06 mai. 2015.

McCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Tradução: Fernanda Eugenio. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MICHAELIS: Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=her%F3i> Acesso em 15 mar 2014.

MIRANDA, Wilson Oliveira. **Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais. Dissertação de Mestrado** (Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2001.

MORAES, Violeta Porto. KLEIN, Madalena. **Escritos surdos**: a produção da diferença capturada na identidade surda em textos acadêmicos na educação de surdos. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

MORAIS, Amílcar. Representações e Lideranças da Comunidades Surda: um olhar da Sociologia. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena. **Cartografias da Surdez: Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia**. Porto: Portugal, Livpsic, 2013, p. 353 – 362.

MORGADO, Marta. **Mamadu, O Herói Surdo**. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. [Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier](#). In: ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, Jun 2006, p. 255-265.

NASCIMENTO, S. P. F. do; COSTA, M. R. Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos: contribuições ao debate institucional. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, Editora UFPR, 2014, p. 159-178.

PADDEN, Carol, HUMPREY, **Surdos na América. Vozes de uma Cultura**. London: Harvard University Press, 1998.

PADDEN, Carol. Sharing a culture. In: **WFD News**. Magazine of the World Federation of the Deaf. Março, 1993, p. 5 - 8.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto. **Histórias de vida surda:** Identidades surdas em questão. Dissertação de Mestrado (Educação). Porto Alegre: UFRGS, 1998.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto. **O ser e o estar sendo surdos:** alteridade, diferença e identidade. Tese de Doutorado (Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RAMOS, Clélia Regina, **LIBRAS:** A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros. Arara Azul, Petropolis, s/a. Disponível em: <http://www.editora-araraazul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em 25 set 2015.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.** Dissertação de Mestrado (Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ROCHA, Solange Maria: **Antíteses, diádes, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos:** um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). (Tese de Doutorado) PUCRJ, 2009.

RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Müller de. **Diferenças e linguagens: a visibilidade dos ganhos surdos na atualidade.** Revista Teias v. 16, n. 40, 72-88, 2015.

ROSA, E. F. Identidades surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: Gladis Perlin; Marianne Stumpf. (Org.). **Um olhar sobre nós surdos:** leituras contemporâneas. 1ed. Curitiba: CRV, 2012, v. 1, p. 23-30.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos.** Rio Janeiro: Imago, 1989.

SANTI, Heloise C. & SANTI, Vilson J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. In: **Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação Ano 2 - Edição 1 – Setembro/Novembro de 2008.**

SANTOS, Ângela Nediane dos; KLEIN, Madalena; MORAES, Violeta Porto. Os efeitos do “significado deslocado” da educação bilíngue para surdos no trabalho docente: uma arena de lutas. In: **Anais II Encontro Luso-Brasileiro sobre o Trabalho Docente e Formação Políticas, Práticas e Investigação:** Pontes para a mudança – REDESTRADO. Porto/Portugal: FPCE/UPorto, 2013, p. 1–11.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA, Ivana Gomes. **A mulher surda hoje:** Novas formas de significar o movimento surdo. (Trabalho acadêmico) Especialização em Educação. Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 2010a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.) 14^a ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética do texto curricular. 1^a ed., 4^areimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010b.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras**. Revista de Educação: UFSM, 2008, Vol. 33, nº1. Disponível em:<http://coralx.ufsm.br/revce/2008/01/a11.htm> Acesso em 20 mai. 2014.

SILVEIRA, R. H. **Contando história sobre surdos(as) e surdez**. In: COSTA, M. (Org). Estudos culturais em educação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

STROBEL, K. L. História dos surdos: representantes "mascaradas" das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller e PERLIN, Gladis. (Org.). **Estudos Surdos II**. 1ed.Rio de janeiro: Editora Arara Azul, 2007, v. 2, p. 1-26.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.) **Estudos surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação. Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação. 2005.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In: **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [36]: 107 - 131, maio/agosto 2010

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. *Opin. Publica* [online]. 2001, vol.7, n.1, pp. 1-15.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam a educação. In. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73- 92.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ZULLO, Allan. **O Herói Dentro de Você**. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **Heróis surdos: busca de significados na comunidade surda do Rio Grande do Sul**; trata-se de uma pesquisa de Doutorado em Educação junto à Universidade Federal de Pelotas.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

Essa pesquisa se justifica por refletir sobre o heroísmo na construção da comunidade surda. Através do registro das representações sobre o heroísmo surdo, aqueles que hoje são crianças e adolescentes poderão tomar conhecimento da história da comunidade surda do nosso estado. O objetivo desse projeto de pesquisa é compreender as representações de herói surdo, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, no Rio Grande do Sul.

Para a realização da pesquisa serão usados os seguintes procedimentos de coleta de dados: organização de Grupo Focal, ou seja, através de encontros em que o grupo de participantes da pesquisa interagirão entre si e o pesquisador, propondo-se uma discussão focada em tópicos específicos, no caso desta pesquisa, os Heróis Surdos. Será necessária a participação em no mínimo 2 (dois) encontros, podendo ser solicitado outros encontros por parte do pesquisador, com a concordância dos participantes. O Grupo Focal ocorrerá nas dependências da Associação de Surdos da cidade dos participantes e as datas serão combinadas no primeiro encontro. Estes encontros terão duração média de 1h e 30min, podendo se estender à 2h, quando necessário; os horários também serão organizados pelo grupo no primeiro encontro.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, não sendo divulgados nomes ou quaisquer dados que possam identificar os participantes. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos, sempre resguardando o sigilo dos informantes. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos de apresentação de resultados da pesquisa. Para as publicações de divulgação ampla, as informações serão transcritas e as imagens não serão divulgadas.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A estudante/pesquisadora Gisele Maciel Monteiro Rangel e a professora orientadora Madalena Klein certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão tratados de forma a garantir o sigilo e a não identificação dos participantes.

Em caso de dúvidas poderei chamar o estudante/pesquisador Gisele Maciel Monteiro Rangel no telefone (51) 94534581 ou a professora orientadora Madalena Klein no telefone (53) 9119 5448.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome completo do Participante

Assinatura do Participante

Nome completo do Pesquisador

Assinatura do Participante

Local e Data:

APÊNDICE 02 – IMAGENS SELECIONADAS PELA PESQUISADORA PARA OS GRUPOS FOCAIS -ATIVIDADE DO II ENCONTRO



Desenho de Ana Regina Campello como nova presidente da FENEIS
Fonte: <http://direitos-humanos28.webnode.com/products/maria-silva/>



Curso do FAT (Fundação Amparo aos Trabalhadores), para formação de instrutores e intérpretes do RS na FENEIS/RS
Fonte: Acervo da FENEIS/RS



Ana Regina Campello sinalizando sobre acessibilidade para surdos-cegos
Fonte: vanessavidalcidadania.blogspot.com



Logo da Associação dos Surdos de São Paulo.
Fonte: www.memorialdainclusao.sp.gov.br



Antonio Campos de Abreu palestrando
Fonte:
http://www.facebook.com/antonioabreu.abreu/media_set?set=a.154391194587554.30483.100000500224215&type=3



Setembro Azul na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
Fonte: <http://cacaumourao.blogspot.com.br/>



Cláudio Morão e Cristian Strack
Fonte: setembroazulrs.blogspot.com



Mais antigo surfista brasileiro surdo - Carlos Mudinho. Fonte: inema.com.br



Representantes da FENEIS/RS com Senador Pedro Simon. Fonte: Acervo pessoal



Comunidade surda caxiense da Sociedade de surdos de Caxias do Sul.
Fonte: Acervo pessoal

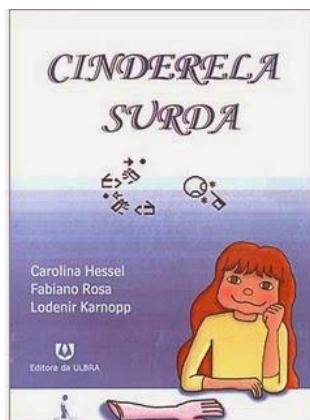


Confederação Brasileira
de Desportos dos Surdos

Logo da CBDS
Fonte: cbds.org.br



Curso de Instrutores e Intérprete de Libras no RS. Fonte: Acervo da FENEIS/RS



Livro de literatura infantil
Fonte: escritadesinais.wordpress.com



Dançarino surdo Cláudio Mourão (Cacau) em apresentação
Fonte: cacaumourao.blogspot.com



Comissão de líderes, intérpretes e diretoria da FENEIS no seminário Direitos Humanos na SSRS

Fonte: Acervo pessoal



Gladis Perlin – primeira doutora surda da América Latina. Fonte: www.porsinal.pt



Francinei Rocha Costa de Passo Fundo é amador surdo de sinuca

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204030502541107&set=a.10204030487820739.1073741842.1180100513&type=3&theater>



Capa do dicionário produzido pela CEDA - Centro Educacional para Deficientes Auditivos
Fonte:Acesso pessoal do participante



Fachada do Instituto Nacional de Surdos no Rio de Janeiro. Fonte: odia.ig.com.br



FENEIS

Logotipo da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
edgarveras.paginas.ufsc.br



Logotipo do curso de Letras-LIBRAS desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina
Fonte: edgarveras.paginas.ufsc.br

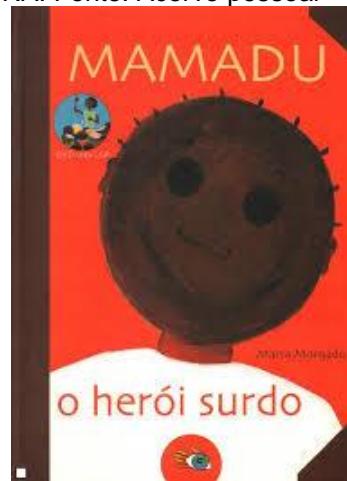


10:01:14 Mar-15-1997

Primeira surda pós-doutorada da América Latina e pioneira no Brasil em pesquisas da Escrita de Sinais
Fonte: www.signwriting.org



Alunos mais antigos e coordenador da NES- Núcleo de Estudos Surdos na ULBRA. Fonte: Acervo pessoal



Capa do livro de Marta Morgado
Fonte: www.livrarialeitura.pt



Vanessa Vidal foi vice-miss Brasil em 2008
Fonte: turismoadaptado.wordpress.com



Pioneiro ator surdo brasileiro Nelson Pimenta e grande artista da comunidade surda. Fonte: thalitacsa.blogspot.com



Patrícia Rezende no Movimento Surdo em Brasília em 2011. Fonte: anapaulajung.blogspot.com



Comunidade Surda no Senado em 2011
Fonte: anapaulajung.blogspot.com



Padre Vicente Burnier- segundo padre surdo do mundo e da América Latina

Fonte: blog.cancaonova.com



João Paulo – piloto surdo brasileiro

Fonte: g1.globo.com



Comunidade Surda gaúcha em Brasília em 2011.

Fonte:carilissadallalba.blogspot.com



Sentil Delatorre
2000 a 2002

Fundador da primeira organização desportiva dos surdos no Brasil

Fonte: <http://mundofantastico-johney.blogspot.com.br/>



Primeira olimpíada de surdos no local INES na década de 1955. Fonte: Rangel (2004)



Thaisy Payo de Paraná, miss surda internacional. Fonte: oregionalpr.com.br



Primeiro sócio Salomão Watnick da Associação de surdos-mudos do Rio Grande do Sul

Fonte: Acervo da SSRS



Vereador surdo Pedrinho, no interior Catalão/Goiás e primeiro vereador surdo do Brasil
www.blogdeolhonacidade.com.br



Divulgação do Viavel

Fonte:

<http://acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.br/>

Movimento em favor da Educação Bilíngue para surdos



Slogan do Movimento Surdo de 2011

Fonte: comunicardicionariolibras.blogspot.com



Líderes surdos da comunidade surda do RS com governador Ildo Meneghetti na década de 1955. Fonte: Acervo da SSRS



Cidade de Ibiporã elege primeiro vereador surdo do Paraná, é chamado Lucas Botti

Fonte: globotv.globo.com



Representantes surdos gaúchos com então governador do estado Olivio Dutra

Fonte: Acervo da FENEIS/RS



O atleta Alexandre Soares Fernandes é o primeiro medalhista Surdo-Olímpico do país ao ter conquistado um Bronze na 21ª Surdo-Olimpíada, em 2009, Taipei

Fonte: www.cbj.com.br



Emiliana Rosa, Gladis Perlin e Marianne Spumpf
– pesquisadoras surdas
Fonte: karinfeneis.blogspot.com



Viúva Luigina Wengrover de Levy
Wengrover é coordenadora de
departamento de terceira idade da SSRS,
é primeira fundadora da Terceira idade
Fonte:
<https://www.facebook.com/3idade.ssrs/photos/t.100001436538601/60835574927225/?type=3&theater>



Intérprete Klaus Kuchenbecker e Diretor
Regional da FENEIS /RS , Carlos Alberto Goes em
entrevista na TV Bandeirantes, na passeata em frente
da Prefeitura Municipal na década 1995
Fonte: Acervo pessoal



Passeata com líderes da Associação de
surdos de Pelotas. Fonte: Acervo da ASP



Passeata em frente da Prefeitura Municipal de
Porto Alegre na década 1995
Fonte: Acervo pessoal



Levy Wengrover, fundador da
Colônia de Férias de surdos em Capão da
Canoa, com surdos comemorando a
doação do terreno para construção da
Colônia. Fonte: Acervo da SSRS

APÊNDICE 03 – IMAGENS LEVADAS PELOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS
FOCAIS PARA II ENCONTRO



Mobilização dos surdos no Rio de Janeiro (1992)
Fonte: Acervo pessoal do participante



Ana Regina Campello
Fonte: Acervo pessoal do participante

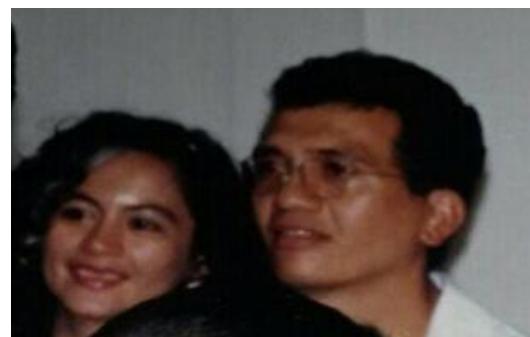
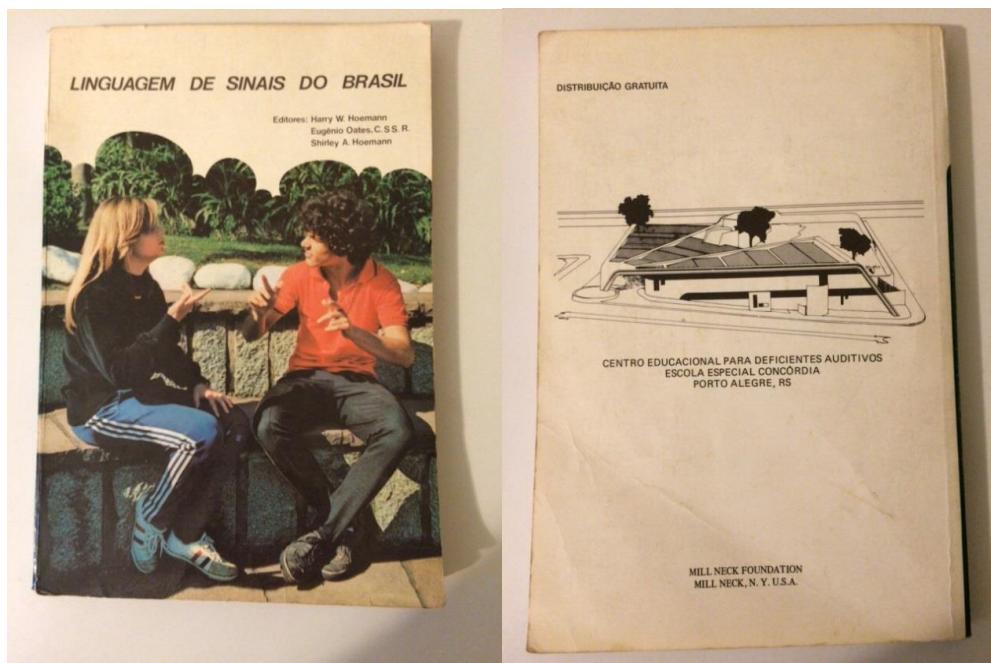


Foto de Gilmar Lopes e Wanda
Pinheiro(Recife)
Fonte: Acervo pessoal do participante



Mobilização dos surdos no Rio de Janeiro (1992)

Fonte: Acervo pessoal do participante



Capa e Contracapa do dicionário de Língua de Sinais, publicado pela Escola Especial Concórdia, Porto Alegre/RS

Fonte: Acervo pessoal do participante

APÊNDICE 04 – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES POR E-MAIL

E-MAIL 1: O heroísmo surdo é um episódio profundamente radicado no imaginário e na moralidade popular dos surdos. É bastante complexo para definir, são vários conceitos característicos para se considerar herói surdo. Como exemplo, feitos de coragem e superação inspiram grandes exemplos e modelos do povo surdo e cultura surda, compondo assim figuras originais (como exemplo, primeiro modelo ou imagem, explorado em diversos campos de estudo – Sociologia, Filosofia, etc.). Além disso, situações de guerra, de conflito e de concorrência são ideais para se atingir feitos considerados heroicos surdos.

Herói surdo é marcado por um valor ambíguo (dois lados duvidosos):

1) Um, representa a qualidade humana, na sua complexidade psicológica, social e ética, já reconhecido; (Grupo de fundadores da FENEIS e CBDS, e outras Federações e associações que, de uma forma importante, organizaram e garantiram o futuro da comunidade. Ana Regina, primeira presidente da FENEIS, deu um primeiro passo de uma luta que foi perseverante. Sentil Delatorre foi outro importante figura que gerou líderes surdos na comunidade esportiva e empurrou os para criação de entidades esportivas no Brasil e na America do Sul. Vanessa Vidal, a grande estrela das passarelas e vice Miss Brasil que teve repercussão nacional e mundial, um grande exemplo para nós, da comunidade surda. Personalidade forte e guerreira que difundiu as condições favoráveis pelo bem da sociedade surda. Também Guilherme Maia, atleta que conquistou uma medalha de prata na natação no Pan de 2011 e Alexandre Fernandes, medalha de bronze no judô. Também os jogadores da seleção brasileira de surdos que bateram os argentinos no Pan de 2011, um momento heroico, que quebrou um jejum de quase 20 anos (Marco sabe, coloquei, pois, o Alex e Grisalva disseram q fomos heróis, o motivo disso foi que mesmo sem treinos adequados, e com próprio recurso financeiro, coragem e força vontade, conseguimos fazer bonito. Lembrei disto.)

2). Outro conceito destaca a mesma condição, mas devido às barreiras encontradas, os surdos não conseguiram atingir plenamente seus objetivos como gostariam, apesar da fé, coragem, força de vontade, determinação, paciência, etc. (No caso Marcus Vinícius, que tentou atingir o topo de uma estrutura esportiva, eleito, teve muita paciência e determinação. Não conseguiu chegar lá cima, mas se aproximou do governo “novamente” e se encarregou para o Gustavo Perazzolo. Também os candidatos políticos surdos, como Paullo Vieira, Marcelo Lemos, Pedro Loss e etc., lutaram para chegar na política, como vontade e determinação pelo bem da nossa comunidade.) ??????

Alguns conceitos característicos da inspiração heroica:

- Necessidade nascida de aceitar um desafio que pareça fascinante; (Como no caso do Aleksandro Grade, que está em busca de melhorias no atendimento para comunidade surda, utilizando uma tecnologia extraordinária, como a VIABLE, e assim como Eduardo Parise, i-Libras.)???????????????
- Muitas vezes, a partir de uma situação arriscada e adversa, cujo caminho estabeleça um feito grandioso ou um empenho extraordinário; (Tem vários, como a Brenda Costa, uma top model, apesar do seu pouco envolvimento com a comunidade surda).
- É relativa, do exemplo da moralidade. Em uma sociedade surda, voltada para a guerra, o herói será o sujeito que exerce proezas em nome do conflito; (No caso da Patrícia Luiza, que tenta dar a volta por cima com o MEC, uma luta

permanente pela qualidade da educação, um grande exemplo de moralidade) Há ainda o momento em que pessoas de qualidades ordinárias confrontarão situações que exijam dele feitos heroicas. (Como Gustavo Perazzolo, que luta com Ministério de Esporte, para melhorar o nível dos surdos-atletas, sendo persistente e indo às reuniões na capital por conta própria, assim como os seus assessores.) ??????????

Para uma cultura voltada para a paz, esse mesmo sujeito poderá ser abandonado como herói (Como no caso do Levi Wengrover e Salomão Watnick, ambos têm uma “rivalidade” entre si e continua até hoje, poderão ser repudiados na comunidade surda como heróis, mas vale a pena lembrar que ambos asseguraram um “lar” para surdos). Além disso, também os fundadores de várias instituições surdas (como associação, federação, escolas, etc. Relembrando, a Marianne Stumpf foi uma heroína que deu um grande passo com SW e, no futuro, poderá ser repudiada como herói, isso jamais pode acontecer.)

Tem vários heróis surdos, que necessitariam ser pesquisadas, com características variadas e marcantes para comunidade surda, justamente com valores ambíguos. Vale a pena lembrar no passado, os heróis “repudiados” (Esquecidos, ignorados, abandonados).

GISELE, parabéns pelo doutorado, uma matéria delicada e complexa. Leva tempo para definir em somente duas palavras “Herói Surdo”, hehe. Seja perseverante para atingir este ponto, com grandeza e confiabilidade (caráter). BOA SORTE!

E-MAILS 2: Boa noite, Gisele Rangel! Respondi as perguntas:

1. Lutaram muito, trabalham, defenderam e ainda defendem a Educação dos Surdos, preservação da cultura surda, resgate de Língua de Sinais, movimento em defesa da Escola bilíngue para surdos, criação da Escola dos surdos, movimento contra oralismo, Comunicação Total..., ??????????

Papel do Professor de Libras próprio para pessoas Surdas...

2. Primeiro herói Surdo foi E. Huet, apesar francês conseguiu fundar primeira escola para Surdos do Brasil com ajuda do Imperador D. Pedro II,

Ana Regina S. Campello foi primeira Presidenta da FENEIS, monsenhor Vicente Burnier foi primeiro Surdo do Brasil e da América Latina,

GladisPerlin foi primeira Doutorada, Shirley foi primeira diretora Surda e tem muitos Surdos líderes como Antônio Abreu, Marianne Stumpf,

Wilson Miranda, Mario Julio Pimentel, SentiDelatorre... e atualmente Patrícia Rezende luta e defende política da Educação Bilíngue para Surdos e contra Inclusão dos Surdos...

Porque defenderam/lutaram e ainda defendem/lutam a resistência do movimento Surdo contra a política das ouvintistas, incentivam e defendem esporte dos Surdos, educação,

social, cultura, política, trabalho dos surdos...,

Grande abraço

E-MAILS 3: Oi Gisele, estou com saudades veja minhas respostas

1. O que vocês entendem por Heróis surdos do Brasil? Eu vejo os heróis aqueles que de alguma forma participaram da organização dos surdos no Brasil e do reconhecimento dos surdos e de sua língua no país.

2. Quem são/foram os Heróis surdos do Brasil? Por quê?

Tem vários surdos que foram heróis em cada estado do Brasil e em todo o Brasil

...

Salomão Watnick - porque ele fundou a Associação de Surdos do RS
 Levy Wengrover - porque fundou a Colônia de Férias dos Surdos do RS
 Gladis Perlin - porque mostrou que uma mulher surda pode ser doutora
 Ana Regina de Souza Campello - porque foi uma guerreira pelo reconhecimento dos surdos e da Libras no Brasil
 Nelson Pimenta porque mostrou a arte surda por meio de histórias e da poesia
 O fundador do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), José Tadeu Rocha
 Francisco Lima Junior por fundar a primeira escola para surdos e a primeira associação de surdos da região sul
 E todos os surdos que fundaram as associações de surdos em cada estado brasileiro.
 Eu acho que estes surdos foram guerreiros, foram heróis, são heróis que fazem a história dos surdos brasileiros.
 Beijo

E-MAILS 4: Oi Gisele, obrigada pela oportunidade de responder:

1. Os heróis surdos no Brasil são todos os surdos que lutam diariamente por inclusão social.
2. Todos os surdos são heróis. Porque nascem em uma sociedade que cria a ideia de uma unanimidade que é irreal, ou seja, todas as pessoas ouvem, todas as pessoas andam, todas as pessoas enxergam. Entretanto, há pessoas diferentes. O surdo que oraliza ou sinaliza e consegue sobreviver a essa unanimidade irreal, é um herói.

Abraço.

E-MAILS 5: Querida Gisele. Um grande beijo e abraço para você.

Sobre suas perguntas para a tese, acho que precisa antes:

entender o conceito que você usa de herói. É um conceito histórico, então qual é o paradigma (modelo) ou perspectiva de história que você utiliza? Se partir de alguns paradigmas há uma crítica muito grande ao que se entende por herói. Entende, amiga? Acho que precisa colocar um contexto teórico de história para poder perguntar e fazer sentido a pergunta. Por exemplo, se partir de uma visão Marxista poderíamos dizer que heróis são os vários presidentes das associações que mantiveram vivo canais de resistência das línguas de sinais e encontros dos surdos, daí seria necessário mapear os movimentos sociais.

Poderia se partir por uma visão de pequenas articulações, micropoderes... Foucault e uma visão do herói surdo como aquele agente anônimo que fez criar iniciativas, nesta perspectiva estão aí todos nossos alunos surdos como heróis.

Eu, querida, particularmente, acho que o termo herói por si só apresenta alguns problemas, como aqueles de aspectos individuais que se sobrepõem ao coletivo.

Beijo

Espero ter contribuído com a reflexão.

E-MAILS 6: Para mim heróis surdos são aqueles que lutaram, arrancaram e se mobilizaram para trocar uma realidade em prol do surdo ou da surdez.

Não conheço muitos surdos, mas Salomão Patrick, o Levi, o surdo que era pai da Sandra e os primeiros surdos universitários, doutores são os que considero herói (tu és um deles). Aqueles que conseguiram mudar uma realidade, mesmo tendo que superar obstáculos. Bj

APÊNDICE 05 – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES EM COMENTÁRIOS NO FACEBOOK

FB 1: Hum... muito interessante! Acho que a gente pode considerar heróis os principais líderes surdos que já lutam a muitos anos. Vou pensar melhor esse conceito.

FB 2: Herói, na minha opinião, é alguém que faz algo que parecia impossível. Os líderes surdos são bons exemplos. Vou atualizar minha lista, tentando não esquecer os principais nomes...

FB 3: No momento só me lembro de uma, a Gisele Maciel Monteiro Rangel, que mesmo tendo uma importante surdez, adquirida logo após o nascimento, conseguiu ser uma professora universitária de sucesso e uma batalhadora pela causa dos surdos, viajando o mundo inteiro nessa missão. Abraços. Talvez a Camila que trabalha com a questão da acessibilidade e a Lia que se interessa muito Libras possam te informar alguma coisa.

FB 4: 1) Herói é quem se sacrificaria pelo bem ou mal para próprio pessoal ou outros. 2) Faz lembrar me que o mundo surdo é como mundo X-Men. Só sei quase todos os heróis surdos brasileiros buscarias seus objetivos egoístas, não admitam de aprender algumas coisas com seu próprio erro e não usa máscara. Não conheço nem um surdo tão nobre feito com aprovável pela comunidade surda. Achei que nasci num conto de fadas, só vi muitos surdos são chamados "heróis" se contra aos outros heróis surdos para ganhará o título como poder, mas nem ganha o dinheiro. hahaha Ainda não tenho responde quem é realmente foi herói mesmo, pois preciso lê mais com histórias surdas (consideradas legais, mas informações chatos hahaha). Aqueles heróis surdos vivos, não dá fala porque não sei se são verdadeiros ou serão heróis para sempre. Espero que sua pesquisa vai ter sucesso.

FB 5: Entendo heróis/heroínas aqueles que têm um idealismo e sonho em defesa da sua comunidade. O primeiro herói do Brasil é o Huet que foi o primeiro professor surdo do INES!

FB 6: Também penso que heróis são todos os surdos, mas especialmente aqueles que lutam para que sua língua e cultura sejam divulgadas e assim perpetuadas!

FB 7: Herói para mim é aquele que se dedica de corpo e alma pela comunidade, sem querer a fama. É ir em frente, diante tantas críticas, invejosos tentando puxar o tapete e mesmo assim segue em frente até o fim, com humildade, perseverança e sempre escutando o próximo, atendendo os desejos de uma comunidade e não ter opinião própria com egoísmo, sabe interagir e respeitar as opiniões dos outros. A heroína para mim é Helen Keller. Que lutou até a morte!!! Mas no Brasil para mim tenho vários heróis, mas em destaque é o padre Vicente surdo. Tem outra pessoa surda que eu admirava muito era a D. Nydia Garcez, pena que era oralista.

FB 8: Herói não significa mostrar a sua fama e sim uma pessoa que lutou muito com muita humildade e quando morrer, as pessoas vão lembrar sempre.... beijos. Olhe Gisele, é muito difícil eu dizer quem foi herói aqui no Brasil. Pois, para dizer a verdade, eu só vejo pessoas que gostam de aparecer e mostrar que fez aquilo e ou pelo dinheiro.... pra mim isso não é herói... Quando eu lembrar uma pessoa

verdadeira, eu falo... por enquanto, não sei... muitos indicam a pessoa brasileira como heroína talvez devido a intimidade, amigo pessoal, isso não conta, o mais importante e pensar seriamente a pessoa que luta mesmo para a comunidade surda do Brasil com muita sinceridade e humidade e isso é difícil.... Vejo pessoas boas que já trabalharam bastante para a comunidade surda, como por exemplo você, Gisele, Marianne, Karin, e outros que conheço, mas herói e diferente, não sei exatamente como explicar melhor... acho bom discutir...

FB 9: É verdade.. Eu fui ver dicionário, o que significa herói. Ele não precisa só de humildade... Pode ser bem e mal tbém

APÊNDICE 06 – TRADUÇÃO DOS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL NA SSRS

PRIMEIRO ENCONTRO NA SSRS

[00:00:00] PESQUISADORA: /⁴⁸chamando a atenção/ Eu vou perguntar só duas coisas pra você, atenção, por exemplo /começam algumas conversas paralelas/ só um pouquinho, por exemplo... só um pouquinho, tá todo mundo sinalizando ao mesmo tempo, vamos combinar, eu aponto ou quem for falar levante a mão, um por vez, por exemplo, vou perguntar só duas coisas, Não se preocupem como vai ficar em português ou a sinalização, isto não importa, levantem a mão e dêem a opinião de vocês. Qual é o tema da minha pesquisa? Os heróis surdos do Brasil, não do mundo, não dá tempo, só do Brasil. Eu não vou dizer o conceito pronto, não, não vou explicar. Vou lançar a palavra H-E-R-O-I para vocês, vamos discutir, debater, só /gesto de positivo para os entrevistados/.

[00:01:10] SSRS 2: nome sociedade só, até...tudo

[00:01:14] PESQUISADORA: Geral, geral, não com foco específico, geral, o significado de herói, esta palavra, na comunidade de surdos do Rio Grande do Sul na comunidade, aqui, pensar...

/Interrupção na gravação, entrevistadora aponta para a câmera e todos olham. Entrevistadora tenta recomeçar, mas todos ainda estão olhando para a câmera. Entrevistadora apaga e acende a luz e pergunta com gesto positivo. Pergunta para quem está operando a câmera se está tudo bem, se era um problema de enquadre/então...certo... /quem está operando a câmera interage com entrevistados que riem/ desculpem /olha o relógio/vai estar pronto, mais ou menos 5:20, certo? Vai ser rápido. Vou perguntar para você se conhecem H-E-R-O-I, este sinal /mostra sinal/ ou o sinal que vocês conhecem. Então vamos começar, pode comentar o que vocês entendem por herói...

[00:02:44] SSRS 6: é quem trabalha duro, quem conquista, quem tem coragem, para mim este é herói. Que não tem medo, que mesmo sendo perigoso, sabe que consegue. Alguém que conquista, que persegue o seu caminho, que trabalha duro, este é herói.

[00:03:10] PESQUISADORA: sentiu isso, certo, conhece a palavra herói.

[00:03:14] SSRS 3: também a palavra herói significa alguém que eleva, que salva e chama a atenção...

/Pesquisadora pede para todos se afastarem um pouco da mesa para melhorar a visualização da sinalização, enquanto acontecem várias conversas paralelas/

[00:03:25] PESQUISADORA: é para ver melhor, para filmar melhor. Para filmar cada um, senão se consegue ver a sinalização, certo?

/Quem está gravando aponta para SSRS 3 e pede para quem está ao lado que se afaste mais/

[00:03:55] Entrevistadora: Vamos recomeçar /aponta para SSRS 3/ continua, estavas falando em salvar.

[00:04:01] SSRS 3: Herói significa salvador. É como quando eu vejo na TV, tem dois lados, por exemplo, o jogador de futebol que joga, que faz dribles ou o grupo dos bombeiros que apagam fogo. O bombeiro é mais heroico, por quê? Ele salva pessoas, ajuda as pessoas no fogo, vai salvar as pessoas, isto é herói. Enquanto o jogador de futebol vence torneios, pode ser importante, mas é a profissão dele. Só

48 O uso da barra (/) significa o detalhamento de situações, movimentações e detalhes do desenvolvimento do grupo focal.

isso, eu sinto que o jogador de futebol não é herói. Herói significa salvar, salvar e salvar. É isto que a palavra herói significa.

[00:04:41] SSRS 6: o herói salva, salva.

[00:04:44] PESQUISADORA: salva...são importantes as opiniões diversas, isto é muito rico. Podem ser diferentes, isto é de vocês! As opiniões são de vocês próprios.

[00:05:00] SSRS 10: Herói é uma mulher forte, que trabalha, cuida dos filhos, da família, do marido, lava, varre, tudo, é uma heroína, não é? [...]

[00:05:16] SSRS 10: o homem é fraco, só fica lendo jornal, vendo TV...

/Risadas gerais/

[00:05:24] SSRS 2: que preconceito com os homens!

/Risadas de todos/

[00:05:25] SSRS 10: as mulheres são todas fortes!

/Risos/

[00:05:27] PESQUISADORA: vocês vejam, como as opiniões de um e de outro não são iguais, são diversas.

[00:05:33] SSRS 2: eu também o nome, a palavra, o nome São Jorge é um herói. Ele cravou a lança naquele que devorou muitos...pois é, matou o dragão que devorou e matou muita gente, ele é herói...

[00:05:46] PESQUISADORA: o quê? O quê? Vai um pouco para trás... /faz gesto do animal/ o dragão, o dragão de São Jorge. O dragão, conhecem?

/Alguns fazem o sinal de lagarto/

[00:05:55] PESQUISADORA: come, mata...São Jorge, cravou a lança nele, é um herói.

[00:06:10] SSRS 3: é isso, ele salva, porque ele salva, cravou a lança e salvou, por isso ele é herói.

[00:06:15] PESQUISADORA: como assim, cravou a lança, como?

[00:06:24] SSRS 2: São Jorge, São...

[00:06:14] PESQUISADORA: sim, eu sei, mas como? Como ele matou o dragão, isto que eu quero saber, como?

[00:06:23] SSRS 2: o nome dele é São Jorge, era um santo, tu sabes...

[00:06:30] PESQUISADORA: sim, sei, explica...

[00:06:32] SSRS 2: porque ele devorou várias pessoas, em uma cidade, vários tentaram matá-lo, tentaram, não conseguiam, não conseguiam até que São Jorge conseguiu e virou herói.

[00:06:55] SSRS 4: é verdade esta história?

[00:06:56] SSRS 2: verdade.

[00:06:58] SSRS 4: não sabia...

[06:58:00] SSRS 2: o nome é São Jorge.

[06:59:00] SSRS 4: pensei que fosse lenda.

[00:07:01] SSRS 2: não, é verdade, é um santo, São Jorge, é verdade.

[00:07:06] SSRS 4: já vi, já vi.

[00:07:07] PESQUISADORA: tem medalhinhas em vários lugares, a gente vê muito.

[00:07:13] SSRS 12: minha opinião eu acho que o herói é quem luta, enfrenta barreiras, sofre, não tem ajuda e consegue abrir seus caminhos, aí ele é um herói. Os surdos antigamente sofriam muito, lutaram, conseguiram trabalhar e acho que são heróis, esta é a minha opinião.

[00:07:38] PESQUISADORA: é a luta?

[00:07:43] SSRS 8 e SSRS 12 sinalizam ao mesmo tempo/

[00:07:45] SSRS 12: sofrem e um dia conseguem de tanto lutar, isto é heroísmo!

[00:07:54] PESQUISADORA: esforço, consegue ultrapassar barreiras. [...]⁴⁹

[00:08:02] PESQUISADORA: está é tua opinião? Certo, certo. Esforço, luta.

[00:08:07] SSRS 8: surdo herói, ouvinte já conhece, surdo é difícil não tem, então surdo e herói.

[00:08:20] PESQUISADORA: espera um pouco, no geral, aqui, no geral, no geral, vocês.

[00:08:30] SSRS 2: o surdo que luta, em 1800 não conseguia, não acreditavam nele, era considerado inferior..., mas é capaz, é capaz.

[00:09:08] SSRS 4: eu fico pensando...

[00:09:09] PESQUISADORA: só um pouquinho, quem levantou a mão, levantou a mão? Ah, desculpe.

[00:09:18] SSRS 4: eu fico pensando, por exemplo, nós sempre oramos na religião, oramos para Deus. Eu acredito em Deus, que é um herói, tem poder, foi quem criou a vida, o ar, as coisas que evoluem, ficamos admirados com isto a vida sempre evoluindo e Deus é herói, em primeiro lugar, depois os outros todos. Porque quem é capaz de fazer, de criar tanto, S-E-R-E-S V-I-VO-S, também, como nós... é impossível criar, entender o desenvolvimento do bebê que se desenvolve e cresce. Eu fico pensando é impossível, só Deus é capaz de fazer, sabe.

[00:10:18] PESQUISADORA: . Por favor \olha para quem está filmando\ você me ajuda a ver quem está sinalizando \pesquisadora olha para a parede onde está colocado cartaz e depois para participante\, agora você.

[00:10:25] SSRS 11: Por que tem as vezes surdos, como? Difícil português, pesquisar em português, mas ouvintes podem ajudar a pesquisar na internet, é igual, tem igualdade, não ouvinte superior e surdo inferior, todos são iguais, surdo e ouvinte podem aprender, são iguais. Se lutar e esforçar surdo consegue, o ouvinte pede calma e diz que surdo vai conseguir. Os surdos ficam felizes e vibram quando conseguem, é difícil, mas é possível. Eu percebo que algumas pessoas sofrem, mas é preciso se ajudar, apoiar os outros, e ensinar uns para os outros. A escrita em língua portuguesa não é fácil, mas com esforço conseguimos, surdo pode ser herói.

[00:11:22] PESQUISADORA: É experiência trabalho dela, ok! Agora é você! /pesquisadora aponta para outro praticante/

[00:11:34] SSRS 6: surdo homem ou mulher, tanto faz, eu lembro que sempre via a luta de algumas pessoas que estudavam, eu não queria saber de nada, mas algumas pessoas estudaram e foram passando para pós-graduação, mestrado... eu fico surpreso, eu sempre tive problemas com a língua portuguesa, dificuldade com as palavras, mas a lei salvou os surdos, os surdos puderam se desenvolver com a língua de sinais, como se fossem crescendo com ela eu penso nisso, entende?

[00:12:19] PESQUISADORA: o desenvolvimento é o heroísmo?

[00:12:24] SSRS 6: é, eu não tenho problema, a língua de sinais dá, dá, dá, ela dá o desenvolvimento, isso faz herói.

[00:12:34] Entrevistador: ok! Você /aponta para participante/

[00:12:42] SSRS 1: eu não sei explicar muito bem, muito extenso...

[00:12:44] PESQUISADORA: cada um tem seu jeito, pode falar.

[00:12:48] SSRS 1: eu acordo de manhã e chamo meu filho, digo para ele: - Vamos! Acorde! Vai trabalhar, seja forte! Ele tem preguiça e eu digo para ele ir. Eu acordo, cozinho, arrumo tudo, tenho força, eles têm preguiça, eu faço tudo e digo que eles

⁴⁹ A utilização deste marcador será utilizada nos momentos de impossibilidade de tradução do trecho, seja em decorrência de problemas técnicos, cortes do vídeo ou quando ocorrem conversas paralelas que dificultam o processo tradutório e não foi possível compreender o que estava sendo sinalizado.

não podem ficar dormindo, e quando a mamãe morrer, o que vai ser deles, precisam de dinheiro. Eu mostro para eles como devem ser, depois que tiverem um emprego, tudo bem. Não podem ficar em casa esperando benefício, tem que trabalhar, não podem ter preguiça, e quando eu morrer, os meus três filhos trabalham bem. Precisam ser fortes, trabalhar, lutar.

[14:05:00] PESQUISADORA: e você? \olha para um dos participantes\ conhece a palavra H-E-R-O-I, esse sinal? Já viu essa palavra em algum lugar? Quer falar alguma coisa?

[00:14:16] SSRS 7: estou só olhando, vendo vocês explicar.

[00:14:21] PESQUISADORA: ok! Vou aproveitar para perguntar... onde vocês já viram a palavra herói? Na TV? Jornal? Em que lugar viu essa palavra?

[00:14:40] SSRS 12: a palavra eu nunca vi, em lugar nenhum.

\muitos surdos sinalizam ao mesmo tempo\

[00:14:45] PESQUISADORA: calma, um de cada vez...

[00:14:54] SSRS 12: eu procurei a palavra no celular, na internet do celular...

[00:14:58] SSRS 12: antes você nunca tinha visto?

[00:15:00] SSRS 12: antes não.

[00:15:01] PESQUISADORA: você procurou na internet, no tablet?

[00:15:07] SSRS 12: sim!

[00:15:13] SSRS 8: ele escreveu e encontrou o significado.

[00:15:16] SSRS 12: eu procurei no google, mas coloquei para encontrar as imagens, então eu vi alguns super-heróis, e imagens de transformação, de pessoa para herói.

[00:15:49] PESQUISADORA: ok!

[00:15:50] SSRS 8: sim, muita imagem de super-herói...

[00:16:00] \chega outro participante atrasado, surdos se cumprimentam e se organizam para encontrar um local para ele sentar e pesquisadora aguarda a reorganização\

[00:16:08] PESQUISADORA: ok? Pode continuar...

[00:17:38] SSRS 6: eu vi em jornais, notícias que mostram pessoas que salvam outras de atropelamento e incêndio, essas são heróis... eles têm coragem, são heróis, igual ao Davi, que era bem pequeno e venceu o gigante com seu brinquedo, ninguém acreditava, mas ele venceu, rápido e tinha uns 14 anos de idade, é isso que eu sei.

[00:18:46] PESQUISADORA: entendo. Você quer falar? \olha para outro participante\

[00:18:50] SSRS 7: sim, eu vou procurar no jornal sobre surdo e trazer para mostrar na outra semana.

[00:18:58] PESQUISADORA: ok! Na outra semana pode trazer. Não esqueça de trazer.

\pesquisadora organiza a ordem das falas dos participantes\

[00:19:45] SSRS 9: sim! Eu já muitas vezes a palavra herói, e ela significa o quê? Significa líder, o líder não resolve as coisas sozinho, ele convida os outros a participar, incentiva, ele não desiste e precisa da união, ele luta por um objetivo que é RESGATAR, SALVAR.

[00:20:36] PESQUISADORA: os participantes tinham falado sobre isso...

[00:20:43] SSRS 9: por exemplo meus pais, se eu desistisse de ir à escola e eles não se importassem com isso poderia ser ruim, mas eles sempre cuidaram para que eu desenvolvesse, me ensinaram muitas coisas eles são meus heróis, e o que eles me ensinaram fizeram de mim líder. Eu estudei em escola inclusiva, mas conheci a

comunidade surda na escola Concórdia, foi lá que comecei a buscar conhecimentos, a escola me salvou, como a história que já contaram aqui sobre o herói que salvou pessoas.

[00:21:56] PESQUISADORA: sim, como alguns já falaram...

[00:22:01] SSRS 1: antes o meu marido não me deixava trabalhar, me dizia que mulher não poderia trabalhar, mas eu briguei com ele e disse que eu era capaz, então ele ficou impressionado quando eu consegui trabalhar e mostrei que era forte.

[00:22:00] PESQUISADORA: sim, quem mais?

[00:22:38] SSRS 4: quando começam a usar a palavra herói? As crianças já conhecem a palavra porque eles olham nos G-I-B-I-S, eles recebem a influência dos gibis. Tem histórias do super-homem, Flash... são muitos heróis que estimulam as crianças, e quando crescem já conhecem a palavra. O que significa o herói? Significa que é capaz, que ajuda as pessoas, salva as pessoas e por isso que as crianças já sabem o que é o herói.

[00:23:31] PESQUISADORA: \olha para outro participante\ ele explicou que as crianças olham nos gibis várias imagens de super-heróis.

[00:23:45] SSRS 3: . Viu, como falei, eles salvam.

[00:23:49] SSRS 2: sim, como os filmes que tem muitos heróis, tem a Mulher Maravilha.... Eles não estão sozinhos, sempre existem outros. Um grupo forte salva, como já foi dito.

[00:23:17] PESQUISADORA: vocês estão se complementando, ótimo.

[00:24:21] SSRS 3: \olha para a pesquisadora\ você perguntou onde vi a palavra herói, já vi em muitos lugares, revistas, jornais e TV. Sempre que acontece alguma coisa importante, aparece na capa a palavra H-E-R-O-I, lembro da história do ônibus que teve um problema mecânico, tinha muitas crianças dentro e caiu no rio, um menino com mais ou menos 11 anos de idade saiu do ônibus e salvou uma criança, voltou ao ônibus e salvou outra, quando mergulhou pela última vez ele morreu, na capa do jornal apareceu a foto dele como herói porque ele ajudou, foi corajoso, como disse o SSRS 8. Nos Estados Unidos, no atentado às torres gêmeas, muitos bombeiros salvaram vidas, eles eram capa de muitos jornais porque salvaram as pessoas nos escombros, vi na TV também.

[00:25:53] SSRS 5: meu irmão bebia muito, era desanimado e por isso bebia muito. Eu dizia para ele não beber, incentivava ele, pedia para ele parar de beber, mas ele continuava. Eu nunca desisti de pedir, incentivar e conversar com ele, um dia ele veio até a minha casa e me agradeceu, me abraçou e me beijou porque ajudei ele.

[00:27:02] PESQUISADORA: ela contou sobre a família.

[00:27:15] SSRS 9: lembro da escola, onde ajudava muito as pessoas. Tem um lado bom e um lado ruim. A gente luta e ajuda as pessoas, mas elas não fazem nada, se você trabalha, não agradecem, como se nós fizéssemos qualquer coisa. As vezes não tem valor, as pessoas dizem coisas ruins que ofendem e magoam. Quando a gente passa a ajudar as outras pessoas, aquelas que ofenderam começam a dar valor e percebem que poderiam estar próximas. É preciso ter paciência e ser humilde, isso é importante.

[00:29:09] PESQUISADORA: quero perguntar... o herói é bom o mau?

\todos fazem sinais juntos, maioria sinaliza que depende\

[00:29:11] PESQUISADORA: então, o herói é bom ou mau?

[00:29:13] SSRS 4: tem bom e mau, tem pessoas que roubam e fazem mal as pessoas e tem gente que idolatra e consegue ser herói. É difícil de dizer, tem quem mata pessoas, mas consegue ser herói mesmo assim, parecido com o comunismo.

[00:30:02] SSRS 2: um traficante da favela pode ser um herói, um herói mau para nós, mas é um herói. Depende do lugar onde vive, na cidade pode ser bom.

[00:30:33] PESQUISADORA: sim, espere \sinaliza para um dos participantes e olha para o relógio na parede sinalizando que há tempo\ agora você \aponta para outro participante\

[00:30:35] SSRS 8: lembro que tinha uma pessoa que sempre organizava viagens com a comunidade surda e os surdos sempre participavam, sinto que agora mudou, quando se organiza alguma viagem os surdos, de faculdade, não querem participar. \corte no vídeo\

[00:31:32] SSRS 4: se uma pessoa entrar em algum lugar e começar a matar não pode ser considerada herói, não tem lição. Agora, quando alguém pensa em como parar aquela pessoa que está atirando, prende o bandido, essa pessoa pode ser considerada herói.

[00:32:02] SSRS 2: a guerra é ruim, mas na guerra surgem muitos heróis que recebem muitas medalhas. A guerra é ruim, não é mesmo?

[00:32:24] PESQUISADORA: sim, muitas pessoas morrem... mas existem muitos heróis que surgem das guerras.

[00:32:33] SSRS 3: eles salvam.

[00:32:36] SSRS 2: veja \realiza o sinal de bandeira\ na guerra os heróis defendem a bandeira do seu país, da sua pátria, são heróis.

[00:32:59] SSRS 9: por outro lado, o professor é herói porque ele ensina os alunos fazendo com que eles se desenvolvam, a associação de surdos, que também é um lugar heroico porque apoia aos surdos. Todas essas palavras são sinônimo de heroísmo, o professor, as crianças, o médico, a polícia, os pais...

[00:33:25] SSRS 3: tu perguntaste se tem um lado ruim e bom, para mim não tem lado ruim, minha opinião é que não existe um lado ruim, pode haver os dois lados no líder. O líder poder ter um lado bom e um lado mau, ruim. O herói é único, se ele salva ou vence não importa, ele é popular, um fenômeno, ela salva pessoas, ele salva a comunidade, não tem nada de ruim, essa é a minha opinião, não tem ruim. Existem líderes de grupos, mas o herói é único. [...]

[00:34:18] SSRS 4: ligando com o que o SSRS 3 falou, nas revistas de heróis, os gibis, tem herói mau? \olha para os outros participantes com expressão de questionamento\ tem herói mau.

[00:34:56] SSRS 3: tem herói mau, mas a criança é atraída pela história porque tem bondade no heroísmo, e o herói bom sempre vence.

[00:35:04] SSRS 4: o herói bom vence e o mau perde, mas tem os dois heróis, bons e maus, no final quem ganha é o herói bom.

[00:35:16] PESQUISADORA: tu complementaste a fala do SSRS 3.

[00:35:37] SSRS 2: o mau herói perde, o Hitler era mau e perdeu.

[00:35:41] PESQUISADORA: tens razão.

[00:35:47] SSRS 3: cresceu, mas declinou.

[00:35:51] SSRS 2: cresceu, declinou e despareceu.

[00:35:58] PESQUISADORA: só para complementar o que ele comentou, no domingo passado fui ao shopping Iguatemi, vi uma exposição sobre o Hitler, onde as imagens mostravam uma multidão que assistiam aos seus discursos, inúmeras pessoas que o assistiam, então é herói ou não? Fica a dúvida.

[00:36:31] SSRS 3: Hitler foi um líder, ele tinha poder. Podem até considerar um herói, mas ele fracassou.

[00:36:46] PESQUISADORA: Ok, agora você.

[00:36:49] SSRS 10: cachorro também é um herói.

[00:36:50] PESQUISADORA: cachorro?

\muitos surdos se olham e riem\

[00:36:56] SSRS 10: sim, cachorro! Um menino se afogava e o cachorro entrou na água para salvar o menino, então é um herói. Em outra ocasião um cachorro viu outro que foi atropelado, então começou a latir, como se pedisse socorro, também foi um herói pois ele salvou. Outro exemplo, uma pessoa que passou mal, o cachorro pediu socorro e salvou a pessoa, ele é um herói.

\os surdos sinalizam ao mesmo tempo elogiando SSRS 10 e concordando com as palavras dela\

[00:37:30] SSRS 3: um cachorro salvou uma criança do ataque de outro cão.

[00:38:00] SSRS 8: um cachorro salvou uma pessoa de ser atropelada por um carro.

[00:38:31] SSRS 7: um surdo não escuta a buzina do carro...

[00:38:36] PESQUISADORA: mas como pode ser herói?

[00:38:40] SSRS 7: surdo não escuta e se assusta, ambulância também que vem rápido e surdo não percebe porquê não escuta. As pessoas xingam o surdo, mas não sabem que ele não escuta.

[00:39:19] SSRS 10: sinto que antes não tinham pesquisas sobre a consciência dos cães, agora aparece muita coisa, como se fossem mais conscientes que nós, mas não!

[00:39:43] SSRS 11: lembro de uma história onde o gato também pode ser herói.

[00:39:50] PESQUISADORA: o gato também pode ser herói?

[00:39:54] SSRS 11: sim! Um homem estava andando de bicicleta e o cachorro se preparou para atacar o homem, o gato saltou no cachorro e defendeu o homem, o gato foi um herói.

[00:40:09] PESQUISADORA: você viu no *Facebook*?

[00:40:10] SSRS 11: sim, no *Facebook*. Igual a nós, os gatos também podem ser heróis.

[00:40:21] PESQUISADORA: agora outro assunto para continuar a discussão. A palavra herói mais a palavra surda, herói surdo, o que vocês pensam?

\pesquisadora cola uma folha com o termo Herói Surdo escrita, enquanto os participantes desenvolvem conversar aleatórias, a pesquisadora senta para retomar a conversa\

[00:41:13] PESQUISADORA: bom, primeiro vocês falaram sobre o pensam sobre a palavra herói, não tem certo e errado, é a opinião de cada um. Agora vamos pensar em unir a palavra surdo à palavra herói. Ainda não existem pesquisas sobre esse assunto, não tem livro, nem artigo. Sobre o primeiro termo, H-E-R-O-I, que conversamos no início, tem bastante material, existem livros, vemos em matérias de jornal, mas sobre herói surdo não tem nada. Já pesquisei e não encontrei nada, sou a primeira a pesquisar, mas não posso inventar coisas, preciso que vocês me digam o que pensam. Você pode começar.

[00:42:24] SSRS 3: herói é aquele que salvou a comunidade surda, aqui no Rio Grande do Sul o herói é Salomão Watnick. Não existia a associação, Salomão foi o primeiro a reunir os surdos, a agrupar os surdos, divulgar as informações e até hoje estamos aqui, ele é herói.

[00:42:53] PESQUISADORA: ele falou sobre o herói do Rio Grande do Sul, vocês podem falar de heróis do nosso estado ou de outro lugar do Brasil. Minha pesquisa vai conversar com a comunidade surda gaúcha, não vou para São Paulo ou outro lugar, mas se vocês conhecem heróis de outros estados podem contar. Pretendo ir a Pelotas e, talvez, para Caxias do Sul. Quem gostaria de falar?

[00:43:10] SSRS 4: queria, mas acho que não...[...]

[00:43:20] PESQUISADORA: você pode falar, pode ser de todo o Brasil, não só do Rio Grande do Sul, pode também complementar o que um dos participantes falou, pode sim.

[00:43:49] SSRS 4: eu não sei muito bem porque eu não estudei muito. Os surdos não podiam sinalizar, foram proibidos e eram obrigados a oralizar, os surdos sofreram muito, então uma pessoa, eu não sei quem, ajudou os surdos \alguém realiza o sinal de L'epée\ isso, L-E-P-E-E, eu não sei muito, não estudei Letras-Libras, me falaram... \outro participante sinaliza, mas câmera não foi deslocada, impossibilitando a transcrição do que estava sendo dito\ veio para o Brasil... viu que não tinha nada, mudou e começou a língua de sinais, se ele não viesse para o Brasil? Como seria? Quando chegou criou escola e a comunidade surda forte, ele trouxe sabedoria. Sem Huet não tinha comunidade surda no Brasil, é por isso que hoje nós estamos aqui.

[00:45:00] PESQUISADORA: para complementar, Huet veio da França para o Brasil, o rosto dele é aparedido do o SSRS 2 \todos riem\ aqui no Brasil usam esse sinal⁵⁰, fui ao México e lá utilizam esse sinal⁵¹ para H-U-E-T.

[00:45:40] SSRS 4: acha que se não visse para o Brasil não estaríamos aqui?

[00:45:42] SSRS 4: Isso.

[00:45:34] SSRS 2: no início não havia nada, era muito falho, não tinha valor, por isso Huet é herói. Se foi ele quem começou? Bem... não é bem assim, não foi ele quem queria criar a escola. Na verdade, foi o príncipe que pensou sobre a criação da escola, ninguém conhecia nada sobre os surdos, ninguém conhecia sobre metodologia, não sabiam nada. Então o príncipe foi para França e lá encontrou Huet e o convidou para vir ao Brasil. Huet perguntou se não havia nada, o príncipe disse que não, quando chegou ao Brasil foi divulgada a criação dos espaços no jornal da época e os surdos de todo os Brasil começara a se deslocar para a escola, assim foi aumentando o número de alunos. Não era INES, é antes do INES, era escola Dom Pedro. Huet era surdo, mas não é herói. Herói é o Sentil⁵², vocês conhecem? Não conhecem... no passado não existia uma confederação para viajar por países em razão do esporte, não se tinha contato com outros países antes da federação, Chile e Argentina conseguiam se reunir por causa do contato dos dois países.

[00:47:36] SSRS 3: eu acho que do lado do esporte Sentil é herói, mas tem o espaço da associação e outros espaços.

[00:47:50] PESQUISADORA: é mais ou menos isso, eu não vou me intrometer no que vocês estão dizendo, mas penso em minha pesquisa organizar alguns grupos, por exemplo, um grupo que trata do esporte, quem seria o herói? Na beleza? Nos filmes e artes, quem é herói? Na política, nas movimentações? Vocês não precisam se preocupar com isso, falem o que vocês pensam em geral. Eu vou organizar as ideias depois, Carlos falou do Sentil... parece ser sobre o esporte, verei isso depois, agora vocês podem expressar suas ideias livremente.

[00:48:36] SSRS 2: então, quem criou a federação foi o Sentil, ele chamou o Juracy estavam juntos na mesma época com o Levy. Juracy tinha muito contato com Sentil, Levy já estava na associação, então os três organizaram a federação, o ano eu não

⁵⁰ Huet (1) – CM (24) realizado no queixo em movimento semicircular de um lado para o outro. Para a realização deste trabalho de transcrição dos sinais das pessoas que foram sendo citadas ao longo das atividades de grupos focais utilizei o quadro de configurações de mão (FARIA-NACIMENTO, 2009) – Anexo 01.

⁵¹ Huet (2) – CM (70) realizado em movimento semicircular próximo ao corpo.

⁵² Sentil – CM (54) realizado em contato com ao lado da cabeça.

lembro, mas tem fotos aqui, tem nos álbuns... eles organizaram, mas a primeira foi São Paulo, este aqui (realiza o sinal) foi quem teve a ideia de criar a confederação, o Gilberto de São Paulo, Argentina passou informações, eu lembro, tinha 12 anos naquela época, estava junto com meu tio, ele me levou para passear e assistir em São Paulo. Era pequeno e via os adultos surdos discutindo, brigando... via Sentil, Gilberto, Paulo, ("Marcelo") e outro que não lembro o nome, mas ele era muito forte. Todos discutiam, São Paulo era muito forte... Paulo e \realiza o sinal, mas não apresenta o nome\... os quatro tinham ido para a guerra, em 1930, eles não tinham associação, se conheciam, e o número de pessoas foi aumentando, mas quem é herói entre eles? Isso eu não sei! Cada um contribuiu um pouco, eram líderes, líderes fortes, todos eles eram fortes, durante a guerra o número de combatentes foi diminuindo e por isso eles foram chamados. O barulho, sabe o barulho... vocês não sabem? Bom, para acionar uma metralhadora, não tinha bala, usavam pregos para fazer barulho e os surdos ficavam fazendo a arma funcionar sem balas, os oponentes se assustavam com o barulho e recuavam, mas na verdade não tinha bala. É uma boa história.

[00:53:03] SSRS 12: porque antes os surdos estavam separados e não sabiam nada, como alguém já falou, primeiro veio da França quem criou a primeira instituição, os surdos estudaram lá. Em determinado momento foi proibido o uso da língua de sinais, então um grupo de surdos que estudavam na instituição criaram a associação.

[00:53:45] SSRS 2: viu, quem criou a associação foi Francisco, ele estudou no INES. \participantes e pesquisadora discutem o sinal de Francisco, para ver qual seria o sinal correto\

[00:54:11] SSRS 1: Salomão e sua esposa encontraram com Francisco lá no aniversário da associação, eu fui também.

[00:54:38] SSRS 2: INES espalhou muitos surdos que criaram associações... multiplicadores que foram criando outros espaços.

[00:54:48] SSRS 12: a proibição do uso da língua de sinais fez com que os surdos começassem a se encontrar e usar sinais para se comunicar. Sabiam onde tinham surdos e as famílias se encontravam, isso salvou a língua de sinais, desses encontros surgiram as associações como em São Paulo, Santa Catarina, e aqui no Rio Grande do Sul, foram os encontros que criaram espaços de troca de informações. Eu agradeço à essa "bandeira", a bandeira que está fixada em São Paulo é a mesma bandeira que está em Santa Catarina... foram as trocas que desenvolveram a língua de sinais que surgiu com o INES.

[00:56:11] SSRS 2: é isso, uma multiplicação!

[00:56:17] SSRS 10: tenho em minha família uma pessoa... morávamos no Rio de Janeiro e quando descobrimos que nossos filhos eram surdos e não sabíamos o que poderíamos fazer, meu marido disse que deveríamos mudar para Porto Alegre. Eu disse, você é louco? Eu não vou! Vou ficar aqui, brigamos muito, dizia para ele como vou mudar se tenho que trabalhar aqui, ele então mudou com os filhos e fiquei sozinha. Nossos filhos foram crescendo e estudando, ele é um herói, palmas para ele.

\todos aplaudem\

[00:57:25] PESQUISADORA: não é fácil mesmo....

[00:57:31] SSRS 6: ele precisou mudar para Porto Alegre por causa da escola...

[00:57:35] Entrevistadora: deixa eu perguntar uma coisa... no INES tinha segundo grau?

[00:57:38] SSRS 10: tinha, mas meu marido não deixou.

[00:57:45] SSRS 2: . No INES só tinha o primeiro grau, só mais tarde é que inicia o segundo grau, depois, depois, antes não tinha.

[00:57:58] SSRS 11: tu falou sobre o esporte \olha para a entrevistadora\ lembro em Curitiba um professor surdos, queria ensinar coisas diferentes, queria ensinar dança...

[00:58:25] PESQUISADORA: professor surdo ou ouvinte?

[00:58:29] SSRS 11: professor ouvinte. Ele me ensinou a dançar e me apresentei em muitos lugares, muitas pessoas se espantavam porque eu sabia dançar, mas o professor me ensinou e pude apresentar em diferentes lugares, com um pouco de vergonha, isso é heroísmo. Junto com interprete que avisava quando começava e terminava a música, dançava com ouvintes, isso é heroísmo, incentivar os outros.

[00:59:58] PESQUISADORA: Ok! Agora você \aponta para outro participante\

[01:00:04] SSRS 1: quando eu era pequena meu irmão mais velho que já é morto... \surdos sinalizam ao mesmo tempo e entrevistadora pede para prestar atenção na fala da participante\

[01:00:30] SSRS 1: meu irmão... minha mãe disse que lá... eu nasci em Passo Fundo, não tinha escola para surdos, tinha escola em Porto Alegre. Minha mãe estava preocupada e meus pais viajaram para Porto Alegre, encontraram um lugar onde tinha um professor alemão que proibia o uso de sinais, então eles encontraram Salomão, meus pais resolveram mudar para Porto Alegre. Antes era na casa do Salomão que as pessoas se reunião, muitas pessoas se encontravam, e foi assim que depois de um tempo eles criaram a associação, depois de um tempo ele morreu e sua esposa ficou muito angustiada...

\muitos participantes começam com conversas paralelas e a entrevistadora pede que mantenham a atenção na sinalização da participante\

[01:02:00] SSRS 1: depois que Salomão morreu Levy assumiu tudo, meu pai continuou apoiando, ajudando e incentivando a associação, não podia parar, meu pai gostava de ajudar, ajudou o Salomão e depois da sua morte ajudou Levy. Antigamente não tinha escola depois da 5ª série... pô agora fiquei velha, agora Concórdia tem segundo grau....

[01:02:36] PESQUISADORA: bom... tua experiência...

[01:02:37] SSRS 2: . Que ano isso?

[01:02:46] SSRS 1: eu não sei, era pequena....

\muitos surdos sinalizam ao mesmo tempo sobre o ano\

[01:02:51] SSRS 6: 56... 1956... lembro de uma coisa muito importante.... não tenha segundo grau lá.... Claudia e Vanderlei terminaram o primeiro grau e diziam que era possível abrir o segundo grau, muito diziam que não podia, mas os dois afirmavam que era possível. Então foram para Brasília para brigar pela abertura do segundo grau, não tinha em lugar nenhum....

[01:03:36] PESQUISADORA: \olha para SSRS 7\ você fez parte da primeira turma, não é mesmo?

[01:02:38] SSRS 6: os dois são heróis surdos, porque muitos puderam estudar lá.

[01:02:55] PESQUISADORA: só os dois? Claudia e Vanderlei?

[01:03:57] SSRS 6: não.... tinha mais gente que ajudou, a Bea, a filha da Naomi, elas criaram o segundo grau no Concórdia, não tinha nenhuma outra escola com segundo grau no Brasil, o Rio Grande do Sul foi o primeiro. A Claudia e o Vanderlei são heróis, eles se organizaram, e depois vieram as faculdades. Isso é heroísmo.

[01:04:37] SSRS 7: lembro dos meus pais, estavam preocupados com o fim do primeiro grau porque era o fim, muitos surdos só estudavam até à 5ª série, não tinha a 6ª.... não tinha surdos estudando. Então lutamos e conseguimos as séries finais do

primeiro grau, depois não tinha o segundo grau e brigamos novamente para conseguir, os surdos se uniram e brigaram, eu estava junto e conseguimos essa vitória. Foi a primeira escola, não tinha em lugar nenhum, meus pais se preocupavam, mas com a luta conseguimos, graças a Deus. \repete a história mais algumas vezes, na mesma ordem\

[01:06:08] SSRS 8: relacionando com que disseram... neste período eu estava no CECDAL, antes do Lilian Mazeron, eu estudava lá, mas a comunicação era ruim, os professores não eram muito bons, não conseguimos nos comunicar só copiávamos, minha madrinha descobriu o Concórdia e me transferiram para lá. No começo eu não entendia muito bem os sinais, mas um ano depois era fluente, era uma escola particular, parei de estudar um ano e depois fui para a escola Padre Reus e terminei o primeiro grau, não tinha segundo grau. Alguns diziam para ir estudar no Concórdia, mas nos organizamos e criamos o segundo grau, na mesma época fiquei sabendo que o Lilian Mazeron criou segundo grau também, escolas do governo.

[01:07:14] PESQUISADORA: foram sendo criadas....

[01:07:17] SSRS 6: sim... foi bom.

[01:07:22] PESQUISADORA: agora quero perguntar... pode ser alguém vivo ou morto, mas quem vocês consideram ser um herói surdo? \todos se olham\ pode ser vivo ou morto... quem vocês acreditam ser herói surdo? \se olham, sinalizam ao mesmo tempo\ pode estar vivo ou alguém que já morreu... quem vocês olham e pensam que pode ser um herói? As vezes pensa que precisa estar vivo, mas não pode ser quem vocês acham que é, por exemplo, alguns falaram do Salomão, ele já morreu.

[01:08:03] SSRS 8: igual homenagem, homenagem, homenagem...

[01:08:06] SSRS 6: Agradeço, na verdade, agradeço a Levy, foi ele quem criou a associação, ele salvou esse espaço. Na verdade, eu conheço mais ou menos a história, vou contar resumidamente, eu tinha mais ou menos 15 anos e me contaram que foi o Levy com ajuda da prefeitura e do governo do estado que conseguiram o terreno e construíram a associação aqui. É disso que eu sei, não sei muito bem do desenvolvimento da história, o Levy foi na escola Concórdia e contou, eu cumprimentei ele, me contaram da associação e é isso que eu sei.

[01:09:25] SSRS 10: padre surdo o Vicente.

\alguns fazem o movimento que concordam\

[01:09:30] PESQUISADORA: vocês conhecem? \olha para os participantes e realiza sinal do padre Vicente, V-I-C-E-N-T-E, já morreu.

\surdos afirmam que já é morto\

[01:09:41] SSRS 10: ele é herói porque incentiva os surdos a participar da missa, ensinava coisas sobre Deus para os surdos, ele foi único.

[01:09:51] PESQUISADORA: pioneiro...

\os participantes começam a discutir... alguns realizam o sinal do padre Vicente, outros se olham\

[01:10:01] SSRS 2: não.... Padre Eugenio Oates, ele conseguiu carteira de motorista para surdo, ele é herói. \participante continua realizando o movimento de afirmação e sinaliza com outros surdos que dizem que ele é ouvinte\ mas é herói.... Verdade é herói surdo, ele conseguiu carteira de motorista, salvou os surdos. Mas ele trabalhou junto com o padre Vicente.

\os participantes sinalizam ao mesmo tempo sobre vários assuntos e a entrevistadora chama a atenção para voltar ao foco da discussão\

[01:11:18] PESQUISADORA: e hoje, no ano de 2015, quem vocês conseguem chamar de herói? Herói surdo?

[01:11:27] SSRS 9: João Paulo!

\todos começam a sinalizar, alguns realizam o sinal de piloto de avião, outros concordam que ele é piloto, ao mesmo tempo muitos participantes sinalizam e tentam chamar a atenção, um dos participantes começa a realizar o sinal de modelo, enquanto outros permanecem sinalizando e tentando pedir a palavra\

[01:11:48] PESQUISADORA: modelo? Quem?

[01:11:50] SSRS 12: eu não sei o sinal dela...

[01:12:00] PESQUISADORA: mas como ela é?

\os participantes continuam sinalizando então começam a realizar o sinal da Vanessa Vidal e Fortaleza\

[01:12:10] SSRS 12: isso mesmo, Fortaleza, esse sinal da modelo V-A-N-E-S-S-A.

[01:12:32] SSRS 9: o João é piloto de avião, pilotou helicóptero, e foi avaliado como piloto, um avaliador acompanhou ele e viu como ele conduzia o avião e aprovou-o, disse que ele pilotava como ouvinte. O João quer pilotar em aeroportos, falta muito pouco para conseguir. Ele continua lutando, não vai desistir, sonha em ser piloto, espero que tenhamos um piloto surdo. [...]

[01:13:30] PESQUISADORA: vi uma foto no *Facebook*, ele é muito jovem.

[01:13:40] SSRS 3: ainda não é, está lutando para conseguir chegar lá, quando conseguir ele vai ser herói.

[01:03:53] SSRS 8: a repórter surda da televisão, realiza o sinal... [...]

[01:14:06] PESQUISADORA: C-L-A-R-I-S-S-A

[01:14:07] SSRS 8: . Isso! Eu vi na televisão a língua de sinais durante a Copa do Mundo, fiquei emocionado. Foi muito agradável, é visual! Sempre tem legenda, mas ler e prestar atenção no que está acontecendo é complicado, as vezes não entendo, em língua de sinais é melhor.

[01:14:23] PESQUISADORA: na televisão, você vê na televisão?

[01:14:33] SSRS 8: não, só as vezes, eu vejo sempre no *Facebook*!

[01:14:40] SSRS 6: eu sempre vejo o canal 19, do INES, é muito bom! Eu aproveito para olhar porque é em língua de sinais, já vi sobre o piloto surdo, o Nelson Pimenta sinaliza é fica muito claro. Eu gostaria que tivesse mais profissionais. No programa explicaram como funciona o controle do avião, não mais como se pilotava (usa as duas mãos como se segurasse o manche) agora é automático, utiliza uma mão para pilotar, era da França.

[01:15:23] PESQUISADORA: é o canal do INES, eu nunca consigo assistir, é no canal 19?

[01:15:30] SSRS 6: sim... cabo. Sempre não tem programação, é no sábado pela manhã.

[01:15:35] PESQUISADORA: última participação agora...

\participantes continuam sinalizando sobre o horário da programação da TV INES\

[01:15:49] SSRS 3: para contar brevemente uma história. A FENEIS de hoje era a FENEIDA e um grupo de ouvintes era responsável pela organização. Houve muitas brigas dentro da FENEIDA e os surdos começaram a lutar para mudar a estrutura, e o Carlos Alberto estava lá.

[01:16:10] SSRS 2: não, não, não...

[01:16:11] SSRS 3: vocês estavam no grupo...

[01:16:13] SSRS 2: sim... mas tinham outras pessoas... Ana Regina, eu, Antônio Campos e Fernando Valverde. Porque eu era presidente da associação, a Alvorada, o presidente tinha V-A-L-O-R, ele podia dizer quem ficava ou deveria sair. Eu ajudei, mas quem entrou na FENEIS foi a Ana Regina, Antonio Campos... eles entraram.

[01:16:55] SSRS 3: até hoje a FENEIS é uma referência política, se precisa de alguma coisa se recorre à FENEIS. Em uma atividade do Dia do Surdo aqui na associação o filho dele, o Ricardo, organizou uma oficina, eram várias oficinas, o Ricardo organizou sobre os heróis surdos.

[01:17:23] Pesquisadora: é mesmo? H-E-R-O-I?

[01:17:26] SSRS 3: herói não... quem salvou a comunidade surda, tinha foto do Salomão, várias fotos e tinha uma foto do Carlos, então o Ricardo explicou a história da FENEIS, sobre a mudança da estrutura e que o Carlos estava lá. Foi uma atividade aqui na associação, acho que há uns cinco antes, tu podes fazer contato com o Ricardo.

[01:17:52] Pesquisadora: vou conversar com ele. A discussão foi ótima, vocês me trouxeram muitas informações, muitíssimo obrigado.

[01:18:15] SSRS 10: você perguntou quem hoje é herói, sou eu!

\todos riem e elogiam\

[01:18:16] SSRS 10: eu sou herói porque estou terminando o período de presidente da associação, cansada e sou herói.

\todos aplaudem\

[01:18:46] Pesquisadora: foi bom, foi ótimo, eu nem sei como explicar. Vocês colaboraram muito com os meus estudos. No nosso próximo encontro vocês poderão trazer fotos, recortes de jornal, eu também trarei, vamos construir um grande painel, depois devolverei as imagens para vocês. As imagens devem ser sobre esse mesmo tema, procurem imagens que relacionam com o heroísmo surdo e tragam para continuarmos a discussão, caso alguém quisesse trazer em pen drive poderá, usamos o projetor, vocês têm liberdade para trazer em qualquer formato. As fotos são interessantes para que todos possam ver.

SEGUNDO ENCONTRO NA SSRS

[00:00:00]: Pesquisadora \os participantes estão chegando e a pesquisadora conversa sobre a disposição do espaço da atividade do dia e inicia as orientações\ No outro encontro conversamos sobre o herói e sobre o herói surdo, cada um pensou sobre isso e eu não posso dizer o que é o heroísmo surdo, cada um formulou os seus significados sobre o tema. Hoje, observem as imagens sobre a mesa, \pesquisadora aponta para a mesa\ alguns de vocês trouxeram algumas imagens, outras eu busquei, então, quero que vocês circulem calmamente em volta da mesa e escolham imagens que vocês acreditam representar o heroísmo. Olhem cada uma delas e escolham, escolhida a imagem venham até aqui \aponta para o papel pardo exposto na parede para colagem das imagens\ cole a imagem e expliquem sobre a escolha. Virá um por vez, depois que terminarmos a atividade não esqueçam de devem assinar o termo de consentimento. Nossa atividade iniciou às 20h45min e finalizará às 22h30min, então estarão liberados. \a pesquisadora olha para a câmera e pergunta para o operador se está gravando, se está tudo ok, ele confirma e então retoma as explicações\ Quem gostaria de iniciar, algum candidato? \a pesquisadora entrega a fita para que a participante possa colar a imagem escolhida, os participantes conversam e apontam para as imagens sobre a mesa, a pesquisadora volta a explicar que cada um escolherá a imagem que desejar. A primeira participante cola a imagem no papel pardo colocado na parede ao fundo da sala e inicia a sinalização\

[00:02:52]: SSRS 10 essa é minha amiga de muitos anos, esse é o sinal dela⁵³ , A-N-A R-E-G-I-N-A \pesquisadora sinaliza que os participantes podem sentar para observar a apresentação\ ela é muito inteligente, escreve perfeitamente, muito corajosa e conseguiu lutar pelos surdos. Ela teve uma ideia, ela fundou a FENEIS, a primeira foi ela \aponta para a imagem\, a FENEIS no Rio de Janeiro.

\todos deslocam o olhar para o fundo da sala onde outro participante começa a sinalizar\

[00:03:45] SSRS 2 F-E-N-E-I-D-A, os ouvintes se meteram e deixaram os surdos de fora, ela lutou para quebrar a FENEIDA e a FENEIS substituiu essa instituição.

[00:03:57] SSRS 10: ela foi a primeira a lutar para que hoje existissem os convênios com a FENEIS para nós surdos trabalhar, também lutou com a prefeitura para conseguir verba e apoio, lutou muito para que nos crescêssemos.

[00:04:21] Pesquisadora: ela é herói surdo?

[00:04:24]: ela é heroína!

[00:04:27] Pesquisadora: H-E-R-O-I-N-A, é mulher, Ana Regina.

[00:04:34] SSRS 10: é presidente, agora ela voltou, é presidente da FENEIS, estava preocupada que a FENEIS poderia falir e então ela voltou para salvar, ela é heroína, tem coragem, ela é capaz de fazer tudo. Eu a parabenizo e agradeço, obrigado! \surdos aplaudem a participação e outro participante escolhe uma imagem, cola no papel pardo e se posiciona para iniciar a apresentação, enquanto a pesquisadora pede a atenção de todos\

[00:05:57] SSRS 9: esse... bom... eu nunca tive contato pessoalmente com ele... mas soube a pouco tempo que ele estudou no Concórdia, formou-se e hoje vive em Recife \outro surdo realiza o sinal de Maceió\ isso, Maceió, esse é o sinal dele⁵⁴ , muitos já me contaram que ele é fissurado em avião, há um tempo não existiam leis e pensava-se que os surdos não eram capazes de pilotar, de pousar em um aeroporto, ele ficou muito desanimado, mas em 2012, 2013 ele indignou-se e resolveu lutar, começou a pesquisar sobre a A-N-A-C e estudar para poder pilotar. \alguns surdos sinalizam ao mesmo tempo\ Ele começou a divulgar, a pouco tempo ele apareceu em um jornal em Maceió, foi à Brasília também porque a A-N-A-C fica lá e é ela quem aprova, parece que falta a autorização da prefeitura e do aeroporto... ele falou 95% e falta 5%. Ele \aponta para a imagem\ pilotou um helicóptero com um piloto profissional ao lado dele, eles percorreram um determinado espaço aéreo, ao final o piloto profissional disse que ele era ótimo, capaz, não era necessário celular ou ouvir, ele tinha boa percepção visual. Ele já pilotou avião pequeno, também com um piloto profissional sentado na poltrona de trás, que se emocionou pelo fato de ainda existir pilotos surdos, é único, sabe tudo sobre pilotagem e vai ser piloto de avião, está quase chegando lá, parabenizo-o. Ele vai conseguir colocar na lei e resistir, mostrando que somos iguais, está muito perto e vencerá, um herói surdo. Parabéns, está lutando sozinho, parabéns.

\os participantes aplaudem e a pesquisadora interrompe\

[00:08:39] Pesquisadora: não tínhamos nenhum piloto surdo antes dele?

[00:08:40] SSRS 9: ele é o primeiro.

[00:08:41] Pesquisadora: no Brasil nunca se viu, é o primeiro, em outros países, como os Estados Unidos, existe.

⁵³ Ana Regina – CM (26) em movimento retilíneo ao lado do nariz.

⁵⁴ João Paulo – CM (66) para CM (68) com movimento da direita para a esquerda realizado no espaço neutro.

[00:08:51] SSRS 9: João conversou com surdos de outros países e eles contam que na Europa e Estados Unidos existem pilotos surdos, a tecnologia colabora para a pilotagem por surdos. É preciso lutar, ele está fazendo isso e quase chegando lá, falta muito pouco, e parabenizo-o, pois, pensam que é difícil, o principal é que não se pode desistir. Ele é muito forte, um lutador para chegar onde ele sonhou, temos que aprender com ele, pois existem leis que nos desmotivam, ele é um modelo para seguir, independentemente da idade, quando chegar onde quer o seu exemplo vai se multiplicar, eu parabenizo-o.

[00:09:42] Pesquisadora: que idade ele tem?

[00:09:44] SSRS 9: parece que entre 27 e 28... ele é um herói.

\os participantes aplaudem e a pesquisadora agradece, outro participante escolhe duas imagens e cola no papel pardo, enquanto isso, alguns conversam sobre o sinal da instituição escolhida, o participante realiza o sinal do INES, então alguns dizem que não dava para perceber por causa do ângulo da foto\

[00:11:09] SSRS 2: H-U-E-T, o primeiro nome não se tem certeza se é E-D-W-A-R-D ou E-R-N-E-S-T, igualmente surgiu um lugar para os surdos, antes não tinham nada, havia escolas para ouvintes, um lugar para os cegos estava pronto, Dom Pedro II conversa com Huet para que ele venha para o Brasil, ele vem da França, seu irmão vai para o México, que também é surdo. Não existia nada no Brasil, onde estavam os surdos? Os surdos começam a chegar e o espaço vai crescendo, primeiramente a escola não era onde se encontra o INES, tudo começou na escola Pedro II, uma escola de ouvintes em uma sala onde os surdos estavam alocados, a turma foi crescendo e depois passaram a estudar no prédio onde hoje se encontra o INES. Huet era um conde, por isso recebeu esse tratamento, vocês sabem o que um conde? É uma pessoa de família nobre, de sangue azul, é o que é a família de Huet. Por ele ser nobre ele tinha influências e podia se meter com o governo do Brasil, então ele pediu para construírem parte desse prédio \marca a metade da imagem da faixada principal do INES\ ele não construiu tudo, acabou partindo e não se sabe o motivo. Huet foi para o México viver com seu irmão, com sua família e lá fundou outro espaço. Eu o agradeço, Huet é herói. É um espaço que foi crescendo, e pessoas só do Rio estudavam lá? Não, eram surdos de vários lugares, como aquele da foto sentado ao lado do Salomão \aponta para uma imagem sobre a mesa\ é no INES que a língua de sinais começou a ser utilizada e se espalhar pelo país, e assim ela vai para o Natal, São Paulo, Sul... muito tempo depois vários alunos se encontravam e recordavam o tempo que haviam passado no INES. Tudo aconteceu por causa da língua de sinais, ali começou e se espalhou pelo país, eu agradeço Huet. Com o tempo passaram a fundar muitas associações em todo o Brasil, em razão do INES e dos contatos entre os surdos, por exemplo o Eni aqui no Rio Grande do Sul e outros que eram gaúchos e voltaram. Por exemplo, gaúchos que tinham contato com o Francisco⁵⁵ de Santa Catarina, o sinal do Francisco é sempre confuso, ele era número 78, acho que é isso 78... sabe porquê do número 78? Antigamente, no INES, os alunos não eram chamados pelo nome, mas pelo o número, o sinal era o número da sua matrícula, por exemplo, o professor chamava: número tal, vem aqui! Você está de castigo, faltou estudar! Cada um tinha o seu número e nós decorávamos o número de cada um pois existiam muitos nomes iguais, era mais fácil chamar pelo número. Isso foi crescendo e as trocas foram acontecendo com os encontros, também o Sencil e outro surdos como um de São Paulo, as associações entre 1950 e 1960, como as duas associações do Rio de

55 Francisco (2) – CM (52) realizado em contato com o tórax em movimento circular.

Janeiro e a associação de São Paulo, a fundação aconteceu naquela época quando os surdos retornavam para os seus estados. Os surdos começaram a discutir uma série de questões, os surdos eram limitados porque não estavam nas universidades e muitas vezes eram deixados de lado, eram oprimidos e o momento de enfrentamento e revolta aconteceu em 1981 porque foi o ano Internacional dos Deficientes, o evento aconteceu em Recife. Eu fui para Recife, Ana Regina foi e outros surdos, um grupo pequeno, não era um grupo grande, daqui foi o.... Vitor⁵⁶, acabou passado mal e voltou para o Rio Grande do Sul. De São SSRS 7 foram alguns surdos, mas poucos, o grande número de surdos eram os de Recife pois moravam por lá... \a pesquisadora pergunta se tinham interpretes\ pois é.... antes era FENEIDA, o DA era de Deficientes Auditivos, a presidente da época estava preocupada somente com a fala, então queria aparelhos auditivos, só isso. Não existia uma preocupação com a educação, nós surdos estávamos indignados e começamos à ofende-la para que se retirasse, ela era bem gorda e ofendemos chamando de vaca, a presidente era uma mulher ouvinte professora do INES, era professora. Começamos a nos organizar, demorou um pouco, mas começamos a criar espaços municipais e articular com outros deficientes como os cadeirantes e cegos, então Ana Regina disse que deveríamos fazer alguma coisa, era melhor que estivéssemos sozinhos, sem os ouvintes, a FENEIDA não fazia nada, não lembro o sinal da FENEIDA, mas não é igual ao da FENEIS, os ouvintes não faziam nada por nós, nos indignamos e resolvemos tomar a FENEIDA. Os heróis são eu, Antônio Campos, Valverde e Ana Regina, nós quatro... por que eu estava envolvido? Porque era presidente da associação Alvorada, tinha direito dentro da FENEIDA e mandei tirar a presidente, estavam vinculados à associação e eu mandei tirar, tinha esse poder.

[00:20:26] Pesquisadora: mas os interpretes, como? Tinha interpretes?

[00:20:28] SSRS 2: nada, a FENEIDA não se preocupava com nada, nem com interpretes. As palestras estavam ocorrendo em língua oral e nós não entendíamos nada, nada, nada, então Denise Coutinho⁵⁷, ela era de Recife, mas parece que nasceu em Alagoas, ao certo é que trabalhava em Recife, ela trabalhou de maneira voluntaria ao longo de cinco dias, ao final da atividade estava destruída e provavelmente ficou doente, nós orientávamos ela, quando julgávamos que algo não era importante pedíamos para que ela não interpretasse para realizar uma pausa, não tinha como uma pessoa fazer tudo sozinha. Eu criei no Rio de Janeiro o seminário sobre a Comunicação Total, aqui do Rio Grande do Sul foram Ricardo Sander e Evanise Luz, convidei Ricardo Sander para palestrar sobre os intérpretes e divulgar esse trabalho. Por que falar de Comunicação Total? Antigamente as famílias se assustavam com a língua de sinais e se preocupavam com a língua oral, diziam que oralizar era muito mais importante, e como falaríamos da língua de sinais... pensamos em uma forma de "disfarçar"... é Comunicação Total, o oralismo continuaria em uso associado à língua de sinais, as famílias começaram a compreender, explicávamos que os surdos usariam a língua de sinais e quando não conseguisse falar uma palavra difícil poderia usar o sinal... agora temo o bilinguismo... já se esqueceu da Comunicação Total, mas ela foi um herói, a professora I-V-E-T-E V-A-S-C-O-N-C-E-L-L-O-S, ex-professora minha e da minha esposa, era defensora severa do Oralismo, mas viajou com o Dr. Z-I-G para os Estados Unidos, para Gallaudet e percebeu que o Brasil estava atrasado. Na

⁵⁶ Vitor Caetano – CM (20) lateral da boca.

⁵⁷ Denise Coutinho – CM (15) realizado antebraço para CM (09).

Gallaudet os surdos usavam a língua de sinais e eram muito desenvolvidos, buscou a metodologia utilizada por eles... no INES os professores a insultaram....

Pesquisadora [00:23:44]: é a mesma que fundou a associação Alvorada? Que foi presidente?

[00:23:46] SSRS 2: Sim! Foi ela mesma que fundou... foi a primeira presidente. A primeira presidente da Alvorada, é ouvinte. [...] o sinal era esse, depois mudou para esse sinal da associação Alvorada. \alguns participantes realizam os diferentes sinais da associação Alvorada\ (risos). Você sabe porque era assim o sinal? Bom... para entrar na associação os surdos precisavam falar, oralizar o nome da associação, os surdos que não sabia oralizar eram mandados para fora, não podiam entrar, depois mudou o sinal. O primeiro sinal é por causa do sol, do alvorecer, assim o sinal. Ivete é herói! Não, não, não ela é ouvinte, isso a pesquisa é sobre surdos e ela é ouvinte. Foi se divulgando a comunicação total, e então se fundou a FENEIS, um lugar de poder. Tiramos a presidente, quem estaria contra nós? Tínhamos poder, Ana Regina tinha poder, usávamos a língua de sinais, tínhamos interprete e o uso da língua de sinais. Agora somos livres, antes existiam pouquíssimos interpretes e era muito difícil para fazer uma ligação, hoje existem muitos interpretes. Nas universidades não existiam intérpretes, hoje tem, e começou na Ulbra, com a Gisele \aponta para pesquisadora\, Marianne, Natacha... eu estava na FENEIS fazendo o enfrentamento, eu e a Lodenir. A Lodi redigiu o documento que mandamos para Ulbra, hoje ela é professora, mas naquele tempo também era interprete. A FENEIS é um herói, porque hoje os surdos estão crescendo cada vez mais, chegando ao mestrado e doutorado. Não é o nome de uma pessoa, é esse lugar que é herói, são muitas pessoas que fazem parte, como Ana Regina, Antônio Campos, mas o lugar é esse \aponta para a imagem com o logo da FENEIS\.

\os participantes conversam enquanto um dos participantes escolhe uma imagem e se direciona até a frente para explicar a escolha\

[00:27:42] SSRS 4: eu nunca conheci Salomão, mas meu pai me explicou... P-A-I contou... sou de uma família de surdos.... meu pai era parte do grupo da associação \um participante interrompe pois não consegue visualizar o que está sendo sinalizado\ lutaram até conseguir com a prefeitura que ela cedesse um terreno para criar a associação que permanece aqui até hoje para os surdos, eu agradeço a associação. A associação é um lugar de encontro, todos se encontram aqui, se não existisse a associação onde estariam os surdos? talvez nos bares...em outros lugares... a associação é o lugar que reúne os surdos, onde aprendemos a língua de sinais, sobre cultura, eu saúdo a associação, é herói!

[00:28:49] Pesquisadora: mas como conseguiram o terreno? Como?

[00:28:52] SSRS 4: eles lutaram para conseguir o terreno, eu sei que esse \aponta para imagem do Salomão\ estava junto, os outro eu não sei o sinal, quem são? Eu não sei, mas esse é S-A-L-O-M-Ã-O, esse é o sinal dele⁵⁸ [...]

[00:29:53] SSRS 10: o Salomão lutou e esperou pela prefeitura, que chamou e ofereceu um terreno, os surdos acharam que era muito pequeno e distante, então, a prefeitura procurou outro terreno, mas Salomão teve um infarto. Ele morreu aos 39 anos de infarto, Levy sempre o acompanhava e ficou perdido com a morte dele, não tinha documento nenhum, foi na casa da mãe do Salomão, ela disse que não tinha documentos, Levy resolveu fundar uma outra sociedade em 1962, ele assumiu e é aqui.

⁵⁸ Salomão – CM (25) realizado na boca direita em contato de movimento.

\muitos participantes sinalizam ao mesmo tempo e a pesquisadora pede atenção\ [00:30:46] Pesquisadora: quero fazer uma pergunta...\pede a atenção, alguns olham as fotos e a pesquisadora aguarda, um dos participantes mostra uma foto e diz que aquela é a foto da associação, SSRS 4 se desloca e pega a imagem e cola junto a primeira escolhida\ uma pergunta... a escola Salomão Watchnik, a escola sabe? \o participante faz sinal de positivo\ tem o mesmo nome dele, não é verdade?

[00:31:43] SSRS 4: é mesmo nome? Eu não tenho certeza... \olha para os outros participantes\ é o mesmo nome? A escola...

[00:31:54] Pesquisadora: é o mesmo nome? O mesmo da imagem aqui e o nome da escola?

[00:31: 57] SSRS 4: o nome dele e da escola? S-A-L-O-M-Ã-O [...] pois é, o nome é igual, mas não sei se é coincidência...

\o participante finaliza a apresentação e os demais aplaudem, a pesquisadora convida outro a escolher uma imagem\

[00:32:31] SSRS 8: eu procurei uma imagem que pudesse conhecer, algumas eu sei o que é, por exemplo o INES, aqui o Salomão, mas na verdade o ENI foi o primeiro, que acompanhava e conversava com Salomão. Ele estudou no INES \muitos surdos sinalizam ao mesmo tempo e SSRS 8 pede calma\ ele foi o primeiro de Porto Alegre que foi estudar no INES, cresceu lá e voltou para Porto Alegre. Quando Eni voltou percebeu que não existia nada na cidade de Porto Alegre, começou a chamar várias pessoas e o grupo foi aumentando, foi assim que encontrou Salomão e falou sobre a necessidade de criar um espaço. Eni trabalhou muito e resolveu chamar Francisco para conversar, foi quando aconteceu a conversa com o governo de estado desta foto, Salomão estava sentado e Levy se meteu no lugar central, Salomão se retraiu com a invasão. Tinham muitos surdos, um surdo mais velho me contou que Salomão estava sentado próximo ao governador, olha a imagem \aponta para a imagem\ e Levy se intrometeu e sentou no meio, entre Salomão e o governador. Levy sentou do lado do governador e conversava com ele, depois passava as informações para Salomão, mas Salomão é o primeiro, Levy chegou depois. A conversa era para tratar do terreno, de dinheiro, eu não sei muito bem porque tinha 1 ano de idade. [...]

[00:34:39] SSRS 2: o pai do Luiz⁵⁹, ajudou também, ele está na foto ali...

\os participantes conversam sobre a foto e uma das participantes diz que seu pai está na foto, os surdos pedem para ela mostrar quem é ele. Ela levanta e mostra na foto, conta que seu ajudou muito os surdos, estava preocupado com a escola para os surdos/

[00:34:58] SSRS 8: aqui está Eni, vejam ele acompanhou, aqui está Eni.

\os participantes fazem movimentos com a cabeça concordando com o que SSRS 8 sinaliza\

[00:35:44] SSRS 1: é isso, eles estavam conversando e Levy se intrometeu, Salomão foi paciente. Salomão enfartou, ele comia muito, mas a vida era dele. Os surdos queriam usar a língua de sinais, mas eram obrigados a oralizar, eram colocados na frente do quadro de castigo porque sinalizavam. Levy ajudou muito com o terreno e essa construção e também com Capão da Canoa.

[00:36:10] SSRS 8: era uma união... o Rio Grande do Sul foi o primeiro a ter uma associação, antigamente era associação dos surdos mudos, usavam a palavra mudo... Salamão enfartou, mas também tinha problemas na bexiga... Salomão guardava muitas coisas, depois que morreu Levy rapidamente criou a associação com outro nome, o terreno era o mesmo, mas era outra associação que foi criada.

⁵⁹ Luiz – CM (26) realizado abaixo do nariz em movimento retilíneo de um lado para outro.

Mas o primeiro foi Salomão, eu o agradeço, ele era muito educado... o Levy... mais ou menos... Salomão tinha um bom trato para levar as situações, dizia que os sócios não precisavam pagar naquele exato momento, podia ser depois... Levy cobrava os sócios, tinha que pagar na hora... eles eram diferentes, mas os dois eram judeus. Tinham a mesma religião e eram diferentes, Salomão era muito querido e foi uma pena ter morrido tão cedo, tinha apenas 38 anos. Sua esposa ficou viúva até o fim da vida.

[00:37:18] SSRS 1: outros surdos tinham muita intimidade com Salomão, eu era pequena tinha mais ou menos 4 anos, SSRS 8 tinha por volta de 1 ano, crescemos aqui.

[00:37:28] SSRS 8: eu ainda não era sócio, era pequeno, depois sócio com o Levy.
\surdos aplaudem a apresentação de SSRS 8 e SSRS 1\

[00:37:42] SSRS 7: no Concórdia velho não podíamos usar a língua de sinais, éramos obrigados a oralizar. Eu lia o que estava escrito e não entendia nada. Bea, filha na Naomi foi para os Estados Unidos (...) trouxe um luterano americano, sabe luterano? Um luterano americano usava a língua de sinais, fiquei assustado, usava a língua de sinais muito rápido, era famoso e ficamos abismados com a sinalização dele. Ele era ouvinte, ouvinte... ele explicou tudo diferente, meus olhos nunca tinham visto nada assim, eu vou mostrar /o participante pega o livro sobre comunicação total da escola Concórdia e começa a folhar, abre em uma página e mostra os sinais\ O americano ajudou a desenhar esse livro...

[00:39:15] Pesquisadora: ajudou?

[00:39:16] SSRS 7: ajudou a fazer em 1982, e depois divulgou, olhem só /mostra a contra capa para os participantes/ olhem o desenho, é a planta do Concórdia velho.

[00:39:55] Pesquisadora: o que você sabe sobre esse homem?

[00:39:58] SSRS 7: não sei quem é.... /olha a capa e encontra o nome do autor/ é esse!

[00:40:02] Pesquisadora: esse sinal? E-U-G-E-N-I-O, esse sinal⁶⁰.

[00:40:05] SSRS 7: foi ele quem veio para cá, ele veio dos Estados Unidos ajudar, aqui no Brasil não tinha nada, estranho ninguém ajudar com nada no Brasil. Ele veio dos Estados Unidos ajudar aqui no Rio Grande do Sul e se espalhou pelo país. Ele ajudou aqui e depois espalhou pelo Brasil o primeiro a usar língua de sinais, isso a língua de sinais. Ana Regina também veio aqui e ficou admirada, Antonio Campos também veio, agora não sei se Ana Regina veio primeiro ou foi Antonio Campos, não lembro quem veio primeiro e quem veio depois /chama a atenção de um dos participantes para perguntar quem tinha vindo primeiro para o Rio Grande do Sul/ (...) parece que vieram juntos.

[00:41:26] Pesquisadora: quem é herói surdo? Veja a palavra, herói surdo.

[00:41:27] SSRS 7: Herói surdo é esse e eu junto /mostra a foto da capa do dicionário onde aparece Vanderlei⁶¹/ ele é herói surdo porque divulgou a língua de sinais e eu junto, obrigado.

/Participantes aplaudem/

[00:41:50] SSRS 5: eu cresci, namorei, casei..., mas não conheci o Salomão, ele já morreu.... Bah! Que pena! Um surdo que lutou, ajudou muito no futebol, os surdos não pagavam nada (...) ele ensinou muitas coisas, mas eu não conheci, algumas

60 Eugenio – CM (21) realizado no pescoço em contato com movimento semicircular da esquerda para direita.

61 Vanderlei – CM (22) realizado na orelha direita em movimento de contato.

pessoas me contaram sobre ele e fiquei emocionada. Ele estava em diferentes espaços, lutando, fico emocionada e sinto amor por ele, ele herói surdo. Obrigado! /Participantes aplaudem/

[00:42:20] SSRS 6: é uma história... nesse grupo de jovens /mostra a foto que escolheu/ tinha uma pessoa que incentiva o grupo, fazia com que quiséssemos participar, mas isso acabou, acabou essa liderança, era o Gustavo. (as cinzas) foram jogadas em Capão da Canoa e as pessoas estavam presentes porque ele era um líder também herói, depois dele tudo foi desaparecendo, eu agradeço a ele, é simples assim.

/participantes aplaudem/

[00:43:46] SSRS 2: esses três surdos são importantes para a história /realiza o sinal dos três, mas não fala os nomes/ Sentil também, mas ele é do Rio de Janeiro, esses três eram de São Paulo. Então, um dos surdos de São Paulo fundou primeiro, mas foi com Sentil que estourou, e SSRS as viagens para a Argentina, Uruguai, ao mesmo tempo começaram os convênios. Os surdos que lutavam tinham estudado no INES, o secretário da (ver isso – associação do Rio de Janeiro –polegares se tocando) se desenvolveu até se transformar na federação, e ajudou a federação daqui, nessa época o Juracy convidou o Sentil para criar a federação aqui. O Sentil é um herói do futebol, estavam focados no futebol, só. Herói foi o Sentil, Gi Pimentel estava para bonito, olhem a imagem do logo da CBDS, quem lutou, estimulou o desenvolvimento e fez acontecer foi Sentil, ele foi muito forte.

[00:45:43] Pesquisadora: Sentil criou para o futebol ou para diferentes esporte?

[00:45:49] SSRS 2: não, para o futebol, baquete, natação, atletismo, diferentes esportes, ele é um herói, foi o primeiro da América, quem organizou em 1967 o primeiro campeonato na América do Sul. Eu estava lá, era pequeno e fiquei encantado com tudo que via, eram muitos estrangeiros usando a língua de sinais. Tinha gente da Argentina, Uruguai, Chile e também do México, foi uma competição das Américas, nós nos comunicávamos por gestos, copiávamos uns dos outros o que era sinalizado, conseguíamos assimilar, foi muito bom, e quem incentivou? Sentil. Ele está vivo, tem de 80 anos para cima, parece que está um pouco doente, parece ser próstata, o Marco encontrou a pouco tempo, um ano mais ou menos, convidei ele para o aniversário da associação, mas ele enrolou...

[00:47:45] SSRS 10: essa sou eu /aponta para foto/ por que estava protestando? Porque mãe surda, pai surdo e filhos surdos assistindo televisão... os filhos surdos sempre nos perguntavam o que estava sendo falado na televisão, eu não sabia, não posso mentir para eles... víamos as imagens, por exemplo, a batida de um carro... tentava entender o que estava acontecendo, mas como poderia sinalizar para eles? Os surdos começaram a lutar, precisava legenda para televisão, para que todos surdos pudessem ver e entender bem, nós somos burros? NÃO! Nós precisamos aprender para desenvolver a inteligência. Então, lutamos, nos mobilizamos para conseguir a aprovação da legenda na televisão. Ana Regina também lutou, está aqui na foto, ela lutou para conseguir a legenda, sinto orgulho de ver meus filhos entendendo o que estão vendo na televisão, posso ajudar eles a compreender traduzindo para Libras, é importante para nós também entendermos o que está sendo mostrado na televisão. Estava lutando, aqui na foto, não só pelos meus filhos surdos, mas por todos nós, não é uma luta egoísta é uma luta por todos. [...] essa luta mostra que a Ana Regina é heroína [...] foi em 1992, eu morava no Rio de Janeiro [...]

[00:50:16] SSRS 2: eu estava no grupo de teatro que também estava na luta.

[00:50:18] SSRS 10: o aparelho auditivo era muito caro, um absurdo, queríamos que o valor fosse menor, não tinha como pagar. Queríamos, também, a legenda na programação de televisão. [...]

[00:51:15] SSRS 2: eu estava no grupo de teatro C-I-A-S, C-I-A-S, C-I-A-S, chamamos os surdos para lutar... lutar pela legenda na televisão, divulgávamos essa luta. [...]

[00:51:42] SSRS 10: lutou contra a prefeitura, foi a Ana Regina sim, uma heroína, eu conheço ela, outros não. Obrigado.

[00:52:00] SSRS 2: /mostra uma série de fotos do mesmo evento ocorrido no Rio de Janeiro, depois escolhe a imagem com o logotipo do curso de Letras-Libras, dobra a primeira parte onde está escrito Letras e conta sobre a palavra Libras/ existem confusões sobre o termo Libras ou LSB, eu estava presente em São Paulo onde ocorreu uma grande discussão, LBS não pode, porque é a língua britânica, uma grande discussão que não dei muita importância, Nelson Pimenta é favorável ao uso do termo LSB, outro grupo onde eu estava presente e a Ana Regina também defendemos o termo Libras. A maior parte das línguas de sinais de outros países só coloca o nome do país, ao final da sigla, com LS (língua de sinais) F (França)... ASL é ao contrário por causa das inversões na língua, alguns a necessidade de copiar o uso das siglas com três letras, mas acho que deve ficar com está. A discussão começou na UFRJ, mas nosso grupo, eu... Ana Regina... defendemos o uso de L-I-B-R-A-S. É isso.

APÊNDICE 07 – TRADUÇÃO DOS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL NA ASP

PRIMEIRO ENCONTRO ASP

[00:00:00] PESQUISADORA: hoje é dia 26... não, é dia 25, parabéns pelo aniversário da ASP. A pesquisa que estou desenvolvendo é sobre os heróis surdos brasileiros e estou buscando os significados sobre esse conceito. Gostaria de iniciar perguntando para vocês se conhecem essa palavra H-E-R-O-I, o sinal que usamos para essa palavra, vocês conhecem essa palavra? \surdos realizam o sinal de herói⁶² e continuam apresentando outros sinais\ está conseguindo filmar? Ok! Vocês conhecem a palavra H-E-R-O-I? Não conhecem? Então?

[00:01:01] ASP 6: eu entendo que o herói é aquele que marca, como aqueles dos gibis, é aquele que salva, é quem recebe os aplausos por ter salvado.
\pesquisadora organiza as participações\

[00:1:21] ASP 8: eu acho que é um líder, quem conseguiu buscar, subir mais alto e é admirado por muitos, o líder é um herói, é o que eu penso.

[00:01:36] ASP 1: na minha infância via os filmes do Super-Homem, do Homem-Aranha... quando as pessoas estavam em dificuldade, em desespero, gritavam por socorro eles sempre corriam para salvar.

[00:01:50] ASP 6: também... eu sinto que na maioria das vezes as pessoas estavam caindo na água, se afogando, e então eles corriam, mergulhavam para salvá-los. Os salvamentos aconteciam mais na água.

[00:02:12] ASP 8: um idoso, um homem ouvinte velho, estava se afogando e o surdo correu para salvá-lo.

[00:02:21] PESQUISADORA: onde?

[00:02:22] ASP 8: aqui de Pelotas, ele participava aqui da associação, mas despareceu... era idoso...

[00:02:33]: PESQUISADORA: explica mais um pouco para nós.

[00:02:35] ASP 8: ele trabalhava em uma lavoura e um homem ouvinte estava se afogando, o surdo saiu correndo e salvou o homem que aplaudiu a ação dele... o surdo salvou.

[00:02:54] PESQUISADORA: o jornal não noticiou nada? Não foi informado nada? Na internet?

[00:02:56] ASP 8: não, não... já faz algum tempo. Foi sendo contado de um para outro, e aconteceu uma palestra, não aqui na ASP, em outro lugar, onde contaram resumidamente sobre esse ocorrido... acho que ele era jovem quando isso aconteceu... Paulo⁶³ conhece mais essa história, era amigo e tinha mais contato...

[00:03:25] PESQUISADORA: tu sabe a idade dele?

[00:03:26] ASP 8: parece que era 65 anos, ele quem reuniu a comunidade surda aqui. [...]

[00:03:45] PESQUISADORA: o que mais sobre a palavra H-E-R-O-I?

[00:03:47] ASP 11: é sempre quem luta, consegue, esse é o herói. Lutou por direitos, lutou para conseguir leis para libertar... isso significa H-E-R-O-I.

[00:04:03] PESQUISADORA: diferentes ideias que vão se complementando...

62 Sinal de herói (1) - CM 2 A6 movimento em seguir seta em frente no antebraço; herói (2) - CM 2 – A6 movimento em seguir seta para esquerda no antebraço; herói (3) - CM 3 – G1 movimento em seguir seta para esquerda no antebraço.

63 Sinal do Paulo – CM (52) como mão de apoio e movimento circular da outra mão em CM (03).

[00:04:05] ASP 6: seria quem tem um dom? Porque eu tenho habilidade, eu consigo salvar as pessoas... eu tenho o perfil, o dom.... não sei se é isso...

[00:04:17] ASP 1: parece uma pessoa com poder que na hora consegue resolver, as vezes no filme, em uma cena algo parece impossível e então surge o herói e salva.

[00:04:30] ASP 6: por isso que é uma habilidade, um dom.... não existe outro igual, não tem outro igual.

[00:04:38] ASP 5: ele influencia as outras pessoas com os feitos, nos livros por exemplo, Homem-Aranha... Super-Homem... são eles quem salvam. Também, penso que os heróis... ela falou em dom, mas não penso assim... como surgem esses heróis? O Homem-Aranha foi picado por uma aranha e então se transformou e passou a pensar... eu posso fazer, todos não... Super-Homem veio de outro planeta.

[00:05:28] ASP 6: desenho? Ok! Mas e os humanos como nós, nessa realidade?

[00:05:35] ASP 5: os desenhos influenciam a nossa vida, como a ASP 8 falou, do senhor que salvou o homem que estava se afogando... seria dom?

[00:05:47] ASP 6: eu acho que é habilidade...

[00:05:48] ASP 5: não, não... o herói resolve na hora...

[00:05:52] ASP 6: você acha que o herói resolve na hora?

[00:05:54] ASP 5: resgata.

[00:06:00] ASP 11: herói é diferente de dom.... o herói se esforça, ele tem vontade de conseguir e luta muito por isso, ele quer resolver, mas o dom.... por exemplo, ela aqui ao meu lado, ama fazer doces e faz muito bem, ela tem um dom.... mas o herói ter um dom.... eu não sei... tenho dúvidas.

[00:06:26] ASP 6: é uma intuição própria da pessoa, é algo que é dela e quando necessário surge, isso que surge da pessoa eu não sei o nome então prefiro chamar de dom, é uma tentativa de nomear, mas é isso.

[00:06:35] ASP 8: é vocação? São tantas palavras...

[00:06:40] ASP 6: habilidade... a palavra dom é uma tentativa de nomear.

[00:06:47] ASP 11: o dom é quem comanda o cérebro... seria isso?

[00:06:55] PESQUISADORA: quando vemos uma palavra pensamos que ela é simples, mas na verdade é uma infinidade de significados sobre ela e cada um percebe que uma maneira diferente, cada um assimila de forma diferente. No futebol poderiam existir heróis? Quem são os heróis?

[00:07:10] ASP 11: são os que vencem, aqueles que fazem muitos gols. [...]

[00:07:20] ASP 3: é algo mágico, isso é o herói.

[00:07:24] PESQUISADORA: vou pesquisar sobre o Brasil. O que mais vocês já virão sobre a palavra herói?

[00:07:27] ASP 8: é de ouvintes, ou surdos ou tanto faz?

[00:07:32] PESQUISADORA: surdos nós veremos depois, agora é sobre a palavra herói no contexto geral e depois vamos falar sobre o herói surdo.

[00:07:46] ASP 6: herói no futebol, por exemplo, o Ronaldo ele faz propagandas de telefone na televisão, era muito ridicularizado por seus dentes, mas isso não mudou a possibilidade dele estar na mídia e ser considerado um herói. Ser gordo, magro, feio ou bonito tanto faz, não é isso que muda um herói, o heroísmo é uma marca.

[00:08:22] PESQUISADORA: mas algumas ideias sobre a palavra herói... vocês falaram sobre os heróis em quadrinho, sobre o futebol, do surdo que salvou um homem que estava se afogando...

[00:08:45] ASP 8: mas tem mais homens do que mulheres... muitos homens e poucas mulheres... aquela mulher... como é o nome dela? Tem uma estrela na coroa

que ela usa na cabeça... é a única mulher que eu já vi... é parecida com o Super-Homem, é a única heroína que conheço... tem uma estrela...

[00:09:00] PESQUISADORA: é a Mulher Maravilha?

[00:09:02] ASP 8: isso! Mulher Maravilha! [...] É a única que conheço, são poucas as heroínas, acho que é preconceito, os homens se sentem mais poderosas que as mulheres. Os homens salvam, salvam, as mulheres salvam pouco.

[00:09:37] Pesquisadoras: quando falamos das mulheres nos referimos às H-E-R-O-I-N-A-S, os homens são H-E-R-O-I-S...

[00:09:50] ASP 6: na história as mulheres sempre cozinharam, cuidaram dos filhos, quem pagava e sustentava tudo eram os homens, por isso se sentiam mais poderosos. As mulheres acabaram subservientes, mas hoje foi possível romper com esse pensamento e temos mais igualdade. [...]

[00:10:53] ASP 2: você conhece o filme dos vampiros, aquele que o vampiro namora uma menina e ela engravidou? Quando ele consegue salvá-la ele é um herói, o filme C-R-E-P-U-S-C-U-L-O. O vampiro disputa com o lobo...

[00:11:55] PESQUISADORA: quem era o herói? O filho seria o herói?

[00:12:00] ASP 2: não sei... em breve terá o próximo filme e veremos... [...]

[00:12:50] PESQUISADORA: tu falou em tecnologias, como? Por quê?

[00:13:00] ASP 2: antigamente os surdos tinham dificuldade para se comunicar, não tinham celular, não existiam campainhas luminosas nem e-mails, somente telefones para ouvintes. Eu sou muita grata as tecnologias, porque hoje é muito melhor a comunicação e isso mostra que os surdos têm direitos como os ouvintes, isso é muito bom e me sinto muito bem.

[00:13:32] PESQUISADORA: ok... quem mais?

[00:13:43] ASP 11: o que explicou do filme eu acho que é L-E-N-D-A... L-E-N-D-A, uma história que é mentira, não é verdade, uma L-E-N-D-A.

[00:13:52] ASP 6: complementando o que ela tinha dito, os filmes estabelecem uma relação entre a ficção e realidade, o filme Avatar é um exemplo que relaciona a lenda com a tecnologia 3D.

[00:14:21] ASP 8: estavam destruindo a natureza, né?

[00:14:27] ASP 6: tem um herói dentro do filme.... Como é o nome dele mesmo....

[00:14:33] ASP 5: no Avatar não tem herói...

[00:14:35] ASP 6: tem sim, o homem que briga, um homem azul que luta também...

[00:14:44] ASP 1: os líderes... que depois se casou com a mulher e se tornou um líder.

[00:14:51] ASP 11: é o A-V-A-T-A-R? A primeira parte né? [...] não teve a segunda parte, só a primeira parte do filme. Eu penso que no futuro possa existir um robô que use língua de sinais, que possa sinalizar, seria muito fácil. O robô seria parte das novas tecnologias que buscam diminuir o trabalho das domésticas, não aumentaria os desempregados, pois é preciso alguém para manipular.

[00:15:50] PESQUISADORA: continuando sobre o heroísmo, quem mais gostaria de falar? O que você imagina sobre o heroísmo? O que vem à mente? É parecido com o que os participantes já disseram? O que você acha?

[00:16:18] ASP 10: penso nas imagens de ação, fogo e um carro que passa entre as chamas... sinto que isso se parece com o heroísmo.

[00:16:30] PESQUISADORA: /olha para outro participante/ e você o que acha? Quando vê a palavra H-E-R-O-I, o que pensa? Onde você já viu?

[00:16:46] ASP 12: quero pensar um pouco mais e depois respondo.

[00:16:49] PESQUISADORA: Ok! Os pensamentos são um pouco parecidos... bem... agora para a segunda parte da nossa atividade. Vejam esse cartaz /a pesquisadora

mostra um cartaz e apresenta para a câmera que está filmando/ é H-E-R-O-I S-U-R-D-O, eu vou colar na parede e quero que vocês começem a pensar sobre o heroísmo surdo. Vamos tratar dos heróis surdos do Brasil, podem ser pessoas de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de diferentes lugares do país. A minha pesquisa é com a comunidade surda gaúcha, com vocês aqui em Pelotas, em Porto Alegre na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul e talvez em Caxias do Sul, mas a pesquisa vai tratar dos heróis surdos brasileiros. Se vocês tiverem algumas informações sobre surdos de outros países e queiram complementar tudo bem, mas o foco da pesquisa são os brasileiros, independente se estarem vivos ou já tenham morrido. Vocês podem falar de quem vocês quiserem, vivos ou mortos, mas que vocês julgam ser herói. Quem vocês percebem que são heróis surdos?

[00:18:20] ASP 6: até hoje, sempre quando ensino sobre os surdos e a comunidade sempre falo do Huet, sempre se fala em Huet, Huet, acho que ele é um herói surdos... não sei..., mas sempre quando vejo palestras também se fala do Huet, é sempre o Huet e a educação, o primeiro a chegar no Brasil, sempre Huet... eu não sei.

[00:18:40] PESQUISADORA: ela está falando de H-U-E-T, o fundador do INES, mas existem vários sinais para ele, pode ser de diferentes formas, mas no México dizem que o sinal correto dele é esse, não sei o porquê deste sinal, me disseram que é assim. [...] Mas o que vocês acham? Não precisa ser alguém famoso, mas alguém que vocês identifiquem com herói, podem ser pessoas simples. Pode ser quem vocês consideram herói, umas pessoas que vocês possam olhar e identificar com herói.

[00:19:56] ASP 5: pode ser morto ou vivo, ok? Ele já está morto, mas se ele não me incentivasse eu não estaria aqui no Rio Grande do Sul, o nome dele era G-I-L-M-A-R, era surdo, esse era o sinal⁶⁴ dele. Gilmar me perguntava, por que eu não me mudava para o Rio Grande do Sul? Ele dizia: lá tem universidade, tem intérprete. Eu respondia: não! É muito longe, eu não quero, não quero! Ele veio para o Rio Grande do Sul, viu como tudo estava organizado, foi para Caxias do Sul e observou como funcionava, quando voltou para Recife procurou a minha família, que também me estimulou, e disse que eu precisava vir para cá. Então eu pensei... como faria? Estava terminando o segundo grau... Gilmar me deu aulas particulares de português, com textos...

[00:21:00] ASP 6: ele era surdo e ensinava português?

[00:21:02] ASP 5: sim!

[00:21:03] ASP 6: estranho...

[00:21:04] ASP 5: sim! Trabalhava com textos, que eu tinha que ler... também... me ensinava geografia e história, tinha que ler os textos e explicar em língua de sinais o que eu havia compreendido, ele também me explicava. Não estudamos matemática, eram mais as compreensões sobre os textos... estudávamos literatura...

[00:21:28] ASP 6: mas que ano foi isso? Quando? Quanto tempo? Como?

[00:21:30] ASP 5: ele sabia muito de português, e me ensinou no segundo grau... deixa me ver.... em 96, 97 e 98... então eu mudei para o Rio Grande do Sul e consegui me desenvolver, mas se não fosse ele, o Gilmar, me incentivar eu não estaria aqui. Eu sempre falo no Gilmar, o Gilmar... é engraçado... o Gilmar tinha uma esposa, a W-A-N-D-A, que já faleceu também, os dois morreram muito jovens... minha família não deixa eu ir à associação, então a Wanda, me convidou... meus pais confiavam nela, ela conversou com minha irmã, para me levar e minha irmã

64 Gilmar - CM (50) realizando movimento junto ao nariz deslizando de cima para baixo.

disse que meus pais não deixariam, então ela teve uma ideia estratégica... foi até minha casa e pediu para meus deixarem eu ir passear com elas, mas na verdade íamos para a associação. Quando voltava para casa não contava que estava na associação, continuava frequentando porque lá era muito estimulado. Naquela época a Wanda e o Gilmar não namoravam, e ela e minha irmã estavam sempre juntas e me levavam para passear, festas... para ter contato com surdos, Gilmar me ensinava... assim fui crescendo. Foram essas duas pessoas que ajudaram a ser o que sou, sem eles eu não estaria aqui hoje. Gilmar sempre falava coisas positivas, falava da importância de mudar para o Rio Grande do Sul, outros surdos falavam de forma negativa, diziam que eu não deveria mudar, porque no Rio Grande do Sul as pessoas eram ruins, frias, me deixariam de fora, viam o nordeste como inferior, mas eu acreditei no Gilmar. Quando mudei não pensei que seria fácil, que teria a mesma vida do Recife... passei o primeiro ano... depois veio o segundo ano... tudo lentamente até que conseguisse me adaptar e desenvolver. No Nordeste a cultura é diferente, nos vemos uma única vez e já nos tronamos amigos, aqui não é assim, é preciso tempo... a cultura é diferentes, mas é positivo... estou aqui até hoje. Estas duas pessoas são heróis para mim, sem o auxílio deles eu não estaria aqui... são heróis porque me influenciaram. Existiram outros que me influenciaram, por exemplo, o Antônio Campos, ele influenciou muitas pessoas. Fui influenciado por pessoas da FENEIS do Rio Grande do Sul, por exemplo, Marianne, Marcelo... André... sim ele é surdo, o André foi quem me salvou, parece isso mesmo... salvou, porque foi ele quem conseguiu uma vaga no curso de instrutor do Libras, era a última vaga. As vezes penso que foram vários salvamentos, por exemplo, a inscrição no curso de instrutor, os estudos, o contato com a língua de sinais na associação... no Brasil existem muitos heróis. Gilmar é um herói no Recife, Antônio Campos teve uma atuação nacional, eu sempre mantive contato com Antônio Campos, ele sabe de muitas coisas e sempre me conta, tem muitas informações e procuro ser como ele. Os nomes deles são G-I-L-M-A-R e W-A-N-D-A.

[00:25:30] PESQUISADORA: ok! São heróis, alguns vocês conhecem, outro não, por exemplo, Antônio Campos muitos conhecem, não é mesmo? /Participantes balançam a cabeça fazendo sinal positivo/ Então, e outros? Quem podem ser os outros heróis?

[00:25:40] ASP 6: penso que um herói para a escola bilíngue é a Patrícia Rezende, foi ela quem divulgou pelo *Facebook* para todo o país... foi ela quem promoveu muitas mobilizações, acho que a Patrícia pode ser uma heroína, muitas vitórias aconteceram por causa dela, da luta dela.

[00:26:10] PESQUISADORA: quem mais? [...]

[00:26:17] ASP 7: herói é quem multiplicou as associações...

[00:26:21] ASP 3: quem fundou a primeira associação no Brasil, foi no Rio de Janeiro? Acho que foi no Rio de Janeiro...

/Os participantes começam a sinalizar que seria o Rio de Janeiro, outros fazem o sinal de São Paulo, realizam o sinal de associação, uma discussão onde vários surdos sinalizam ao mesmo tempo/

[00:26:52] PESQUISADORA: só um pouco... voltamos ao que ele estava falando, /aponta para o participante/ ele disse que herói é que criou a primeira associação, ele acha que é no Rio, outros acham que é em São Paulo, o que tu achas?

[00:27:03] ASP 8: a associação é responsável por nosso desenvolvimento, sem ela não estaríamos aqui, ela é responsável pela luta, estudo e trabalho.

[00:27:12] ASP 6: sem a associação eu não teria a língua de sinais, eu não teria contato com a comunidade, eu fugia da minha mãe para ir a associação e sinalizar, sou grata a associação e aos fundadores.

[00:27:31] ASP 8: não existia nada, eu saía para a rua e minha mãe dizia: olha, aquele é surdo também, o nome dele é F-Á-B-I-O M-E-N-D-O-N-Ç-A, F-A-B-I-O vocês conhecem? Minha família, prima dele... minha mãe disse: ele é surdo como você, ele estuda e está crescendo... eu olhei meio desconfiada...ele não participava da comunidade, a família dele era rica, mas como ele era surdo, assim como eu, disse que queria estudar com ele. Uma outra coisa, antigamente o Alfredo Dub, aqui, era oralista, então o Paulo visitou a escola, olhamos para ele que passou a conviver com os surdos aqui, lembro dele.

[00:28:22] PESQUISADORA: Paulo...

[00:28:24] ASP 8: eu era pequena, era jovem e lembro do Paulo.

[00:28:30] ASP 5: aqui de Pelotas, quem é o herói? Parece que a associação é heroína, porque ela une as pessoas, é ela que é heroína e espalha por vários espaços...

[00:28:50] ASP 8: o que a associação significa? É preciso explicar... existem heróis... o mundo tem heróis surdos, mas só aqui em Pelotas? Não, tem em outros lugares...

[00:29:01] PESQUISADORA: não podemos olhar só para nós, precisamos olhar para fora... você o que acha? /Aponta para outra participante/

[00:29:10] ASP 12: antes as pessoas conviviam e participavam muito da associação, mas acabaram deixando de lado. Alguns começaram a ir para o ensino superior, e a associação ficou uma pouco de lado. Outros começaram a trabalhar como instrutor e também deixaram a associação de lado.

[00:29:32] ASP 11: eu agradeço a escola de Santa Rosa, quando eu era pequena era muito difícil, não existia escola bilíngue. Estudávamos em um espaço emprestado por ouvintes, mas os professores não sabiam o que fazer, como ensinar... eu lembro que os primeiros a nos visitarem foram Marcelo e Marianne para palestrar sobre o ensino para os surdos. Ficamos animados, eram como nós e queríamos ser professores como eles, não queríamos vender os papéis na rua. Era um espaço emprestado, então a FENEIS ajudou a organizar o curso básico de instrutor conveniado com a prefeitura, Lions e Rotary que ajudaram com verba. Trabalharam muito pelo sonho que construir uma escola própria para os surdos, se organizaram, venderam, tudo para conseguir verba, porque não queriam mais ficar em um espaço emprestado até conseguiram construir uma escola para surdos, escola bilíngue que foi aberta. Tinha até a 8ª série e queríamos o ensino médio, então procuramos o André e o convidamos para falar sobre educação, ele nos apoiou, tinha experiência porque era formado em pedagogia. André organizou uma proposta, nos preocupávamos com o ensino médio porque não existiam intérpretes, a proposta para o ensino médio foi aceita e os surdos puderam continuar os estudos. Isso é heroísmo surdo, sou grata ao Marcelo, Marianne e André que apoiaram a construção da escola, lá temos placas que homenageiam eles que salvaram os surdos, tem outras placas, como agradecimento ao Rotary, mas para os surdos é especial, isso significa heroísmo, eles lutaram e conseguiram. Eu gostaria que você fosse até a escola ver como está, tem sala de informática... muitas coisas... hoje está um pouco diferentes do que era... houve algumas mudanças metodológicas... tem algumas coisas estranhas... na construção foram colocadas as placas, mas quando a diretora se aposentou e foi substituída, retiraram as placas e guardaram (...) a escola tinha como objetivo nos possibilitar imaginar um futuro melhor, desenvolvidos como você que está fazendo doutorado, queria que

entendêssemos que somos capazes, nós somos modelos, multiplicadores para incentivar outros surdos.

[00:33:05] PESQUISADORA: sim... /aponta para a participante e sinaliza/ espere um pouco, ela vai falar primeiro. Pode falar! /Aponta para a outra participante/

[00:33:11] ASP 12: só ouvinte pode ser intérprete? Nós surdos também podemos interpretar, legendar vídeos, é igual.

/Surdos começam a sinalizar juntos/

[00:33:26] ASP 8: ela /aponta para Fábia/ foi a primeira heroína do esporte, ela divulgava as atividades era uma líder... Naquela época ela tinha 6 anos... chamava para jogar vôlei, mas futebol não, existia um pouco de preconceito, era vôlei, handball... outros esportes. Antigamente era feio a mulher jogar futebol, somente os homens podiam, mas ela organizou um time de mulher para o futebol de campo, esse é o sinal dela⁶⁵.

[00:34:19] ASP 6: eu estou realizando meu doutorado, muitos estão fazendo mestrado e o número de estudantes no doutorado está aumentando, mas penso na Gladis, a primeira surda a realizar o mestrado na América Latina, isso está registrado. Acredito que ela é uma heroína porque rompeu com o que existia durante muitos anos, ou seja, a insistência de surdo nestes espaços, ela foi a primeira que lutou por esse espaço na UFRGS, sem ela nós não estaríamos aqui, ela nos ajudou. Primeiro foi a Gladis, por causa do doutorado, da pós-graduação, penso no Letras-Libras, mas a heroína é a Ronice, ela é ouvinte... pois é.... o Letras-Libras foi criado por ouvintes...

/Os participantes sinalizam ao mesmo tempo/

[00:34:54] PESQUISADORA: só um minuto antes que eu esqueça... espere um pouco... ela primeiro. /Aponta para a participante/

[00:25:01] ASP 2: faltam filmes sobre os surdos e novelas... divulgação, por exemplo, uma N-O-V-E-L-A.... não tem! O Brasil precisa de tempo para se desenvolver, nos Estados Unidos é completo, eu sonho com esse desenvolvimento, eu quero... eu quero ser atriz, mas as vezes não sei. Gostaria da opinião de vocês sobre os filmes, da necessidade de lutarmos fazer um filme...

[00:35:40] ASP 6: criar um filme é muito caro, envolve questões econômicas. Se a associação quiser ter participação econômica nos lucros ela precisa pagar também, participar da divisão, são questões de políticas cinematográficas, tem suas próprias regras. Precisa-se de muito dinheiro para fazer um filme, um filme simples poder ser colocado gratuitamente no You Tube, pode ser simples e de curta duração, mas na realidade, os filmes precisam de muita verba para os materiais, figurinos, atores que serão pagos... uma série de coisas que custam muito dinheiro. Eu gostaria de fazer um filme, mas... nos Estados Unidos (...) Tem uma série, sobre um bebê... B-I-R-T-H, acho que é S-W-I-T-C-H-E-D, trocam os bebês e um é surdo... é americano, um seriado, é ótimo, os bebês são trocados, um é ouvinte e outro é surdo, eles são trocados e as famílias... trata de DeafGain, audismo, muitas questões e também tem um sobre o herói surdo, é com aquela atriz.... Como é o nome dela...

[00:36:42] ASP 1: ela é R-U-I-V-A?

[00:36:44] ASP 6: (...) isso mesmo M-M⁶⁶, eu adoro, tudo em ASL... ASL...

/Conversas paralelas sobre quem seria ator de teatro brasileiro, realizam o sinal do Nelson Pimenta/

⁶⁵ Fábia - CM (62) realizado na bochecha com dois movimentos de contato.

⁶⁶ Marlee Matlin – CM (47), realizado no espaço neutro em frente ao corpo deslocando da direita para esquerda.

[00:37:24] ASP 5: esqueci... ah! Queria falar da Gladis... Gladis foi a primeira a mostrar que somos capazes, serviu de modelo, de exemplo, se ela não tivesse feito acho que nós ainda teríamos dúvidas sobre nossas possibilidades. Na verdade, antes de entrar na universidade, observava a Gisele, Marianne e Simone como estavam estudando, vi que tinha intérprete na Ulbra, tinha informática que era difícil, mas com intérprete era possível, então resolvi entrar também. Não foram heróis, parece que foram líderes, uma mostrou que era possível e outras foram se somando a ela.

[00:38:17] ASP 12: eu vi na internet alguma coisa que não existe no Brasil sobre os surdos, mas que tem em outros lugares... eu não entendi muito bem...

/os participantes começam a sinalizar ao mesmo tempo e a pesquisadora chama atenção para retomar as perguntas/

[00:39:29] ASP 1: lembro quando era pequena e estudava aqui na escola Alfredo Dub, foi entre 93 e 97, eu estudei outros períodos aqui, mas isso aconteceu no período de 93 até 97. Todos seguíamos um surdo, ela já morreu, era muito popular, esse era o sinal dele⁶⁷, R-A-F-A-E-L, era um líder valioso, ele sabia tudo e dependíamos dele, mas ele morreu C-E-D-O, tinha 14 anos. Ele andava na rua e se comunicava com todas as pessoas, surdos e ouvintes, era um líder no futebol, escolhia e organiza os times, ele é quem era responsável. Quando precisávamos escolher um líder na sala, sempre escolhíamos o Rafael, um líder muito forte em nossa escola. Em 97 quando ele morreu choramos muito, ficamos tristíssimos. Depois de um tempo aconteceu um campeonato de futebol e combinamos que o premio seria entregue à mãe do Rafael, era um sinal de respeito por ela. Ele foi um líder muito forte, que viajou para Santa Maria, vendia os aqueles panfletos com o alfabeto em Libras, tudo sozinho. Alguns afirmam que ele tinha 14 anos quando faleceu, outros dizem que foi com 15, mas tenho certeza que convivi entre os anos de 93-97. Ele morreu do coração, já tinha um problema por isso o sinal dele estava relacionado com a cicatriz no peito que sempre aparecia com jogava futebol e tirava a camisa. Todos o adoravam e sempre diziam para se reportar a ele, ele resolveria.

[00:42:01] ASP 8: era uma pessoa muito forte, muito boa.

[00:42:09] ASP 1: seguíamos... era um líder valioso, ele sabia tudo e dependíamos dele, mas ele morreu C-E-D-O , nasceu em Pelotas, convivia com surdos adultos que também admiravam, convivia fora do grupo de surdos, participava da ASP (...) todos conheciam porque ele se comunicava muito bem, depois que ele faleceu no ônibus o cobrador nos perguntou onde ele estava e quando contamos que ele morreu o cobrador ficou triste.

[00:43:17] ASP 8: teve um surdo que salvou o Rafael e levou ele para o hospital, o Marcelo.

[00:43:23] Lisandra: eu não estava junto com o Marcelo, mas ele levou Rafael para o hospital e não adiantou.

[00:43:40] Alie: porque antes era difícil um surdo dirigir, a maioria utilizava o ônibus, o Marcelo tinha carro. Marcelo estava jogando futebol quando Rafael desmaiou, ele sacudiu o Rafael e viu que ele não acordava então colocou ele no carro e levou.

[00:44:15] ASP 8: ele era proibido de jogar, todo mundo avisava que ele não poderia jogar, mas ele era resistente e jogava futebol.

[00:44:45] ASP 1: ele era viciado no futebol, ele precisava... muitos orientavam ele do risco por causa do seu coração, mas ele relutava e continuava jogando até que morreu. (...). Acho que tenho uma foto, vou procurar...

67 Rafael - CM (43) realizado em frente ao tórax deslocando de cima para baixo.

/Os participantes sinalizam ao mesmo tempo sobre diferentes assuntos/
 [00:45:28] ASP 11: a associação, não só aqui, mas em todo o Brasil tem valor, mas infelizmente quando tenta realizar parcerias com a FENEIS para oferecer cursos de Libras, outras instituições e as prefeituras se intrometem e os ouvintes pegam esses cursos... é necessário realizar cursos de Libras aqui na associação, trazer as pessoas para dentro das associações. Os cursos devem acontecer dentro das associações, os surdos devem ensinar a língua de sinais, porque outros espaços, como o Senac, os ouvintes oferecem cursos de Libras, mas eles deveriam acontecer dentro da associação como acontece com os outros cursos de línguas. A língua inglesa é ensinada em um espaço com profissionais específicos para ensina-la, porque não pode ser assim com a Libras dentro da associação? O espaço da Libras é dentro da associação.

[00:46:36] PESQUISADORA: mas a lei trata da difusão da Libras... continuamos então, quem mais gostaria de falar sobre o heroísmo surdos? [...]. Então, o que vocês podem falar sobre o heroísmo surdo, algo que vocês observem no Brasil para tratar dos heróis surdos? Alguém que vocês possam identificar como herói surdo nos dias de hoje...

[00:47:59] ASP 1: de quando eu era pequena lembro da primeira professora surda, a professora Rejane, ela explicava tudo em língua de sinais, podíamos perguntar tudo e ela nos respondia em língua de sinais e nos ensinava a sinalizar. Perguntávamos para os professores ouvintes, mas sabe... eles não tinham a mesma essência, a mesma expressividade com a língua de sinais como ela. Ela nos mostrava que era possível um surdo casar, ter uma casa, mostrava que tudo era possível, nos incentivava muito e sempre em língua de sinais.

[00:48:32] ASP 2: eu agradeço a Aline, ela sempre me incentivou e apresentou a associação, eu não sabia o que era a associação, então ela explicou sobre como ser sócia e participar das atividades da associação, sou muito grata à Aline.

[00:49:03] ASP 11: agradeço ao André e a Marianne, lá em Santa Rosa eles me mostraram que era possível chegar ao curso superior e queria ser como eles, eu via que era possível e queria ser como o André e a Marianne.

[00:49:25] ASP 8: eu aprendi em uma viagem para São Paulo, tinham surdos com a 8ª série que podiam ser instrutores, eu tinha concluído o segundo grau e não estava fazendo nada, foi em São Paulo que aprendi...

[00:49:41] PESQUISADORA: mas onde foi que aprendeu? Em um seminário? Escola? Onde?

[00:49:47] ASP 8: seminário, em um seminário em 99... sim foi em 99, um seminário do R-O-T-A-R-Y.... o primeiro seminário foi lá... vi que surdos que não tinham terminado o segundo grau estavam trabalhando, senti que queria fazer isso também... foi um mulher, surda... não lembro o nome dela... /entrevistadora soletra R-E-J-A-N-E A-G-R-E-L-L-A/ acho que é isso, ela está sumida, mas foi lá que senti vontade de ser instrutora.

[00:51:15] PESQUISADORA: eu posso estar enganada, mas acho que era ela que fazia as divulgações neste período junto com o Nelson Pimenta e falava do uso de classificadores, ela participava desse grupo. Se lembrar do nome tu pode me informar, mas não tem problema se não lembrar... mais alguém?

[00:51:47] ASP 12: eu nasci em Santa Vitória do Palmar, sempre estudei na escola Alfredo Dub e quando conclui a 8ª série percebi que poderia fazer outra coisa, outro mundo, se ouvintes podem fazer curso de moda eu também posso. Dentro do Alfredo Dub eu não pensava em outras possibilidades, ou sobre o que eu queria fazer, fora da escola comecei a ter ideias...

[00:52:43] PESQUISADORA: mas como tu percebeu que poderia fazer moda? Foi influência de algum ouvinte?

[00:52:50] ASP 12: foi assistindo vídeos com intérpretes, observava as roupas que utilizavam e percebia que eram muito escuras e ficavam feias nos vídeos, pensei que poderia estudar moda e mudar isso. [...]

[00:53:59] ASP 12: uma médica daqui é fonoaudióloga que realiza audiometrias, todos conhecem, quando fui realizar um exame me perguntou se conhecia uma escritora, de Santa Maria, a P-A-U-L-A, ela é oralizada, então a médica perguntou se conhecia e se queria fazer o implante, parecia que eu não tinha poder, tinha entrado na universidade, eu posso estudar e não preciso ser implantada para estar na universidade.

[00:54:38] PESQUISADORA: ok! Mais alguém?

[00:54:42] ASP 1: a Ivana é uma líder dentro da UFPel, quando entrei na universidade fiquei apavorada, não sabia muito bem o que fazer, ela foi me explicando porque tem muita experiência, ela e o Fabiano, os dois foram me explicando e comecei a entender, a Ivana e o Fabiano são líderes na UFPel.

[00:55:09] ASP 6: fiquei observando que todos estavam sinalizando e realmente temos vários heróis, por exemplo, a Ana Regina que criou a FENEIS, outros vão se destacar no esporte, mas fico pensado... quem de destacaria no cinema? Quem conseguiria romper com o que está posto? Quem seria um herói para entrar no espaço da saúde, como médico? Quem poderia entrar na área da saúde e melhorar a comunicação em Libras nesse espaço? Quem poderia ser um grande empresário surdo, criador de uma empresa? Parece que ainda faltam esses heróis... a tecnologia tem se desenvolvido como o ProDeaf [...] mas quem mais... a educação se desenvolve, mas o resto parece ser o contrário...

[00:56:20] Maceli: chegar a diretoria é muito difícil... é preciso se sócio da empresa, mas isso é difícil porque as empresas se fecham para nós... as coisas são diferentes... precisamos de materiais específicos, como em uma gráfica... /os participantes realizam o sinal da cidade de Rio Grande e afirmam que lá existe um surdo dono de uma gráfica/

[00:57:07] PESQUISADORA: o que mais...

[00:57:11] ASP 6: pode ser confusão minha, mas fiquei pensando... herói e líder não são conceitos idênticos... tu falaste da Ivana dentro da UFPel, bom... ela é uma líder e não heroína. Eu não sei muito bem, mas não é a mesma coisa.... Gisele perguntou sobre heróis e nós respondemos sobre líderes... eu não tenho bem certeza sobre o conceito de herói...

[00:57:40] ASP 5: eu penso o seguinte...por exemplo... Antônio Campos, no passado era um líder que divulgava e mobilizava a comunidade surda, com o tempo ele se transformou em um herói, mas por quê? Ele nunca foi esquecido pela comunidade surda, esteve sempre disposto a colaborar. Outro exemplo, GladisPerlin...era uma liderança e hoje é considerada uma heroína, se não fosse ela muitos de nós não estariámos aqui, ela nos salvou... o líder não salva, as pessoas seguem as lideranças, mas é a construção que ela faz que muda a história, hoje a Gladis não precisa ser atuante na comunidade, foi o que ela fez no passado para nos salvar que fez dela uma heroína. O Gilmar foi um líder que salvou muitos surdos, ele morreu e seus feitos fizeram dele um herói.

[00:58:38] PESQUISADORA: quero perguntar para vocês, se eu sou modelo e realizo desfiles no momento que estou desfilando e trabalhando como modelo sou considerada uma líder, e depois de um tempo, quando já não trabalho mais passam a me considerar heroína, ok? Como tu falou..., mas, se eu deixo de ser líder e passo

a ser heroína, os próximos, os que vierem depois de mim, serão considerados líderes? Podem se transformar em heróis? O que pensa sobre isso?

[00:59:18] ASP 6: a Patrícia Rezende... salvou as escolas bilíngues... ela está afastada da FENEIS... pode ser considerada heroína..., mas os que seguem na luta, são líderes ou podem se transformar em heróis? É isso que ela está te perguntando.

[00:59:30] ASP 5: Os significados são diferentes, o Antônio Campos conseguiu criar muitas lideranças, tudo veio dele. Uma modelo só é famosa, somente fama... ela ajuda a comunidade? Ela ajuda na transformação de uma realidade? Ou é seguida pela sua fama? Por exemplo... Patrícia Rezende... ela salvou a comunidade surda ou é admirada pela fama que tem? Ela conseguiu a criação de escolas bilíngues sozinha? Para mim ela é famosa... tem visibilidade, é diferente do Antônio Campos que lutou pela FENEIS e não é famoso...

[01:00:32] ASP 6: tu queres dizer que o herói não é famoso, não tem fama? Está confuso...

[01:00:34] ASP 5: ele é herói por salvar...

[01:00:36] ASP 6: Patrícia é uma protagonista e não é heroína?

[01:00:40] ASP 5: acho que é um pouco diferente... por exemplo a Gladis, ela abriu espaço para os surdos mostrando que somos capazes de produzir através da escrita em diferentes espaços.... Vanessa Vidal é famosa, mas não salvou os surdos... ela é uma celebridade...

[01:01:00] ASP 6: então Vanessa Vidal também não é heroína, ela é modelo e famosa, mas foi ela quem criou a Miss Surda, criando um espaço para os surdos... é uma confusão de conceitos... [...]

[01:01:45] Pesquisadora: a discussão é importante porque preciso da opinião de cada um de vocês, não existem respostas prontas, nem a pesquisa termina aqui, ela continua com a construção de diferentes ideias. Por isso pergunto sobre o que vocês já viram sobre o assunto, viram em materiais sobre "herói surdo"? Então, é por isso que estou pesquisando sobre esse tema... não temos referências...

[01:02:14] ASP 6: um exemplo... Ronaldo é um herói, foi jogador de futebol e foi muito pobre na sua infância... /ASP 5 interrompe a sinalização/ espera um pouco que estou sinalizando... ele era de uma família muito pobre e as pessoas consideraram ele herói porque conseguiu mudar de vida, ele não salvou ninguém, mas modificou a sua vida e serviu de exemplo de superação para muitas pessoas, pode ser considerado herói... Pare de me atrapalhar enquanto sinalizo /conversa com ASP 5/ eu já fiz muitas filmagens no mestrado e é ruim quando as pessoas sinalizam ao mesmo tempo [risos] ele é considerado um herói pois superou a pobreza e serve de exemplo para muitas pessoas, o líder realiza um feito porque deseja fazer, existe um querer envolvido, o herói salva e por isso são coisas separadas. Por exemplo... dentro da associação ou em um espaço dentro de uma empresa quando exerce o papel de liderança incentivo as pessoas... o Rafael como já foi citado aqui... jogava futebol e era uma liderança porque estimulava os demais. O herói tem um perfil de salvacionista e único, a Patrícia lutou, realizou seu feito e deixou para os demais, por isso que acho que são coisas separadas... a liderança envolve um movimento, um querer de quem é líder... eu não sei, acho que preciso estudar mais sobre isso...

[01:04:24] ASP 5: tinham falado do esporte e que a Fabia incentivou muitas pessoas com o esporte... e pergunto... se a Fabia sair de cena alguém mais poderá se destacar? O conceito de herói é um pouco diferente... o herói é quem salva um universo maior do que o local...

[01:05:17] ASP 6: mas o herói pode agir em um espaço pequeno, local... em uma determinada comunidade... pode ser um herói da natação... do futebol... em uma

aldeia indígena quem mata um leão... acho que cada comunidade tem o seu herói... as cidades também têm seus heróis... por exemplo, Morro Redondo é uma cidade bem pequena e tem seu herói.

[01:05:51] Pesquisadora: agradeço a participação de todos, já está combinado nosso próximo encontro e vocês podem trazer imagens relacionadas ao heroísmo surdo na comunidade surda para a outra atividade. Qualquer alteração faço contato com vocês por e-mail e por mensagens, muito obrigada pela colaboração de todos.

SEGUNDO ENCONTRO ASP

[00:00:00] PESQUISADORA: Primeiramente vocês vão circular em volta da mesa e observar as imagens que estão expostas, cada um escolherá as imagens que fazem relação com o que acreditam ser o heroísmo surdo. Escolham as imagens e depois vão fixar na parede e explicar porque a imagem escolhida se relaciona com os heróis surdos, cada um explicará do seu jeito, não existe um jeito certo ou errado, mas a visão de cada um. As imagens foram capturadas no google e caso alguém trouxe outra imagem ou deseja falar de alguém que considera herói pode ficar a vontade. Como já expliquei, cada um escolhe uma ou mais imagens e explica como essa imagem se relaciona ao heroísmo surdo, um por vez vai apresentando as imagens e explicando. Podemos começar então? /Os participantes sinalizam que sim/ Podem observar as imagens.

/Participantes observam as imagens por volta de 15 minutos, esse momento não é filmado e após escolhidas as imagens retornamos a filmagem/

[00:02:32] Pesquisadora: no primeiro encontro vocês utilizaram algumas palavras e observei as recorrências no que foram sinalizando em relação ao heroísmo surdo, as palavras que coloquei aqui na parte de cima do cartaz são as que mais apareceram. Vejam a palavra luta, muitos usaram a palavra luta, a palavra fama e história em quadrinhos também apareceu, outros falaram de dom. Agora cada um terá a oportunidade de apresentar a imagem escolhida e explicar sobre ela, vocês podem fazer perguntas para quem estiver apresentando, mas solicito que não se alonguem muito para que todos possam participar.

[00:03:39] ASP 6: vou começar... eu escolhi três imagens que vou colar... faltou uma da Patrícia Rezende /a participante pega o tablet para procurar a imagem e mostrar para aos demais participantes, a pesquisadora solicita que encaminhe depois por e-mail/ a primeira imagem é essa, A-N-A R-E-G-I-N-A, tenho em minha memória que ela fundou a FENEIS, com isso fez com que a FENEIS se filiasse à WFD, e que as associações pudessem estar filiadas à FENEIS. Hoje ela está de volta à presidência da FENEIS, é como se voltasse ao passado, Antônio Campos também foi importante, mas ela é presidente novamente, realizou o doutorado, é mulher... isso tem mais significado pra mim... Antônio Campos tem sua marca na história, mas quem continua atuante, sem exibicionismos é ela, uma importante liderança. A segunda imagem é da Gladis Perlin, a primeira surda da América Latina, foi freira, se ela não tivesse mostrado que somos capazes eu não estaria no doutorado. Ela é uma presença forte na história, consegui romper com o olhar clínico sobre os surdos...

[00:05:52] ASP 5: ela mostrou o conceito de identidade, antes não sabíamos o que isso significava, mas depois dos estudos dela passamos a nos reconhecer...

[00:06:00] ASP 8: os ouvintes começaram a ver que os surdos poderiam fazer mestrado e doutorado, os pais começaram a ver que os filhos surdos poderiam ser

iguais a ela. Alguns ouvintes pensam se uma mulher surda é capaz de estudar, fazer mestrado e doutorado o meu filho surdo também pode.

[00:06:18] ASP 6: a Marianne é muito importante, lembro de ver ela sinalizando e acha muito rápido, ela tem um grande destaque científico e é protagonista nesta área, sempre com muitas publicações e pesquisas. Fui aprovada no doutorado, e quando sentei para conversar com ela fiquei admirada pelo protagonismo e a forma como ela apresenta as questões científicas. Marianne é uma C-I-E-N-T-I-S-T-A, ela me desafia, quer sempre provas e mais provas de tudo que estou falando. O mestrado foi importante para que eu aprendesse a sistematizar o que estudava, mas no doutorado tenho sido desafiada por ela quando me questiona das provas que tenho sobre as respostas que dou. Ela me puxa muito, é uma cientista e me sinto muito bem em ter uma orientadora surda, na graduação e no mestrado meus orientadores eram ouvintes e a experiência com a orientadora surda é estimulante. Na terceira foto aqui estão o Luis⁶⁸ e Rejane⁶⁹, escolhi porque são professores aqui de Pelotas e por causa deles que escolhi ser professora. Eles eram professores aqui do Alfredo Dub, a Rejane foi minha professora quando era pequena, não tinha a noção que era pelo fato de ser surda como eu, o que me interessava era a comunicação em língua de sinais, só com o passar do tempo que me dei conta dessa constituição e quem foi responsável por isso? A Rejane, que hoje é professora da Fiorela⁷⁰. O Luis foi uma referência durante anos, são esses professores ajudaram a construir o que somos hoje, eles nos salvaram. Sobre a Patrícia Rezende, a sua marca são as escolas bilíngues. Ela divulgou informações, atuou como protagonista e teve coragem... ela finalizou seu doutorado e quando vemos ela defendendo as escolas bilíngues tem credibilidade. Ela é uma referência, pois mesmo com seu doutorado concluído aceitou lutar em defesa das escolas bilíngues, é por isso que a Patrícia tem significado para mim.

[00:09:21] ASP 1: eu posso utilizar a imagem que ela escolheu e complementar?

[00:09:23] PESQUISADORA: sim, sim!

[00:09:29] ASP 1: é verdade o que ela falou sobre a professora Rejane, aqui em Pelotas quase todos os surdos, quase 90% dos surdos, foram alunos da professora Rejane, jovens e mais velhos, pequenos e já crescidos, a maioria foi aluno da professora Rejane. Quando vou para outros lugares e encontro surdos que estudaram em Pelotas sempre me perguntam se a professora Rejane continua trabalhando no Alfredo Dub, é sempre assim... qualquer lugar é sempre a mesma pergunta: - Rejane permanece lá? ... outra pergunta: - Rejane permanece lá?... É sempre assim em qualquer lugar que eu encontre pessoas que estudaram aqui.

[00:10:20] ASP 6: ela está há 22 anos na escola, são 22 anos... ela é professora da Fiorela, minha filha, foi minha professora e agora é professora dela, eu perguntei há quanto tempo ela atuava aqui, então ela contou que são 22 anos de trabalho.

[00:10:36] ASP 8: sobre o tempo de trabalho como professora ela é quem tem mais tempo de trabalho.

[00:10:50] ASP 5: mas o Jeferson⁷¹ tem muito tempo também, ele foi aprovado no concurso público e reprovado no exame médico, entrou com um processo e depois foi chamado... tem a Cláudia⁷² também... está quase aposentada.

68 Luis - Inicia em CM (21) em frente ao olho finaliza em CM (20) em movimento retilíneo para fora.

69 Rejane - CM (43) realizado da têmpora para baixo em movimento circular.

70 Fiorela - CM (42) para CM (45) alternado, realizado no espaço neutro.

71 Jeferson - CM (13) movimento circular realizado em frente a testa.

72 Cláudia - Inicia em CM (19) e finaliza em CM (23) em frente a testa

[00:11:17] ASP 1: mas a Rejane é mais antiga aqui e salvou a língua de sinais para nós... vou pegar as outras imagens e continuar... a primeira imagem é essa, eu já lia a história e vi o vídeo sobre o livro, trata de um surdo da África que vai para Portugal e quando volta para sua terra cria uma escola para os surdos, se parece com a história da Rejane no Alfredo Dub e trata da necessidade dos surdos irem para outros lugares em busca das escolas e depois voltam para criar escolas. A outra imagem escolhida é da confederação de esporte, tenho certeza de que se o Rafael estivesse vivo seria atuante na confederação, mas como já faleceu... quem parece estar substituindo ele é o Marcelo⁷³ ele é uma liderança muito forte, onde ele vai os outros vão atrás, quando ele diz que não vai os outros surdos ficam desestimulados, existe uma dependência, ele é uma liderança que tem seus seguidores. Essa imagem é do João, eu nem tinha pensado nele, mas quando vi a imagem escolhi. Nunca tive contato com ele e nunca encontrei pessoalmente, mas vejo divulgações no Facebook sobre ele, parece que ele salvou a imagem que a sociedade tinha sobre os surdos, com a presença dele a sociedade passou a ver que os surdos podem pilotar e isso se espalhou. Ele tem uma profissão complexa que mostra que os surdos têm capacidade para atuar.

[00:14:28] ASP 8: o Marcelo acompanhou o Rodrigo ele é o segundo, o Rodrigo nunca abandonou o futebol, depois dele veio o Marcelo. O grupo em que o Rodrigo participava tinha entre 40 e 42 anos, todos foram abandonando, mas Rodrigo continuo envolvido com o futebol e o Marcelo o acompanhou.

[0:15:00] PESQUISADORA: perceberam que essa imagem da capa do livro traz no título o termo herói surdo, é um livro de Portugal que quando encontrei comprei, sem pretensão. Procurei em outros livros e revistas algo sobre o heroísmo surdo, mas não encontrei mais nada, por isso escolhi essa imagem para trazer para vocês. Tu falou da CBDS, tu sabe alguma coisa sobre a confederação?

[00:15:49] ASP 1: não...

[00:15:50] PESQUISADORA: a imagem do João, alguém já vi alguma coisa sobre um piloto de avião aqui no Brasil antes dele?

[00:15:58] ASP 1: aqui no Brasil não, em um a revista já vi alguma coisa sobre um piloto surdo dos Estados Unidos, o ano eu não recordo, afirmava que não havia nenhum piloto surdo brasileiro. Quando eu vi no Facebook sobre o João eu lembrei da revista da FENEIS, e percebi como é importante que os surdos desenvolvam outras profissões e servem como referência para os demais surdos da comunidade.

[00:16:45] ASP 6: lembro da história do livro, da saída do surdo da África para estudar em Portugal pois já tinha alcançado o máximo, nos estudos, possível em seu país e quando retorna para a África funda uma escola. [...]

[00:17:17] ASP 1: é uma história muito triste, C-E-D-O as crianças pequenas são mandadas da África para estudar em Portugal, são afastados de suas famílias muito C-E-D-O e ficam lá por muitos anos, é uma história triste que me toca.

[00:17:40] ASP 6: viviam em internato, assim como acontecia no INES, aos sábados e domingos podiam visitar seus familiares, mas quem morava muito longe e não tinha condições financeiras não conseguia. São histórias parecidas.

/Os surdos sinalizam ao mesmo tempo sobre diferentes assuntos enquanto o participante se organiza para começar a sinalização/

[00:19:47] ASP 5: em primeiro lugar vou explicar sobre o líder da minha região, são as primeiras R-E-F-E-R-E-N-C-I-A-S, hoje estão mortos, mas foram os primeiros a incentivar, é deles que sempre lembro, porque foram eles que me salvaram e são

73 Marcelo - CM (24) realizado no lado da boca em movimento de contato.

como heróis, sem a existência deles não estaria aqui. Eles eram líderes e eu a via de forma positiva, mas muitos os viam de forma negativa, por quê? Eles falavam bem, tinham uma boa compreensão e uso da língua portuguesa e os demais diziam que não eram surdos, diziam que deveriam estar com ouvintes, mas eles eram surdos. Quando não entendia alguma coisa que lia recorria a eles para explicar, alguns sábados estavam presentes na associação transmitiam as informações em língua de sinais, está aqui a foto deles e depois te encaminho por e-mail. Wanda e Gilmar me estimularam muito, meus pais não deixavam eu sinalizar, mas a Wanda me levava escondido para a associação para que eu pudesse sinalizar e me desenvolver, foi muito positivo porque tive acesso a língua de sinais e a língua portuguesa. Mudei para o Rio Grande do Sul e na Ulbra conheci esse grupo, essa da foto, antigamente usávamos o I-C-Q, conhecem? No I-C-Q eu vi a foto Marianne, depois vi o site da FENEIS informações sobre ela e por último a foto do núcleo de surdos no site da Ulbra, eu não conhecia ninguém da fotografia. Na foto aparecem os alunos surdos da Ulbra, e esse, o Otmar⁷⁴, que é ouvinte, foi responsável pelo acesso dos surdos à esta universidade, comecei a perguntar como? Em que cursos? Foi a Marianne quem me explicou e passou informações, eu tinha visto o contato dela na revista da FENEIS e comecei a buscar informações, incomodei mesmo. Essa foto me mostrou como era possível os surdos acessarem a universidade, mostrou que era possível, assim como já falaram da GladisPerlin, essa imagem mostrou como era possível os surdos estudarem em uma universidade.

[00:24:02] ASP 6: quem é herói?

[00:24:05] ASP 5: acho que herói é o grupo de surdos, eles conseguiram estudar em uma universidade, o grupo de surdos é herói.

[00:24:14] ASP 6: o herói é o Gilmar?

[00:24:16] ASP 5: Gilmar veio até mim contar que haviam surdos frequentando a universidade, perguntei onde? Quem? Procurei informações e encontrei a revista da FENEIS, o primeiro contato foi com a Marianne.

[00:24:37] ASP 8: como Gilmar e Wanda vieram para o Rio Grande do Sul?

[00:24:45] ASP 5: ficaram um mês aqui em casas de amigos, como Tibiriça⁷⁵, Carlos Alberto⁷⁶... Gilmar era amigo de Antônio Campos e veio na época do Congresso Latino Americano, chegaram e ficaram um mês, no ano de 99, um ano depois eu mudei para o Rio Grande do Sul, em 2000 mudei.

[00:25:25] PESQUISADORA: essa foto é da Ulbra, mas não existia surdos em outras universidades?

[00:25:32] ASP 5: não tinha... porque essa imagem mostra que os surdos estavam aqui por causa dos intérpretes, tinham intérpretes.

[00:25:38] ASP 6: na Ulbra tinha intérpretes, era a única nacionalmente. Tive uma colega⁷⁷ que é formada há 35...30 anos, ela já está formada há bastante tempo, tinham surdos estudavam, mas eles não tinham intérprete.

[00:26:05] ASP 5: esse grupo deu possibilidades para que eu pudesse avançar, teve a participação do Gilmar, outro amigo conheceu a SignWriting e viu que combinava muito comigo, eu não gostava muito da escrita em língua portuguesa, então, vejam só, eu cheguei em julho, agosto... setembro... em outubro consegui uma bolsa para estudar o SignWritig. A Marianne era uma liderança no que se tratava de

74 Otmar - CM (14) realizado no meio de cabeça para atrás.

75 Tibiriça - CM (13) e CM (15) em movimento alternado realizado na lateral da testa.

76 Carlos Alberto - CM (25) e CM (26) em movimento alternado realizado em frente a boca deslocado da direita para esquerda.

77 Rita - CM (44) realizado na lateral do pescoço com movimento de cima para baixo.

SignWriting, era acadêmica, estava como diretora da FENEIS e tinha muitos contatos, quando uma pessoa não é famosa é difícil de ter contato, mas quando é famosa é possível encontrar em vários espaços. O Antônio Campos naquela época, que estava na FENEIS nacional, era possível de encontrar e sempre explicava sobre a legislação, recordava de todos os números das leis, eu perguntava como ele conseguia lembrar de todos os números, agora eu percebo que preciso recordar do número das legislações. Antônio Campos era uma liderança importante que tratou das leis, recordava de todas e hoje eu consigo assimilar. Nacionalmente temos a forte presença de Antônio Campos, mas também temos o padre Vicente⁷⁸. Padre Vicente...

[00:27:45] ASP 6: Volmir⁷⁹?

[00:27:47] ASP 5: Volmir era aqui do Rio Grande do Sul... nesta imagem é do padre Vicente, mas como ele conseguia compreender a Bíblia? Acho muito difícil! Vicente... já estuei a Bíblia, mas considero muito difícil... como ele conseguiu ser padre? Deve ter sido por causa da religião. Essas imagens mostram pessoas que trabalharam pelos direitos humanos, Marianne defendendo o SignWriting, os surdos na universidade mostrando que é possível o desenvolvimento, Antônio Campos lutando pela legislação, aqui a imagem do padre Vicente... todos heróis em defesa dos direitos humanos, mas a base é associação. Com o Gilmar tive os primeiros aprendizados, mas com a Marianne e os outros pude crescer e aprender ainda mais... Marianne com o SignWriting e a comunidade, as lutas, os surdos acadêmicos... são heróis! É por causa destas pessoas das imagens que hoje estou no doutorado e pesquisando até os dias de hoje, mas não só por causa dos surdos, na minha família tem outras pessoas com doutorado, percebi que era possível. Só!

[00:29:10] PESQUISADORA: o primeiro doutorado realizado por surdos foi da GladisPerlin, agora... quem foi o primeiro a realizar o pós-doutorado?

[00:29:25] ASP 8: Marianne...

[00:29:32] ASP 5: é verdade, a Marianne foi a primeira e a GladisPerlin a segunda.

[00:29:36] ASP 6: é verdade... a Gladis realizou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul...

[00:29:42] ASP 8: Marianne faz pouco tempo?

[00:29:44] ASP 5: sim... pouco tempo... realizou em Portugal. Mas a GladisPerlin disse que conseguiu porque tinha intérprete e a Marianne fez a pouco tempo... muito interessante, falamos da Patrícia Rezende que tem doutorado e é reverenciada por muitos surdos, mas Antônio Campos não tem doutorado e também é reverenciado por muitos surdos, por exemplo, ele ensinou sobre os números e as leis, salvou nosso estudo. Hoje a sociedade reverência a Patrícia Rezende em razão do doutorado e deixa de lado o Antônio Campos.

[00:30:52] ASP 8: ano passado, em Caxias do Sul, no seminário sobre bilinguismo, Ana Regina disse para o Antônio Campos que ele deveria fazer mestrado, mas ele respondeu que tinha dificuldades com a língua portuguesa, ela disse para ele esquecer a língua portuguesa e produzir em língua de sinais, ele ficou sem saber bem o que dizer. Antônio Campos trabalha há 35 anos, mas ficou de pensar. Recordo que em 99, a Marianne e Antônio Campos estavam no congresso de São Paulo e a Marianne realizou uma palestra sobre SignWriting, eu não conhecia nada, ela estava aflita e Antônio Campos aconselhou que ela se acalmasse, foi a primeira

78 Padre Vicente - CM (6) realizado no a baixo do queixo em movimento da esquerda para a direita alternado.

79 Volmir - CM (63) realizado em movimento de cima para baixo da ponta orelha para o peito.

apresentação dela em congresso sobre SignWriting, eu não conhecia. Voltei e fiquei pensado, o que era SignWriting? Conhecia a escrita em língua portuguesa, língua inglesa, mas o que era SignWriting? Quando foi criada a associação... um ano depois Marianne e o Roger⁸⁰... o Roger foi até a associação e a Tânia⁸¹ pediu duas vagas para a pesquisa em SignWriting, eu aceitei junto com o Diogo⁸², mas eu não sabia nada de SignWriting e o que seria a pesquisa? Começamos a treinar, depois a Marianne veio explicar sobre a história do SignWriting, foi um curso no ano 2000... tu tinha vindo de Recife, era magro [risos] eu tenho fotos daquela época... veio o Fabiano e a Erika⁸³, o Marco⁸⁴ estava aqui e lembro que ele disse para o Fabiano voltar estudar geografia... tu também estava aqui no curso /aponta para pesquisadora/ lembro que você estava junto com a Marianne ensinando na P-U-C. São lembranças... naquela época eu não pensava que ele fosse importante, não existia uma reverencia à ele, mas Antônio Campos era importante mesmo, sempre divulgando sobre a história.

[00:34:10] ASP 6: lembrei de uma coisa e gostaria de complementar... Carlos Alberto... é muito marcante essa lembrança... sei que existem equipes, equipes diretivas e uma hierarquia dentro das escolas, empresas, associações... quando fui à FENEIS o Carlos Alberto era diretor, fiquei admirada que um surdo era diretor, participando da política, admirável! Ele falava dos direitos, eu era muito jovem e tinha uns 12 anos na época, mas isso me marcou, era diretor da FENEIS do Rio Grande do Sul, mas como podia um surdo diretor? Hoje é comum os surdos diretores, só!

[00:35:17] PESQUISADORA: como o Vicente? Foi o primeiro ou o segundo padre surdo do Brasil?

[00:35:27] ASP 5: primeiro [...] O-A-T-E-S do dicionário era ouvinte, Vicente era surdo. O-A-T-E-S, do dicionário era ouvinte dos Estados Unidos, ele morreu há uns dois anos... um ano... morreu. Vicente, aqui da foto, faleceu há 5 anos [...] há 5 anos... Primeiro foi Vicente o segundo padre foi o V-O-L-M-I-R, Volmir.

/Próximo participante se organiza para apresentar as imagens escolhidas/

[00:37:42] ASP 8: eu era oralizada e não utilizava a língua de sinais, não tinha construído a cultura e a identidade surda em mim, convivia com ouvintes e não pensava nos surdos. Eu tinha contato com a comunidade surda, mas não na associação, a escola Alfredo Dub era diferente e eu preferia os ouvintes, sempre estava lá e tinha pouco contato com surdos. Minha mãe disse que tinham surdos na universidade, eu não pensei que tivessem intérpretes, eu pensava que fosse diferente e eu queria estudar arquitetura, mas era difícil para realizar a leitura labial, as vezes o professor se virava e eu perdia a informação, então um surdo foi até a minha casa, ele vendia aqueles panfletos, fiquei um pouco admirada com a forma com que sinalizava pois era diferente dos outros surdos que conhecia, alguns diziam que ele era perigoso e que eu precisava me afastar, eu respondia que não porque gostava de sinalizar com ele, mas acabei me afastando. Os surdos vinham de Porto Alegre para vender os panfletos e por isso tinham aquela sinalização, Paulo tinha uma sinalização diferente e sempre reunia os surdos, P-A-U-L-O, ele reunia os surdos no Alfredo Dub para jogar Vôlei... não tinha uma preocupação com a política

80 Roger - CM (43) realizado na face com movimentos da parte interna para a parte externa do rosto.

81 Tânia Madeira - CM (13) localizado com a testa, sem movimento.

82 Diogo - CM (27) movimento de contato realizado na bochecha.

83 Erika - CM (31) que inicia na lateral da cabeça e finaliza com movimento espiral com a CM (43) de cima para baixo.

84 Marco - CM (54) realizado na lateral da cabeça em movimento da frente para atrás alternados.

ou com o trabalho, só com o esporte neste espaço aqui. Soubemos que em Porto Alegre já existia uma associação e aqui não tinha nada, os grupos se reunião, ora aumentava o número de participantes ora diminuía. Essa imagem /aponta para a foto do grupo de surdos da Ulbra/ tinham intérpretes, mas aqui não existia curso de formação e quando os intérpretes iniciaram não tinham profissionalismo, usavam o alfabeto datilológico o tempo todo, era exaustivo, a professora Rejane já estava adaptada nem se importava, mas para mim era terrível, estava acostumada com a leitura labial... depois consegui bolsa para estudar SignWriting... a construção não estava concluída, a luta continuava... foi criada a associação... agora sou professora. Essa imagem marca a minha fascinação pelo esporte, lembro que Gisele explicou uma vez, entendi mais ou menos que os surdos estavam enfileirados conforme cada cidade e tinha um intérprete colocado a frente deles que sinalizava o hino, mas não sei porque isso parou... isso me marcou... com o tempo começou /aponta para a imagem com o logo da CBDS/ e foi se desenvolvendo... tenho grande admiração por essa imagem. A outra imagem /aponta para ela no cartaz/ aparece o D-A-R-C-Y⁸⁵, ele contou que existia a associação em Porto Alegre e criaram, também, na praia, foi a primeira associação na praia eu não sei se foi a primeira do Brasil ou da América Latina.... Bah! Perdi tempo! Poderia ter ido quando jovem, tinha alojamento para os surdos, tudo para os surdos, uma equipe diretiva que era de surdos... os hotéis são sempre para ouvintes, mas existia um lugar só para os surdos. Acho que o Darcy está aqui nesta foto e Tânia⁸⁶ também, mas não sei onde... são muito jovens /pesquisadora e outros participantes levantam para ver a imagem mais de perto/ essa foto marca o terreno onde seria construída a associação em Capão da Canoa, foi o Darcy quem explicou. Darcy é um herói pelo trabalho de chefia na gráfica que desenvolveu em Rio Grande, em Pelotas e em outros lugares não existe.

/Participante coloca a imagem no cartaz/

[00:44:18] ASP 7: essa imagem é de 2007... 2008, é da Vanessa Vidal⁸⁷, V-A-N-E-S-S-A, antigamente não existiam mulheres surdas modelos e a maioria das surdas sonhavam em ser modelo, mas só viam ouvintes como modelos. Vanessa Vidal foi primeira surda a conseguir, acho que ficou em segundo lugar, isso... ficou em segundo lugar..., mas todos começaram a ver que uma surda conseguiu... agora T-H-A-I-S⁸⁸ participou de um concurso mundial só para surdas e conquistou o primeiro lugar no ano de 2013. O que isso significa? Significa que a Vanessa Vidal é uma liderança que passou a cultivar essa ideia nas associações, antigamente se pensava no esporte e hoje também temos desfiles nas associações.

[00:45:50] ASP 6: Vanessa Vidal começou a divulgar e promover nos estados competições com desfiles, o Miss Surda, as competições ocorrem nos estados, depois tem uma competição nacional e a vencedora concorre em Praga no concurso mundial, foi o que aconteceu com a Thais.

[00:46:30] ASP 7: isso... verdade... se espalhou por todo o país, antes não tinha nada...

85 Darcy - CM (13) em frente ao ombro contrário a mão que realiza o sinal como movimento de contato.

86 Tânia - CM (22) realizado em contato com a área em frente ao olho com movimento de cima para baixo.

87 Vanessa Vidal - CM (26) realizando movimento espiral de cima para baixo na lateral da cabeça.

88 Thais - CM (61) realizado na ponta da orelha em movimento de fora para dentro.

[00:46:34] ASP 6: tem uma agencia de modelos surdas, quem organiza é o Rui⁸⁹, R-U-I, ele é dono da agência e quando é convidado para organizar um desfile, por exemplo, em um shopping, convida modelos surdos para desfilar.

/Conversas sobre o Rui e o trabalho da agência, enquanto muitos surdos sinalizam ao mesmo tempo/

[00:47:30] ASP 5: é mais importante porque dentro das associações ocorrem desfiles, nós conhecemos dentro da comunidade surda, mas a participação fora da comunidade tem maior destaque.

[00:47:36] ASP 1: sempre tive vontade de participar do G-A-R-O-T-A V-E-R-Ã-O, mas nunca tive coragem em participar, mas o sonho existia...

[00:47:53] ASP 8: na escola de ouvintes eu também fui escolhida, tinha 15 anos na época e fiquei em terceiro lugar... teve um produtor gay que me escolheu, mas meu pai não permitiu.

[00:48:15] ASP 7: por isso que temos essa divulgação hoje, antes não tínhamos coragem, então passamos a nos encorajar por causa da identificação com ela /aponta para a imagem da Vanessa Vidal/

[00:48:23] ASP 1: Samanta⁹⁰ concorreu a rainha da Fenadoce por duas vezes, eu acho que ela estava em contato com a Vanessa Vidal, pela internet eu acho...

[00:48:42] ASP 8: a Vanessa Vidal concorreu com ouvintes e a outra não?

[00:48:52] ASP 5/ASP 7/ ASP 6: /apontam para a imagem da Thais/ surda, surda...

[00:48:57] ASP 6: Thais com surdos e Vanessa com ouvintes...

[00:49:01] ASP 5: Thais concorreu com ouvintes, mas só por fotos em sua cidade, como ocorre aqui na Fenadoce... depois concorreu no Miss Surda, foi campeã... conseguiu o título mundial... desenvolvendo-se.... mas antes tinha...

[00:49:28] ASP 6: mas aqui nas imagens uma concorreu entre ouvintes e outra concorreu entre surdas.

[00:49:30] ASP 5: Vanessa Vidal concorreu em um concurso mundial, o Miss Simpatia e ficou em terceiro lugar, a primeira surda brasileira a vencer um concurso mundial foi a Thais.

[00:49:46] ASP 6: Thais é formada em farmácia... é isso né? ... é formada em farmácia... um curso difícil e ela é formada...

[00:50:05] ASP 8: A-R-I-A-N-A⁹¹ é linda, mas é modelo de passarela... é modelo fotográfica...

[00:50:15] ASP 5: é modelo fotográfica como G-I-S-E-L-E B... G-I-S-E-L-E é ouvinte e ela é surda, mas não participa de concursos.

[00:50:23] ASP 6: na verdade eu acho a Ariana mais bonita...

[00:50:28] ASP 8: ela usa língua de sinais, a B-R-E-N-D-A não aceita usar a língua de sinais. [...]

[00:51:41] ASP 9: tu tinha explicado que a Samanta concorreu a rainha da Fenadoce, então, a prima do Marcelo, que é presidente da Fenadoce, falou que a Samanta é linda e se fosse ouvinte passaria sem dúvida nenhuma, mas é surda e não dá por causa da dificuldade de comunicação, queriam escolher a Samanta, eu disse que poderiam chamar intérprete, mas era tarde...

89 Rui - CM (59) realizado em frente ao olho em deslocamento para CM (55).

90 Samanta - CM (03) realizado em contato com a têmpora.

91 Ariana - CM (52) em deslocamento para CM (04) e finaliza com CM (37) na lateral do rosto de cima para baixo.

[00:51:27] ASP 6: há fofocas de que o mesmo teria acontecido com a Vanessa Vidal, pagar intérprete seria muito caro se fosse para outros lugares, então ela ficou em segundo lugar como aconteceu com a Samanta... por causa do intérprete...

[00:51:52] ASP 5: é um comércio, as empresas negociam e com surdo fica mais complicado... então fazem parceiras com ouvintes.

[00:52:07] ASP 7: recordo que há um tempo atrás eu e Barbara⁹² erámos menores, a Barbará queira desfilar na Fenadoce, era magra e continua até hoje, poderia desfilar, ela foi conversar com responsáveis pela Fenadoce e eles não aceitaram que ela, porque era surda, fosse desfilar. Eu não sei porque não aceitaram uma surda...

[00:52:45] ASP 6: lembro de quando a Samanta concorreu a rainha, estava apavorada e chamaram uma aluna da escola municipal Pelotense para interpretar. Era uma aluna do terceiro ano que eu tinha ensinado língua de sinais, sinalizava muito bem, mas não era formada e não estava preparada. Precisei explicar que roupa ela deveria usar, informar que deveria prender o cabelo e foi colocada lá para interpretar na Fenadoce... vocês recordam? Eu tinha ensinado língua de sinais...

/Próximo participante se organiza para apresentar as imagens escolhidas/

[00:53:56] ASP 4: eu conheço o governador gaúcho S-I-M-O-N, lembro que um tempo atrás ele ajudava com aparelhos auditivos aqui em Pelotas... ou Porto Alegre.... Desculpa eu não conheço o nome dele... na outra foto tem alguns surdos que conheço [conversas paralelas dos demais participantes] mas não conheço todos...

[00:56:13] ASP 5: a Rejane foi tua professora?

[00:56:16] ASP 4: não... estudamos juntas, fomos colegas...

[00:56:20] ASP 5: quando colegas... como era?

[00:56:22] ASP 4: jogávamos vôlei... brincávamos... nunca fazíamos fofocas... era diferente.

[00:56:37] ASP 8: vou uma coisa... quando erámos pequenos alguns pensavam que a Fabia era mandona, mas não era. Na verdade, a Fabia era uma liderança que nos estimulava e nos reunia para praticar esporte, alguns tinham preguiça e outros se animavam em participar das competições. Quando ela saiu essa organização desapareceu... parei de estudar com 15 anos e ela parou aos 14 anos, depois engravidou... e tudo desapareceu. Ela passou a participar da comunidade ouvinte, engravidou, cuidava do filho...

[00:57:28] ASP 6: tu foi embora porque engravidou?

[00:57:30] ASP 4: engravidiei depois... depois... eu saio da escola porque morava muito longe e o ônibus que fazia esse trajeto tinha um mal cheiro [risos] era de alemães e fedia muito /participantes riem e realizam conversas paralelas sobre a cidade de Turuçu/ eu ficava muito enjoada, não adiantava abrir a janela, então decidi parar de estudar. Depois de um ano eu engravidiei e tive meu filho.

[00:58:16] ASP 8: quando cresci entendi o significado da palavra líder, ela era uma líder e não mandona.

[00:58:25] ASP 4: eu chamava as pessoas para participar, eu queria que todos participassem, incentivava mesmo...

[00:58:30] ASP 8: naquele tempo tinha muito preconceito com as mulheres, só podíamos jogar vôlei, handball... ela lutou muito... saiu e quando voltou para associação disse que queria ser presidente [risos] eu quero ser presidente! Alguns disseram que não... porque era mulher e muito jovem, os homens diziam que não, que não poderia ser...

92 Barbara - CM (50) realizado em contato na lateral da cabeça.

[00:59:16] ASP 6: tenho uma pergunta, quero saber quem foi a primeira presidente mulher da ASP?

[00:59:21] ASP 8: a Aline!

[00:59:22] ASP 6: mas vice e na direção já tiveram outras?

[00:59:25] ASP 8: sim, sim!

[00:59:31] ASP 5: palmas para Aline!

/Todos aplaudem/

[00:59:41] ASP 8: fora daqui ela participou de futebol de campo com ouvintes.

[00:59:43] ASP 4: eu jogava, mas não ouvia o apito e seguia jogando... que vergonha!

/Participantes conversam e riem da situação de não ouvir o apito e outras cenas de futebol/

[01:01:56] ASP 3: Sinalizou que o INES fecharia, no entanto /aponta na foto com Patrícia Rezende/ foi quem lutou no congresso contra autoridades ouvintes da educação, lutando pelo respeito a diferença na educação, pela diferença entre o grupo de surdos e ouvintes e o direito ao bilinguismo. Estimulou a escola INES a permanecer aberta, então, ela é heroína, tem capacidade e é uma mulher protagonista, também estimulou a união todo Brasil por essas garantias e as lideranças, é heroína. É importante comunicação entre os surdos, unidos em uma escola para surdos evitando os prejuízos causados pelo isolamento dos surdos na inclusão. Entendi algumas histórias.... Acho que é heroína mesmo.

[01:03:05] ASP 8: comprei o livro escrito por Patrícia, mas não finalizei a leitura, o livro falou sobre a sobre a vida dela. Estou tentando lembrar onde conheci ela... acho que foi no seminário em Caxias do Sul, foi uma palestra onde ela oralizou e usou a língua de sinais junto.

[01:03:29] ASP 6: lembro que a Karin Strobel também palestrou oralizando, fiquei de queixo caido, até a Patrícia palestrou oralizando.

[01:03:40] ASP 8: lembrou que era um seminário e a palestra que chamou mais a atenção foi a do Nelson Pimenta, ele sinalizava muito e os outros oralizavam mais.

[01:03:56] ASP 3: /apontou para foto com autoridades e representantes de escolas de surdos/ a Escola Concórdia poderia fechar, mas com o apoio de outras das autoridades em defesa da escola ela permanece aberta. Outras escolas também corriam o risco de fechar, mas com o apoio de todos e movimentos na política continuam funcionando, acho que o principal líder é Francisco Rocha⁹³

[01:04:22] ASP 6: depende... porque Francisco é diretor regional da FENEIS no Rio Grande do Sul e participa em vários lugares como representante. [....]

[01:04:48] ASP 3: /aponta duas fotos diferentes/ Patrícia na passeata em defesa do INES é pioneira e famosa na luta pelas escolas no Brasil, a outra imagem mostra as autoridades do Rio Grande do Sul que lutam por pequenas escolas, só isso.

[01:04:22] Pesquisadora: onde foi essa foto da Patrícia, em Brasília?

[01:05:06] ASP 6: lembrei, foi a passeata que tinha a frase " a favor do movimento e da cultura surda", mas não tenho certeza.

[01:05:24] Pesquisadora: foi Diogo Madeira quem tirou esta foto?

[01:05:29] ASP 6: o paulista Fernando⁹⁴ quem tirou a foto.

[01:05:31] Pesquisadora: mesmo, pensei que fosse o Diogo Madeira.

[Conversas paralelas]

[01:05:45] PESQUISADORA: em que ano foi tirada?

⁹³ Francisco Rocha - CM (60) em frente a boca em movimento retilíneo da esquerda para direita.

⁹⁴ Fernando - Inicia o sinal com CM (11) e finaliza em CM (9) ao lado do pescoço.

[01:05:48] ASP 3: não lembro.

[01:05:49] Gabrielle: acho que foi três anos atrás.

[01:05:53] ASP 6: /aponta para uma das fotos/ essa foto é dos representantes de escola Alfredo Dub na mesa com autoridades?

[01:06:00] ASP 1: não, só participaram os professores como representantes, representantes Luis, Carmem e Marli⁹⁵ foi dois anos ou três anos atrás. [...]

[01:07:015] ASP 9: Desculpe, não tenho uma boa sinalização porque fui oralizada na minha infância. /Apontou para as participantes/ crescemos juntas e depois nos separamos... me afastei da comunidade surda, entrei para a escola de ouvintes e frequentei o serviço de fonoaudiologia com a professora junto com o Paulo. Era proibido usar Libras somente oralizar e escrever para treinar a língua portuguesa mesmo sendo bem difícil, então, vivia em duas escolas, de manhã frequentava a escola Alfredo Dub e de tarde estudava numa escola de ouvintes. Quando chegava em casa não tinha como brincar, vivia uma correia em duas escolas, não tinha amigos e estava sempre estressada, com minha família me comunicava de maneira oral e lembro que não tínhamos intérpretes, batiam e amarravam as minhas mãos, sofri bastante. Minha mãe sugeriu que seria melhor oralizar e que a língua de sinais era feia. Casei com ouvinte e tive um filho, até que me separei e passei a frequentar a associação que me animou, mas não sabia bem a língua de sinais e Ivana e Andreia me ajudaram bastante com a língua de sinais. Quando meu casamento estava em crise procurei amigos e consegui me separar, foi quando retornei à comunidade surda. Um dia conheci o surdo Marcelo, depois fomos juntos visitar Capão da Canoa /aponta para a foto da terceira idade/ e conheci Bernadete⁹⁶ na colônia de férias de surdos em fevereiro do ano passado. Fiquei arrepiada em ver a comunicação em língua de sinais, conheci a língua atrasada, tenho 42 anos e estava acostumada à ir para praia com ouvintes, mas aquele lugar pertence aos surdos. Conversei com a Bernadete e me falou que era viúva de Guaracy⁹⁷, lembrei que o conhecia, que era engraçado e gostava de piada e tinha cabelo bem branco. Tentei lembrar que ele era fundador da colônia /aponta para a foto na parede/ aqui está Bernadete, ela me mostrou a foto bem antiga, que está na parede da colônia de férias, da posse do terreno. Acho legal ver as pessoas da terceira idade juntas, contei para ela que em Pelotas tem um grupo de mulheres surdas que se reúne uma vez por mês para um chá. Sonho em fazer parte do grupo da terceira idade. Eu estudei em escola de ouvintes, mas depois de um tempo não encontrei mais os colegas ouvintes, sumi da comunidade surda e quando reencontrei a comunidade percebi a união. Sinto como se fossemos irmãos, cometi sobre isso para minha mãe, ela concordou e disse: - onde estão teus colegas ouvintes? Sumiram! Se faleceram ninguém sabe. Minha mãe disse que tenho sorte em conviver com os surdos. Cresci junto com o Daniel, marido da Rejane, estudamos 3 anos em uma escola perto da Catedral que misturava diferentes alunos com deficiência. [...] Foi na época da escola mista com deficientes, eu e Daniel nos separamos, mas depois nos reencontramos na associação de surdos, eu chamo-o de mano. [...]

[01:12:17] Pesquisadora: sobre o chá de mulheres surdas aqui, a maioria de jovens ou idosas? Como funciona?

[01:12:30] ASP 9: cada mês para se escolhe alguém que fica responsável de uma cada casa e a regra é que só pode participar com idade acima de 25 anos.

⁹⁵ Marli - CM (26) na testa em movimento retilíneo de contato de cima para baixo.

⁹⁶ Bernadete - CM (26) em movimento retilíneo ao lado do nariz.

⁹⁷ Guaracy - CM (12) em contato com o nariz.

[01:12:47] ASP 8: explicou, é chamado de “domingo de chá das mulheres surdas”, é um grupo fechado, eu e outras já participamos, mas a Francielle é novata no chá.

[01:13:06] Fábia: agora no dia 30 haverá chá.

[01:13:06] ASP 8: vou complementar, por exemplo, em um mês realizamos 4 encontros nas casas das mulheres que participam e o último encontro do mês acontece aqui na associação. Quando falta alguma coisa na casa de quem recebe ou na associação compramos como presente.

[01:13:24] Pesquisadora: /pede atenção dos participantes/ tenho interesse por esse assunto, me expliquem melhor sobre os presentes...

[01:13:28] ASP 5: em cada casa as pessoas têm os objetos necessários para organizar o chá, a responsável pela organização é a líder, as outras mulheres comprem e dividem um presente para a líder que organizou o chá. O último de cada mês acontece na associação com todas as mulheres, a próxima líder é a Fabia.

[01:13:52] ASP 8: por exemplo, se tiver um sorteio para escolher a líder que organizará em sua casa e outras mulheres quiserem fazer bolo, não tem problema.

[01:14:05] ASP 9: outro exemplo, se fui escolhida para ser líder e preparam uma lista das coisas que faltam em minha casa ou, por exemplo, não tenho espaço para receber todas em minha casa e preciso alugar um espaço, então, cada mulher leva um prato de comida, como salgado... batemos papo durante um tempo e organizamos um sorteio para escolher a próxima líder.

[01:14:43] Pesquisadora: o grupo que está na foto é da terceira idade? E outros estados têm?

[01:14:50] ASP 8: é primeira turma de terceira idade da SSRS /aponta para a foto/, acho que o único lugar é a SSRS.

[01:14:57] ASP 9: observo que é bem legal essa foto, é perfeita!

[01:15:00] Pesquisadora: tenho uma pergunta, quem é presidente ou chefe do chá de terceira idade?

[01:15:02] ASP 8: é a Luigina. [...] O primeiro chá aconteceu na casa dela (Luigina), era lá que ocorriam os chás, depois criaram o grupo da terceira idade, será que inventou?

[01:15:37] ASP 5: existiam grupos da terceira idade na Argentina e no Chile...

[01:15:47] Pesquisadora: tem sinal para os encontros de chá do domingo das mulheres surdas?

/Acontecem conversas paralelas e as participantes sinalizam que não tem um sinal para o evento/

[01:15:51] Pesquisadora: é possível criar um sinal, em Porto Alegre realizamos o encontro das mulheres surdas, mas marcamos em restaurantes, sorveterias... diferentes lugares. As vezes em cafeterias ou lugares de passeios, mas não realizamos na casa, o sinal do encontro é esse, vejam, usamos o sinal de ENCONTRO junto com o sinal de MULHER, assim criamos o sinal.

[01:16:14] ASP 8: mas aqui nossos encontros acontecem nas casas como mais privacidade, em Porto Alegre os encontros são em lugares públicos.

[01:16:28] Pesquisadora: Tudo ok?

/Participantes conversam sobre vários assuntos e outras sinalizam que está ok/

[01:16:38] Pesquisadora: Fiquei impressionada com a quantidade de imagens que colocaram no mural, muitas fotos... são heróis! O que vocês construíram ajudam em minha pesquisa, temos que divulgar em todo o país, não é um trabalho só meu, foram vocês que ajudaram na pesquisa.

APÊNDICE 08 – IMAGENS DOS SINAIS⁹⁸ DOS HERÓIS/HEROÍNAS SURDOS/AS DESTACADOS



Imagen 01: Ana Regina de Souza Campello



Imagen 02: Antônio Campos de Abreu



Imagen 03: Cláudia Magnus Fialho

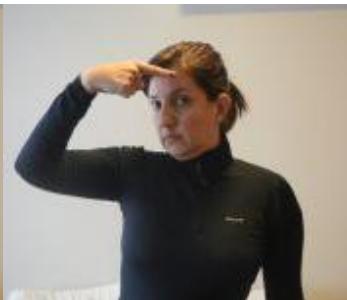


Imagen 04: Gilmar Lopes

⁹⁸ As imagens dos sinais foram produzidas pela pesquisadora.



Imagen 05: Gladis Perlin

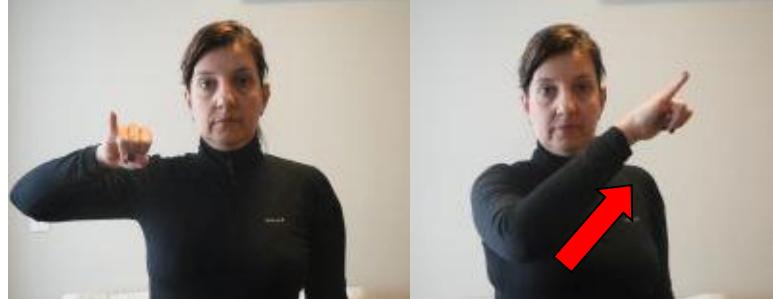


Imagen 06: João Paulo Marinho dos Santos

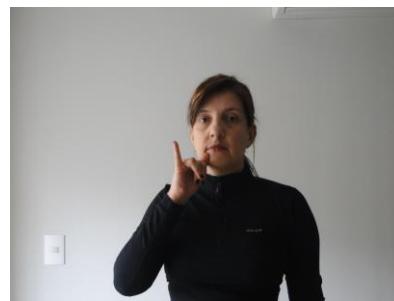


Imagen 07: Levy Wengrover

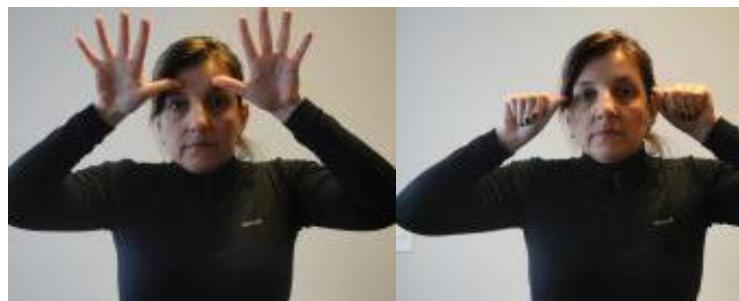


Imagen 08: Marianne Rossi Stumpf

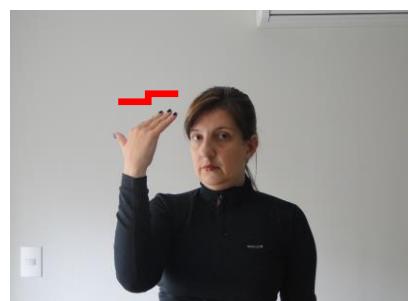


Imagen 09: Patrícia Rezende



Imagen 10: Rejane Storch Holz

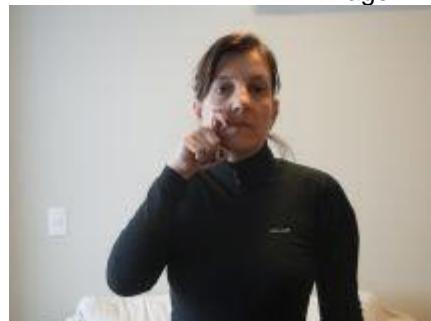


Imagen 11: Salomão Watnick



Imagen 12: Sentil Dellatorre

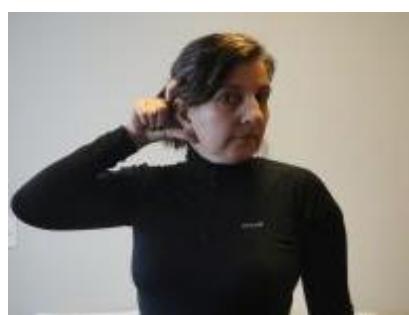


Imagen 13: Vanderlei Anezi

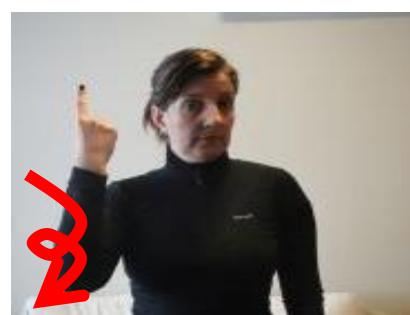


Imagen 14: Vanessa Vidal

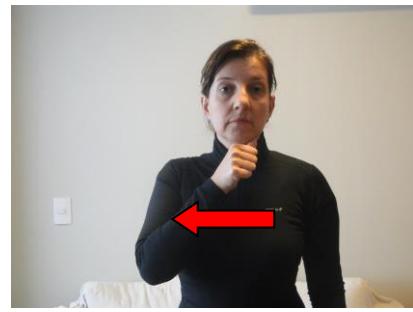


Imagen 15: Padre Vicente Burnier

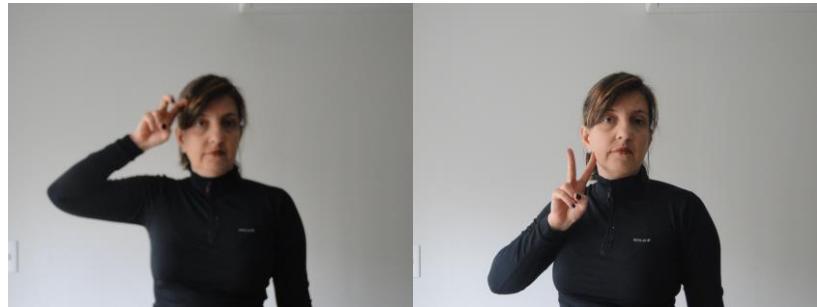
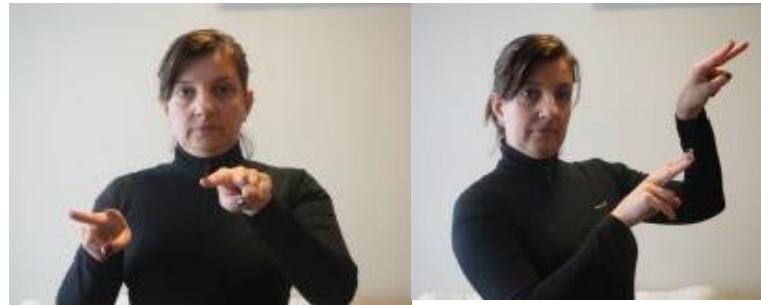
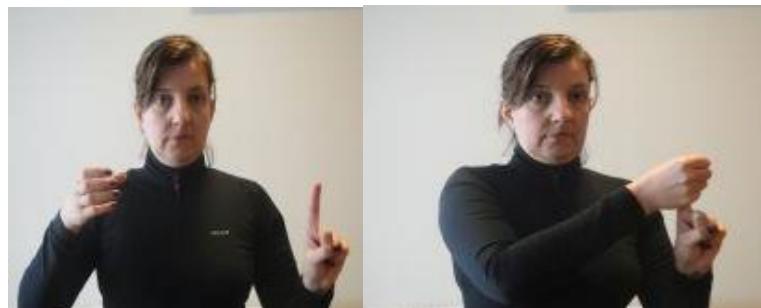


Imagen 16: Wanda Pinheiro

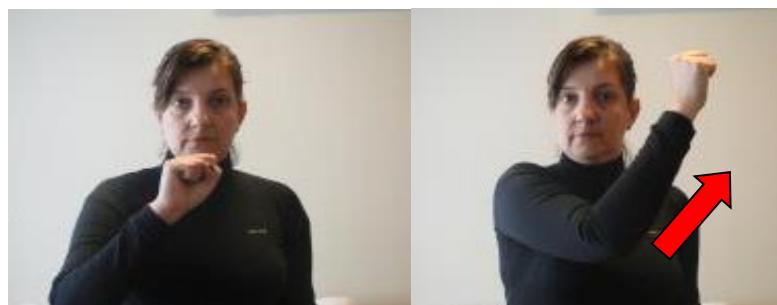
APÊNDICE 09 – DIFERENTES SINAIS DE HERÓIS/HEROÍNAS



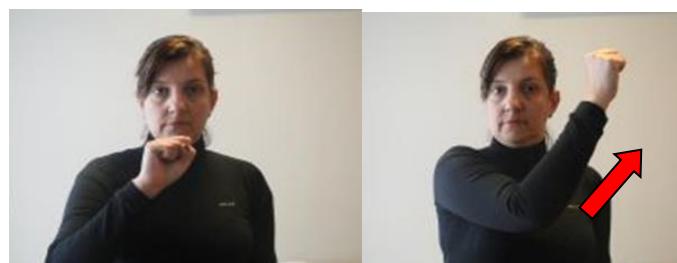
Sinal de Herói/Heroína em Língua Americana de Sinais



Sinal de Herói/Heroína em Língua Gestual Portuguesa



Sinal de Herói/Heroína em Língua Brasileira de Sinais – Libras



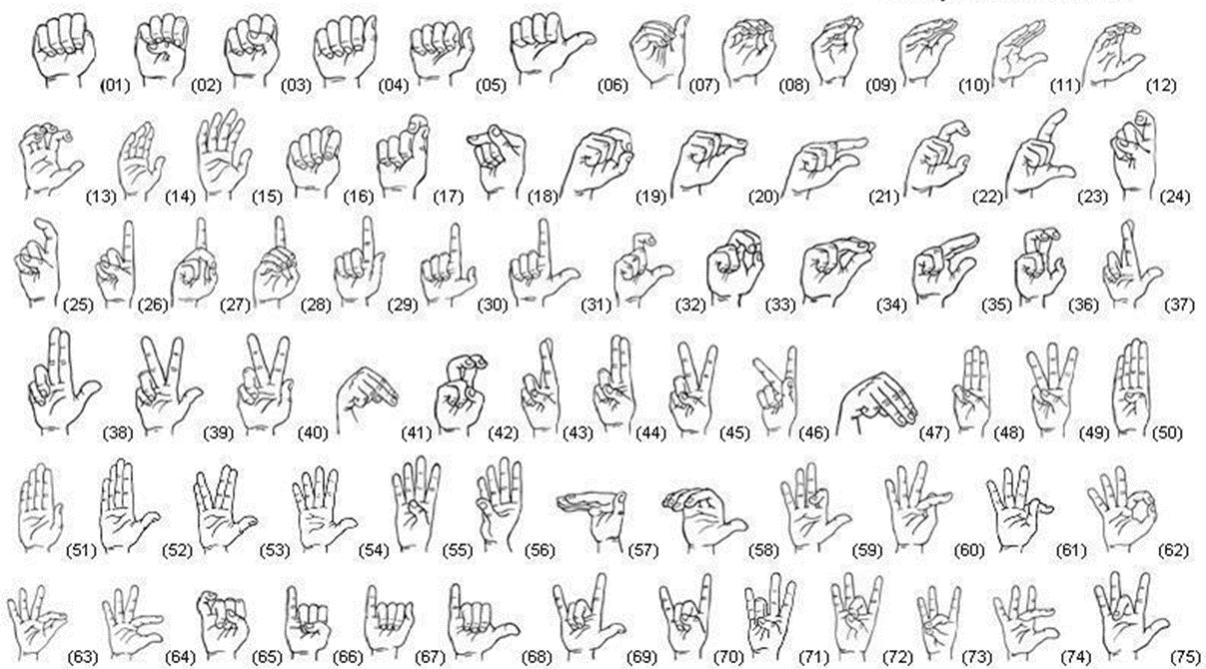
Heroísmo – Língua Brasileira de Sinais – Libras

ANEXOS

ANEXO 01 – IMAGEM DO QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO

QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO (FARIA-NASCIMENTO, 2009)

Ilustração FÁBIO SELLANI



Fonte: JUNIOR, 2011, p. 31

ANEXO 02 – RESUMO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

DVD – Tradução da autora.